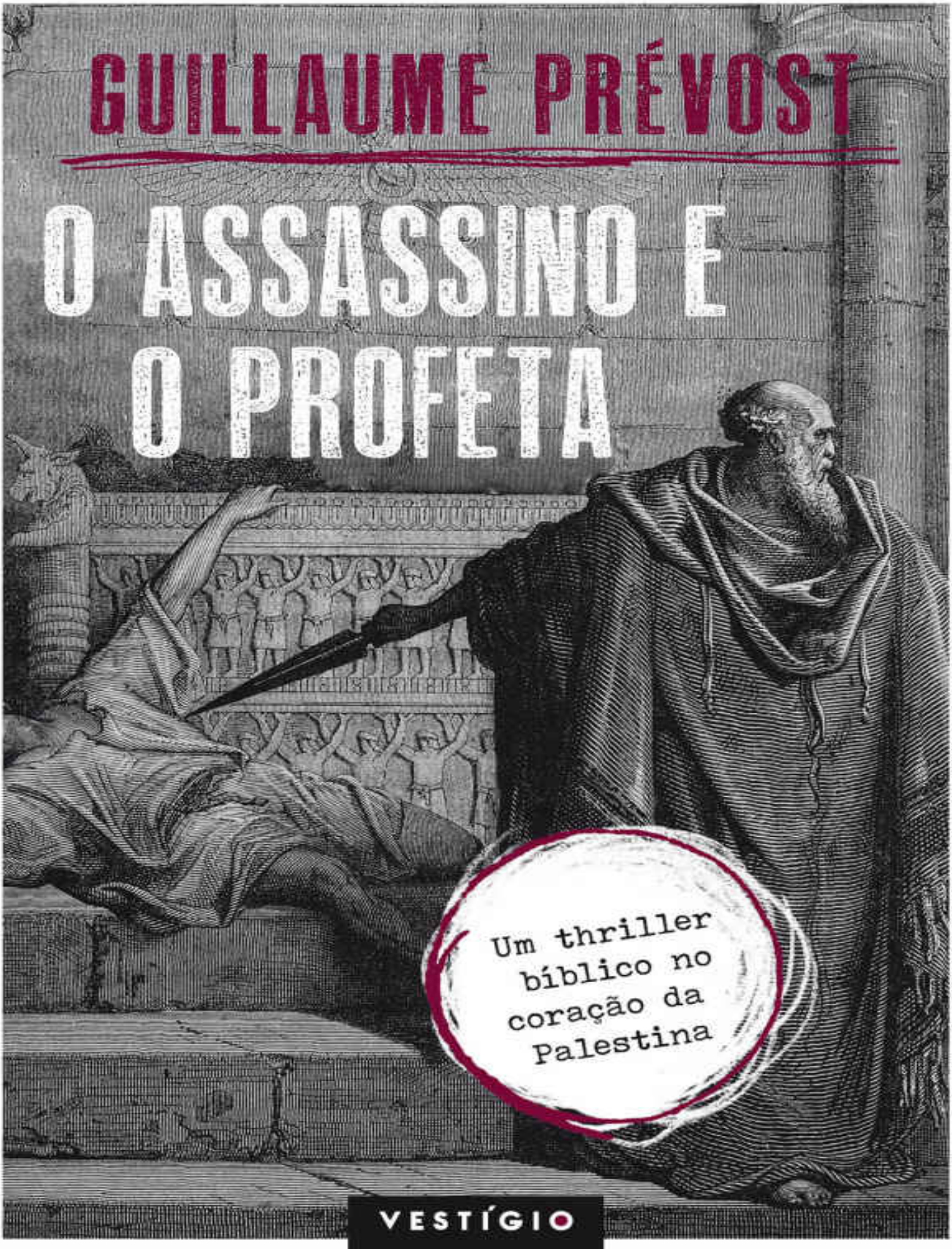
GUILLAUME PRÉVOST

O ASSASSINO E O PROFETA



Um thriller bíblico no coração da Palestina

VESTÍGIO

GUILLAUME PRÉVOST

O ASSASSINO E O PROFETA

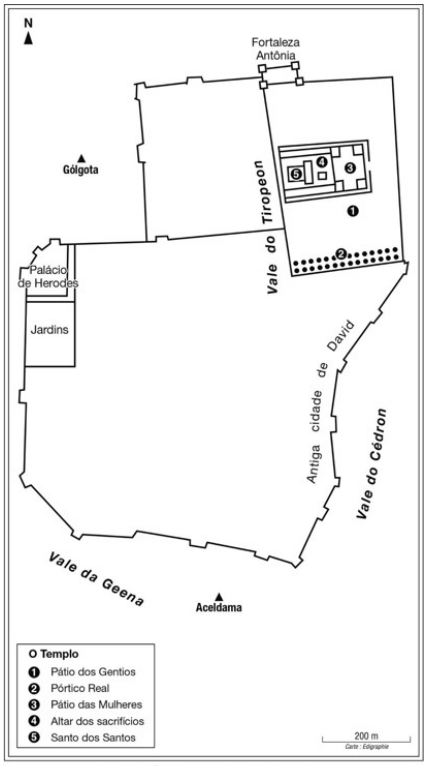
um thriller bíblico
no coração da Palestina

Tradução
Fernando Scheibe

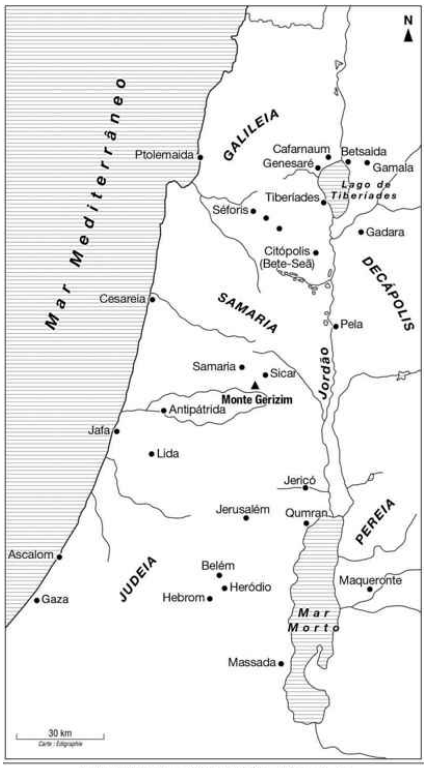
VESTÍGIO

Para meu pai

Sai enfim do discurso, para evitar que,
apaixonado pela beleza das palavras,
te tornes estranho à beleza das coisas
que essas palavras significam!
Fílon de Alexandria,
De Migratione Abrahami



JERUSALÉM POR VOLTA DE 6 d. C



A PALESTINA POR VOLTA DE 6 d. C

1

O Criador é poderoso e sua criatura tão fraca!

Um braço sob o queixo, a mão que segura a nuca. Forçar, forçar mais. Um último gemido e o pescoço cede finalmente, como o arco tensionado demais quebra. Devagar, o corpo desliza para o chão. Tudo acabou. Tudo começa.

De repente, um barulho atrás da porta. Passos cada vez mais lentos, um ouvido que se demora... O coração bate no peito, a respiração se acelera. Apagar a lâmpada? Não respirar? Talvez os gemidos de agora há pouco tenham...

Os passos se afastam. Não era nada. Ninguém ousaria incomodar. Não aqui.

Acalmar-se. Não tremer. A túnica se abre sem esforço. Um peito magro e gasto, o pobre corpo do bom e velho homem. O bom e velho homem... Não terá sido ele escolhido?

Agora, a faca. Cada incisão deve ser feroz, dez cortes extensos e profundos. Isso... Falta a boca. O corpo se deixa manusear, dócil, como se tivesse compreendido. Como se soubesse. Seus lábios sangram um pouco. Na palma, o cadarço de couro e o pergaminho minúsculo. Enrolá-lo, dobrá-lo. Um nó, minúsculo também. O estojo. Pronto, não foi difícil.

Lá fora, pela janela, a lua sobe iluminando Jerusalém.

Jerusalém!

Fílon desceu do cavalo e se ajoelhou. Quantas vezes sonhara com aquilo? Quantas vezes, nas horas quentes da tarde, seu espírito de criança voara até as muralhas da Cidade Santa? Ele era aqueles homens de Davi, mil anos antes, subindo pelos túneis de água para tomar a fortaleza; ele era aqueles trabalhadores de Salomão, no suor e na poeira, ajustando as pedras do primeiro templo e cantando louvores ao Altíssimo; ele era aquele soldado

louco, com a carne e o coração sangrando, que saltava das muralhas para desafiar os exércitos de Nabucodonosor. Ele era o sumo sacerdote, vestido com a túnica sagrada, o mercador que contava suas moedas, o camponês que levava seu bezerro para o sacrifício... Ele era Jerusalém, seu povo e sua história! E eis agora que ela se oferecia a ele, a cidade que Deus escolhera, a cidade única do Deus único!

Fílon esfregou os olhos. Atrás dele, o pequeno grupo de viajantes também se calara. Tinham caminhado juntos através das montanhas, caravana improvisada de peregrinos e mercadores, alguns montados em dromedários, a maioria em burros. Por mais que a lei de Roma se estendesse até ali, as estradas estavam longe de ser seguras... Eles tinham visto o sol nascer sobre os cumes esturricados, depois lamber a pedra cinza e a vegetação mirrada. Mais um dia seco em que nada viria do céu. Pouco tinham conversado durante o trajeto, economizando palavras como que para aliviar suas montarias. Finalmente, por volta das sete horas, Jerusalém surgiu. Aninhada no meio das colinas, a cidade ocupava uma ponta rochosa que dominava dois profundos vales. Na claridade da manhã, aquilo parecia um baú aberto para um fabuloso tesouro: milhares de tetos brilhavam encaixados no ocre das paredes e coroados lá no alto pela brancura do Templo. “Dez medidas de beleza desceram sobre a terra. Jerusalém recebeu nove e o resto do mundo apenas uma.” Então o provérbio era verdadeiro...

Fílon voltou para cima de seu cavalo, dirigiu um sinal a seus companheiros e desceu o declive até as primeiras casas que se estendiam aos pés da cidade. O mercador de cavalos de Gaza de quem comprara seu animal lhe falara de um estábulo onde poderia deixar o cavalo durante sua estadia. Apesar da hora matinal, havia uma pequena feira ao lado da porta principal, atraindo numerosos viajantes e alguns fregueses habituais. Os vendedores, cobertos de longos tecidos azuis da cabeça aos pés, ofereciam cebolas, tâmaras e leite de cabra supostamente mais baratos do que dentro da cidade. A seu redor, guardas romanos iam e vinham, inspecionando os expositores e os clientes. De repente, um velho de barba e cabelos sujos cuspiu na frente da patrulha. Com um empurrão, um

soldado furioso o jogou no chão, provocando um ajuntamento de onde partiam insultos e golpes.

– Malditos impuros! gritava o velho em hebreu. Não servem nem para os vermes e para os cães! O Senhor os julgará!

– Porcaria de macaco velho! Porcaria de macaco velho! repetia o guarda brandindo sua lança.

Fílon estava prestes a intervir quando o chefe do destacamento se adiantou, ordenando a seus homens que se afastassem.

– Chega! Chega! Não é ele que estamos procurando. E você, disse ele ao velho, obrigando-o a se levantar, suma daqui se não quiser passar a Páscoa na prisão.

O homem se afastou resmungando, mas os curiosos esperaram a partida da tropa para se dispersarem. Fílon se dirigiu então a um rapazinho que ajudava a carregar sacos de tâmaras:

– Parece que os romanos não são muito bem-vindos aqui?

O menino tinha o rosto duro e fechado. Observou seu interlocutor e se tranquilizou decerto com seus cachos negros e sua pele queimada: um estrangeiro, sim, mas judeu, sem dúvida.

– É o velho que tem razão, exclamou finalmente. Eles não têm nada o que fazer em Jerusalém. Se os outros tivessem mais coragem, teríamos caído em cima deles e...

Jogou violentamente o saco no chão.

– Sem armas?

– Armas teremos, sussurrou. Pode acreditar, nós as teremos.

Fílon se controlou para não sorrir diante da expressão determinada do garoto. Quem sabe se em sua idade e naquelas circunstâncias...

– Pareciam estar atrás de alguém, não?

– Vai saber. Eles estão sempre atrás de alguém. Mas é verdade que nos últimos dias andam mais espevitados.

– Então talvez seja melhor eu evitá-los também. Enquanto isso, preciso chegar ao estábulo de Aceldama. Uma moeda para você se me indicar onde fica.

– O estábulo? É fácil, senhor. É aquele com um grande telhado ali na frente.

Apontava, a duzentos passos dali, numa pequena elevação, uma construção de forma alongada que parecia em estado lamentável.

– Mas, se fosse o senhor, não confiaria em Yarib, o proprietário. Pague apenas a metade do que ele pedir, é um vigarista.

– Obrigado pelo conselho, amigo, vou lembrar.

Fílon colocou duas rodelinhas de cobre em sua mão.

– E você, trate de não se aproximar demais dos soldados. Terá tempo de lutar mais tarde.

O garoto pegou de novo seu saco, dando de ombros. Fílon tomou a direção do estábulo, fazendo um grande desvio pelo oeste para evitar a patrulha. Contornou casas miseráveis, cisternas vazias, jardins queimados pelo sol, cruzou com crianças correndo com uma vara na mão atrás de carneiros famélicos. Antigos nômades, provavelmente, que tinham se fixado naquele lado da colina, preferindo ser pobres à sombra do Templo a serem sós nos desertos áridos. As últimas habitações, tendas escurecidas e remendadas, situavam-se quase no vale da Geena, lá onde os moradores de Jerusalém jogavam seu lixo e seus excrementos de cima das muralhas. Um fogo perpétuo ardia ali, tentando reduzir a cinzas a acumulação de vários séculos de dejetos e soltando em lufadas bafios de podridão. Certas noites, dizia-se, ouviam-se ali os choros de recém-nascidos abandonados por suas mães.

Fílon se inclinou para a direita e virou um momento antes de perceber de novo o telhado do estábulo. Penetrou num pátio de cercas derrubadas e avançou até a parte de trás da construção, que servia de alojamento para os animais. Ninguém veio recebê-lo. Empurrou a porta e um violento fedor assaltou suas narinas. Havia ali, fracamente iluminados por uma claraboia, dois burros e três dromedários ruminando seu tédio. A forragem não fora trocada e uma espécie de caldo preto escorria pelos lados. Fílon estava a ponto de dar meia-volta, decidido a não abandonar seu cavalo ali, quando sentiu uma ponta dura em suas costas.

– Se gritar ou fizer um gesto, está morto.

Uma voz de homem, rouca e apressada, ligeiramente arquejante.

– É um bom judeu? continuou a voz.

Fílon demorou a responder. Não era covarde por natureza e já tivera que lidar com bandidos em Mênfis e em Alexandria. Sua estatura – era grande e musculoso –, seu gosto pela luta e pela

corrida tinham lhe permitido se sair bem. Mas seus outros agressores nunca tinham demonstrado tantos escrúpulos a propósito de suas origens e de sua religião!

– Não gostaria de matar um bom judeu?

– Simplesmente não gostaria de matá-lo, mas o farei se não me deixar escolha.

Para demonstrar sua determinação, passou seu braço por baixo do pescoço de Fílon e pressionou sua lâmina com mais força. Cheirava a medo e poeira, e a manga de sua túnica estava manchada de sangue. Era ele, evidentemente, que os soldados estavam procurando.

– Os romanos estão atrás de você, é isso?

– Sim, e não tenho mais quase nada a perder. Você faria melhor em me obedecer.

– Suponho... suponho que é um desses rebeldes que estão em guerra contra Roma. E que foi ferido ao fugir. É por isso que perguntou se sou um bom judeu, não é?

No campo de esportes vizinho ao grande ginásio de Alexandria, Fílon não era conhecido por ser o mais forte dos lutadores. Mas era famoso por saber explorar a menor hesitação de seus adversários. Percebeu um leve relaxamento no braço que o apertava, deu uma violenta cotovelada para afastar a lâmina e virou sobre si mesmo empurrando seu agressor. Os dois caíram na palha molhada, o homem se retorcendo de dor e colocando a mão sobre a perna. Tinha um grande corte na coxa sobre a qual incidia todo o peso de Fílon.

– Solte-me! Solte-me! Não tinha intenção de machucá-lo.

– E o que queria fazer então?

– Vim aqui para encontrar uma montaria. Quando entrou com seu cavalo, pensei...

Tentou se levantar, mas Fílon o segurava firme. Estava descabelado, os olhos escavados pelo sofrimento:

– Escute, tenho muito pouco tempo. Se me pegarem, vão me torturar, e não estou certo de conseguir resistir. Há coisas que eles não podem saber.

– Que tipo de coisas?

– Não espere que as diga para você. Se quer ser útil a Jerusalém, precisa me dar esse cavalo. Ou, senão, me matar.

Fílon soltou-o. Ele também não gostava muito dos romanos. O rebelde tinha sua idade mais ou menos e parecia sincero. E se era realmente quem estava dizendo, os soldados não se contentariam em torturá-lo. Quanto a matá-lo a sangue frio... Fílon resolveu confiar nele, mas tomou a precaução de se apoderar do punhal de cabo esculpido em marfim e colocá-lo em seu cinto.

– Está bem. Pegue esse cavalo. Estará melhor com você do que nesse lamaçal infame.

– Obrigado, prometo-lhe que...

Interrompeu-se de repente: vozes distantes...

– São eles, estão chegando. Tenho absolutamente que...

Levantou-se fazendo caretas e Fílon teve que segurá-lo e ajudá-lo a subir na sela. Lá fora, as vozes se aproximavam. Pelo martelar dos passos, só podia ser a patrulha.

– Vá logo!

Fílon ajustou as rédeas e se assegurou de que o rebelde podia segurá-las confortavelmente na mão. Então se lançou para a porta, a fim de escancará-la.

– Sabe ao menos para onde ir?

O outro olhou para ele sem responder. Seu olho estava ficando leitoso. Teve mesmo assim a força de atiçar o cavalo que partiu saltando para o lado da Geena, suscitando na patrulha exclamações e barulhos de corrida.

– Ele está ali! Ele está ali! Peguem suas lanças!

Três ou quatro dardos voaram, mas o cavaleiro já estava fora de alcance. Se conseguisse se equilibrar por mais algum tempo, estaria salvo... Era hora de Fílon se preocupar consigo mesmo. Pensou primeiro em se esconder, mas o estábulo não oferecia bons lugares para tanto e os romanos o revistariam minuciosamente. Fugir também? Sem chance. Então fazer o quê? De seu recanto lamacento, os três dromedários o observavam balançando a cabeça. Decididamente: detestava o ar de superioridade daqueles animais.

– O Estábulo! Cerquem o estábulo!

No mesmo instante o jovem se deixou cair no chão, com o rosto na lama. Um primeiro soldado transpôs o alpendre e se precipitou sobre ele.

– Por aqui! Há outro deles!

Viraram-no brutalmente, dando-lhe diversos pontapés. Então plantaram uma lança sobre seu peito para imobilizá-lo.

– Está morto? perguntou um dos legionários.

Fílon abriu lentamente os olhos, como se voltasse a si.

– Não parece tão mal assim, retorquiu o tribuno militar que comandava o grupo. Podemos saber o que está fazendo aqui?

– Eu... eu não sei. Vim deixar meu cavalo neste estábulo. Devo ficar alguns dias em Jerusalém e...

– É um desses peregrinos que vêm para a Páscoa? interrompeu-o o tribuno. No entanto, as festas só começarão daqui a uma semana. E é bastante raro ver um simples viajante com um cavalo.

Todo seu ser transpirava desconfiança. Era um homem de estatura mediana, mas de ombros muito largos, cobertos por uma armadura de metal ornada com cabeças de leão. Tirou seu capacete de pluma vermelha para examinar o jovem mais detidamente. Seus traços eram duros e salientes, seu olho escuro muito agitado e seus cabelos curtos caíam em mechas no alto da testa. Não seria fácil enganá-lo.

– Meu nome é Fílon e acabo de chegar de Alexandria. Na verdade, foi meu irmão que me mandou para cá. Ele devia inaugurar as portas do Templo que foram guarnecidas de ouro graças à generosidade dele. Mas está doente e não pôde fazer a viagem a tempo para a Páscoa.

– Um Egípcio, hein? E, pra piorar, uma espécie de enviado.

O tribuno fez um sinal e seus soldados recuaram. Fílon pôs-se de pé com fingida lentidão. Todos riam de sua túnica e de sua cara sujas.

– Parece estar menos brilhante do que as portas de seu Templo. Foi o rebelde que o deixou assim?

– Era um rebelde? Eu não vi nada. Entrei agora há pouco com meu cavalo, chamei e, do nada, aquele homem caiu sobre mim. Devia estar escondido na palha, lá atrás. Ele me atingiu não sei com

o quê e eu desabei no chão. Quando voltei a mim, vocês estavam a meu redor. Ele queria minha montaria, é isso?

O tribuno ignorou a pergunta:

– Como explica todo esse sangue em você?

Fílon passou os dedos na nuca:

– Ele deve ter me cortado. Ou terão sido os pontapés com que seus soldados me presentearam?

– Meus legionários obedecem a ordens. Aquele homem é um sedicioso. Ele e seus comparsas pretendem desencadear uma guerra contra o Império. Escapou-nos de manhã cedo no bairro dos perfumistas e seus ferimentos o teriam impedido de ir mais longe. Mas contou com cumplicidades dentro da cidade. Sabe a sorte reservada aos cúmplices desse tipo de traidores?

Avançou um passo, quase encostando em Fílon. Queria esmagá-lo fisicamente com seu poder e sua força.

– Sim, é óbvio que sabe. Assim, é melhor explicar muito bem o porquê de todo esse sangue. Que o tenha nas costas, tudo bem, se ele o atacou por trás. Mas e na frente? Tem certeza que não ficou cara a cara com ele? E de que não o ajudou?

Fílon sustentou seu olhar. Estava persuadido de que o romano não teria nenhum interesse em maltratar um mecenas do Templo. A menos que dispusesse de provas contra ele.

– Disse que ele estava ferido. Talvez ele tenha me revistado com as mãos cheias de sangue.

O tribuno fez uma expressão em que se misturavam a ironia e o desdém:

– Você tem resposta para tudo, egípcio. Mas isso não o torna inocente aos meus olhos. Pelo contrário... Onde ficará hospedado em Jerusalém?

– Esperam-me na casa de Ezequias.

– Ezequias, o encarregado da ordem no Sinédrio[1]? Que coincidência! Um rebelde foge, rouba um cavalo, e o proprietário deste é hóspede justamente de Ezequias... Confesse que, em meu lugar, também ficaria com a pulga atrás da orelha.

– Não faz nem uma hora que cheguei a Jerusalém!

– E isso é o mais incrível. Mas que seja, admitamos que seja inocente nesta história.

Então repetiu, detalhando cada uma das sílabas:

– Admitamo-lo provisoriamente. Pois bem! Como não quero que lhe aconteçam outros imprevistos, dois de meus soldados o escoltarão até a casa de Ezequias. Eles aproveitarão para verificar se não mentiu para nós. O que não me surpreenderia, como pode imaginar...

Examinou mais uma vez Fílon da cabeça aos pés, particularmente o punhal de cabo ornado com motivos geométricos. Depois, designou dois homens para acompanhá-lo. Fez então que ia sair com o resto de seus soldados, mas, na soleira da porta, voltou-se:

– A propósito, egípcio. Sua faca. Não creio que ela tenha vindo do Egito.

1 Grande Conselho de Jerusalém, encarregado das questões de religião e de justiça.

2

Fílon imaginara sua primeira visita a Jerusalém mais gloriosa. Sua túnica estava nauseabunda, coberta de sangue e de um líquido fétido, e ele seguia escoltado por dois soldados como se fosse um bandido. O mais baixinho dos dois só abria a boca para pronunciar sons agudos e incompreensíveis – de que longínqua província a legião o arrancara? – o mais alto, para insultá-lo. Este provavelmente era o mesmo que batera no velho na feira e o chamara de macaco, pois enquanto subiam os degraus que levavam à parte mais antiga da cidade, injuriava as crianças que se aglutinavam para vê-los passar:

– Macacos! Caras de gorila! Deem o fora ou vou espetá-los!

Donde Fílon deduzia que ele devia ter conhecido as guarnições africanas e suas populações de primatas indisciplinados. Cada um de seus insultos era pontuado pelos silvos do outro, que parecia ter uma flauta na garganta. E dizer que era com guerreiros desse nível que Roma fazia seu império no Mediterrâneo!

Atravessaram a cidade dirigindo-se para o oeste, deixando os bairros pobres e entrando nos ricos. Embora obrigado a manter os olhos baixos, Fílon observou que os passantes pareciam mais incomodados com os soldados do que com ele. As relações com o ocupante pareciam bastante tensas.

Finalmente chegaram diante de uma magnífica residência em estilo helênico: muros altos talhados em belas pedras, um jardim com tanques floridos, um vasto pátio rodeado por colunas e, em todas as partes, fontes que cantavam. Uma escrava, bastante jovem e bela, os fez esperar um pouco num vestíbulo de cores vivas. Os legionários aproveitaram para tirar seus capacetes e enxugar o suor. Pareciam ambos de péssimo humor. O menor, de traços vagamente asiáticos, até parou de silvar. Quando Ezequias surgiu, mal o cumprimentaram.

– Estamos aqui por ordem do tribuno Julius, começou o mais alto. Este homem foi descoberto quando estávamos a ponto de capturar um rebelde no estábulo de Aceldama. Ele afirma ter vindo do Egito e ser esperado em sua casa. Confirma sua história?

Ezequias era um velho elegante, de barba e cabelos bem cuidados, vestido com uma túnica leve e delicadamente bordada. Seu olhar amável ia dos soldados ao pobre Fílon, sem esconder sua surpresa.

– Eu esperava um visitante de Alexandria, de fato, o irmão de um dos benfeitores do Templo.

– É de mim que se trata, venerável Ezequias, ousou Fílon, adiantando-se. Lamento me apresentar assim. Uma inacreditável série de circunstâncias...

– Basta! intimou o legionário. Não estou aqui para escutar mais uma vez suas explicações. A única coisa que importa é saber se Ezequias se responsabiliza por você. E se o encontraremos em sua casa caso precisemos interrogá-lo.

– Têm minha palavra, respondeu Ezequias após uma leve hesitação.

Sua palavra devia ser o bastante, pois os dois soldados deram meia-volta imediatamente. O mais baixo até soltou um trilo alegre. Decerto a satisfação do dever cumprido...

Assim que os legionários partiram, Ezequias deu livre curso a sua estupefação:

– Meu rapaz, meu rapaz! Em que estado... Como é possível?

Fílon mergulhou as mãos numa bacia cheia d'água e lavou o rosto. Então fez o relato de sua aventura, sem explicitar, no entanto, a que ponto ajudara o rebelde. Afinal, não sabia quais eram as opiniões de seu anfitrião.

– É inacreditável, não estamos mais seguros em lugar nenhum! exclamou Ezequias quando Fílon terminou. Mas você deve estar esgotado e vejo que também perdeu sua bagagem. Falaremos de seu irmão e desses acontecimentos mais tarde. Primeiro, Nertari o conduzirá a seu quarto e à sala de banhos.

Nem terminara sua frase e a jovem escrava já surgia no vestíbulo, precedendo um enorme homem todo vermelho, prestes a sufocar.

– Mestre! Há um enviado do Sinédrio que insistiu em...

O gordo afastou a jovem e correu rebolando em direção a Ezequias.

– Meu amigo, meu amigo! Tem que vir imediatamente! É monstruoso!

Foi então que percebeu Fílon e ficou sem saber se devia prosseguir ou se calar.

– Esse jovem é um dos nossos, tranquilizou-o Ezequias. Continue, Simeão, está me deixando preocupado.

– Jeftê! Jeftê foi assassinado esta noite!

– Jeftê? Esta noite? Que o céu...

– Sim, que o céu nos proteja! Um crime horrível! Descobriram-no agora há pouco em sua casa, banhado em seu próprio sangue. Não o tinham aconselhado a deixar aquele bairro dos perfumistas? É o pior de todos!

– Jeftê... Assassinado...

Ezequias pareceu vacilar e Simeão o segurou pelo braço.

– Infelizmente é verdade! Como se já não tivéssemos problemas suficientes! Mas temos que nos apressar: o Sinédrio deve chegar lá antes dos romanos.

– É claro. O tempo de me preparar e...

Fílon se interpôs:

– Se permitir, Ezequias, gostaria de acompanhá-los. O rebelde que me atacou esta manhã... Os legionários disseram tê-lo surpreendido no bairro dos perfumistas. Talvez haja uma relação. Como sou o único a tê-lo visto de perto...

– Um rebelde o atacou? Aqui em Jerusalém? Definitivamente, em que século...

Ezequias interrompeu Simeão:

– Deixemos esse assunto para depois, por favor.

Então, após um momento de reflexão:

– Já que o destino quis que estivesse envolvido nesse assunto, meu jovem, não me oporei a ele. Nertari lhe emprestará uma túnica de meu filho para que possa se trocar. Agora, temos que nos apressar, ou o tribuno Julius chegará antes de nós.

A casa de Jeftê era de aparência modesta, apenas um pouco maior e mais alta que as de seus vizinhos do bairro dos perfumistas. Durante o trajeto, Fílon não conseguiu ficar sabendo de muita coisa, a não ser que Jeftê era um homem influente que dirigia uma espécie de partido religioso. Os dois membros do Sinédrio andavam lado a lado, exprimindo-se em voz baixa, temendo que a notícia se espalhasse. Suas caras estavam, no entanto, suficientemente sérias para que se pudesse perceber o quanto estavam preocupados.

Um grande núbio de pele negra abriu a porta e os conduziu ao primeiro andar, onde ficava o quarto do morto. Seus olhos vermelhos revelavam sua mágoa.

– Foi você que o descobriu, Mandu?

– Sim, mestre Ezequias. Ou melhor...

Ele falava aramaico com o sotaque pronunciado dos povos do alto Nilo:

– Esta manhã, mestre Jeftê não se levantou como de costume. Bati na porta, ele não respondeu. Pensei: talvez esteja se sentindo mal. Sua chave estava virada na fechadura, então empurrei com o ombro até que cedesse. E aí...

Ele desviou o olhar e os deixou entrar. O quarto media dez passos por cinco e parecia estranhamente nu comparado aos ricos mosaicos do corredor: uma esteira de cânhamo enrolada no canto direito, uma mesinha de madeira com uma jarra e dois potes de pedra, uma simples abertura à guisa de janela. A pele de cabra no chão estava manchada de um vermelho profundo. Um homem seminu estava estendido no meio de seu sangue. Devia ter a idade de Ezequias, cerca de sessenta anos, mas sem sua imponência. Era magro, tinha o rosto cavado, uma barba irregular e poucos cabelos. Seus olhos ainda abertos lançavam para o teto estranhos reflexos de um intenso azul. Parecia até acordado, mas seu peito estava todo manchado de sangue seco. No entanto, a coisa mais insólita era outra: sua boca estava fechada por um cadarço de couro que atravessava os dois lábios, formando uma fivela artisticamente atada. Jeftê esboçava assim uma expressão de nojo que a dobra inabitual dos cantos da boca tornava francamente hedionda. Parecia um demônio da Babilônia dirigindo a seu redor sombrias

recriminações. Simeão não pôde suportar mais e saiu precipitadamente para o terraço em busca de ar fresco.

– Tem certeza de que não mexeu em nada, Mandu?

– Em nada, garanto. Quando vi o pobre senhor Jeftê, fui correndo avisar a ama. Ela ordenou que deixasse tudo como estava e fosse direto para o Sinédrio. Foi lá que falei com mestre Simeão.

– E os romanos?

– Logo virão. Estavam esperando o retorno da patrulha ou algo assim.

– Bem, vejamos se até lá...

Ezequias inspecionou o quarto sem se aproximar do corpo. Para um bom judeu seria tornar-se impuro chegar perto de um cadáver, impureza multiplicada pelo caráter bárbaro daquele crime. Já Fílon se considerava em situação diferente. Depois de sua luta com o rebelde, de ter rolado no sangue, nos excrementos e na lama, teria que se purificar de qualquer forma. Se examinasse agora o morto, não mudaria muito as coisas...

Sem se preocupar com Ezequias, que fez um gesto para retê-lo, atravessou o quarto e se debruçou sobre Jeftê.

– Com toda evidência, constatou após um momento, laceraram seu peito com uma lâmina afiada. Os cortes são profundos, o que explica a abundância de sangue. Formam também... sim, uma espécie de alinhamento ou de desenho paralelo, ligeiramente de viés da direita para a esquerda. Dá para contar... dez. Dez cortes, sendo dois nitidamente mais curtos. Um pouco como os arranhões de um animal. Como se... Como se uma fera tivesse se lançado sobre ele com todas as suas garras. No entanto...

Virou-se para Ezequias que o fixava intensamente.

– No entanto, não foram esses cortes que causaram a morte. Há marcas bem visíveis no pescoço. Vermelhidões e inchaços. Jeftê deve ter sido primeiro estrangulado e depois ferido com a lâmina. Eis porque, suponho, ninguém o ouviu gritar.

– Certamente você tem o dom de observar e deduzir! Mas se nosso infeliz amigo já estava morto, por que se encarniçar sobre ele dessa maneira? E por que esse cadarço ridículo em volta da boca?

– Não sei. Talvez... Acha que posso desatá-lo antes da chegada dos romanos?

– Não! replicou o velho. Meus poderes policiais não chegam a tanto e todos os assassinatos são da alçada da autoridade imperial. Ora, o tribuno Julius é bastante cioso de suas prerrogativas. Além disso, não esqueça que hoje iremos ao Templo. A poucos dias da Páscoa, tocar assim esse pobre Jeftê não seria conveniente.

– Desculpe, pensei que queria obter o máximo de informações...

– De fato, é importante que o Sinédrio tenha uma visão clara dos acontecimentos, caso queiram nos esconder alguma coisa. Por outro lado, se Julius tiver a sensação de que estamos roubando sua investigação, aí mesmo é que nos afastará. O que seria pior. Sejamos portanto diplomatas, acima de tudo.

Fílon levantou-se contrariado.

– Provavelmente tem razão. Entretanto, estou curioso para saber o que os romanos dirão desse enigma. Se o quarto estava fechado por dentro, como o assassino pôde penetrar nele? E como pôde sair? Essa janela na parede é demasiado estreita para...

Estavam batendo na aldraba no andar de baixo. Mandu se precipitou.

– Deve ser Julius em pessoa, sussurrou Ezequias preocupado. Ele não confia a ninguém esse tipo de caso...

– Então é melhor que não me veja aqui. Ele já suspeita que eu tenha ajudado o rebelde, se me vir com o cadáver...

– Tem razão. Há uma sala de recepção no térreo. Espere-me lá embaixo, depois irei buscá-lo.

Fílon correu para a escada e pulou o último degrau no exato momento em que Mandu abria a porta para os romanos. Viu os capacetes brilharem na luz e saltou para a primeira porta que encontrou. Estava fechada.

– É aqui a casa de Jeftê? perguntou com seu timbre grave o tribuno militar Julius.

– Sim, senhor, gaguejou Mandu.

Fílon se jogou no recôncavo da escada. Havia outra porta à sua direita. Cuidadosamente, tirou o ferrolho e penetrou no que devia ser uma sala mergulhada na escuridão. Não chegou a fechar completamente a porta, mantendo o ouvido colado à abertura.

– Você é o escravo de Jeftê, é isso? continuava Julius em tom de interrogatório. E, pelo que me disseram, a última pessoa a tê-lo visto

vivo. Leve-me até ele e trate de não mentir. Não seria o primeiro escravo a matar seu amo.

Passos pesados soaram sobre os degraus: Julius estava acompanhado de ao menos três legionários. Chegando ao andar de cima, Ezequias e Simeão deviam tê-lo saudado, pois o tribuno ironizou:

– Ora, ora! O Sinédrio é mais ágil em encontrar seus mortos do que seus inimigos!

– O caso é importante, retorquiu Ezequias. Sabe quem era Jeftê e as consequências que sua morte pode ter para nós.

– Sei disso, Ezequias, é claro que sei. Mas vocês tinham mais sangue frio antigamente. Aliás, há outro assunto sobre o qual gostaria de lhe falar. Um egípcio que detivemos agora há pouco. Pelo que ele disse...

Afastaram-se no corredor em meio aos estalidos das lanças e seu diálogo se tornou inaudível. Fílon quis sair de seu esconderijo para ouvir melhor, mas foi então que percebeu um movimento atrás de si. Alguém o observava pelas costas. Deu meia-volta, pronto para se defender:

– Quem está aí?

Na penumbra, distinguiu uma forma vaga sobre um dos bancos.

– O que não lhe falta é atrevimento, respondeu uma voz marcada pela mágoa. Não tem nenhum respeito? Entra aqui como um ladrão e ainda vem me pedir satisfações!

Uma mulher... Fílon percebeu a extensão de seu engano. A viúva de Jeftê, decerto. Ele realmente não tinha nenhuma desculpa.

– Lamento muito minha imperdoável atitude, senhora, a escuridão me enganou. O que... o que quer que possa pensar nesse dia de luto e recolhimento, sou seu humilde servidor.

Colocou um joelho no chão e recitou baixinho algumas palavras.

– *Amém...* concluiu ela quando ele terminou.

Fílon se levantou. Ela estava apoiada numa espécie de travesseiro e envolta num véu que cobria seus cabelos. Ele mal distinguia seus traços, mas sentia com força a violência contida em sua voz:

– Quem quer que seja, não é uma simples prece que o salvará. Quero saber primeiro quem o autorizou a entrar aqui. E é bom que

seja convincente, senão avisarei aqueles que o procuram.

– Eu... me chamo Fílon, senhora, e acabo de chegar de Alexandria. Acompanhei Ezequias até sua casa e...

Ela o interrompeu:

– Ezequias, hein? E quais são suas relações com ele?

– Conheço-o há apenas algumas horas: é ele que está me hospedando em Jerusalém. Estive envolvido esta manhã num incidente que talvez tenha a ver com o assassinato e...

– Que tipo de incidente?

– Um rebelde que os romanos perseguiram neste bairro. Imaginei que pudesse haver alguma ligação.

– Um rebelde, em nosso bairro, ora...

– Fui o único a vê-lo e foi por esta razão que Ezequias me autorizou a acompanhá-lo.

– Como ele era?

– O rebelde? Um homem jovem, barba e cabelo quase ruivos, nariz muito fino.

– Isso não me diz nada. Ao menos não o vi pelas redondezas. Mas e você, qual é seu interesse em tudo isso?

– Meu interesse? Nenhum. Vim para Jerusalém em nome de meu irmão que enviou dinheiro para a decoração do Templo. Só isso.

Se Fílon esperava amansar sua interlocutora com aquilo, estava muito enganado: pelo contrário, sentiu-a tornar-se ainda mais ríspida.

– Então você está com os do Templo, como Ezequias?

– Os do Templo?

– Os sacerdotes, os levitas[2], todos esses capachos dos romanos?

– Puxa, não sei bem o que está querendo dizer. Mas, se me escondi quando o tribuno Julius chegou, foi porque desejava evitá-lo. Tivemos uma altercação a respeito do rebelde.

Houve um longo silêncio, durante o qual Fílon não ousou se mexer, por medo de que a viúva começasse a gritar. Ela parecia perdida em seus pensamentos.

– Alexandria, murmurou... Afinal, por que não?

Então, mais alto:

– Bom, acho que não tenho escolha, terei que confiar em você. Puxe a cortina, preciso vê-lo.

Sem entender muito bem, Fílon arredou os vegetais trançados que obstruíam as janelas. O sol invadiu a peça, refletindo-se no mosaico branco e vermelho do chão, iluminando um a um os baús de madeira clara, a pequena mesa oval com seus vasos de alabastro, o tapete felpudo estendido na parede do fundo. Deitada sobre um dos dois bancos, a mulher de Jeftê o encarava como se quisesse ver seu interior. Era incrivelmente bela e muito mais jovem do que ele imaginara. Seus olhos repuxados eram de um negro muito puro, seus lábios carnudos pareciam desenhados com tinta violeta e sua pele bronzeada resplandecia sob a brancura do véu. Seguindo a tradição, ela rasgara sua roupa à direita do coração em sinal de aflição. O rasgo deixava entrever a sombra de sua pele e o jovem teve um arrepio. Obrigou-se a olhá-la de frente.

– Preciso de sua ajuda, declarou ela finalmente. Esse crime... não é um crime como os outros. Tenho certeza. E não apenas por se tratar de meu pai.

Fílon não escondeu sua surpresa:

– De seu pai?

– Sim, de meu pai.

Ela esboçou um pálido sorriso: – Percebi seu engano agora há pouco. Isso não tem a menor importância. Meu nome é Betsabel, sou a filha de Jeftê. Minha mãe morreu há muito tempo e nós vivíamos aqui sozinhos com Mandu. Para voltar a esse horrível acontecimento... Não vimos nem escutamos nada. O assassino entrou e depois saiu como por magia. Nenhum rastro. Apenas esse crime abominável. Meu pobre pai, tão bom...

Enxugou uma lágrima e retomou em tom inflamado:

– Quero vingá-lo, entende? Custe o que custar. Leve o tempo que levar, sejam quais forem os obstáculos, encontrarei o homem que fez isso. E ele pagará com sua vida, juro!

– Os romanos e o Sinédrio estão aqui, tentou apaziguá-la Fílon. Farão todo o possível para pegar o culpado e castigá-lo.

– Não acredite nisso. Cada um persegue seus próprios desígnios e suas manobras não têm nada a ver com a verdade. Quando

compreenderem o que realmente aconteceu, será tarde demais. Ah! Se eu não fosse mulher... E se não fossem estas malditas pernas!

Ela bateu nas coxas, deixando Fílon desamparado.

Naquele instante, a silhueta de Ezequias apareceu na porta.

– É preciso partir, rápido! Os romanos vão revistar a casa. Simeão está atrasando-os, mas temos muito pouco tempo!

2 Sacerdotes de categoria inferior, encarregados das tarefas subalternas no Templo.

3

Depois de se lavar cuidadosamente na primeira piscina, Fílon desceu os degraus que levavam ao banho ritual. O tanque, de forma retangular, fora talhado sob uma abóbada de pedra e era alimentado com água da fonte através de um custoso sistema de canalização. Era de fato o privilégio dos ricos ter seu próprio *miqveh*: a maioria dos habitantes de Jerusalém tinha que se contentar com os banhos públicos perto do Templo. O jovem pronunciou algumas palavras de benção, avançou para o meio do *miqveh* e imergiu três vezes no frescor da água clara. Imediatamente, experimentou uma sensação de plenitude. Depois das perturbações da manhã, tinha a impressão de reencontrar aquilo que era no mais profundo de si mesmo, a parte feliz e confiante de sua alma, purificada do impuro e a única digna de comparecer ao olhar do Todo-Poderoso. Enquanto se secava e vestia a túnica que Nertari preparara para ele, sentiu-se até invadido pela euforia. Dali a pouco finalmente veria o Templo!

Assim que terminou de se vestir, atravessou o jardim em busca de Ezequias. Este o esperava à sombra de amendoeiras cujas flores brancas e rosa começavam a desabrochar. A mesa fora posta à romana e Fílon sentou num dos bancos diante de uma profusão de iguarias frias: perdiz ao endro fatiada em sua própria geleia, peixes brancos numa crosta de sal, diversas saladas de grão de bico e de lentilha enfeitadas com passas e figos, temperos de purê de alho ou de pepino e biscoitos de centeio com mel. Ezequias mergulhou seus dedos numa larga jarra, derramou água sobre sua mão direita e depois sobre a esquerda, recitou a meia-voz o “Bendito sejas, Eterno, que fazes nascer o pão da terra”. Pegou a seguir uma ânfora de bronze de asa elegantemente trabalhada e serviu dois copos cheios de um vinho bordô, convidando seu hóspede a beber.

– Beba, beba, deve estar com sede! Simeão acaba de me deixar: os romanos não progrediram nem uma polegada.

Revistaram a casa, inspecionaram cada peça, exploraram o jardim. Nenhum vestígio do assassino. Impossível saber como entrou e como saiu.

– Eles examinaram o cadáver?

– Ainda não. Um médico da fortaleza Antônia deverá se encarregar disso esta tarde. Se entendi bem, o tribuno Julius não queria fazer isso ele próprio. Felizmente, autorizou um dos nossos a permanecer no local. Ao menos assim sabemos que o corpo não será profanado. O que quer que aconteça, disse a Simeão que estaríamos no Templo. Ele nos avisará se houver alguma novidade.

– Acha que o tribuno Julius será capaz de esclarecer esse crime?

– Se aprouver aos céus! É um homem inteligente, sabe adivinhar aquilo que escondem dele. Embora seu desprezo o cegue às vezes. Além disso, estamos na Judeia, sua tarefa não é fácil.

– Refere-se aos rebeldes?

– Os rebeldes? Ah!

Ezequias pegou o pedaço mais carnudo da perdiz e o cobriu generosamente de purê de alho.

– Não são apenas os rebeldes... Ou melhor, logo não haverá senão rebeldes. Faz três meses que os romanos estão em Jerusalém e a região inteira está à beira da revolta.

– No entanto, há mais de meio século a Palestina está conquistada.

– Oficialmente sim. Mas por todos esses anos, conservamos nossos costumes e mesmo um pouco de nossos reis. Herodes[3] talvez devesse seu trono ao imperador e, sem dúvida, era um tirano, mas ao menos era meio judeu. Aliás, não foi ele que resolveu reconstruir o Templo? E, em certo sentido, o mesmo se deu com seu filho, Arquelau[4].

– No entanto... Foi o Sinédrio que obteve a destituição de Arquelau, não foi? E é portanto graças ao Sinédrio que os próprios romanos administram a província, não é?

Ezequias esvaziou sua taça antes de responder:

– O que diz não é falso. Sabe, fiz parte da embaixada que foi a Roma um ano atrás. Para encontrar Augusto[5] e lhe expor nossas queixas. Arquelau era mau e ganancioso, os romanos sabiam disso.

Nós é que fomos ingênuos. Pensávamos que Augusto teria sabedoria suficiente para designar um soberano que fosse mais de nosso agrado. Na verdade, o que fizemos foi lhe fornecer o pretexto de que precisava. Depôs Arquelau, mas colocou suas legiões em seu lugar.

– Ficaram ressentidos com vocês aqui?

– Pois então! Na própria embaixada estávamos bastante divididos. Alguns...

Hesitou.

– Alguns perceberam que o remédio seria pior do que a doença. Na noite da primeira conversa com Augusto, alguns quiseram até partir. Eu e alguns outros desejávamos continuar e negociar tudo o que fosse possível. O número de soldados na Cidade Santa, por exemplo. Penso estar com a verdade se lhe disser que foi graças a nós que a maior parte das tropas encontra-se hoje em Cesareia e não em Jerusalém. Dirá que é uma vitória bem modesta, mas continuo achando que Augusto já tomara sua decisão antes de nossa chegada. A presença romana era inelutável.

Fílon teve então uma intuição:

– Será que... por acaso Jeftê fazia parte dessa embaixada?

Ezequias soltou o bocado que se preparava para pôr na boca.

– Sim... ele fazia parte.

– E era um daqueles que queriam romper com o imperador?

– O mais convicto deles, certamente. Se tivesse conhecido Jeftê... Ah! Talvez seja melhor retomarmos as coisas desde o princípio.

Enxugou a faca e se endireitou no banco, como se fosse iniciar um longo discurso.

– Veja bem, Jeftê era alguém importante em nossa comunidade. Não que fosse particularmente rico ou ativo no Sinédrio. Não, era mais do que isso. Era um dos chefes do partido fariseu. Decerto ouviu falar dos fariseus?

– De reputação, sim. Mas ignoro o essencial.

– Então tratarei de ser simples. Há mais de um século, dois partidos importantes disputam o poder em Jerusalém, os saduceus e os fariseus. Os saduceus são de certa forma os partidários do Templo: os sacerdotes, os levitas, as famílias ricas que ocupam

posições influentes aqui. Sempre se preocuparam com a ordem, o que os levou a apoiar aqueles que nos dominam hoje. Enquanto os romanos não entravarem o bom funcionamento do Templo, a dinâmica dos sacrifícios ou a coleta dos dízimos, poderão contar com o apoio dos saduceus.

– Situação frequente nas províncias do império.

– Sem dúvida. Mas, no nosso caso, somam-se a isso rivalidades religiosas. Em oposição aos saduceus, que velam ciosamente pela autoridade do Templo, os fariseus afirmam que o culto deve ser aberto a todos. Que cada um pode se aproximar da pureza dos sacerdotes, desde que siga à letra as regras da Torá. E que, se o Templo é o coração sagrado de nossa devoção, nem por isso deve ser seu local exclusivo... Semelhantes afirmações irritaram os poderosos, mas angariaram a simpatia do povo miúdo que escuta e respeita os fariseus. Sem falar que estes organizam escolas onde, além do ensinamento das Escrituras, oferecem mil conselhos para a vida prática. Sua influência se tornou tão grande que os saduceus foram obrigados a lhes conceder espaço no Sinédrio e nas embaixadas. A contragosto, como pode imaginar...

– E esses fariseus se opõem à ocupação romana?

– Não abertamente. Mas para eles é evidente que pagãos armados na Cidade Santa constituem um odioso sacrilégio. Já era esta a opinião de Jeftê quando estávamos em Roma: mais valia um mau soberano judeu do que um imperador ímpio e blasfemo. De certa maneira, os acontecimentos lhe deram razão.

– Pode-se imaginar que esse crime tem a ver com todas essas querelas?

Ezequias baixou os olhos e seu tom se tornou menos seguro:

– Espero que não. Um assassinato tão cruel não pode ser... só pode ser obra de um demente. Mas o que devemos temer acima de tudo é que o povo se inflame. De todos os sábios fariseus, Jeftê era um dos mais amados. Ora, a quem o rumor vai atribuir esse assassinato. Aos romanos? Aos saduceus? Em ambos os casos há risco de derramamento de sangue.

– O que significa, por ricochete, que a morte de Jeftê também serve aos rebeldes. Se desejam o levante de Jerusalém, esse assassinato pode ajudá-los.

– É outra hipótese, admitiu ele visivelmente incomodado. Mas os rebeldes olham mais longe do que Jerusalém. A Judeia, a Samaria, a Galileia, a Decápolis... é toda Palestina que querem arrastar para a guerra. E, desse ponto de vista, os romanos os ajudaram bastante: decretaram um censo dos judeus nas próximas semanas. Ora, quem diz censo diz novos impostos... O imperador conta seus súditos antes de fazê-los pagar. É algo que realmente esquenta os ânimos.

– Então uma insurreição lhe parece possível?

– Infelizmente! Há semanas me esforço por convencer o Sinédrio de que precisamos nos unir e mostrar ao povo que trabalhamos para ele. Que uma revolta em face de um inimigo tão poderoso só faria causar uma repressão ainda mais terrível. E que Jerusalém poderia vir a perder tudo.

Serviu-se outra taça. Suas mãos tremiam.

– Ninguém quis me escutar, evidentemente. A ocupação elevou as barreiras e aprofundou os fossos. Saduceus, fariseus, buscam acima de tudo se opor uns aos outros. Mas ainda resta uma esperança. Amanhã irei para Cesareia perorar uma última vez diante do procurador[6]. Se ele aceitar adiar o censo, talvez possamos evitar o pior. Caso contrário...

Houve um longo silêncio que Fílon aproveitou para voltar a seu prato. Misturou a carne tenra do pássaro com os sabores sutis da lentilha e do figo e regou tudo com o vinho frutado das colinas de Hebron. O ar estava quente, o céu luminoso, uma leve brisa agitava a folhagem. Não fosse a expressão desconcertada do velho, aquilo pareceria um desses momentos simples e perfeitos que alegram o coração dos homens. Mas, para além do horizonte, a tempestade se anunciava.

– Perdoe-me, caro Ezequias. Posso lhe perguntar... O senhor conhecia bem Jeftê? Digo, afora suas divergências?

A pergunta tirou o interlocutor de suas meditações:

– Jeftê? Oh! sim. Éramos amigos quando jovens. Costumávamos ir juntos à sinagoga. Infelizmente, ele mudou após a morte de sua mulher. O que devia ter nos aproximado – eu já era viúvo – nos afastou, sem que eu possa explicar por quê. Ele se tornou mais frio, mais distante. Mais exigente também, no que

concerne à obediência e à fé. Juntou-se aos fariseus e adotou suas práticas. Até se tornar um de seus membros mais eminentes e levantar a espada contra aqueles do Templo. Mas também sabia falar aos humildes e lhes consagrava uma boa parte de seu tempo. Destacava-se, entre outras coisas, na interpretação das Escrituras, tendo a arte de torná-las acessíveis aos ignorantes. Sua morte causará uma verdadeira mágoa no povo.

– E... sua filha?

– Betsabel? Não sei muito bem o que pensar sobre ela. O infortúnio a atingiu, isso é incontestável. Apesar disso, sempre senti nela uma espécie de desconfiança. Acho que não gosta muito de mim.

– O infortúnio? Que tipo de infortúnio?

Fílon pronunciou essas palavras com o maior desinteresse possível. A resposta, no entanto, o interessava mais do que devia.

– Houve primeiro aquele acidente que a privou de suas pernas. Depois, a morte de sua mãe quando ainda era menina. Tudo isso deve ter influído sobre seu caráter.

– Ela não pode mais caminhar, é isso?

– Alguém tem de carregá-la em todos seus deslocamentos. Mandu, em geral. De minha parte, confesso que evito ficar em sua presença. Todos esses dramas, todas essas lágrimas... E agora a morte de seu pai. Quem sabe? Não se pode excluir a hipótese de que ela atraia a má sorte.

Quebrou um pedacinho de biscoito de mel e se levantou bruscamente.

– Vamos, a tarde avança! Temos que chegar ao Templo antes da hora dos sacrifícios. Gad, o sumo sacerdote, está impaciente para vê-lo!

3 Herodes, o Grande, rei da Judeia de 37 a.C a 4 a.C.

4 Filho mais velho de Herodes, o Grande, governa a Judeia de 4 a.C. a 6 d.C.

5 Imperador romano de 27 a.C. a 14 d.C.

6 Representante do imperador romano nas províncias conquistadas.

4

Jerusalém, Jerusalém inteira era um milagre!

Quanto mais a descobria, mais Fílon se dava conta daquilo que a cidade do Altíssimo tinha de único. Longe do mar e dos cursos de água, perdida no meio de terras desoladas, montada em morros de difícil acesso, fora das rotas comerciais, Jerusalém nunca deveria ter surgido. E, no entanto, que força, que vida! Milhares e milhares de peregrinos andavam por ali, de cabelos soltos ou presos em tranças, de grandes barbas ou de queixo imberbe, braços nus ou cobertos de braceletes, peles leitosas ou tezes escuras, bocas que misturavam o aramaico e o hebreu, o latim e o grego, os dialetos de Idumeia ou de Samaria: os judeus do mundo inteiro afluíam para a Páscoa!

Para tomar o caminho do Templo, Ezequias contornou o palácio de Herodes, residência fastuosa e fortificada onde o procurador de Roma morava quando estava na cidade. Herodes era um tirano sanguinário que mandara assassinar metade de seus familiares e queimar vivos seus oponentes, mas o esplendor de seus jardins e a beleza dos pátios de mármore continuavam a atrair muitos curiosos. A seguir, os dois homens transpuseram a porta que levava aos bairros comerciais do Tiropeon. Fora lá que Ezequias construíra sua fortuna. Seu avô era um rico camponês de Gamala, no norte da região, e seu pai foi quem teve a ideia de se instalar em Jerusalém para vender o trigo da família. Ezequias o sucedeu, estendendo seu comércio a diversos outros produtos: púrpura do Tiro, vidros de Sidão, vinhos de Ascalão e de Lida, papiros e bálsamo de Jericó, peixes secos de Genesaré, bois gordos da Pereia... Hoje, possuía grandes depósitos atrás do mercado e evocava com orgulho as enormes jarras de óleo marcadas com seu selo que seriam entregues no Templo. Falou também de seu último empreendimento, uma padaria edificada perto da porta das Águas,

capaz de fornecer a cada dia pães redondos ou trançados para mais de mil pessoas. Quando Fílon perguntou se seu filho manifestava o mesmo tino comercial, a expressão de alegria do velho se desfez: seu filho não quisera permanecer em Jerusalém e resolvera voltar para o norte, para a terra de seus antepassados. Fílon julgou o assunto delicado e preferiu não insistir.

Atravessaram assim o mercado, à sombra dos vastos pórticos que protegiam os transeuntes e as mercadorias do sol. A manhã era consagrada aos produtos alimentícios e, depois da passagem dos varredores – a cidade do Eterno tinha que se distinguir por sua impecável limpeza –, instalavam-se, à tarde, os mais diversos artesãos: oleiros, ceramistas, vendedores de ferramentas e talheres, tecelões, peleteiros, fabricantes de unguentos e herboristas, mais de trinta estandes entre os quais se apertava uma multidão barulhenta. De repente, no extremo da praça, um homem de idade incerta subiu sobre a borda de uma fonte para arengar os passantes:

– Ele virá, meus amigos, crede, Ele virá! Não percais a esperança, elevai vossas preces! Ele surgirá em breve do Oeste e o mar dos descrentes se abrirá diante Dele! Brandirá o gládio de fogo e Jerusalém será libertada! Sim, libertada! É Páscoa, meus amigos, a Páscoa do Salvador!

Não pôde dizer mais nada, pois os seis legionários que vigiavam discretamente o local se precipitaram sobre ele. Fizeram-no descer sem grande violência – inútil provocar revolta – e o conduziram para longe enquanto ele continuava a gritar:

– A Páscoa do Salvador, meus amigos, a Páscoa do Salvador!

A maior parte dos fregueses não acompanhou a cena e apenas alguns protestaram. Fílon virou-se para Ezequias:

– Quem era?

– Oh! Um desses iluminados que ficam anunciando por aí a vinda do Messias. São cada vez mais numerosos desde a chegada dos romanos.

– O povo os escuta?

– Aqui, no mercado, não têm nenhuma chance, o lugar é vigiado demais. Mas quando nos afastamos do centro, encontramo-los frequentemente nas esquinas das ruazinhas, pregando diante de pequenos grupos de exaltados. Muitos querem crer que a ocupação

romana é a última prova infligida pelo Altíssimo e que nossas dores são as dores do parto do Salvador. O dia do Juízo e da revanche!

– Não partilha sua esperança?

– Acho que estão é soprando perigosamente as brasas. E que talvez se tornem cúmplices de um grande massacre. O Rei de todos os reis, bendito seja, não está nem aí para esses agitadores vestidos de trapos.

Desembocaram no viaduto que permitia passar sobre o vale do Tiropeon e Fílon se deteve bruscamente, tomado pela emoção. Diante dele erguia-se o Templo do Todo-Poderoso em sua incrível majestade. Tinha cerca de quarenta côvados[7] de altura e outros mil de comprimento. Um pedaço da Jerusalém celeste caído na terra. Seus gigantescos blocos de pedra branca, ornados com lâminas de ouro, brilhavam ao sol a ponto de obrigar o peregrino a desviar os olhos. Embaixo, dezenas, centenas de homens trabalhavam reforçando as fundações e as paredes. Diante de cada entrada, uma longa fila de fiéis esperava, ao lado de animais trazidos por seus donos.

– Nunca vi nada igual, murmurou Fílon.

– É a casa do Eterno...

Avançaram até a porta principal, que atravessava o muro oeste e dava para o pátio dos Gentios. Tratava-se de uma esplanada gigantesca, capaz de acolher várias vezes a população de Jerusalém. Sete ou oito mil pessoas circulavam ali em todas as direções, esperando os sacrifícios, enquanto os varredores lutavam contra a poeira que subia das obras. As únicas colunas terminadas eram aquelas do pórtico Real que fechava o lado sul e mostrava naquele momento uma intensa atividade. Fílon foi ali pagar o imposto dos judeus – um siclo de prata para ele e seu irmão – e ficou quase chocado com a confusão reinante:

– É... é sempre assim?

– Hoje não é nada, divertiu-se Ezequias. Vai ver só na Páscoa!

De fato, o conjunto evocava mais os bazares da Pérsia do que um estabelecimento religioso. Havia em primeiro lugar o cantinho do câmbio, onde se convertiam as moedas de todo Império em dinheiro do Templo, o único aceito nas oferendas a Iavé. Como nenhuma norma precisa regulava essas trocas, frequentemente estouravam

brigas entre cambistas e peregrinos. Seus gritos eram, no entanto, cobertos por balidos sonoros e mugidos inquietos: bem ao lado, um vasto espaço acolhia os animais destinados aos sacrifícios. Bastava, após ter escolhido um – bezerro, cabra, carneiro, rolinha ou pomba em sua gaiola de madeira –, negociar com os sacerdotes que dirigiam a venda e mandar conduzir o animal até o altar. Para terminar, o pórtico abrigava uma série de lojinhas onde se podia comprar vinho, incenso, flor de farinha para as oblações, assim como todo tipo de badulaques: colarzinhos, tornozeleiras, caixinhas de temperos, tiaras e anéis mais ou menos preciosos, objetos esculpidos em madeira ou marfim, etc. Essas lojas não eram pouco frequentadas, pois a Lei impunha ao fiel gastar em Jerusalém um décimo de seus bens. O que dava uma ideia das somas consideráveis que circulavam ali.

– Sabe a quem pertence a maior parte dessas lojas? sussurrou Ezequias no ouvido de Fílon. A Gad, o sumo sacerdote, e a seus próximos. E é exatamente esse o tipo de privilégio que os saduceus querem conservar. Venha, está na hora de irmos ao encontro dele, agora.

Pegou o jovem pelo braço e o conduziu até o centro do átrio, onde erguia-se, imponente, o santuário do verdadeiro Deus. Sua reconstrução, ordenada por Herodes, exigira o trabalho de mil sacerdotes formados especialmente para isso nos ofícios da pedra. Elevava-se agora como um gigantesco cubo de mármore e de ouro de mais de cem côvados de altura, cingido por uma muralha fortificada que impedia seu acesso aos pagãos. Fílon gostaria de seguir o percurso dos simples fiéis, cruzar a primeira balaustrada, atravessar o pátio das Mulheres, depois o dos Homens, aproximar-se gradativamente do lugar dos sacrifícios e da Presença, mas Ezequias decidiu outra coisa. Cortou por uma porta lateral da muralha e o conduziu ao interior de uma das seis torres que protegiam o edifício. Ali, o comandante do Templo os fez esperar um pouco antes de introduzi-los numa pequena peça mobiliada com poltronas e tapeçarias, que costumava servir para as reuniões fechadas do Sinédrio. No fundo da sala, iluminado por dois imensos candelabros, o sumo sacerdote imperava sobre uma poltrona de bronze com franjas azuis. Era um homem na força da idade,

quarenta anos talvez, traços firmes e autoritários, barba fina, cabelos escondidos debaixo de uma grande touca. Vestia sobre a túnica de linho o éfode ornado com doze pedras preciosas que simbolizavam as doze tribos de Israel.

– Então este é o nosso visitante do Egito... Avance um pouco para que eu o veja.

Fílon deu um passo adiante sob o olhar inquisidor do sumo sacerdote.

– É uma honra para nós receber em Jerusalém o irmão de tão generoso benfeitor. Contaram-me que ele está doente, é verdade?

– Meu irmão contraiu uma febre maligna durante uma de suas viagens pelo Nilo.

– Para a coleta dos impostos, imagino?

– De fato. Ele é encarregado de receber as taxas desde Alexandria até Elefantina. E quando a estação está úmida nessas paragens...

– A água é sempre um dom do céu, mas nem sempre o homem sabe recebê-lo. Sabemos um pouco sobre isso aqui, nós a quem a chuva fez cruelmente falta este ano. Eu o associarei a nossas preces daqui a pouco. Ao menos já conseguiu ver as portas douradas?

– Não, ainda não. Viemos assim que possível e...

– São esplêndidas. Nossos ourives souberam lhes dar o brilho da luz divina. Tenho certeza de que seu irmão ficaria muito feliz com o resultado, talvez tão feliz quanto ficamos com o presente dele. Para agradecê-lo...

Levantou e foi até uma mesinha onde havia um bauzinho prateado. Abriu-o e tirou dali um objeto brilhante que estendeu a Fílon:

– Aqui está uma réplica da chave da porta superior. Entregará para ele em sinal de nossa gratidão. Com o reconhecimento eterno do Templo.

Fílon devia se sentir imensamente honrado com tal presente, no entanto, alguma coisa nos olhos do sumo sacerdote o vexava. Apressou-se em guardar a chave na dobra interior de sua túnica, onde se juntou à sua bolsa e a um pouco de dinheiro.

– Afora isso, prosseguiu Gad, voltando a sua poltrona, gostaria também de alertá-lo. Chegou aos meus ouvidos que você teve algumas dificuldades esta manhã com a autoridade romana. A propósito de um rebelde... E que o viram saindo da casa de Jeftê. Ficará chateado com meu conselho? Aproveite esta semana de festa, encha seu coração de luz, volte sua alma para o Senhor. Não é este o melhor momento para fazê-lo? Portanto, não entulhe seu espírito com essas questões de polícia. Há certo descontentamento entre o povo, é verdade. E as condições em que Jeftê morreu entristecem a todos. Mas o que você diria se nós da Judeia fôssemos perseguir os assassinos de Tebas ou de Alexandria? Não concorda, Ezequias?

Este assentiu, com uma expressão sombria, e Fílon se perguntou se aquele discurso não se dirigia mais ao velho do que a ele próprio.

– Aliás, temo que Ezequias tenha muito que fazer até a Páscoa para que possa se ocupar dessas coisas. Vai para Cesareia amanhã, é isso?

O interessado fez novamente que sim com a cabeça.

– Eis uma missão importante. Espero que tenha êxito, pois o censo não nos trará nada de bom... E lembre-se de transmitir as amizades do Templo ao procurador Coponius. Agora, se me perdoam, tenho que me preparar para os sacrifícios.

Agitou ligeiramente o punho como sinal de que a conversa acabara. No momento em que se virava para ir embora, Fílon pensou distinguir um movimento por trás das tapeçarias.

Uma corrente de ar ou o roçar de uma silhueta? Quis se aproximar para tirar aquilo a limpo, mas Ezequias o apressou a partir.

Uma vez do lado de fora, e antes que pudessem trocar uma palavra, o comandante do Templo se precipitou para eles:

– Estava à espreita de sua saída: o tribuno Julius quer vê-los na fortaleza Antônia.

– Agora?

– Agora, sim, vocês dois.

– É a hora dos sacrifícios e queríamos...

– As instruções são categóricas: devo conduzi-los imediatamente.

7 Um côvado equivale a cerca de 66 cm.

5

O tribuno militar Julius andava de um lado para o outro, passando diante da janela que dominava a esplanada do Templo. Da peça que lhe servia de quartel general, a vista era impagável sobre o santuário e quase se podia, forçando um pouco os olhos, distinguir os fiéis que se amontoavam para as cerimônias. Fílon estava se perguntando o que fazia ali, de pé, enquanto Ezequias fora convidado a se sentar e um estranho personagem vestido de preto o observava acintosamente do banco oposto.

– Fílon, é assim que se chama, não?

O tom de Julius não pressagiava nada de bom.

– Fílon de Alexandria... Fílon do Egito! Espantoso! Diga-me, egípcio, sabe o que aconteceu aqui há dez anos?

O legionário apontava para o lugar da Presença e o jovem levantou os ombros em sinal de que ignorava.

– Houve uma grande revolta em Jerusalém. Sob não sei que rei de vocês. O que sei, em contrapartida, é que os amotinados se refugiaram naquele átrio e resistiram por vários dias aos soldados que os sitiavam. Vários dias! Graças à espessura das muralhas e das torres que protegem esse... esse... ah! Não compreendo nem que chamem isso de templo. Uma casa vazia, na verdade, construída para um Deus sem rosto nem estátua. Um Deus que vocês afirmam estar em toda parte e em nenhuma mas cujo nome proíbem-se pronunciar! E, apesar disso, centenas de milhares de pessoas em breve estarão aqui para adorá-lo! Confessem que não é fácil compreender vocês judeus...

– Ninguém obriga os romanos a ocuparem...

Julius explodiu:

– Eu sei! Sei o que pensa! Ninguém obriga Roma a ser o maior império do mundo. Ninguém obriga Roma a ocupar a Palestina! Vocês só sabem dizer isso, todos vocês! Sem ver que, se não

estivéssemos aqui, continuariam guerreando entre si, com todos os seus reis, seus chefes de clãs, seus partidos religiosos e não sei mais o quê... Sem ver que Roma lhes oferece a paz, o comércio, a prosperidade. A ordem! Sim, a ordem!

– A ordem não é a liberdade.

Por um instante, Fílon pensou que o tribuno ia estapeá-lo. Este conseguiu se controlar e retomou em tom mais calmo:

– Não a liberdade de se revoltar, realmente, isso não. E, a esse propósito, não conte comigo para lhes entregar Jerusalém. Obtive o reforço de três mil homens que estarão aqui em dois dias. Mesmo que tenha que derrubar as muralhas do santuário, manterei esta cidade.

Olhou Fílon bem nos olhos:

– Pode dizer isso a seus amigos.

– Meus amigos?

– Não banque o inocente. Esperava realmente me enganar com suas patranhas? Esse rebelde que o atacou por trás e sobre o qual nada sabe? No entanto, foi com seu cavalo que ele fugiu. E, por um extraordinário acaso, você se encontra duas horas depois na casa daquele fariseu assassinado.

Ezequias levantou-se de um salto:

– Sou o único culpado disso, tribuno Julius. Nunca deveria ter levado este jovem comigo, reconheço. Mas a notícia desse crime me deixou aturdido e...

– Não se canse à toa, Ezequias. Não acredito muito em coincidências. Esse assassinato, em minha opinião, é obra dos rebeldes, que pretendem utilizá-lo para sublevar o povo. Ora, eles precisam de apoio, e esse jovem veio bem a calhar.

Apontou para Fílon um indicador acusador:

– Aliás, egípcio, não haveria em sua família um Davi ou um Jacob?

Fílon ficou sem saber o que responder:

– Não entendo...

– Davi ou Jacob. Um pai, um tio, um primo? Fale!

– Não... entre meus parentes próximos não.

– Perdoe-me ainda uma vez, interveio Ezequias. Esse interrogatório... Tribuno, está se dirigindo ao filho de uma das

melhores famílias de Alexandria – e suas perguntas são no mínimo estranhas.

– Estranhas, sim, é a palavra certa. Emilius, explique-lhes o que descobriu.

O homenzinho de preto, calado até então, deixou seu banco e tomou a palavra:

– Meu nome é Emilius, sou o médico desta guarnição. O tribuno militar me pediu para examinar esta tarde o cadáver desse tal de Jeftê. Para começar, devo esclarecer que já vi muitas guerras e combates sangrentos. Pensava conhecer tudo sobre a ferocidade dos homens e sobre o prazer que alguns sentem em matar seus semelhantes. Entretanto, jamais me deparei com um caso como esse. Minha impressão... Minha impressão é de que a vítima foi assassinada por outras razões que não sua simples morte. Quero dizer que não desejavam apenas que ela morresse, mas fazer de sua morte uma espécie... uma espécie de exemplo. Ou melhor, de advertência. Que tipo de advertência, para quem e por quê, eis o que ignoro.

Fez uma curta pausa para enxugar suas têmporas, como se a lembrança do cadáver ainda o perturbasse.

– O criminoso primeiro o estrangulou, quebrando-lhe o pescoço de maneira que não pudesse gritar nem se debater. Isso não deve ter sido difícil, pois o homem era bastante fraco e idoso. A seguir... a seguir ele o matou uma segunda vez, por assim dizer, lacerando seu peito com uma faca. Poderia se tratar de um ato de vingança, evidentemente, uma forma de ódio ou de loucura. Mas a maneira como o assassino executou seu gesto dá a entender, ao contrário, que ele estava em plena posse de suas faculdades. Vocês devem ter reparado no cadarço que costurava os lábios de Jeftê. Pois bem, quando o soltei para abrir sua boca, encontrei isto sob sua língua...

Tirou de seu bolso um minúsculo estojo de couro da grossura de um mindinho, e apresentou-o a Ezequias.

– É um *tefilin*, comentou este. Os mais pios dentre nós costumam atá-los ao braço esquerdo, o mais perto possível do coração. Esses saquinhos contêm, na maior parte das vezes, versículos da Bíblia. Do Êxodo ou do Deuteronômio, em geral. É uma forma de levar consigo a sabedoria do Altíssimo, pois os livros

dizem: “Colocai estas minhas palavras no vosso coração e na vossa alma, atai-as como um sinal em vossa mão” Mas...

Abriu delicadamente o estojo:

– Aparentemente, esse *tefilin* está vazio.

– Quando o soltei, havia dentro um pedaço de pergaminho, enrolado várias vezes em si mesmo e amarrado com um cabelo.

– Um cabelo... De fato, é a tradição. E esse pergaminho, onde está agora?

O tribuno Julius avançou agitando uma folha amarela, do tamanho da palma da mão e um tanto amassada:

– Está aqui. Tivemos dificuldade, Emilius e eu, em interpretar seus caracteres e solicitamos ajuda. É para isso também que os chamamos aqui: o conjunto dessas palavras não faz nenhum sentido para nós.

Entregou a folha a Ezequias que, após tê-la percorrido rapidamente com os olhos, leu seu conteúdo em voz alta[8]:

Mas, no dia do Nazireno,
último rebento de Davi vindo do país do Egito,
se o sangue de Jacob verter seu próprio sangue,
se ele pecar de novo face a seu Deus,
então Eu farei o Belial subir dos abismos
e, com ele, a tropa de Assur no seio de Israel!

Houve um momento de estupor. Fílon aproveitou-o para decifrar o texto por sua vez:

– Está mesmo escrito em hebreu, confirmou, mas o desenho das letras é bastante arcaico. Hebreu antigo, provavelmente, talvez mesmo de antes do Exílio[9].

– Quer dizer que conhece a história das línguas, egípcio?

– Ao contrário do que imagina, tribuno, estou longe de ser um soldado ou um guerreiro. É aos estudos que consagro a melhor parte de meu tempo.

– Estudos, retorquiu o romano, aquele que escreveu essas linhas também deve tê-los feito...

Ezequias alisava nervosamente sua barba:

– Foi por causa desse pergaminho que nos interrogou agora há pouco sobre um Davi ou um Jacob, não é mesmo?

– Certamente! A semelhança não salta aos olhos? Detenho esse rapaz hoje de manhã, ocorre um assassinato, e eis que descobrimos na boca do morto uma mensagem obscura sobre um desconhecido vindo do Egito que derramaria o sangue de Jacob. É mais do que o suficiente para...

– Está no caminho errado, Julius, garanto-lhe. Para mim, esse pergaminho só pode ser uma profecia.

– Uma profecia?

– Sim. Sobre a chegada do Messias.

O tribuno deu uma grande gargalhada:

– O Messias! Não vai dizer que acredita nessas balelas! Que é como um desses imbecis que recolhemos nas ruas enquanto...

– O importante não é aquilo em que acredito. E tampouco estou afirmando que esse texto seja autêntico. Aliás, salvo engano de minha parte, ele não foi tirado diretamente dos Livros.

Interrogou Fílon com o olhar.

– Essas frases não evocam nada de preciso para mim, admitiu o jovem. Nem nos escritos hebreus, nem na tradução grega que utilizam no Egito... Se são citações, provavelmente não estão exatas.

– Nesse caso, por que falar de profecias? inquiriu Emilius.

– Por causa de todos esses termos, respondeu o velho. O “dia do Nazireno”, em primeiro lugar. Um nazireno é alguém importante entre nós, alguém muito crente, que devota sua existência ao Todo-Poderoso. Não é um sacerdote, pois não serve no Templo, mas deve viver em meio aos homens numa piedade constante até o cumprimento de seus votos. Alguns veem profetas nos nazirenos, outros acreditam que será entre eles que, um dia, se erguerá o Salvador. O “dia do Nazireno” significaria que esse momento se aproxima...

– Ao menos, os rebeldes têm todo interesse em fazer com que se acredite nisso...

– Também penso assim. Mas não é só isso. Há muito tempo, diz-se entre o povo que o Messias será da linhagem de Davi, o maior rei que já tivemos. Essa ascendência atribuída ao Nazireno, “último rebento de Davi”, corroboraria a ideia de que ele tenha sido escolhido pelo Senhor...

– E quem é esse Jacob?

– Esse Jacob, como diz, era o neto de Abraão. Foi dele que nasceram as doze tribos que formam hoje Israel. Assim, “o sangue de Jacob” designa, na verdade, o conjunto dos judeus. Trata-se portanto de um alerta a todos os judeus: se continuarem a viver no pecado, o Todo-Poderoso enviará o Belial para puni-los: *“... se pecar de novo face a seu Deus, então Eu farei o Belial subir dos abismos...”* O Belial, ou seja, o demônio. Esse tipo de advertência é muito comum nas profecias.

Pela janela, Julius considerou por um momento o Templo, de onde subiam as primeiras fumaças dos sacrifícios. Parecia estar seguindo uma reflexão interior, e seu tom era distante:

– Aceitar a presença romana constitui um pecado aos olhos desse tipo de profecia?

Ezequias não hesitou:

– Para um judeu, a presença de soldados estrangeiros em Jerusalém é necessariamente uma mácula. De certa maneira, o texto chega a fazer alusão a isso: Assur era outrora a capital dos conquistadores assírios e “a tropa de Assur” representa os invasores. Invasores frequentemente associados ao demônio...

– Invasores assírios ou romanos, isso não faz muita diferença, suponho...

Então, como se a resposta pouco lhe importasse, concluiu ele próprio:

– Sim, acredito que ele seja bem capaz de inventar semelhante estratagema.

– Vamos, Julius! arrebatou-se Ezequias. Não pensa seriamente que nosso jovem amigo, recém-chegado de Alexandria...

O tribuno militar se virou. Não havia mais nele o menor vestígio de indecisão:

– Não é do egípcio que estou falando. Embora ainda não saiba até que ponto esteve envolvido nesse caso e o desaconselhe a se colocar de novo em meu caminho. Não, era ao chefe dos rebeldes que estava aludindo. Judas, o Galileu. Certamente já ouviram esse nome...

– Há... há murmúrios aqui e ali.

– É ele que está federando os insurgentes. É inteligente e astuto, e esse pergaminho pode muito bem ser uma manobra sua. Primeiro, assassina o fariseu para provocar a cólera do povo, a seguir, inflama-o com essa história de profecia... Tudo isso conjugado à festa da Páscoa e à multidão dos peregrinos... Estou quase certo de que tentarão alguma coisa. Por estes dias. Mas saberei lhes dar as boas-vindas, podem acreditar.

– Isso não explica como ele pôde ter entrado e saído da casa de Jeftê, objetou Ezequias.

– Talvez Judas não o tenha matado com suas próprias mãos. É mesmo provável que o culpado seja o rebelde que desentocamos no bairro dos perfumistas. Quanto à maneira como procedeu...

Coçou a testa.

– Pode ter contado com um cúmplice dentro da casa. O escravo, por exemplo.

– Mandu? Era apegado a seu amo como a seu próprio pai!

– Não seja tolo, Ezequias! Um escravo é sempre antes de tudo um escravo!

Depois de vacilar por um instante, Fílon arriscou:

– Se me permite, tribuno. Não estou muito a par do que se passa aqui, mas... Parece-me que, se quisessem sublevar Jerusalém, teria sido mais simples escrever esse texto em aramaico. É a língua utilizada pelo povo, aquela que ele fala e lê mais correntemente, inclusive aqui em Jerusalém. Já o hebreu dos antigos é conhecido apenas por um pequeno número de escribas e letrados. Da mesma forma, essa alusão à “tropa de Assur”... É provável que a maioria dos fiéis não a compreenda. Acusar o atual... o atual ocupante teria sido mais... mais seguro e mais lógico.

Julius o mediu com os olhos:

– É exatamente o tipo de defesa que Judas, o Galileu, utilizaria. Sutil e hipócrita. Mas continue, egípcio, aonde quer chegar?

– Puxa, nem eu mesmo sei. Parece-me, no entanto, que o mesmo se aplica a esse pobre Jeftê. Não vejo em quê esses cortes e a maneira como mutilaram seu corpo poderiam favorecer a causa dos rebeldes. Além disso... e se o pergaminho não tivesse sido encontrado? É um desvio bastante complexo para levá-lo ao conhecimento do povo!

– Nesse caso, por que essa morte e essa mensagem, pode me dizer? Por que essa denúncia dos invasores? Por que tão perto da Páscoa e justamente no momento em que os rebeldes preparam suas armas? O que um deles estava fazendo justamente esta manhã no bairro dos perfumistas? Você dedica sua vida aos estudos, meu rapaz; eu sou responsável pela ordem nesta cidade. Ora, tudo me faz pensar que alguns de seus amigos decidiram perturbá-la.

Quando finalmente puderam deixar a fortaleza Antônia, a hora dos sacrifícios já passara e o Templo se esvaziava de seus fiéis. Ezequias propôs irem admirar as portas douradas, mas Fílon se sentia esgotado pela viagem e pelos tumultos do dia. Preferiu voltar para casa e deitar um pouco, enquanto Ezequias terminava de preparar sua entrevista com o procurador de Roma.

Em matéria de descanso, o jovem dormiu seis horas seguidas.

Ao despertar, a noite já caíra e seu anfitrião permanecia incomunicável. Saiu para o jardim e encontrou sob as amendoeiras com o que matar sua sede e saciar sua fome. O ar estava morno, a claridade da lua fazia a sombra das árvores brincar na água cristalina do tanque, e toda uma família de grilos cantava ruidosamente.

Logo seus pensamentos o reconduziram aos acontecimentos do dia. A agressão, o assassinato, as suspeitas do tribuno. Aquela estranha profecia, escrita à maneira dos antigos. Os rebeldes? Julius estava convicto de serem eles os culpados. Esquecia-se de que combatiam em nome do Todo-Poderoso e que o assassinato de Jeftê, homem de sabedoria e de fé, ofendia gravemente o céu. Judas, o Galileu, podia ignorar isso? E assim fundar a guerra santa num pecado abominável? Nesse caso, a pureza de Jerusalém não seria mais do que um subterfúgio para tomar o poder.

Quanto ao conteúdo do pergaminho... De memória, Fílon passou em revista os profetas do Livro, buscando aquele a que o texto poderia melhor corresponder. Conhecia bem as Escrituras por tê-las lido desde muito jovem tanto em hebreu quanto em grego; depois, por tê-las estudado profundamente na sinagoga. A Bíblia conservara a predicação de cerca de vinte daqueles conhecidos também como

nabis ou inspirados: Samuel, Elias, Eliseu, Isaías, Jeremias, Ezequiel, Oseias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias e Daniel. O pergaminho encontrado na boca de Jeftê era de um estilo que evocava a escrita de antes do Exílio, o que permitia eliminar todos os profetas que viveram e professaram *depois* da deportação para a Babilônia. Ou seja, Abdias, Jeremias, Ezequiel, Ageu, Joel, Zacarias, Jonas, Malaquias e Daniel.

Além disso, a mensagem fazia referência aos conquistadores de Assur, o que queria dizer que seu autor não vivera antes das invasões assírias. Os nabis mais antigos, Samuel, Elias e Eliseu, tampouco podiam, portanto, ter servido de modelo. Restavam sete profetas, contemporâneos do império assírio, aos quais a mensagem podia fazer referência: Amós, Oseias, Isaias, Miqueias, Naum, Habacuc e Sofonias. O jovem não sabia de cor o detalhe de suas prédicas e prometeu para si mesmo que voltaria a mergulhar nelas assim que possível. Com a esperança de encontrar o quê? Não tinha a mínima ideia. Estava certo apenas de nunca ter lido aquela passagem em nenhum dos livros sagrados.

Estava se perguntando se seu anfitrião não teria em casa os rolos dos profetas quando percebeu como que um passo abafado e um estalido de galhos vindo da direita. Foi então que se deu conta do silêncio que o envolvia. Nada se mexia. Nem os grilos cantavam mais... Teve apenas o tempo de se aperceber de um reflexo escuro e deformado na água do tanque e se jogou instintivamente para o lado, arrastando o banco em sua queda. Com um forte zunido, um objeto brilhante passou a meia polegada de seu rosto. Então, ouviu um barulho de corrida desenfreada. Levantou a cabeça e viu uma forma escura fugindo para o fundo do jardim. Foi atrás dela, mas logo tropeçou numa jarra repleta de flores. Até que voltasse a levantar, a forma já desaparecera.

Correu mesmo assim na direção em que tinha seguido até chegar ao muro da propriedade. Ninguém... Naquele ponto, o muro media bem sete ou oito côvados de altura e, sem uma escada, não havia como... Seus olhos começaram a se acostumar com a escuridão e distinguiu então uma portinhola, nem bem do tamanho de um homem. Empurrou-a: aberta. Dava para uma espécie de

ruela que servia a parte de trás de várias belas casas. Um caminho para os jardineiros e domésticos, talvez. Entrou ao acaso na ruela e teve que se render à evidência: estava deserta.

O homem conseguira escapar...

De volta ao jardim. Fílon inspecionou os arredores do tanque e acabou descobrindo, cravada na terra, a faca que fora lançada nele. Teve, de início, um movimento de surpresa. A lâmina era ligeiramente curva e afiada, mas sobretudo o cabo de marfim era esculpido com motivos geométricos que reconheceu imediatamente. Era um punhal idêntico àquele que tomara do rebelde aquela mesma manhã no estábulo de Aceldama! O punhal... A arma dos rebeldes! Era a segunda vez que o atacavam! O tribuno Julius talvez não estivesse enganado imputando-lhes o assassinato de Jeftê.

Voltou às pressas para a casa a fim de informar Ezequias do que acabava de acontecer. A penumbra reinava nos corredores e teve um pouco de dificuldade para encontrar a ala oeste onde ficavam os aposentos do membro do Sinédrio. Suado, arquejante, presa de uma viva excitação, não viu a princípio Nertari que se dirigia a ele com uma tocha na mão. Estava vestida apenas com uma leve túnica que mal lhe cobria o joelho:

– O que houve? sussurrou ela. Está perdido?

– Preciso falar com Ezequias, respondeu Fílon, é urgente.

– Lamento, meu amo acaba de dormir. Trabalhou até tarde e partirá amanhã na primeira hora para Cesareia. Pediu para não ser incomodado.

– Preciso lhe contar uma coisa, é muito importante!

– Mais importante do que sua missão junto ao procurador de Roma? Uma questão de paz ou de guerra, pelo que ele disse.

– Talvez, mas...

– Não o deixarei acordá-lo, tenho ordens. Se quiser conversar com ele, terá que esperar até amanhã.

Diante do olhar determinado da jovem, Fílon hesitou em empurrá-la contra a parede e forçar a passagem. Ou senão gritar o nome de Ezequias até que este aparecesse. No final, preferiu não insistir. Esperaria até o amanhecer. Simplesmente, antes de dar meia-volta, disse para a escrava:

– Acorde-me antes da partida dele, preciso falar com ele sem falta. E mande alguém verificar as portas do jardim: a do fundo ficou aberta.

Chegando a seu quarto, Fílon pegou debaixo da cama a sacola onde escondera a primeira faca de cabo de marfim. Queria compará-la com aquela que acabava de encontrar.

Foi então que compreendeu: a sacola estava vazia. Havia apenas uma única e mesma arma. Alguém entrara em seu quarto e roubara o punhal antes de utilizá-lo contra ele.

8 Originalmente, o hebreu era escrito apenas com consoantes. Só a leitura em voz alta permitia restituir suas vogais.

9 Em 587 a.C., Nabucodonosor se apodera de Jerusalém e deporta uma parte de sua população para a Babilônia: é o Exílio.

6

A noite foi agitada. Fílon lutou contra o sono para garantir que não perderia a partida de Ezequias, mas acabou adormecendo. Quando finalmente abriu os olhos, o sol já ia alto. Vestiu-se às pressas, atou o punhal do rebelde no interior de sua túnica e partiu furioso à procura de Nertari. Vários domésticos estavam trabalhando na casa e ele vagou por algum tempo até encontrar a jovem escrava na cozinha, onde estava dando ordens.

– Por que não me acordou?

Ele a segurou pelo punho, ela se soltou com um gesto brusco:

– Não toque em mim! Foi meu amo que não quis que incomodassem você. Disse que estava precisando descansar e que estaria de volta no mais tardar em três dias. E que até lá podia ficar aqui como se estivesse em sua casa. Disse também que o enterro de Jeftê aconteceria duas horas antes do meio-dia no cemitério da porta dos Carneiros. Que você podia ir se assim desejasse.

– Mas era indispensável que eu falasse com ele! Um homem me atacou ontem à noite no jardim, com uma faca! Uma faca que furtou em meu próprio quarto.

Ela sequer baixou os olhos, como se a notícia não a surpreendesse nem um pouco.

– De fato, um ladrão entrou na casa. Cometeu vários furtos, entre os quais o de um broche de ouro que meu amo me deu. Acho que você tinha razão: um dos criados que cuida do jardim deixou uma porta aberta. Foi provavelmente por ali que...

– Mas então por que ele lançou esse punhal contra mim?

– Não sei o que lhe dizer. Com toda a violência destes últimos dias... Talvez tenha pensado ter sido descoberto e ficou com medo?

Sua voz tremia ligeiramente e Fílon intuiu que ela estava mentindo. Mesmo assim, ela sustentou seu olhar com um ar desafiador e o jovem compreendeu que não obteria nada dela até o

retorno de Ezequias. Dali em diante, deveria ficar com o pé atrás. Mesmo assim, pediu a ela que lhe indicasse a sinagoga dos alexandrinos, na cidade velha, e o caminho da porta dos Carneiros. Então se retirou para seu quarto e fez uma leve refeição de frutas, coalhada e biscoitos de pistache.

O dia prometia ser quente...

Duas horas antes do meio-dia. Fílon atravessou a cidade em direção ao norte. Nas ruelas, a algazarra era cada vez maior e o mercado de produtos frescos transbordava de gritos e de agitação. Os vendedores de romãs ou de vinagre diluído faziam fortunas com os peregrinos sedentos, enquanto os legionários tentavam controlar a confusão, especialmente as crianças que corriam para todos os lados e jogavam pedrinhas furtivamente.

Fílon deixou o Templo à sua direita, contornou a fortaleza Antônia e se juntou à procissão fúnebre depois de ter passado a fonte dos Carneiros, para além dos muros. Só mais tarde veio a saber que a comunidade dos fariseus comprara uma das grotas da vertente do Cédron para ali sepultar aqueles de seus membros que o desejassem. Normalmente, Jeftê deveria ter sido enterrado no mesmo dia de sua morte, mas o caráter excepcional dos acontecimentos atrasara a cerimônia. O que não impediu que mais de quinhentas pessoas acompanhassem a liteira sobre a qual repousava o cadáver, simplesmente envolto num sudário branco. Segundo a tradição, o defunto devia ser colocado assim no interior da grota até que suas carnes secassem e seus ossos pudessem ser postos dentro de um sarcófago de pedra. Em meio às lamentações das carpideiras e às flautas dos músicos, era difícil adivinhar o que cada um sabia sobre as circunstâncias da morte. Aparentemente, a mágoa e a dor prevaleciam sobre a cólera e a revolta: a maior parte das pessoas devia ignorar a verdade. Alguns membros da família tinham rasgado suas roupas. Alguns homens tinham esfregado o rosto com terra ou cinzas. Muitos deles levavam os signos distintivos dos fariseus: uma fita azul prolongada por franjas na parte de baixo de suas túnicas.

Fílon seguiu na contracorrente do cortejo até perceber Betsabel. A jovem estava sendo carregada em outra liteira, um pouco mais

baixa, e, do véu que cobria seu rosto, emergiam apenas duas pupilas de um preto flamejante. Ele não sabia se ela o notara ou não. Durante a celebração, observou atentamente as reações de seus vizinhos, procurando na multidão uma silhueta que recordasse a de seu agressor da véspera, ou qualquer outro indício que o colocasse na pista do assassino. Senão, por que Ezequias o teria aconselhado a assistir ao funeral? Mas todos pareciam sinceramente tristes, exceto os quatro legionários que enxugavam seu suor constantemente entre dois suspiros exaustos.

Finalmente, após uma última salva de cantos e preces, rolaram uma enorme pedra redonda para obstruir a entrada da grota. A procissão começou então a se desfazer.

Fílon se preparava para também voltar à cidade quando viu Mandu se aproximar lançando olhares preocupados a seu redor:

– Minha ama pede que venha à casa dela esta tarde. Ela precisa do senhor.

– Esta tarde? E seu luto? Eu não queria...

– Ela vai dar um jeito de estar sozinha. Conta com o senhor.

– É que...

O escravo já se afastava.

Fílon julgou aquele pedido um tanto surpreendente. Por outro lado, não ficava triste em rever a jovem. E quem sabe poderia descobrir coisas úteis para sua investigação?

A sinagoga dos alexandrinos ficava na cidade baixa, perto do hipódromo que o rei Herodes mandara construir ao sul do Templo. Ocupava um pequeno prédio onde os peregrinos da cidade egípcia podiam se reunir para estudar a Torá e mesmo residir ali durante sua estadia. Por sorte, Fílon foi logo recebido por aquele que vinha procurar:

– Abydelios, meu mestre! Estou tão feliz em revê-lo!

– Fílon? Fílon, é mesmo você? Que a felicidade ilumine este dia! Disseram-me que viria a Jerusalém, mas não esperava...

Abraçaram-se e o velho rabino enxugou uma lágrima. Por vinte e cinco anos, fora responsável pala sinagoga de Alexandria, e fora ele que ensinara a Fílon quase tudo que este sabia das Escrituras. Depois, com a idade, desejara se instalar em Jerusalém para

terminar sua vida perto do Templo. Hoje, encarregava-se de receber seus compatriotas em peregrinação, de presidir às leituras santas e, uma vez por semana, de dar aulas às crianças do bairro.

– É um homem agora. Um adulto e um bom judeu, que o Senhor me ouça! E seu irmão, como anda?

– Está doente há algumas semanas, mas me fez prometer que o cumprimentaria.

– Aquilo era uma peste! Incapaz de ficar quieto! Gentil no fundo, um bom rapaz. Menos dotado do que você para o estudo e o comentário, isso é certo. E seu pai?

O assunto era delicado, Abydelios o sabia.

– Bom, vemo-nos o mínimo possível...

– Ele não mudou, hein? Quer que você assuma os negócios dele ou se coloque a serviço dos romanos, é isso? Os pais sempre acreditam saber o que é melhor para seus filhos. No entanto, há apenas um juiz aqui embaixo. Mas, e você, o que decidiu?

– Eu... ainda não sei bem... Segui os cursos de Arius Didymus estes dois últimos anos. Gramática, retórica, dialética, geometria... Mas foi a filosofia que mais me interessou. Sobretudo Platão e Aristóteles...

As mil rugas do velho sábio compuseram uma expressão de censura:

– Desconfie de todos esses pagãos, Fílon. No fim das contas, afastam-nos da verdade.

– Não sei, rabino. Parece-me que seu pensamento se inspira muitas vezes nos mesmos princípios que... Quero dizer que a Bíblia não está tão afastada de uma parte de seu sistema. Que eles puderam extrair dele fundamentos para...

– Ah! Não quero nem escutar mais. E seu amigo Memnos que afirmava ano passado que você iria viver com os terapeutas[10]. Que belo religioso você seria com as ideias de seu Platão!

– Cheguei a pensar em me retirar junto aos terapeutas, é verdade. Mas não estava suficiente seguro para fazê-lo.

– Então agiu bem. Aquele que se volta para o Todo-Poderoso só deve apresentar a ele sua melhor parte. Mas estou entediando você com todas essas perguntas. Conte-me sobre esta viagem? O que acha de Jerusalém? Viu as portas douradas do Templo?

– Para ser franco, ainda não tive tempo desde que cheguei aqui. O acaso quis que me envolvesse em toda essa confusão em torno da morte de Jeftê. O senhor o conhecia?

– Jeftê? Um alto dignitário fariseu. Conversamos uma ou duas vezes, só isso. Parecia um homem honesto e de uma fé escrupulosa. O que lhe valeu algumas brigas com os do Templo. Ele e o sumo sacerdote Gad não se bicavam...

– A velha rivalidade entre fariseus e saduceus?

– Estou aqui há apenas três anos, você sabe. Mas, para além disso, acho que suas personalidades não combinavam. Ele... ele foi morto por um louco furioso, ao que dizem?

– Ele foi morto selvagemente, sim. O assassino conseguiu fugir e não se sabe muita coisa. Exceto...

Fílon hesitou antes de continuar. Mas não tinha toda a confiança no velho rabino?

– Descobriram um pedaço de pergaminho em seu corpo. Uma espécie de profecia.

Recitou:

Mas, no dia do Nazireno,
último rebento de Davi vindo do país do Egito,
se o sangue de Jacob verter seu próprio sangue,
se ele pecar de novo face a seu Deus,
então Eu farei o Belial subir dos abismos
e, com ele, a tropa de Assur no seio de Israel!

– Pude ver o pergaminho. Estava em hebreu antigo. Acha que pode corresponder a uma passagem das Escrituras?

Abydelios fechou os olhos como sempre fazia ao recorrer a sua imensa memória dos textos.

– Não, acabou por responder. Não são versículos do Livro. Embora certos aspectos... Uma profecia? De fato, lembra os rolos dos profetas. Em todo caso, é o que mais se aproxima.

– É por isso também que vim visitá-lo, rabino. Gostaria de consultar os rolos. Principalmente os de Amós, Isaías, Oseias, Miqueias, Naum, Habacuc e Sofonias.

Abydelios apreciou como bom conhecedor:

– Os sete profetas do período assírio, não é? Por causa da cidade de Assur? Bela dedução. Fico feliz que continue tendo a mente tão alerta! Venha, vou lhe dar o que quer.

Atravessaram a grande sala de reuniões, com suas duas fileiras de colunas e seus bancos encostados nas paredes, onde meia dúzia de homens meditava em silêncio sob seus xales de oração. Bem na ponta, um nicho na parede permitira instalar um belo baú esculpido, de duas tampas, que encerrava os exemplares do Livro. À direita em hebreu, à esquerda em grego. Abydelios escolheu sete rolos na parte direita e conduziu Fílon a uma peça contígua, mobiliada com uma mesa inclinada para facilitar a leitura.

– Fique à vontade, há vários hóspedes de que devo me ocupar.

Fílon pôs-se ao trabalho. Começou pelo rolo mais grosso, o de Isaías, que era também seu nabi preferido. A força de sua predicação era tamanha, seu verbo tão poderoso e sua poesia tão rude que se tinha a sensação de ouvi-lo trovejar através dos séculos contra os judeus infiéis ou os chefes incapazes. Depois releu o livro de Amós, que se indignava contra a corrupção dos ricos e a miséria dos pobres; o de Oseias, que comparava Israel a uma mulher adúltera; o de Miqueias, que processava seu povo em nome do Todo-Poderoso; o de Sofonias, que anunciava a destruição de Jerusalém antes de sua restauração futura; o de Habacuc, que interrogava o céu sobre as causas do castigo divino; e o de Naum, finalmente, cujas folhas de couro enroladas tinham sido recosturadas várias vezes, e que predizia a queda do Império assírio.

Ao terminar esse primeiro inventário, Fílon observou que, dos sete inspirados, apenas cinco evocavam nominalmente a cidade de Assur: Oseias, Isaías, Miqueias, Naum e Sofonias. Devia, portanto, ter sido um desses cinco nabis que o autor do pergaminho tomara como modelo. Mas não era fácil levar adiante esse raciocínio: Isaías aludia à descendência do rei Davi; Oseias via subir do Egito o filho de Deus; Miqueias mencionava o crime de Jacob; Naum alertava contra o Belial; e Sofonias implorava pelo dia do Juízo... A menos que o assassino tivesse tentado imitar os cinco profetas ao mesmo tempo!

Além disso, se Fílon sentia como que uma familiaridade entre o pergaminho e esses textos, era incapaz de ver em quê isso esclarecia o assassinato de Jeftê.

De maneira que, quando deixou a salinha para devolver os rolos, foi com uma expressão de frustração que Abydelios o encontrou.

– Não obteve o que procurava, meu filho?

– Algumas confirmações, rabino, mas nenhuma certeza. Essa mensagem está em estreita relação com os profetas, disso estou certo. Provavelmente Isaías, Miqueias, Naum, Oseias ou Sofonias... Ou os cinco juntos! Não é por acaso que...

Percebeu então, na sala das colunas, um último fiel que ficara sozinho sob seu xale de oração. O jovem retomou, bem mais baixo:

– Não é por acaso que o assassino deixou esse pergaminho em sua vítima. Tampouco é por acaso que essas palavras e essas frases foram escritas à maneira dos nabis. Tudo isso deve ter um sentido particular para ele. Se conseguíssemos descobri-lo...

Abydelios sorriu. Era aquele mesmo o garoto entusiasta que corria, dez anos antes, através da sinagoga de Alexandria para lhe submeter a interpretação de um salmo que acabara de ler.

– Esqueceu, meu filho? No entanto, eu sempre lhe disse e repeti: para compreender os inspirados é preciso ser também, ao menos um pouco, um inspirado...

Invisível sob o tecido, o desconhecido balançou a cabeça com um sorriso mau.

10 Espécie de ordem monástica judaica que levava uma existência contemplativa à margem do lago Mareotis, perto de Alexandria.

7

Ao sair da sinagoga dos alexandrinos, o calor caiu como um saco de pedras sobre os ombros de Fílon. Refugiou-se sob uma figueira onde um mercador ambulante vendia filés de peixe seco, fatias de melão amarelo e uma bebida que lhe pareceu deliciosamente fresca, à base de leite de cabra e menta selvagem. Tomou a seguir a direção do bairro dos perfumistas, olhando por cima dos ombros diversas vezes para se certificar de que não estava sendo seguido. Perto da casa de Jeftê, fingiu interessar-se pelos unguentos e frascos de perfume que uma velha vendia em sua minúscula tenda. Enquanto ela gabava para ele as virtudes de seus óleos essenciais de jasmim ou de canela e o brilho incomparável de suas maquiagens de cinábrio e antimônio, Fílon vigiava os arredores com o rabo do olho. Nenhum romano à vista. Ótimo, não tinha a mínima vontade de cair de novo nas mãos do tribuno Julius. Acabou comprando um bálsamo de cravo supostamente capaz de baixar a febre, cicatrizar ferimentos e, de quebra, afastar os maus espíritos – virtudes de que Fílon talvez precisasse em breve.

Então foi bater à porta de Jeftê. Mandu abriu com o mesmo olhar angustiado que tinha no funeral de seu amo.

– Rápido!

Puxou Fílon para dentro e fechou o ferrolho. Conduziu-o então até a sala de visitas onde Betsabel esperava, deitada sobre almofadas como em seu primeiro encontro. Mais uma vez, o jovem ficou impressionado com a perfeição de seu rosto, o brilho negro de seus olhos, sua pele cor de cobre e a feroz determinação que emanava de seus traços.

Ela indicou a poltrona à sua frente:

– Sente-se, por favor. Obrigada por ter vindo.

– Confesso que seu convite me surpreendeu um pouco.

Pronunciara essas palavras mecanicamente, mas não era exatamente o que queria dizer. Percebeu que estava intimidado.

– Eu não tinha escolha, queira me desculpar. Como lhe dizia ontem, estou... estou resolvida a encontrar aquele que matou meu pai. Custe o que custar.

Sua voz demonstrava um grande controle, como se tivesse aprendido a esconder suas emoções por anos a fio. Uma consequência de sua enfermidade?

– Ora, acontece que não tenho confiança em ninguém. Nem no Sinédrio nem nas autoridades romanas.

– Garanto-lhe, no entanto, que Ezequias está fazendo o máximo possível...

– Ezequias foi para Cesareia ver o procurador Coponius. Todos sabem disso. Além do mais, não tem o menor interesse em entrar em conflito com os do Templo: é um de seus maiores fornecedores. Portanto, nada fará que possa realmente contrariá-los.

– E o que poderia contrariar os do Templo?

– A descoberta do assassino de seu rival, o chefe dos fariseus.

– Não está querendo insinuar que os saduceus têm algo a ver com esse crime, está?

– Não tenho nenhuma certeza. Constato apenas que, se alguém deve estar aliviado com o desaparecimento de meu pai, este alguém é o sumo sacerdote Gad, o principal alvo de suas críticas.

– Havia razões para isso?

– Gad foi nomeado sumo sacerdote há cinco anos, no reinado de Arquelau. Teceu à sua volta uma rede de corrupção e de venalidade em que está hoje enredada a metade das famílias mais ricas da cidade. Foi aliás o que lhe permitiu manter seu posto após a queda de Arquelau. Diversas vezes, meu pai o acusou de confundir o tesouro do Templo com seu próprio bolso. Chegou mesmo a ameaçar trazer a lume a prova disso.

– Isso não justificaria esse... crime horrível.

– Talvez não. No entanto, pode justificar que Gad não queira que as investigações se aprofundem. É o tipo de coisa que Ezequias certamente não ignora.

– Mas não há só o Sinédrio! Os romanos também estão se esforçando para encontrar o culpado. E não têm nenhuma razão

para poupar os saduceus!

– Não esteja tão certo disso. Os romanos desejam acima de tudo manter a ordem em Jerusalém, e a ordem passa em primeiro lugar pelo Templo. Sem contar que o tribuno Julius está obcecado com os rebeldes. A morte de meu pai lhe permitirá obter reforços com mais facilidade.

Fílon foi obrigado a reconhecer que ela tinha razão.

– De fato, três mil soldados chegarão aqui amanhã. Julius desconfia de uma manobra de Judas, o Galileu.

– Está vendo?! Nessas condições, a descoberta da identidade do assassino, digo, do “verdadeiro” assassino, se torna bastante secundária. Temo mesmo que...

Ela lançou um olhar sub-reptício a Mandu que continuava apoiado contra a o batente da porta.

– Temo até que, se os romanos e o Templo entrarem em acordo para incriminar os rebeldes, acabem afirmando que Mandu foi seu cúmplice. Isso facilitaria as coisas para eles. Teriam ao mesmo tempo o motivo, a explicação do crime, e alguém para castigar. Nada mais de revolta popular, nada mais de insinuações sobre o sumo sacerdote.

O escravo fez um gesto de impotência e o jovem compreendeu sua atitude inquieta desde a manhã.

– Supondo que realmente não queiram aprofundar a investigação, começou Fílon... O que espera de mim? Sou apenas um estrangeiro aqui, não tenho nenhum poder, nem...

Betsabel pôs a mão em seu joelho e ele sentiu um estranho calor o invadir.

– Justamente. Desde que entrou nesta casa, senti que poderia me ajudar. Não me pergunte por quê, sempre foi assim. Desde pequena, adivinho o valor das pessoas. E é muito raro me enganar.

Havia em seu tom muita segurança. Fílon pensou no que Ezequias lhe falara sobre o mal-estar que sentia em presença da jovem.

Ela prosseguiu:

– Só alguém alheio às intrigas locais pode ter a determinação de ver com clareza. E de ir até as últimas consequências.

– E o que a faz pensar... gaguejou ele, que eu teria essa determinação? Estou aqui apenas para festejar a Páscoa e representar meu irmão que não pôde fazer a viagem. Quanto ao resto...

– Ora, vamos!

Ela tirou sua mão e o suave calor se esvaiu como por encanto.

– Não percebe que está implicado nesses acontecimentos desde o início? Primeiro, o rebelde que o ataca; a seguir, Ezequias, seu anfitrião, encarregado da investigação; depois esta sala em que estamos, aonde, por acaso, veio se esconder. Sem falar no enterro a que compareceu hoje de manhã – e no meu convite, que lhe pareceu estranho, até inconveniente... e que você, no entanto, aceitou.

Fílon se levantou. Precisava de ar urgentemente e se aproximou da janela aberta. Decerto todos aqueles perfumes que a velha o fizera cheirar. Enquanto isso, Betsabel enrolava e desenrolava entre seus dedos uma das mechas de cabelos castanhos que lhe caíam sobre o ombro.

– Antes de decidir, retomou ela com uma voz muito calma, há alguns elementos a respeito de meu pai que deve conhecer...

Como ele continuasse calado, prosseguiu:

– Ele... ele tinha mudado nos últimos tempos. Tornou-se mais irritadiço, menos acessível. Ele, normalmente tão afável. Estava preocupado. Distante... Encontrava muita gente, também. Em casa ou fora dela.

– Que tipo de gente? perguntou Fílon, aliviado por não estar mais no centro da conversa.

– Do tipo que não gosta de ser reconhecida, o mais das vezes. Subiam direto para o primeiro andar e evitavam me cumprimentar. Eu ouvia vozes abafadas, só isso. Mas Mandu pode lhe confirmar que a maior parte escondia seu rosto.

– Visitavam seu pai em seu quarto?

– Em geral, sim. Foi a partir dessa época que ele começou a trancar a porta.

– Acha que estava com medo?

– Tenho quase certeza. Uma vez, surpreendi uma conversa. Foi numa manhã, muito cedo, com meu tio Elias. Tio Elias é um velho

original que vive afastado da cidade. Uma espécie de eremita. Meu pai tinha muita estima por ele, era um pouco seu confidente. Pelo que entendi, estavam falando de um texto desaparecido que queriam encontrar. Um texto muito importante para eles. Parecia se tratar de um perigo, de uma ameaça. Alguma coisa séria, em todo caso, que era preciso combater a todo custo. Meu pai estava muito nervoso. Não pronunciou uma palavra o resto do dia.

– Interrogou-o sobre esse assunto?

– Ele sempre foi muito discreto sobre suas atividades. Ainda mais que não compartilhávamos as mesmas opiniões.

– E quando isso aconteceu?

– Oh! Há cerca de três meses, talvez. Sim, três meses, logo após ter voltado de Qumran.

– Qumran?

– A fortaleza dos essênios, à beira do Mar Morto. Ia para lá de vez em quando. Conhece os essênios?

– Frequentei os terapeutas em Alexandria, sua comunidade é bastante parecida com a dos essênios.

– Então deve saber que eles romperam há muito tempo com o Templo e que rejeitam sua autoridade. Exilaram-se no deserto e se organizam de uma maneira própria. Meu pai pensava que os fariseus deviam se aliar a eles. Que, juntos, poderiam denunciar os abusos de certos sacerdotes.

– E isso aconteceu?

– Não, as coisas não eram tão simples. Os essênios têm uma concepção da religião muito singular. Vivem fechados sobre si mesmos, longe das preocupações de Jerusalém. As negociações eram longas e imprevisíveis. Mas, se aludi a esse texto agora há pouco, foi ainda por outra razão. Ontem aconteceu algo estranho. Os romanos enviaram um de seus médicos para examinar... para examinar o corpo. Exigi que Mandu ficasse por perto, a fim de...

Pela primeira vez, ela teve que se interromper, como se estivesse lutando interiormente para não se deixar dominar pela mágoa.

– Enfim você entende... Examinando-o, o médico acabou descobrindo um estojo com um pergaminho enrolado dentro. Mandu conseguiu ver esse pergaminho. Segundo ele, havia palavras

escritas bem pequeninho, com letras que nunca vira antes. É isso mesmo, Mandu?

O escravo fez que sim com a cabeça.

– Acha que pode haver uma relação entre esse pergaminho e o tal texto de que falavam meu pai e tio Elias?

Fílon sentiu de novo o suor escorrer em sua testa. O pergaminho... Impossível revelar a verdade naquele momento. Nem o que lera nem o que deduzira. Era demasiado cedo. Mas também era difícil mentir para ela.

– Pois bem! esquivou-se. A questão merece ser formulada. Para tanto, seria preciso interrogar seu tio Elias que provavelmente detém uma parte da resposta. Agora...

Mudar de assunto, a qualquer preço...

– Agora, isso também não explica como o assassino pode ter entrado e saído assim desta casa.

Uma sombra passou pelo belo rosto de Betsabel:

– No enterro, esta manhã, alguns invocavam a magia negra ou a feitiçaria.

– Não acredito nem um pouco nisso, retorquiu Fílon, com uma voz que desejava tranquilizadora. O assassino simplesmente utilizou um meio que ainda não descobrimos. Aliás, permite que eu reveja o quarto de seu pai?

– Então aceita me ajudar?

O jovem hesitou:

– Não estou... não estou implicado desde o início?

– É muito generoso de sua parte. Vamos, Mandu me carregará.

Sem o cadáver, o quarto de Jeftê parecia ainda mais despojado. A pele de cabra cheia de sangue fora retirada e apenas uma mancha escura em forma de meia-lua atestava a atrocidade do drama. De resto, a esteira de cânhamo continuava enrolada no canto direito, sobre a mesa de madeira permaneciam os dois potes e o jarro, e a lamparina ainda estava sobre o rebordo da única janela. O conjunto manifestava a simplicidade e o ascetismo dos fariseus, pelo menos daqueles que colocavam em prática seu dogma de pureza e desapego. Fílon supôs que o corpo de Jeftê devia ter sido levado para outra peça antes de ser limpo e

preparado com essências aromáticas para o funeral. Podia ser, portanto, que o lugar ainda encerrasse alguns indícios, se é que havia algum.

Interessou-se primeiro pela porta, cujas diversas rachaduras mostravam que realmente fora arrombada. A tranca de ferro estava entortada para dentro, o que confirmava que fora forçada do corredor.

Fílon virou-se para Mandu, que subia as escadas com Betsabel nos braços:

– A porta cedeu facilmente?

– Tive que tentar três vezes. A madeira é bastante sólida.

Pousou delicadamente a jovem no último degrau, com uma almofada nas costas.

– E a chave?

– Caiu quando a porta abriu. Quer vê-la?

– Não por enquanto. Seja como for, se a chave estava na fechadura, o assassino tinha a possibilidade de sair pela porta. Ora, visivelmente não o fez. A menos... Quais são as outras saídas da casa?

Betsabel foi mais rápida:

– Há duas entradas. Uma que dá para a rua, outra para o jardim.

– Ambas trancadas?

– Sim. É Mandu quem cuida disso. Todas as noites, coloca os ferrolhos e guarda as chaves num pequeno baú sob a escada.

– Nada de anormal quanto a isso aquela noite?

– Nada, respondeu a jovem. E, se é este o sentido de sua pergunta, não estava faltando nenhuma chave.

– Então só resta o terraço.

O escravo fez que não com a cabeça:

– Quando as noites ficam mais quentes, como nestes últimos dias, durmo no terraço. Posso jurar que ninguém subiu por ali.

O jovem não fez nenhum comentário. Simplesmente avançou até a janela que media cerca de dois palmos de largura. Nenhum adulto e nem mesmo uma criança poderia ter entrado por ali. Dava para a rua e, torcendo o pescoço, podia-se perceber a tenda da velha perfumista onde comprara o bálsamo de cravo – que, parecia-lhe, começava a exalar um odor adocicado. Inspecionou

cuidadosamente a abertura e a parede, mas não encontrou nenhum vestígio suspeito. Lembrava-se de uma história que tinham lhe contado em Alexandria, a de um esperto ladrão que usava macacos para furtar as casas. Ensinara-os a escalar até as janelas e lhe trazer os objetos de valor. A história talvez fosse verdadeira. Mas era difícil conceber um assassino ensinando macacos a estrangular e depois lacerar suas vítimas!

De passagem, percebeu que o reservatório da lamparina, único objeto mais luxuoso do quarto, com sua forma estrelada, estava completamente cheio, e que as cinco mechas que serviam para produzir luz estavam quase intactas.

– Tocou nesta lamparina? perguntou a Mandu.

– Mestre Ezequias disse para não mexer em nada. Estou esperando um tempo para colocar tudo em ordem.

– Fez bem.

Fílon se aproximou então da mesa. O jarro estava quase vazio e um dos potes continha um fundinho de água. Recipiente de pedra, pensou, os únicos que garantem a pureza dos líquidos segundo os fariseus. Se Jeftê recebia convidados, estes não vinham para se embriagar com bebidas fortes.

Ao pé da mesa, o chão de argila seca absorvera uma boa parte do sangue derramado. Subsistia apenas uma sombra escura em forma de meio círculo que acabava exatamente onde a pele de cabra estava colocada antes. Do outro lado, ainda se viam os riscos de sangue escorrido. Com toda probabilidade, ao terminar seu serviço, o assassino devia estar coberto de sangue. Como tinha se virado então para evitar...

O jovem ficou de quatro e observou atentamente o chão. Não havia mais nenhuma mancha, afora, a dois passos da entrada, uma pequena auréola do tamanho de uma moeda grande. E mais uma, menos distinta, no canto da parede, bem atrás da porta. O que podia significar aquilo? Seriam marcas mais antigas, sem relação com o crime? Ou teriam sido causadas pelo transporte do cadáver?

Tudo aquilo o deixava pensativo.

Saiu do quarto, estudando, sob o olhar circunspecto de Mandu, o mosaico do corredor. Nenhuma outra mancha em forma de círculo era visível no chão. Intrigado, voltou até Betsabel:

– Pode me contar como foi a noite do crime?

Sentada no degrau da escada, com as pernas dobradas, o contraste era impressionante entre sua beleza, sua fragilidade, a tragédia que vivera e a força de seu caráter.

– Vivo no andar de baixo, como pode imaginar, começou ela. Antes de deitar, banhei-me na pequena piscina que meu pai mandou fazer ao lado do meu quarto. É uma das únicas coisas que me consola e me permite fazer um pouco de exercício.

Sorriu tristemente.

– Na água, sou como qualquer outra pessoa. Naquele momento, Mandu estava na cozinha, trocando um dos tijolos do forno. Escutei-o golpear com sua marreta diversas vezes. Quando terminou, levou-me até minha cama e adormeci.

– Não houve gritos ou barulhos anormais?

– Não que eu tenha percebido. Mas meu quarto fica do lado oposto da casa.

– E você? perguntou para o escravo.

– Depois de deixar minha ama, respondeu Mandu, fechei as duas portas e subi.

– Tem certeza de que fechou o ferrolho?

Ele se ofendeu.

– Faço isso todos os dias! Além do quê, os últimos têm sido dias agitados, é preciso ser prudente! Se ao menos soubesse...

Recriminava-se por alguma coisa, evidentemente.

– Colocou as chaves no baú, debaixo da escada?

– Tudo como sempre, já lhe disse!

– No primeiro andar, nada lhe pareceu anormal?

– Detive-me na frente do quarto de meu amo. Não havia nenhum barulho, apenas um pouco de luz sob a porta. Pensei que estivesse rezando ou descansando.

– E aí?

– Fui buscar minha esteira e minha coberta. Durmo perto do quarto de meu amo, o que permite que escute suas ordens quando me chama. Depois fui para o terraço. Lembro que a lua estava quase cheia e que dava para enxergar como se fosse de dia.

– Então não há nenhuma chance de que alguém estivesse escondido ali?

– Eu teria visto. E acredite em mim...

Sua frase permaneceu suspensa. Fílon tinha a impressão de que estava sendo sincero.

– Vou verificar o terraço mesmo assim, anunciou.

Atravessou o corredor e subiu os sete degraus que permitiam chegar ao teto. Como na maioria das residências populares da Judeia, este era plano, concebido para acolher a família nas belas noites de verão. As pessoas comiam ali, se divertiam, discutiam com os vizinhos – muitas vezes não havia mais do que um ou dois côvados entre uma casa e outra – dormiam ali quando o calor se tornava sufocante dentro de casa. A de Jeftê também era assim, mas sendo o bairro um pouco menos popular, as casas eram menos apertadas, e contornadas em parte por um jardim. O terraço mais próximo ficava assim a cerca de seis côvados e saltar dali àquela altura representava um perigo real. A menos que se agarrasse com as mãos o rebordo da frente, o que exigiria a perícia de um acrobata profissional. Além disso, embora muitas casas dispusessem de uma escada externa para facilitar o trânsito, não era o caso daquela – por causa do problema de Betsabel? Acrescentando-se a isso o fato de que Mandu não notara nada de estranho no terraço... Por qualquer ângulo que se analisasse a questão, parecia que o assassino tivera que passar por dentro da casa. O que deixava intacto o mistério.

Foi então que um detalhe atraiu a atenção do jovem. Uma marca. Uma marca na vala da água da chuva, bem embaixo do pequeno parapeito, lá onde os dois terraços eram menos afastados. Uma marca bem nítida, em meio aos resíduos de terra. Uma marca do tamanho de uma grande moeda. Uma imagem imediatamente se impôs à mente de Fílon. A imagem dos peregrinos que cruzara na véspera na estrada de Hebron para Jerusalém. A maior parte deles andava a pé e se apoiava num bastão para avançar. Logo a seguir, outra imagem. A dos jovens atletas que treinavam no grande ginásio de Alexandria. De repente, tudo ficou claro.

Precipitou-se sobre o escravo e a moça que acabavam de chegar ali em cima.

– A casa da frente pertence a quem?

– Está vazia há algumas semanas, disse Betsabel. Por quê?

– Preciso de uma tábua. Uma tábua forte de ao menos seis côvados de comprimento. Tem uma?

Mandu se ajoelhou para instalar sua ama o mais confortavelmente possível.

– Uma tábua? repetiu ela. Talvez com Yoel, o marceneiro. Sua oficina fica a duas ruas daqui. Mandu poderia...

– Sim, sim, preciso dela imediatamente.

Compreenderam pelo seu jeito que o jovem não estava brincando.

– Descobriu alguma coisa? perguntou Betsabel, ajustando seu véu para se proteger do sol.

– Talvez... Bom, é uma suposição. Mas que resolveria tudo.

– Como assim?

Ele se sentou de pernas cruzadas ao lado dela:

– Você garante a lealdade de Mandu?

– Meu pai quis alforriá-lo diversas vezes. Ele sempre recusou.

– Então, se Mandu é inocente, acho que...

Perscrutou os terraços vizinhos para se certificar de que ninguém os espionava. Mas o sol ainda ia alto e estavam todos desertos.

– O assassino não teve nenhuma dificuldade para penetrar nesta casa. Sua única preocupação foi a de sair.

– O quê?

– Seu pai conhecia seu assassino, estou convencido disso. Foi ele que o deixou entrar em casa. Provavelmente enquanto você estava no banho e Mandu trabalhava na cozinha. Isso não teria nada de surpreendente, aliás, já que ele tinha o costume de receber pessoas. Em seguida... lamento, não tenho nenhuma explicação para o assassinato propriamente dito. Presumo apenas que, quando Mandu subiu, Jeftê já estava morto. A lamparina de seu quarto ainda estava cheia de óleo esta manhã e as mechas quase não tinham queimado... O que significa que o assassino apagou a luz bem cedo, decerto para fazer crer que seu pai dormia e não queria ser incomodado. De resto, não sei bem como pretendia fugir. Imagino que, à noite, deve ter descido, mas encontrou as duas portas fechadas e não sabia onde estavam as chaves. O que talvez queira dizer que não era alguém tão próximo assim. Logicamente,

deve ter tentado então sair pelo telhado. Mas ali, Mandu barrava sua passagem. Além disso, o terraço fica a dez côvados do chão! De certa maneira, estava preso na armadilha.

A jovem teve um arrepio:

– Ele podia... podia ter nos matado.

– Não. Estou persuadido de que seu único alvo era seu pai. E, sobretudo, de que ele teve outra ideia para escapar: voltou para o quarto, trancou a porta e esperou.

– Esperou?

– É a única solução que vejo. Apostou no fato de que não havia ninguém naquele andar além de Mandu e de que você não poderia subir sozinha. Era portanto inevitável que em algum momento Mandu descesse, deixando o caminho para o terraço livre. Seja para executar suas tarefas, caso não tivesse percebido nada, seja para alertá-la se tivesse notado alguma coisa. Nos dois casos, nosso homem teria tempo de se refugiar no teto.

– Mas... Não foi nada disso o que aconteceu. Quando Mandu percebeu que meu pai não respondia, ficou com medo e forçou a porta imediatamente. Sem sequer me avisar. E, no entanto, quando a abriu, o assassino já não estava lá.

– Sim, justamente! O assassino continuava no quarto! Escutando os golpes na porta, teve o reflexo de se esconder atrás dela. Quando esta quebrou, Mandu deve ter ficado horrorizado com o espetáculo. Deu talvez um ou dois passos para frente, certamente não mais do que isso. E sem dúvida não foi verificar se havia alguém escondido no canto da parede, atrás da porta! A seguir, apressou-se em avisá-la no térreo. O assassino pôde então fugir.

– Mas você mesmo disse que o terraço...

– Saltar para o outro teto era de fato perigoso. No entanto, ele não tinha escolha. E além disso, acho que utilizou um bastão. Assisti a esse tipo de exercícios no ginásio de Alexandria. Um corredor que se lança apoiando-se sobre uma espécie de bengala ou de vara para transpor um obstáculo ou uma corda esticada. Isso permite ir mais alto e mais longe. Compreende o interesse disso neste caso.

– Isso parece extraordinário!

– E é por isso que os romanos não desconfiaram de nada. E posso provar o que estou dizendo. No quarto de seu pai, há duas marcas redondas no chão, do tamanho de uma moeda grande. Uma não longe da mesa, outra atrás da porta. Talvez o assassino tivesse deixado seu bastão num canto do quarto? Quando Mandu forçou a porta, o homem pensou que seu bastão poderia denotar sua presença. Ele o pegou, mas, na pressa, deve ter tocado no sangue da vítima. Donde os dois rastros, um deles atrás da porta. Ali onde estava quando Mandu abriu.

Fílon acreditou discernir um brilho de admiração no olhar de Betsabel. Encorajado, prosseguiu.

– É claro, não compreendi imediatamente do que se tratava. Foi agora, na beira do teto... – apontou para o pequeno parapeito, do lado oposto do terraço – há aqui o mesmo tipo de rastro. Uma marca circular na calha que serve para a saída das águas. Como se ele tivesse se apoiado no bastão para pegar impulso e saltar até a casa da frente. Se você ainda por cima afirma que ela está desabitada...

– A família que vivia ali partiu há cinco meses para Decápolis.

– Então o assassino teve sorte. Ou já tinha premeditado sua fuga.

Naquele instante, perceberam um movimento na escada, e Mandu apareceu no teto, suando e arquejando sob o peso da tábua que trazia.

– O que vai fazer? perguntou Betsabel.

– Tirar isso a limpo.

Os dois homens se dirigiram para a extremidade do terraço e ajustaram a tábua entre os dois terraços formando uma espécie de passarela. Fílon subiu no parapeito, avançou prudentemente sobre a ponte improvisada, um pé, outro pé... Parecia que a madeira aguentaria. Então, em três passos chegou ao topo da casa vizinha. Mandu preparava-se para segui-lo, mas Fílon o deteve:

– Não. Não podemos deixar Betsabel sozinha. Fique com ela, não vou demorar.

O escravo obedeceu sem fazer objeções.

Fílon examinou o terraço. Era quase idêntico ao da casa de Jeftê, mas dispunha, na parte sul, de uma escada externa. Febril, o

jovem atravessou o teto e desceu a sucessão de degraus encostados à parede que davam para o jardim. O lugar estava silencioso. A ausência dos proprietários se fazia notar na desordem vegetal. Folhas atulhavam a aleia, o mato encobria as flores já quase sufocadas, água suja e amarelada preenchia um pequeno tanque. Cada residência era separada da vizinha por uma fileira de arbustos mais ou menos altos e densos. Devia ser bastante fácil passar de um jardim a outro se não se temesse arranhar um pouco as mãos. Para o lado da ruela, um emaranhado de galhos finos impedia a passagem.

De repente, uma mancha branca ao pé de um arbusto despertou o interesse de Fílon. Da parte mais espessa da fileira de arbustos, formando uma bola entre duas raízes, retirou uma espécie de capa de tecido grosseiro. Desdobrou-a cuidadosamente: estava manchada de sangue. O sangue de Jeftê, é claro. Fora desta maneira que o assassino se protegera ao atacar a vítima. E não era tudo. Jogado no chão sob a folhagem, o egípcio encontrou também um bastão talhado. Um bastão ao mesmo tempo flexível e forte, da altura de um homem. A prova irrefutável de que tudo se desenrolara como ele tinha imaginado.

Fílon se agachou para observar o emaranhado de galhos. À direita, o alinhamento dos arbustos era menos denso e vários galhos pareciam ter sido quebrados como se alguém tivesse alargado uma passagem. De fato, se fosse o assassino, teria passado por ali. Pegou o bastão para afastar as folhas e os espinhos e rastejou através da cerca viva.

Outro jardim, em estado tão lamentável quanto o precedente. Ferramentas, restos de madeira e de argila davam a entender, no entanto, que a casa era habitada. Foi bater à porta dos fundos, imaginando um pretexto qualquer, mas ninguém respondeu. Estava quase na hora dos sacrifícios, muitas pessoas do bairro deviam estar no Templo. No entanto, pensou, alguém na vizinhança devia ter notado alguma coisa! Um desconhecido que surgia do nada e que atravessava os jardins... Podiam ter falado disso, se preocupado, sobretudo depois da morte de Jeftê. Teriam os romanos ao menos pensado em interrogar os habitantes mais próximos? E depois, o que fizera o assassino? Transpusera mais

uma cerca viva? Fílon considerou o emaranhado de buxos, medronheiros e louros-rosa selvagens, mais ou menos inextricável dependendo do lugar. Por ali também era possível passar. Do lado da ruela, um amontoado de pequenas tábuas fora disposto como obstáculo para reforçar a cerca viva. Afastou algumas sem maior esforço. Outra saída possível... O assassino não tivera mais do que o embaraço da escolha!

Após um instante de reflexão, o jovem se decidiu finalmente pela rua. Sempre com a ajuda de seu bastão – mas por que o assassino o abandonara então? – abriu caminho até o exterior, entre as raízes e a folhagem. Tudo estava calmo, nenhum passante para lhe dirigir a mínima observação. A viela era na verdade uma via secundária que dava para a rua principal no ponto onde começava o bairro dos perfumistas; nisso também o assassino tivera sorte.

Fílon tirou a poeira do corpo. Não tinha mais do que alguns arranhões e gravetinhos nos cabelos. Antes de voltar para a casa de Betsabel, resolveu avançar até a casa seguinte. Quem sabe se o assassino não teria chegado até ela pela cerca viva? Bateu a pequena aldraba de madeira na porta. Pouco tempo depois, um rapaz de cerca de vinte anos abriu.

– Sim?

– Desculpe incomodar. Fui enviado pelo Sinédrio para investigar a morte de Jeftê. Seu vizinho...

O outro fez sinal de que compreendera.

– Provavelmente sabe que o assassino ainda não foi encontrado. Pois bem, temos boas razões para pensar que ele pode ter fugido pelos jardins. E gostaríamos de lhes fazer algumas perguntas sobre isso.

Seu interlocutor o considerou da cabeça aos pés, demorando-se inclusive no bastão. Hesitou visivelmente antes de responder.

– Venha. Talvez meu primo possa lhe dar informações.

Fez Fílon entrar no corredor e este reconheceu o mesmo tipo de arquitetura que na casa do fariseu: a escada que subia para o primeiro andar, os cômodos que se distribuíam ao redor. Salvo que nesta o interior parecia mais descuidado: nenhuma tapeçaria na parede, nenhum mosaico, nenhuma decoração. Atrás dele, a porta bateu e não pôde evitar ter um sobressalto. Teve então a sensação

de que o telhado se abatia sobre sua cabeça e de que o chão se aproximava a uma velocidade vertiginosa. Depois, tudo ficou escuro.

8

O cravo. Havia um cheiro nauseabundo de cravo e de gordura rançosa. Fílon abriu os olhos. O cheiro vinha dele mesmo. Quis tocar o potinho de bálsamo em sua túnica, mas estava com as mãos amarradas. Os pés também, aliás. A casa, o rapaz hesitante, a porta batendo, tudo voltou à sua memória de repente. Tinham batido nele. Violentamente. Sentia uma dor lancinante atrás da cabeça, seu pescoço devia estar inchado e seus ouvidos zumbiam como um enxame furibundo.

Ao seu redor, tudo escuro. Estava deitado, encostado numa parede, num quarto aparentemente vazio, cuja janela estava coberta por uma treliça. Percebeu que estava com uma sede terrível. Quanto tempo ficara daquele jeito? A julgar pela luz que se infiltrava, devia ser de manhã. Devia ter ficado desmaiado toda a tarde e toda a noite.

E essa casa, a quem pertenceria? Ao assassino de Jeftê? Isso explicaria o fato de ninguém ter percebido sua fuga. Encontrava-se a três jardins de sua vítima! Mas, nesse caso, por que não ter se livrado definitivamente de Fílon? Para interrogá-lo? Saber o que dissera aos romanos? O que descobrira sobre a profecia? Segundo Betsabel, seu pai se interessava por um texto misterioso da maior importância. Tratava-se do pergaminho enrolado no *tefilin*? Teria sido esse mesmo pergaminho a causa de sua morte? Que ameaça podiam representar cinco ou seis versículos imitados dos nabis? O tempo de Assur estava tão distante!

Tantas questões deixavam sua cabeça ainda mais pesada e confusa.

Foi então que o rosto de Betsabel se debruçou sobre ele. Ela acariciou suavemente seus cabelos e passou a mão em sua nuca dolorida. Estava linda, seus grandes olhos negros miravam-no com infinita ternura. Sorria para ele. Embora não entendesse como ela

pudera chegar ali, sentia-se muito melhor. Estava salvo. Ela aproximou os lábios de seu ouvido e começou a cantar uma velha canção em hebreu: “Como a uva à videira, como a espiga ao campo, o riacho à colina, o homem volta a Canaã...” Apaziguado, ele se deixou embalar por um momento, embriagando-se com seu perfume.

Mas, de repente, seu tom se fez mais duro. Ela mordeu seu rosto e a brancura de seu véu se tornou cegante.

– Acorde!

Fílon piscou os olhos, ofuscado pelos raios do sol, uma dor horrível nas têmporas.

– Vamos, ajeite-se!

Ele obedeceu e teve a impressão de que tentavam arrancar sua cabeça. Gemeu, batendo as pálpebras, a ponto de desmaiar de novo. Então o sangue voltou a irrigar suas veias e ele começou lentamente a distinguir as formas. Era o mesmo quarto, mas a janela não estava mais obstruída. Havia quatro homens, entre os quais aquele que acabara de estapeá-lo, uma espécie de gigante ruivo de cabelo e barba hirsutos, mais alto e mais largo do que todos os lutadores do ginásio de Alexandria. Atrás dele, o rapaz hesitante que abrira a porta na véspera ao lado de uma espécie de guerreiro, ostentando proteções de couro e duas espadas na cintura. Mais atrás, um indivíduo de meia idade cujo rosto enérgico revelava sensibilidade e inteligência. Fílon teve a vaga impressão de já tê-lo visto em algum lugar.

O gigante elevou o punho muito alto:

– Canalha! Não sei o que me impede de... Onde está Samuel?

– Samuel? Eu... Quem é Samuel?

– Estão vendo? Eu sabia que ele não ia falar! Deixem-me refrescar sua memória.

Estava prestes a golpeá-lo quando aquele que levava as duas espadas se interpôs.

– Espere! Qual é o seu nome?

– Fílon.

– Fílon...

Agachou-se a seu lado e o ajudou a se apoiar na parede com uma solicitude exagerada.

– Escute, Fílon. O Samuel de que estamos falando é o irmão do meu amigo aqui.

Disse isso apontando para o colosso cujos olhos soltavam faíscas.

– Se não contar o que queremos saber, é ele quem vai fazer as perguntas. Aviso-o que, quando ele fica bravo com alguém, nem mesmo eu sou capaz de detê-lo. Então vai nos contar direitinho o que fez com Samuel.

Fílon tentava desesperadamente recuperar suas faculdades. Via tudo através de uma espécie de nevoeiro, incapaz de compreender quem eram aqueles homens e o que queriam. Ainda estaria sonhando? Aquela queimação na cabeça e na nuca... Não, aquilo não tinha nada de um sonho. Samuel... Havia um Samuel na academia de Arius Didymus, lá onde estudava filosofia. Mas qual a relação?

– Eu...

Sua boca estava seca, faltava-lhe saliva.

– Não sei que Samuel...

– Está bem. Talvez isto...

O guerreiro sacudiu debaixo de seu nariz uma lâmina que surgira de sua mão como por magia. A faca com cabo de marfim do rebelde.

– Encontramos esse punhal em sua túnica. É o punhal de Samuel.

O punhal de Samuel. Os rebeldes. Claro! Caíra num esconderijo de rebeldes! Como não percebera antes?

– Esta faca, gaguejou. Posso explicar tudo. Tenho... tenho sede.

– O verme! exclamou o gigante, prestes a romper seu crânio com seu punho gigantesco. É o seu sangue que o farei beber!

O guerreiro se levantou, obrigando o irmão de Samuel a recuar novamente. Sede ou não, Fílon supôs que não lhe ofereceriam uma terceira chance. Lenta, sofridamente, começou a relatar o que acontecera no estábulo de Aceldama: o desconhecido que se lançara sobre ele, sua luta, a ferida na perna, os soldados, o cavalo... o punhal. À medida que seu relato progredia, parecia que seu cérebro começava a funcionar um pouco melhor e que a tensão ambiente diminuía.

– Está dizendo que ele conseguiu fugir, rugiu o colosso, com uma expressão de dúvida. Mas por que acreditaríamos em você? Por que não o teria simplesmente entregado aos soldados? Nós já o vimos com os romanos.

– Se a legião tivesse capturado seu irmão, retorquiu Fílon, todos já saberiam. Eles adoram dar “exemplos”.

O argumento pareceu fazer efeito.

– Nesse caso... Onde meu irmão está agora?

– Não tenho como responder, lamento. Se tiver conseguido se manter na sela, pode ter se refugiado em qualquer lugar.

– E o que você estava aprontando ontem na casa de Jeftê? perguntou o guerreiro.

Os rebeldes vigiavam a rua, é claro.

– É que... Estou alojado na casa de Ezequias, aquele que é membro do Sinédrio.

Ao nome de Ezequias, Fílon percebeu como que uma hesitação geral, sem saber se aquilo era bom ou ruim. Prosseguiu mesmo assim:

– Acompanhei Ezequias até a casa de Jeftê logo após a descoberta do corpo. Acontece que ontem, durante o funeral, sua filha me pediu para vir vê-la e aconselhá-la.

Os três rebeldes voltaram-se para o quarto homem, que permanecera impassível durante o interrogatório. Como se esperassem sua sentença.

– Tragam cerveja, declarou ele após alguns segundos de silêncio. Com pão e frutas. E deixem-nos a sós.

Os outros obedeceram sem dizer palavra, e o mais jovem voltou quase imediatamente com o que fora solicitado. A um gesto de seu chefe, apanhou o punhal e cortou as cordas que prendiam Fílon. Este se jogou gulosamente sobre a cerveja e o pedaço de pão, sem se preocupar com o olhar de seu anfitrião. Mais tarde, mais tarde refletiria...

Assim que se alimentou um pouco, Fílon observou o homem por sua vez. Mantinha-se de pé, negligentemente apoiado sobre o bastão que o assassino de Jeftê usara para fugir. Poderia ter sido ele quem...

Sempre silencioso, o chefe dos rebeldes se aproximou. Seu andar revelava força e flexibilidade. Tinha os traços queimados pelo sol, uma barba bem cuidada e os cabelos compridos presos atrás. Sem se apressar, debruçou-se sobre Fílon, como que para inspecionar sua túnica. O jovem sentiu de repente vergonha do cheiro de carneiro velho e de cravo podre que se desprendia dela. O outro balançou a cabeça antes de lhe estender a mão:

– Eu me chamo Judas. Judas, o Galileu.

Surpreso, Fílon balançou a cabeça por sua vez:

– Eu... eu ouvi falar de você.

– Apresento-lhe minhas desculpas pela maneira como meus homens se comportaram. Mas... a cidade está cheia de armadilhas nesses últimos dias. Samuel desapareceu, Jeftê foi assassinado.

– Quer dizer que Jeftê...

– Sim, Jeftê era um de nossos principais apoiadores. Foi ele quem pagou esta casa e a colocou a nossa disposição. Ela nos permitia encontrar-nos discretamente e discutir junto nossos projetos. Jerusalém é a chave do levante. Se Jerusalém nos seguir, todos os judeus o farão.

– Então... então era você que visitava Jeftê sem que sua filha o visse?

– Sua saúde piorara nas últimas semanas. Era mais prudente eu me deslocar.

Vendo-o assim, tranquilamente apoiado naquele bastão, Fílon foi tomado de vertigem. Era realmente Judas, o Galileu, o misterioso visitante de Jeftê! O tribuno Julius não se enganara!

– Mas, três noites atrás... Também foi você que...

– Acha que eu poderia tê-lo matado, é isso?

O rebelde sorriu e seu rosto se iluminou furtivamente. Aquele rosto... Onde Fílon podia já tê-lo visto?

– Além de um crime imperdoável, continuou ele, e de um pecado horrível, essa teria sido a melhor maneira de atrair a atenção dos romanos sobre nós. Aliás, foi o que aconteceu, e temo que tenhamos que abandonar esse esconderijo muito em breve. Há soldados demais no bairro. Quanto a mim, se isso pode tranquilizá-lo, passei os cinco últimos dias em Betel, supervisionando o

treinamento de meus homens. Voltei a Jerusalém hoje de manhã. Bem a tempo de salvá-lo, ao que parece.

– E tem ideia de quem pode ter sido o autor do crime?

– Os romanos tinham mais de uma razão para eliminar Jeftê. O chefe dos fariseus conspirando com o chefe dos rebeldes. Pode imaginar!

– Acha então que Julius estava a par?

– Julius? Não sei. Mas tudo acaba sempre se espalhando. Além disso, essa sórdida encenação permitiu que obtivesse os reforços que queria.

– Também já soube disso?

– Dois mil homens acabam de chegar à cidade. Teria que ser cego para não vê-los.

Decerto Fílon faria melhor em se calar, mas o pote de cerveja que acabara de esvaziar o deixara atrevido:

– Por acaso Jeftê fez menção, ao longo de suas conversas, a um texto que lhe parecera de grande importância? Um texto desaparecido ou à procura do qual ele estivesse?

A surpresa de Judas não lhe pareceu fingida.

– Um texto? Que tipo de texto?

Fílon explicou brevemente o que tinham descoberto na boca do morto. Esperava que o Galileu pudesse ter ouvido alguma confidência ou captado alguma alusão a propósito do pergaminho. Aparentemente, isso não acontecera.

– “O dia do Nazireno”, repetiu o rebelde, pensativo. “A tropa de Assur”... Talvez seja um sinal.

– Um sinal?

– O Altíssimo não poderá tolerar por muito tempo a ocupação de Seu santuário, não é verdade? Pois bem, aquilo que os judeus deixaram acontecer, cabe aos judeus desfazer. Basta que um de nós se levante...

– Esses versículos seriam então a favor da revolta?

Os olhos de Judas brilhavam intensamente. Estaria imaginando a si mesmo no papel do Nazireno?

– Nossa revolta é a do Senhor, murmurou. Não poderia ser de outro modo.

Fílon fez a pergunta que queimava seus lábios:

– Vão vencer os romanos?

– Neste mundo, não sei. Aquilo de que tenho certeza é que aceitar a submissão de Jerusalém equivale a romper com o que somos. É aceitar a morte de nossa fé e de nosso povo. Você vem do Egito, pelo que disse. Veja como são os nossos lá. Comem como os romanos, vestem-se como os romanos, trabalham como os romanos. Logo pensarão como os romanos. E um dia acabarão tendo a mesma crença que eles. É a razão pela qual não temos escolha: é preciso que nos rebelemos hoje mesmo. Amanhã, não seremos mais dignos. E o que fará de nós o Todo-Poderoso se nem sequer tentamos defender Sua casa? Que mansidão poderemos implorar já que teremos traído Sua aliança? Eis porque o tempo pouco importa. Compreende? Não mais do que minha derrota ou a de meus homens... Combater é agora mais importante do que vencer.

Mil objeções pipocaram na cabeça de Fílon, mas sabia que seriam inúteis. Além do quê, a determinação do rebelde era mesmo impressionante. Preferiu voltar ao crime:

– Jeftê era da mesma opinião?

– Jeftê... Ele gostava de mim, acho. Conhecia-me desde muito jovem. E quando os romanos entraram em Jerusalém, há três meses, foi para ele que me voltei. Eu já reunira tropas na Galileia e em Decápolis, precisava de alguém com quem pudesse contar na Cidade Santa. Era um homem de bem, realmente. Nada a ver com o sumo sacerdote e seus acólitos, que sua memória se apague! De certa forma, acho até que ele me esperava. Ofereceu-me dinheiro para comprar armas e me apresentou para alguns de seus amigos. Fariseus, em geral. Jeftê estava convencido de que era necessário reunir um exército o quanto antes. De que todo o povo judeu estava ameaçado. Ele tinha...

Procurou a palavra certa.

– Sim, ele tinha um sentimento de urgência. Nunca o vi tão impaciente quanto nesses últimos dias. A menos que desconfiasse de que...

Interrompeu-se fazendo um gesto com a mão, como para espantar uma ideia negra.

– Felizmente, retomou, o anúncio do censo precipitou as coisas. Muitos de nossos compatriotas se deram conta do que significava a presença romana. Novos impostos, em primeiro lugar. E isso certamente desempenha um papel importante na acolhida que recebemos nos vilarejos. Mas também o sacrilégio. E que sacrilégio! Afinal, quem é este imperador de Roma que ousa contar os judeus? O censo de Seu povo é privilégio exclusivo do Senhor. Só Ele pode ordená-lo. Saberemos lembrar isso a Augusto.

– No entanto, arguiu timidamente Fílon, há uma chance de que o censo não aconteça. Ezequias foi encontrar o procurador Coponius. Talvez obtenha um adiamento, ou até um cancelamento.

– Ezequias...

O rebelde se calou. Pronunciara este nome num fôlego, com uma voz quase de choro. E, bruscamente, tudo ficou claro para Fílon. Ezequias... Aquele porte, aquele sorriso elegante. Aquele filho que preferira voltar ao berço familiar em Gamala a permanecer em Jerusalém. Gamala... O norte, a Galileia! Aquele mal-estar também, cada vez que o velho evocava os rebeldes. Aquele temor, talvez, de adivinhar quem se escondia atrás do assassino de Jeftê. E, havia pouco, naquele mesmo quarto, quando Judas se debruçara sobre seu prisioneiro... Não fora o cheiro do cravo que o incomodara, não. Era uma de suas próprias túnicas que estava vendo sobre os ombros de outra pessoa!

– Você é... você é o filho de Ezequias?

O rebelde fez uma expressão indefinível:

– Que ironia, não é mesmo? Meu pai luta para impedir o censo e a guerra, ao passo que eu rezo para que ambos ocorram.

– Ele sabe que você está em Jerusalém?

– É claro. Ou, ao menos, desconfia. Embora tenhamos sérias diferenças, ele sempre deu um jeito de me acompanhar de longe e me proteger. Se é que não teme que percebam minha ligação com ele. Quem sabe? Mas parti já faz cinco anos e pessoas chamadas Judas é o que não falta na Palestina. Não tem portanto muito a temer.

– Sua briga então é anterior à chegada dos romanos?

– Infelizmente! Desde que atingi a idade da razão, me dei conta de que ele era fraco. Fraco de diversas maneiras.

Não disse mais. Seu tom estava cheio de tristeza. Fílon de repente teve uma dúvida:

– E... agora que sei de tudo isso. Sobre você, sobre Jeftê. O que planeja fazer de mim?

– Oh! Fique tranquilo. Meu pai é um fraco, mas não é um imbecil. Se o deixou acompanhá-lo nesta investigação, foi porque o julgava capaz de resolvê-la. E, como já disse, sempre fui próximo de Jeftê. Quero que seu assassino seja castigado. Acima de tudo. Além disso, se Betsabel solicitou sua ajuda, é porque o estima. Ora, lembro que seu julgamento sempre foi mais certeiro do que o de muitos homens. É por isso que também acredito em você no que diz respeito a Samuel e ao estábulo de Aceldama.

Estendeu-lhe o bastão.

– Ficarei com o punhal, mas isso é seu. Pode partir. Imediatamente, se assim quiser.

Mal pronunciara estas palavras, ouviu-se um grande alvoroço no andar de baixo. Fortes batidas, o barulho de uma porta quebrada, e gritos de alerta:

– Os romanos! Os romanos!

9

Aquilo que se seguiu, Fílon o viveu num estado completamente alterado, como se uma parte de si mesmo o assistisse agir. Antes que pudesse se dar conta do que estava acontecendo, Judas já estava no corredor gritando suas ordens:

– Os fundos da casa! Vigiem os fundos!

O rebelde desapareceu, engolido, parecia, pelas vociferações e pelos primeiros estalidos de lâminas.

Fílon se levantou com a ajuda do bastão. Suas pernas estavam moles, sua cabeça girava, seu corpo doía tanto que poderia contar um a um todos os seus ossos. Os romanos... Se o pegassem ali, no esconderijo dos rebeldes, não haveria clemência. Para os revoltosos, a crucificação.

Essa ideia aguilhoou seu ânimo. Deu um passo, outro: nada quebrado, conseguia andar. Foi até o corredor e deu uma olhada na escada de onde subia um clamor assustador. A confusão era indescritível. Os legionários tinham arrombado a porta com uma espécie de aríete e uma dúzia deles irrompera com suas espadas e escudos. Cada golpe acertado nos círculos de metal fazia um barulho sinistro: bong! bong! Um dos soldados mais avançados tivera seu capacete arrancado e seu rosto ostentava um profundo corte. Titubeou um momento antes de cair no chão. Diante dele, o gigante ruivo levantou sua espada em sinal de vitória, depois abateu-a com força sobre-humana em cima de outro romano. Ao todo, eram cinco rebeldes para conter o assalto à porta principal e, apesar de sua valentia, o combate parecia desigual. À esquerda, acuado contra a parede, o mais jovem soltou um grito. Sua espada acabava de se quebrar e seu adversário se preparava para golpeá-lo de novo. Um punhal voou, o legionário levou a mão ao ombro e o jovem se esquivou de seu ataque no último instante.

Foi então que um assobio agudo cobriu o tumulto: um dos soldados agitava o punho em direção ao alto da escada. Fílon levou algum tempo até compreender que era ele que o soldado designava desta forma. A estridulação se tornou ainda mais aguda. O assobiador! Aquele que o escoltara até a casa de Ezequias no primeiro dia. Ele o reconhecera!

– Vá embora! ordenou-lhe Judas do primeiro degrau da escada. Vá embora!

Batidas surdas se faziam ouvir do lado do jardim. Logo a porta dos fundos cederia também. O que fazer?

– Vá embora, estou mandando!

Fílon apertou o bastão com toda sua força. Não tinha nenhum meio para se defender, nenhum meio de ajudá-los. O Galileu tinha razão, ele devia fugir.

Voltou sobre seus passos em direção à abertura que dava para o teto. O terraço estava deserto e, apesar do sol ofuscante, distinguiu a escada externa no canto oposto. Se conseguisse chegar até lá... Começou a correr quando percebeu um martelamento de passos precipitados sobre a pedra. Um legionário. Um legionário subindo os degraus em sua direção. Fílon diminuiu o passo segurando a respiração. No momento em que o capacete brilhante emergiu no telhado, fez girar seu bastão e lhe assentou um golpe formidável à altura do nariz. O soldado emitiu uma espécie de gorgolejo repugnante e descreveu uma curva perfeita antes de se esborrachar no chão dez côvados mais abaixo. Imediatamente começou a gemer. Seus companheiros não demoraram a vir ver o que tinha acontecido...

Fílon considerou o terraço da casa vizinha. Era a única solução. Calculou a distância necessária e recuou alguns passos para pegar impulso. Respirou fundo. No jardim, exclamações demonstravam que o ferido fora descoberto. O tempo de contar até dez e os romanos estariam no telhado.

Fílon se lançou. Uma passada, duas passadas. Nunca conseguiria velocidade suficiente. Três passadas. Como posicionar corretamente o bastão? Cinco passadas, seis passadas. A borda estava próxima, não errá-la... Sete passadas. Enfiou a vara na calha de irrigação e deu um forte impulso com as pernas. Sentiu o bastão

arquear, seu corpo saindo do chão, viu lá embaixo os legionários que acorriam, um deles justamente olhando para cima.

Chegou ao rebordo de pedra do outro terraço. Largou o bastão, esticou os pés o máximo que pôde e deu uma cambalhota sobre a argila seca. Conseguira... ele conseguira!

Levantou-se e olhou para trás. O esconderijo dos rebeldes estava cercado, romanos chegavam em reforço do final da rua. Os insurgentes não tinham nenhuma chance...

Correr.

Precipitou-se em direção à escada externa do novo terraço e pulou de degrau em degrau até o jardim. Era o mesmo jardim que atravessara na véspera, com as ferramentas, as pontas de madeira e os potes. Por sorte, continuava deserto – os moradores deviam estar embarricados dentro de casa para escapar daquela guerra.

Imediatamente, mergulhou sob a cerca viva. Sem fôlego, com o rosto e as mãos arranhados a ponto de sangrar, chegou à propriedade abandonada dos vizinhos de Jeftê. As flores cobertas de mato, o tanque cheio de folhas... O jovem tentou se acalmar. Urinou toda a cerveja que bebera uma hora antes e tratou de refletir. Os romanos não tardariam a cercar o bairro, se já não o tivessem feito. Ora, dois legionários ao menos tinham-no visto escapar, entre os quais o assobiador que o identificara. Certamente haveria buscas. Sair na rua era impensável, esperar ali, suicídio. Só Betsabel poderia ajudá-lo.

Todo à espreita, observou a casa de Jeftê através dos arbustos. Nenhum barulho, nenhum movimento suspeito. Talvez os legionários não pensassem em persegui-lo na casa do fariseu? Tateou um pouco até encontrar uma passagem praticável na cerca viva. Avançou protegendo o rosto com a túnica, o que lhe deu a desagradável impressão de ser uma caça a que estavam destrinchando. Da rua, no meio do alvoroço, chegaram-lhe fragmentos de uma conversa em latim:

–... mais numerosos!

–... os telhados... imediatamente. Imediatamente!

Fílon se pôs de quatro e atravessou o jardim torcendo para os fundos da casa estarem abertos. Chegando ao alpendre, levantou o

trinco. O ferrolho não fora posto. Penetrou na ponta dos pés. Tudo estava tranquilo. Ufa! Estava protegido.

Poucos segundos depois, no entanto, sinistras batidas se fizeram ouvir na porta principal. Esconder-se, esconder-se de novo. Mas onde? Tinha a sala de visitas à sua direita, à esquerda um trecho escuro que dava para um corredor. Alguém estava descendo a escada: Mandu que corria para abrir.

Não havia tempo para falar. Fílon escolheu a esquerda. Enfiou-se na escuridão, entreabriu a primeira porta que encontrou e descobriu um quarto, decorado com belas tapeçarias e com um mosaico deslumbrante na parede. Nenhum móvel, apenas um simples baú. Nenhum lugar onde se esconder. Por um breve instante, pensou em voltar para o jardim, mas uma voz de homem vinda da entrada o dissuadiu:

– Afaste-se, escravo! Nós temos ordens para revistar a casa.

“Nós”... Eram ao menos dois.

Fílon se lançou para a segunda porta. Betsabel deu um gritinho:

– Mas...

O banho... A jovem estava no banho. Fílon pôs o dedo na frente da boca antes de murmurar:

– Os soldados... Estão aqui.

Ao mesmo tempo, buscava uma saída, ou um objeto qualquer para se defender. Mas havia apenas potes de óleos perfumados, pedaços de sabão, pratos no chão com pétalas e ervas secas, um vestido de linho e toalhas cuidadosamente dobradas, além de algumas almofadas encostadas em uma das paredes. Nada com que deter um legionário. E as duas únicas janelas daquela peça não dariam passagem a nada maior do que um gato!

Os dois se olharam. Betsabel estendeu-lhe o braço:

– Venha!

– Eu... eu...

Escutavam-se passos no andar de cima. Dois ou três homens.

– Prefere ser encontrado?

Constrangido, Fílon desceu os cinco degraus que levavam ao fundo do tanque. Este era de forma circular e tinha cerca de sete ou oito côvados de diâmetro, o que permitia até que se nadasse nele. A água estava morna, o que pressupunha também encanamentos de

vapor para aquecê-la. “A única coisa que me consola”, dissera Betsabel.

Fílon desviou a cabeça para não ver sua nudez. Ela zombou dele:

– Há coisas mais importantes, não acha?

Tomou sua mão e o conduziu até a borda do tanque, do lado da entrada. Uma porta bateu. Talvez a do jardim? Os romanos se aproximavam.

– Escute bem, sussurrou ela. Quando entrarem, você mergulha. Da posição em que estarão, há uma chance de não o notarem.

– Mas você...

– Shhh! Estão chegando.

Fílon inspirou profundamente antes de afundar. Tudo lhe pareceu de repente fluido e oscilante, os sons abafados. Via o corpo de Betsabel se agitar, espalhando sobre ele punhados de pétalas e ervas secas. Seus seios eram perfeitamente redondos, sublinhados pela carícia da água; seu ventre ondulava graciosamente. Havia também o nascimento de suas coxas e...

A porta se abriu com violência:

– E aqui, o que é que...

Um legionário irrompeu empunhando a espada. Na soleira, hesitou.

– Desde quando os romanos estão autorizados a assistir ao banho das mulheres judias? atacou Betsabel, com a voz dura e agressiva.

– Perdoe-me, respondeu o soldado em bom aramaico. Um rebelde se escondeu em uma das casas da vizinhança. Somos obrigados a verificar se...

– Um rebelde? Interrompeu ela. Terão esquecido que meu pai foi assassinado há três dias? E que as suspeitas recaem justamente sobre os rebeldes? E acham que eu receberia um em minha casa?

– Não, é claro, mas...

Visivelmente, ele parecia aborrecido e despreparado para aquele tipo de discussão.

Fílon não discernia mais do que ruídos inidentificáveis, mas podia sentir a indignação da jovem a cada estremecimento de suas pernas. Pernas que tinha longas e finas, e mais ágeis do que ele

imaginara. Os exercícios que fazia na piscina, provavelmente. Percebeu também que não aguentaria ficar eternamente sob aquelas pétalas flutuantes e que, mais cedo ou mais tarde, teria que tomar fôlego.

De repente, houve uma agitação na água, e Betsabel foi como que aspirada para cima. Apoiara-se em suas mãos para se sentar na borda, oferecendo seu corpo ao olhar do legionário.

– Quer mais alguma coisa? perguntou em tom desafiador. Ou terei que questionar o tribuno Julius a respeito das maneiras de seus soldados.

O romano teve certa dificuldade para tirar os olhos da jovem. Por seu lado, Fílon estava começando a achar aquilo demorado demais. Ainda mais que tinha que, por meio de discretos movimentos de seus dedos, impedir sua túnica cheia de ar de subir à superfície.

O legionário soltou um suspiro de frustração. Fez semblante de examinar a peça de longe e deu meia volta, tomando o cuidado de fechar a porta atrás de si.

Fílon emergiu então, com os pulmões a ponto de explodir. Betsabel fez sinal para que ficasse quieto. Houve um curto silêncio. Então ouviram-se vozes na entrada da casa. Os romanos estavam indo embora.

Quase imediatamente, do corredor, Mandu bateu à porta:

– Ama... ama! Está tudo bem?

– Tudo bem, Mandu. Recuperamos nosso amigo do Egito. Vá pegar uma túnica para ele e coloque-a em meu quarto.

Fílon ficou um momento pasmo antes de conseguir balbuciar um agradecimento. Betsabel deslizou para a água de novo, com uma expressão de censura no rosto.

– Deixou-nos muito assustados ontem.

– Eu... eu caí no esconderijo dos rebeldes.

Ele lhe contou o que acontecera desde sua partida, relatando detalhadamente sua conversa com Judas.

– Judas? surpreendeu-se ela. Judas, o Galileu é o filho de Ezequias? Se tivesse imaginado...

– Você o conhece?

– Ele vinha às vezes aqui em casa quando era mais jovem. Mas pensava que tivesse partido definitivamente para o norte.

– Ele tinha rompido com Ezequias?

– De certa forma. Judas sempre teve um lado austero e rigoroso. A moral, a pureza, a religião, o que se pode fazer, o que não se pode. É por isso também que era próximo de meu pai. Ezequias, por seu lado, sempre privilegiou o prazer. O prazer e o dinheiro.

Ela dizia aquilo com uma desenvoltura que espantou Fílon.

– E você? ouviu-se perguntando para ela.

– Eu?

Ela descrevia pequenos círculos no meio da piscina. Sua agilidade era surpreendente.

– O que posso lhe dizer de mim corre o risco de não lhe agradar.

Fílon já devia ter saído do tanque, deixado aquela peça e vestido uma túnica limpa para continuar aquela conversa num lugar mais adequado. Em vez disso, permanecia como que hipnotizado, esperando que aquele momento se prolongasse até que... até que o quê?

– Deixe-me julgar por mim mesmo.

Ela desapareceu num turbilhão de água antes de reaparecer a algumas polegadas apenas dele.

– Não diga que não avisei, senhor egípcio. Digamos, para ir direto ao essencial... ou seja, o essencial para você, para meu pai ou para os habitantes de Jerusalém. Eu... eu não creio mais como vocês.

Não fosse a margem do tanque, Fílon teria recuado.

– Você não...

– Não. Não mais da mesma maneira que vocês. Desde esse acidente.

Ela olhava bem nos olhos dele, como que avaliando sua capacidade de compreender a história dela.

– Tinha nove anos na época. Estava brincando no terraço com uma de minhas primas. Era um dia de primavera, um pouco como hoje, apenas menos quente. A temperatura era suave. Simplesmente suave, como minha vida até então. Estávamos correndo uma atrás da outra e quis escapar pela escada externa. Meu pai ainda não mandara arrancá-la. Estava rindo, lembro muito bem. Com os cabelos trançados, pequenas pérolas coloridas e um

leve vestido amarelo. No terceiro degrau, meu pé torceu e caí no vazio.

As lágrimas escorreram em sua face e se misturaram à água do tanque. Sequer tentou contê-las.

– Fiquei seis dias inconsciente. Meus pais acreditaram que eu estivesse perdida, e os médicos teriam preferido que estivesse mesmo. Quando despertei, não podia mais caminhar. Minha mãe ficou muito abalada. Era sua única filha. Ficou gravemente doente e, um ano depois, morreu. Meu pai... meu pai foi muito digno. Poderia ter voltado a se casar, ter outras esposas. Não, ficou cuidando de mim. Ensinou-me a ler, a contar. Iniciou-me nas Escrituras, o que era excepcional para uma menina. Mas não era mais exatamente uma menina. Era uma enferma. Vi minha prima noivar aos doze anos, casar aos treze. Tinha catorze anos quando nasceu seu primeiro filho. Hoje, ela tem quatro belos filhos que lhe valem o respeito de todos. Serve a seu marido, cuida das crianças, dá ordens a seus dois escravos. Sempre que pode, vai ao Templo. Pensa que a invejo? Talvez. Não sou uma enferma?

Sua respiração tinha se acelerado e ela fez uma pausa antes de continuar.

– Aos olhos dos homens... aos olhos dos homens, é o pior. Para alguns, sou uma maldição; para outros, um animal curioso. Um ser impuro, em todos os casos. Senão, como explicar que o Todo-Poderoso tenha me infligido essa punição? A mulher já não vale muito. Quando está impura então, deve ser afastada. O que dizer de uma mulher impura por toda a vida, o que ela pode esperar?

Fílon escutava calado. Com uma mescla de estupor e fascinação. Os lábios de Betsabel que dançavam, a sinceridade e a brutalidade de suas palavras, seus seios que roçavam nele... Não sabia mais o que pensar.

– Com o passar de todos esses anos, retomou ela, meus olhos foram se abrindo. Também voltaram-me imagens. Daqueles dias em que fiquei inconsciente e em que minha mãe me velava. Eu vi... Não, vai dizer que estou louca. Mas o fato é que... Acho que temos uma ideia equivocada do Senhor. Essas regras, esses princípios, esses ritos... Tudo isso nos tranquiliza. Esses gestos... Permitem que reconheçamos uns aos outros. Que rechacemos aqueles que

não os realizam. Que os combatamos. O limite é claro. Mas o amor Dele é mais simples. Sim, ao mesmo tempo mais simples e mais vasto. Ele não precisa dessas máscaras nos rostos, dessas vestes sobre os corpos. Desse sangue nas mãos. Ele distingue o bom do ruim. Sonda os corações. Foi meu pai quem me convenceu disso. Quase apesar de si mesmo. Justamente, apesar de si mesmo! Pois ele era bom. Bom por dentro. Ele, tão preocupado com as aparências, tão escrupuloso. Os alimentos, a maneira de se vestir, as preces, os sacrifícios, os dízimos... Mesmo que não fizesse nada disso, continuaria sendo bom. Bem melhor do que o sumo sacerdote, por exemplo, que tanto ostenta exteriormente sua fé. Ou bem melhor do que Ezequias, que afirma defender os judeus. O importante não é o que mostramos, mas o que somos.

Ela se afastou bruscamente, batendo as mãos na água.

– Queria a verdade, não é? Pois bem, a verdade é que hoje em dia não estou nem aí para o que pensam de mim. Para essas prescrições inúteis e esses olhares hipócritas. Decidi só fazer aquilo que acredito que deva ser feito. No final das contas, é só o que me resta, não? Ora, o que deve ser feito é, em primeiro lugar, deter o assassino de meu pai. E rápido. Pois esse homem é mau. Mau por dentro. Está tentando triunfar sobre o bem... Sobre o “verdadeiro” bem. Posso sentir. Sei que é assim.

Fílon poderia ter replicado que os preceitos do Altíssimo eram obra do próprio Altíssimo, e que um povo inteiro não poderia se entregar a seu Deus se não soubesse como honrá-lo. Que havia almas fracas, as mais numerosas decerto, para as quais os gestos eram esteios e a regra uma muralha de contenção. Que a nação judaica não poderia ter atravessado os séculos sem o cimento de seus ritos. E que ser escrupuloso e observá-los não impedia que se fosse sincero. Poderia expor todos esses argumentos e muitos outros. Mas se absteve. De certa forma, compreendia-a para além do que havia de blasfemo no que dissera. Admirava seu infortúnio e sua força. Achava-a bela.

Mas tinha que sair daquele tanque.

– Há ainda um aspecto do crime sobre o qual não lhe falei, disse ele da maneira mais neutra possível. Se não se opõe... gostaria de conversar sobre isso em outro local.

10

Era arriscado. Muito arriscado. Como acreditar por um instante sequer que o legionário de guarda na porta se deixaria enganar por aquilo? Era pura loucura. Mas, aparentemente, Betsabel estava achando muito divertido.

Um pouco antes, após se secar e encontrá-la na sala, Fílon revelara à jovem tudo o que sabia sobre o pergaminho encontrado no *tefilin*. Estava convencido de que ninguém mais do que ela desejava deter o culpado e de que ninguém melhor do que ela compreendia a urgência disso. Aliás, ela o escutara com atenção, fazendo diversas perguntas sobre Isaías, Miqueias, Naum, Oseias e Sofonias, os nabis em que o assassino provavelmente se inspirara. Então, quando estava certa de ter compreendido tudo, tomou sua decisão.

– Não temos escolha. Se é mesmo o texto que meu pai procurava, nós temos que ir à casa de tio Elias.

– Nós?

– É claro, nós! Sozinho, nunca conseguirá fazê-lo falar. E, se eu interrogá-lo sem você, talvez perca algum detalhe essencial. Já lhe disse, ele é um excêntrico. Aquilo que diz é às vezes um pouco... esquisito.

– Mas é impossível sair daqui! Há um guarda na frente da casa e os romanos estão em toda parte em Jerusalém. A menos que esperemos a noite, não temos nenhuma chance de...

– Nem pensar em esperar até a noite, disse ela com decisão. Cada hora perdida nos afasta do assassino.

Um brilho de malícia iluminou seus olhos.

– Mas fique tranquilo, sairemos mesmo assim. E agora.

Chamou Mandu e sussurrou algumas palavras em seu ouvido. Este balançou a cabeça antes de voltar dali a pouco com um

pedaço de carvão recolhido na lareira. Fílon começou a se dar conta do estratagema que ela pretendia empregar.

– Não está pensando em fazer isso... balbuciou.

– Sim, estou.

E foi assim que Fílon se viu no corredor, com o rosto copiosamente tingido de carvão, um turbante núbio nos cabelos, uma túnica que o cobria até os pés e Betsabel em seu colo. O guarda teria que ser tão tolo a ponto de confundi-lo com Mandu! Único inconveniente: se exigisse revistá-lo, se lhe fizesse alguma pergunta, se chegasse um pouco mais perto, o romano logo descobriria a fraude. Mas a moça não parecia nem um pouco preocupada:

– Não fique tão tenso, vai nos fazer cair! Os soldados estão atrás de um rebelde, não de um escravo. Ainda menos de um escravo negro! Vai ver, eles nem o notarão. Quanto às pessoas do bairro, estão acostumadas a nos ver juntos. Não há nada a temer!

Nada a temer... A não ser o fato de que ele tinha duas polegadas a menos do que Mandu, que era bem menos robusto e que, nos arranhões de seu rosto, aquela pasta negra ardia horrivelmente. Afora isso, não, não havia nada a temer.

A porta se abriu e o legionário de sentinela na entrada se virou, desconfiado.

– Aonde vai assim?

– Ao cemitério da porta dos Carneiros, respondeu Betsabel, com a voz emocionada no ponto certo. Tenho que prestar uma última homenagem a meu pai antes do pôr do sol.

Ele a considerou com uma espécie de desprezo misturado com irritação. Decididamente, aqueles judeus tinham um monte de costumes incompreensíveis.

– E ele?

Fílon sentiu uma gota de suor brotar em sua testa e uma vontade terrível de se coçar, imaginando a gota clara que se formara, descia sobre a lateral de seu nariz, corria sobre sua bochecha. Uma bela linha branca no meio de seu rosto todo preto!

– É meu escravo. Não posso caminhar, devia saber. Se prefere me levar você mesmo...

O soldado levantou os braços para o céu:

– Era só o que faltava!

Agitou a mão com um gesto de “sumam daqui”. Sem esperar segunda ordem, entraram na ruela e Fílon aproveitou para se virar um instante para a casa dos rebeldes. Os soldados continuavam a ir e vir em todas as direções. Perguntou-se o que poderia ter acontecido com Judas, o Galileu, com o gigante ruivo, com o rapaz hesitante. Não, melhor não pensar naquilo.

– Olhe para frente, assim vão nos notar! intimou-o Betsabel.

Atravessaram em silêncio o bairro dos perfumistas. A legião se espalhara por toda parte, inspecionando as tendas, vigiando as encruzilhadas e as ruas principais. Muitos moradores deviam ter se refugiado em suas casas pois não se encontrava quase ninguém nas ruas afora alguns peregrinos extraviados que os legionários mandavam voltar para o Templo. Para evitar os controles, os dois jovens utilizaram uma rede complicada de vielas, indo quase até o hipódromo para depois descer até a antiga muralha da cidade de Davi. Lá, ao abrigo dos olhares e do sol declinante, Fílon instalou Betsabel sobre uma grande pedra e descansou um pouco. Ela lhe estendeu um lenço branco para que se limpasse.

– Conhece Azzakku? divertiu-se ela.

– Azzakku?

– Sim. Quando era pequena e não obedecia, minha mãe dizia que Azzakku viria me pegar e me transformar em pedra. Minha mãe vinha da Mesopotâmia e, na região onde nascera, Azzakku era uma espécie de monstro das montanhas que assustava as crianças. Contavam que bastava ele se aproximar de um riacho para que este começasse a ferver e os peixes cozinhassem. E que, quando cuspia para cima, podia chover uma chuva negra por dois dias. Pois bem, está parecido com Azzakku!

Ela caiu na gargalhada.

– Obrigado, resmungou ele.

– Não me leve a mal, estou brincando. Na verdade, você é bastante bonito.

Pronunciou essa frase no mesmo tom zombeteiro, de modo que Fílon continuou com a cabeça enfiada em seu pano, perguntando-se que atitude adotar.

– É casado? prosseguiu ela. Não, sinto que não é. Entretanto, já está na idade.

Fílon emergiu do tecido, puxando como podia seus cabelos para trás.

– Não tenho pressa, defendeu-se. Consagro-me aos estudos por enquanto. Trabalho na academia de Arius Didymus. Interesso-me particularmente pela filosofia. Mas até que esteja seguro do caminho a seguir...

– Não me diga que a filosofia é sua única amante?

– Bom...

Ela o observava com uma expressão de escárnio. Não, é claro, pensou Fílon, não havia apenas a filosofia. Conhecera uma mulher também, em Alexandria. Uma mulher mais velha do que ele. Uma viúva. Muito bonita, muito carinhosa. Uma egípcia. Infelizmente, não era judia e não tinha a mínima intenção de se tornar. E, de qualquer jeito, seu pai nunca aceitaria aquele casamento.

– Prefiro não falar nisso, suspirou ele finalmente.

O humor de Betsabel se fechou subitamente e desapareceu de seu rosto qualquer vestígio de alegria:

– Perdoe-me se o ofendi, desculpou-se ela. Essas perguntas, essas observações, não sei o que me deu na cabeça. Por um instante, acreditei-me... Besteira minha.

Passou maquinalmente as mãos sobre as pernas e se forçou a sorrir.

– Afinal, Azzakku realmente me transformou em pedra, não é mesmo? Decerto eu não era mesmo bem comportada. Mas chega de papo, temos que continuar.

Fílon se debruçou sobre ela, passou um braço por suas costas e o outro sob suas coxas. Pareceu-lhe que ela não pesava quase nada.

Elias morava numa estranha cabana de pedra e de madeira sobre o monte das Oliveiras, do outro lado do vale do Cédron. Na frente da casa, uma grande figueira, uma cisterna e um cão selvagem, que parecia perfeitamente domesticado. Betsabel empurrou a porta, que não ofereceu nenhuma resistência. Dentro, tudo estava mergulhado numa semipenumbra e não se ouvia nenhum barulho.

– Se o cão está aqui é porque Elias não está longe. Tio Elias?!

– É você, Bet?

Havia um homem sentado no chão, de pernas cruzadas, encostado em uma das paredes. Quase sem se mexer, empurrou com a bengala uma tábua que fazia as vezes de janela acima dele. Uma luz alaranjada penetrou bruscamente, revelando uma sala totalmente vazia, afora uma esteira desenrolada num canto e um conjunto de potes de argila no chão. Do telhado de palha pendiam diversos saquinhos de couro amarrados em finos barbantes. *Tefilin*s. Quanto ao homem... Fílon demorou para distinguir seus traços. Parecia muito velho, com uma imensa barba que ia até a barriga. Suas mãos e seu rosto eram descarnados e cabelos amarelos caiam de um lado e do outro de seu crânio. Seus olhos estavam absolutamente imóveis. Era tão frágil que sua voz aguda e sonora parecia brotar de outra garganta que não a sua.

– Quem está com você, Bet? Não é Mandu?

– Não, tio Elias. Este é Fílon, um amigo. Está me ajudando a procurar o homem que matou meu pai.

– Um amigo, é? Que está ajudando você? Ah! Muito triste, a morte de Jeftê deve tê-la deixado muito triste. Ele me ajudou, tantas vezes. A morte, ai! O sangue...

– É a razão pela qual viemos vê-lo, tio Elias. Depois da morte, descobriram um *tefilin* em sua boca.

– O *tefilin*, a palavra do Altíssimo no coração! Mas na boca? *Peh-sah...* Sim, talvez... Peh-sah, a boca que fala! E *Pessah*, a Páscoa! Entende?

– Não, tio Elias, não entendo... Mas deixe-me terminar. Não havia versículos do Livro no *tefilin*, e sim uma profecia.

Betsabel fez sinal para Fílon se sentar ao lado do velho. Delicadamente, ela se aproximou de seu ouvido e recitou baixinho:

Mas, no dia do Nazireno,
último rebento de Davi vindo do país do Egito,
se o sangue de Jacob verter seu próprio sangue,
se ele pecar de novo face a seu Deus,
então Eu farei o Belial subir dos abismos
e, com ele, a tropa de Assur no seio de Israel!

Elias mexeu os lábios por um momento, mas sem emitir nenhum som. Repetia as palavras em silêncio, para si mesmo. Quando terminou, balançou longamente a cabeça:

– Então era isso, Bet...

– Isso o quê, tio Elias?

– Coitado! Ele tinha razão! E eu também! O *tefilin*, é claro! Peh-sah!

Fílon tinha a nítida impressão de que o velho estava simplesmente delirando. Betsabel pegou seus dedos nodosos na palma da mão e acariciou-os como faria com uma criança.

– Escute, tio Elias. Preciso saber. Ouvi-o um dia conversando com meu pai sobre um texto. Um texto que tinha para ele uma importância capital e que estava tentando encontrar a todo custo. Imagino que ele tenha se aberto para você.

– Esse texto... A Ameaça... Ai de nós! Nunca deveria ter sido lido. Nunca!

– Então era mesmo essa profecia que ele estava procurando?

– Essa profecia? Ah! Quem sabe? Minha pequena, faz um século e meio!

Então, de repente, calou-se, como que abismado num oceano de reflexões interiores.

– Tio Elias, retomou a moça, tem que me dizer. Estou quase certa de que assassinaram meu pai por causa desse texto. Só você pode me ajudar. Jeftê era seu amigo, não?

– Jeftê...

Parecia um pouco menos agitado.

– Jeftê ouviu falar da Ameaça. Há anos, em nossa família, em nossa casa. Oh! sim, dos tempos de Qehat e de Uzziel.

– Qehat e Uzziel? encorajou-o Betsabel.

– Qehat e Uzziel... Qehat era o sumo sacerdote do santo Templo, há cento e cinquenta anos. Qehat, o sumo sacerdote, sim, o saduceu! Uzziel era seu irmão, um homem pio, um fiel do Senhor. Um dia, Uzziel descobriu o texto. A Ameaça. Por que ele? O Altíssimo o quis e foi assim! Ai de nós! Dia de infortúnio e tristeza! Para todos nós!

Pôs-se a salmodiar algo incompreensível, com os olhos sempre fixados num ponto invisível. Ele é cego, pensou Fílon. É isso, cego!

– E que ameaça é essa, tio Elias?

– A Ameaça! O profeta, sim! Uzziel encontrara o verdadeiro texto do profeta. A profecia inteira! Mas Qehat não quis acreditar. Oh, não! Não aceitou a Palavra. Quis que Uzziel se calasse. Seu próprio irmão! E Uzziel desapareceu! E o texto da profecia desapareceu! Mas a Ameaça continua. Paira sobre nós, hoje!

Seu corpo inteiro tremia e Betsabel ajustou como pôde a túnica sobre seus ombros.

Fílon interveio:

– Quem é esse profeta? Quem escreveu esse texto?

– Quem pode saber? Tanto segredo há mais de um século! Tanto segredo! Uzziel desapareceu! O texto desapareceu! Mas o texto é autêntico. E o profeta também. Um profeta do Livro, é a verdade verdadeira. Mas qual? Que profeta? Não sei. Jeftê não sabia. Segredo demais. Quanto a Qehat... Na época, ele era o sumo sacerdote, não é mesmo? O saduceu. E os saduceus não gostam dos profetas. Os saduceus só conhecem os cinco primeiros livros. *Bereshit, Shemot, Vayikrá, Bamidbar, Devarim*[11]*...* A Torá de Moisés! O Pentateuco! Livros sagrados entre todos, sim! Mas os saduceus recusam todos os outros livros. Recusam-nos! Sobretudo os dos profetas! Por isso, Qehat fez seu próprio irmão se calar. Por isso Uzziel desapareceu!

– Qehat matou Uzziel? perguntou Betsabel em tom lúgubre.

– Ai de nós! Minha filha. Há cento e cinquenta anos! Onde estão as testemunhas? Onde? O que se sabe é que ninguém mais viu Uzziel, ninguém mais viu o texto. Até hoje!

– Então, como pode ter certeza de que se trata da mesma profecia? Quero dizer, a de Uzziel e a do *tefilin*?

– Ah! O Nazireno, Davi, o Egito... O Belial! A Ameaça! É óbvio que se trata do texto. O texto verdadeiro do profeta. Que profeta? Ai de nós! Como responder? O que sei é que houve o segredo, sim, mas que se ouviram coisas. Grandes dramas. O profeta anunciava grandes dramas. O fim de Israel se Israel não soubesse acolher o Messias. Acontece que os saduceus também não acreditam no Messias. Oh, não! Os grandes sacerdotes não querem saber do

Salvador. Perigo demais! Os fariseus rezam para que o Messias venha. Mas os saduceus têm medo disso! Os grandes sacerdotes têm medo, sim!

– Tio Elias. Será que... será que o sumo sacerdote Gad também tem medo?

– Gad? Ai de nós! Gad, o saduceu. Jeftê falou com ele. Os dois conversaram. A propósito da Ameaça!

– Meu pai e Gad?

– Inevitavelmente! O segredo na família, o segredo na casa! Já lhe expliquei isso. Gad e Jeftê!

– Desculpe, tio Elias, mas não estou entendendo. Que família? Que casa?

– A casa! A casa de Gemul! Qehat e Uzziel eram da casa de Gemul! Todos nós somos da casa de Gemul! É o segredo do segredo!

Fílon lançou um olhar interrogativo para a moça.

– É verdade, aprovou ela. Elias tem razão. Gad e meu pai pertencem ao mesmo clã. Uma família de sacerdotes, bastante antiga: a casa de Gemul, de que só restam alguns membros. Mas meu pai se afastou dos saduceus e nunca quis fazer parte do Templo. Além disso, Gad e ele não eram irmãos, apenas primos. Como muita gente em Jerusalém...

– Não irmãos, não! reforçou o velho. Não como Uzziel e Qehat... Mas Gad estava a par, eu sei. Por causa da casa, justamente. A casa de Gemul! Gad interrogou Jeftê e Jeftê me contou. Estava preocupado, muito preocupado. Alguém se interessa pela Ameaça e a Ameaça acontece. Alguém deseja o lado mau da profecia. Alguém que espera a vitória do Belial! Ai de nós! A vitória do Belial! Era isso que Jeftê pensava. Queria impedir isso. O triunfo do Belial! Impedi-lo a qualquer preço! Por isso procurava o texto. O texto encontrado no *tefilin*!

11 Em Hebreu: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio, designados pela primeira palavra importante que abre o texto.

11

Ele fala. Senhor, ele fala. Está impaciente. Quer saber.

Não faz ideia.

– Mostre-o para mim.

Mostrá-lo para ele, é claro. Como poderia imaginar. Não espera por isso. Não de mim.

– Aqui está...

O pergaminho sobre a mesa. Seus dedos febris. Certifica-se de que ao seu redor... Mas não, ninguém para surpreendê-lo, nem mulher nem filhos. Quanto aos criados... Sim, foi tudo bem preparado.

Levantar-me, lentamente. Ele não se mexeu. Está lendo. Avidamente. Aproximar-me.

– Aqui, está vendo? Estas duas frases, aqui.

Ele está confiante.

Suas costas. O punhal que vem por si próprio. É tão fácil. Um só golpe. A lâmina perfura e faz explodir seu coração. Por um instante, seus olhos me buscam. Terá ao menos compreendido?

Depois, o abandono.

Os últimos estertores do sol, o frescor do ar sob o grande cedro. Rolar o corpo na poeira. Poeira nos ouvidos. Dobrar o pergaminho. O estojo. Poeira na boca. O cadarço. A consumação.

O profeta ficaria contente.

Fílon teve tempo apenas para se encostar na parede: dois soldados vinham em sua direção. No último segundo, viraram para o leste. O jovem respirou. Estava perto do palácio de Gad, atrás do teatro de Herodes. À medida que se aproximava do Templo, os legionários se tornavam mais numerosos, mas, por sorte, pareciam

ter abandonado a caça aos rebeldes e circulava-se mais facilmente por Jerusalém. Mesmo assim, se por acaso o detivessem...

Estava preocupado com Betsabel que ficara na casa do velho Elias no monte das Oliveiras. Ela conseguira persuadi-lo de que Mandu daria um jeito de buscá-la assim que anoitecesse e de que o mais urgente era interrogar o sumo sacerdote. Pois era evidente que Gad estava implicado naquilo. Conhecia a existência da profecia, conversara sobre ela com Jeftê. Talvez mesmo tivesse sido ele o mandante do crime... Fílon devia ser prudente. Quando o encontrara no Templo, Gad o aconselhara a não se meter mais naquele assunto. O que, retrospectivamente, funcionava como uma espécie de confissão. Ou ao menos como prova de que tinha algo a esconder.

O palácio não devia estar longe. A rua era bastante larga, bem calçada, cercada por tochas que a iluminavam como se fosse dia. O bairro rico, os homens vestidos de mantos caros conversando em grupos, as mulheres com penteados refinados apressando-se para casa ao cair da noite. Virar na rua seguinte e...

Fílon se viu quase cara a cara com ele. Não viu seu rosto inicialmente, mas os brilhos coloridos que escapavam de debaixo de sua capa branca: as doze pedras preciosas do éfode, uma para cada tribo de Israel... Então, como num sonho, reconheceu seus traços firmes e autoritários, a barba fina, o olho aguçado, os cabelos presos sob o capuz. Gad... Que parecia tão surpreso quanto o próprio Fílon.

– Perdoe-me, sumo sacerdote, é uma coincidência. Estava mesmo...

Sem escutar, Gad deu meia-volta imediatamente e começou a correr por uma das vielas que desciam à direita. Fílon não reagiu imediatamente.

– Espere, eu não queria... Sumo sacerdote?

Lançou-se em seu encalço. Por que Gad fugia dele assim? O que tinha a temer? Outra ruela. Ninguém. Um eco de passos precipitados um pouco mais adiante, a leste. Devia ter virado ali, decerto em direção ao Templo. Fílon se deu conta de que, de tanto hesitar, ficara para trás. Acelerou e foi dar numa via mais larga e

melhor iluminada. Ali estava ele, a cerca de cinquenta passos. Mas, na verdade, não era ao Templo que se dirigia.

– Pega ladrão! gritou o sumo sacerdote com toda força. Pega ladrão!

Uma patrulha romana. Lançara-se à primeira patrulha que aparecera! Uma patrulha que olhava agora para onde Fílon estava. Eram cinco. Decididamente...

Fílon deu meia-volta. Mas não teve sorte. Alertados talvez pelos gritos, dois soltados avançavam em sentido inverso. Aqueles com que quase cruzara pouco antes. À direita e à esquerda, altos muros lisos. Nenhuma saída. Desta vez, fora pego. Logo sentiu a ponta de uma lança em suas costas.

– Não se mexa!

Com sua habitual delicadeza, os romanos deram-lhe alguns golpes nos ombros e nas pernas, para fazê-lo compreender que era melhor não se debater.

– Não têm o direito de me prender! protestou Fílon.

– Cale-se. Dirá isso ao chefe das prisões.

Amarraram suas mãos nas costas e o pequeno cortejo se pôs a caminho da fortaleza Antônia.

Gad desaparecera.

Seis horas? Sete horas? Estava preso havia pelo menos seis. Vira passar o disco brilhante da lua pela minúscula abertura em forma de crescente bem no alto da parede. Agora só distinguia seu halo leitoso. A prisão também parecia mais calma. Menos gritos e imprecações, substituídos por roncos e, de vez em quando, um chamado. Além dos grunhidos da cela vizinha onde um prisioneiro se agitava com barulhos de corrente. “Hon! Hon! Não... Água!” O homem estava delirando ou algo do gênero. Volta e meia, batia na pedra. Impossível dormir. De qualquer modo, Fílon não tinha sono. Seis horas transcorridas, aproximadamente. E quantas ainda por viver? Pois não tinha ilusões. Por enquanto, os romanos não o tinham identificado. Nem nos corredores da fortaleza Antônia, nem naquelas masmorras repugnantes. Nenhum deles o reconhecera. Mas aquilo não duraria muito.

Chegando à fortaleza, tinham-no apresentado inicialmente ao chefe das prisões. Fílon tentara bancar o peregrino inocente, atordoado com todos aqueles maus-tratos, mas o velho centurião, seco como o estalo de um chicote, não quis saber de papo. Ainda mais que parecia ocupado com outros assuntos.

– Coloquem-no junto com os ladrões.

– Mas não sou um ladrão!

– Tentou fugir, não foi? É o suficiente para ser considerado suspeito. Além disso, tem cara de ladrão. Quanto ao que realmente é, caberá ao tribuno Julius decidir. Ora, por enquanto, ele tem assuntos mais importantes a resolver, pode acreditar.

– É verdade que o procurador Coponius estará esta noite em Jerusalém? perguntou o legionário que segurava Fílon.

– A mais pura verdade, soldado. Ele vai se instalar no grande palácio, a oeste da cidade. O tribuno está organizando tudo.

Sorriu com presunção:

– E eu estarei no banquete que dará em honra ao procurador.

– A vinda do procurador... tem relação com os reforços? continuou o outro.

– Isso não é da sua conta, soldado. E, de qualquer modo, logo ficará sabendo.

Fílon foi então conduzido até uma cela onde já se amontoavam cinco indivíduos sujos e esfarrapados. Mal se coçaram para lhe abrir espaço e ele se viu acuado entre a parede e a grade de ferro. O que mais o repugnou foi o fedor que ali reinava, algo entre excrementos humanos e cadáver em decomposição. O cadáver, Fílon logo o notou, à luminosidade vacilante da tocha do corredor: um grande rato, com a cabeça esmagada, jogado do outro lado das grades. Onde fazia a felicidade de uma multidão de insetos dotados de um número espantoso de patas. Quanto aos excrementos... Também compreendeu rapidamente quando um de seus companheiros se levantou e se virou para o canto da parede, no fundo da cela. Pensando bem, Fílon concluiu que não estava tão mal assim apoiado contra a grade.

Passado algum tempo, dois legionários desceram com uma cesta cheia de pães redondos e odres de pele. Houve uma

repentina efervescência, gritos, altercações. Aquilo divertia loucamente os romanos:

– Vamos, cães, está na hora da janta!

Lançavam a comida através das grades e distribuíam de passagem algumas cacetadas nos imprudentes que estendiam as mãos para eles. Na cela vizinha, o homem acorrentado não teve direito a nada:

– Você não, regime seco.

O prisioneiro não pareceu se queixar e Fílon supôs que estivesse dormindo ou resignado. De sua parte, devorou vorazmente o pedaço de pão velho que pegou em pleno voo e deu um jeito de ser um dos primeiros a beber do odre. Mastigando o que lhe restava de pão, pensava nas palavras do chefe das prisões: Julius estava no palácio de Herodes para receber o procurador Coponius, o que lhe proporcionava um prazo suplementar antes de se ver confrontado ao tribuno. Mas aquilo significava também que o procurador deixara Cesareia havia pelo menos dois dias, uma vez que a cidade nova de Cesareia ficava longe de Jerusalém, na costa noroeste. O que queria dizer que as negociações de Ezequias a propósito do censo deviam ter fracassado. Mais uma má notícia.

A noite se prolongava. A lua apareceu e desapareceu. Seus companheiros de cela – ladrões, portanto – acabaram adormecendo. Não tinham trocado três palavras, como se desconfiassem uns dos outros. Nada a ver com o energúmeno do outro lado da parede, que gemia cada vez mais forte.

– Hon! Hon! Haaa!

Fílon teve vontade de mandá-lo se calar, mas mudou de ideia. Não chamar atenção sob nenhum pretexto. Reviu o éfode, as pedras preciosas, os traços de Gad sob o capuz. Sua surpresa, real. Por que agira daquela forma? Por que armara para que Fílon fosse preso, sabendo que corria o risco de ser executado? Betsabel tinha razão, o sumo sacerdote certamente estava envolvido no assassinato de seu pai.

– Hon! Água! Água!

Betsabel... Fílon tinha que admitir que a moça tinha algo de único. Espírito, certamente, muito espírito. Beleza também, e que beleza! Seu corpo naquele tanque, nu. E ele tão perto, roçando-a.

Uma liberdade, sim, uma liberdade que não encontrara em nenhuma mulher antes. Seria um bem ou um mal?

– Hon! Judas! Samuel! Água!

Fílon saiu bruscamente de suas meditações. Compreendera bem?

– Samuel! Judas! Não!

Samuel, Judas... Era aquilo mesmo, compreendera corretamente. Samuel era o nome do rebelde que o atacara no estábulo de Aceldama. E Judas... Judas, o Galileu?

– Água! Hon!

Com toda evidência, o homem estava sedento. Os romanos não deviam ter lhe dado de beber desde a tarde. Talvez mesmo estivesse ferido? Tateando, Fílon recuperou o odre de pele no meio da cela. Agitou-o. Restava um pouco do precioso líquido. Passou a mão através da grade e sacudiu suavemente o odre à beira da grade vizinha.

– Ei! Está me escutando? murmurou. Água. Água para você. Pegue.

– Água, gemeu o outro. Água.

A voz rouca de um agonizante. Seja lá quem fosse, não estava muito bem. Após um instante de silêncio, ouviu-se no entanto um barulho de correntes arrastadas no chão. O homem estendera o braço e tentava passá-lo através das grades.

– Beber...

– Devagar, encorajou-o Fílon. Devagar, está quase lá. Isso, não o solte.

Aquela mão gigantesca com aqueles dedos ensanguentados, Fílon teria jurado... Sim, só podia ser a mão do gigante ruivo! A mesma mão que por pouco não esmagara seu nariz no esconderijo dos rebeldes!

O odre logo sumiu na escuridão. Ouviram-se ruídos de deglutição e um arquejo prolongado. Fílon esperou um pouco e bateu delicadamente na parede.

– Está me ouvindo? Continua me ouvindo?

Como resposta, escutou um novo gemido.

– Sou Fílon. Fui eu que ajudei seu irmão Samuel no estábulo. Lembra? Eu estava também na casa, esta manhã.

– Samuel... Ahh!

– Mais baixo, por favor! Os guardas estão nos vigiando. Conte-me o que aconteceu hoje de manhã.

– Os romanos, respondeu o gigante com dificuldade. Os romanos nos pegaram... eu... Minha barriga, atingiram minha barriga. Está doendo.

– E Judas? Pegaram-no também?

– Não, Judas não. Ele fugiu. Pela porta dos fundos.

Fez um ruído asqueroso tentando rir.

– Eu o cobri bem, sim. Quando entraram, devo ter matado seis ou sete. Sim, pode-se dizer que o cobri bem. Eles não o pegaram.

Aquilo explicava a agitação febril dos romanos durante a tarde: tinham deixado o chefe dos rebeldes escapar!

O gigante tossiu de novo:

– Meu irmão, conseguiu articular. Samuel... Tem alguma notícia dele?

Fílon se esquivou da pergunta:

– Fale-me dos outros. Os outros conseguiram escapar?

– Ninguém. Todos mortos. Sou o único. Mas o cobri muito bem.

Ele praticamente gritara sua última frase e, ao redor de Fílon, dois dos prisioneiros se agitaram.

– Mais baixo, pelo amor de Deus! Os soldados... Os soldados o interrogaram?

– Aqueles vermes! Um dia, acabarei com eles. Todos. Ou então, Judas o fará. Eu não disse nada. Sobre o ataque e tudo mais. Podem me torturar o quanto quiserem, não arrancarão nada de mim. E, no final, serão obrigados a partir! Fora da Palestina, todos!

– Shhh! Cale-se.

Havia um barulho na escada: alguém descia os degraus. Ao lado de Fílon, um dos ladrões também acordara. Logo a prisão toda despertaria. E o gigante continuava.

– Nossa terra! Aqueles vermes, esta terra é nossa!

Os passos se aproximaram e a luz de duas tochas inundou o corredor. O jovem fingiu fechar os olhos. Por baixo de suas pálpebras semifechadas, reconheceu o legionário que lhes trouxera a água e os pães à guisa de refeição. Atrás dele vinha um homem

envolto num manto e coberto com um capuz que escondia seu rosto.

– A terra dos judeus! resmungou o gigante.

Sem hesitar, o legionário se dirigiu para a cela de Fílon. Este deu uma roncadinha discreta. Em vão. A chave girou na fechadura e a grade se abriu.

– Você, latiu o guarda, chutando seu pé. O tribuno Julius quer interrogá-lo. Imediatamente.

– Eu, mas...

Atrás do legionário, a silhueta lhe fez sinal para ficar quieto e obedecer. Fílon pensou o mais rápido que pôde. Àquela hora da madrugada, havia pouca chance de que Julius pedisse para ver um prisioneiro qualquer. Devia se tratar portanto de outra coisa.

– Beber, retomou o gigante, articulando novamente com dificuldade.

– E ele? sussurrou Fílon. Não podem deixá-lo assim. Precisa de água.

Saindo da cela sob o olhar pasmo de seus companheiros, conseguiu perceber o rebelde. Estava num estado lamentável, o rosto, as mãos e o corpo cobertos de sangue. Seus tornozelos e seus punhos estavam presos por correntes fixadas à parede. Dirigiu a Fílon um olho incrivelmente inchado:

– Água...

– Este? riu o legionário. Não se preocupe, sua hora logo chegará. E nunca mais precisará de água.

– Água... repetiu o infeliz.

Antes que o romano pudesse intervir, Fílon estendeu o braço e tocou o ombro do gigante ruivo.

– Samuel está bem, disse rapidamente. Samuel está em segurança, eu lhe garanto.

O legionário o puxou vigorosamente pelo cotovelo, prestes a golpeá-lo:

– Se fizer isso de novo...

No entanto, suspendeu seu gesto, com pressa de alcançar o homem encapuzado que se afastava na escada.

Foi subindo as escadas por sua vez que Fílon ouviu o gigante ruivo pela última vez. Ele chorava baixinho.

– Vamos logo, ordenou o soldado.

Com a ponta da lança nas costas – aquilo estava se tornando habitual – o egípcio subiu a escada em caracol até a sala da guarda. Esta, ao contrário da efervescência do início da noite, encontrava-se deserta. Sobre uma mesa, em meio aos restos de uma modesta ceia, o homem do capuz colocou uma bolsa de couro que parecia bem guarnecida.

– É um prazer trabalhar com pessoas como o senhor, disse o legionário em tom obsequioso. Agora basta seguir aquele corredor. Há várias portas no final, vocês encontrarão uma que dá para a parte de baixo da fortaleza. Fecharei assim que saírem. Com tudo que anda acontecendo nestes últimos dias, duvido que notem tão cedo a ausência de um ladrãozinho.

O homem encapuzado concordou com a cabeça e se enfiou na espécie de túnel escuro. Fílon seguiu seus passos, esforçando-se por não tropeçar.

– Por favor... começou. Poderia ao menos explicar?

O outro não diminuiu o passo:

– Mais tarde, meu jovem amigo, mais tarde.

Ezequias! Era a voz de Ezequias!

– Mas você é...

– Silêncio, já disse!

12

– Ezequias, um instante. Preciso entender.

Tinham se afastado da fortaleza Antônia com a maior cautela, medindo cada passo e segurando a respiração. Jerusalém estava mergulhada no escuro, seus habitantes adormecidos, mas os arredores do Templo e da cidadela continuavam minuciosamente vigiados: os soldados romanos patrulhavam sem descanso. Ao leste, bem longe no céu, alguns rasgos pálidos anunciavam as primícias da aurora. O ar estava fresco e suave, banhando deliciosamente o rosto de Fílon depois do fedor e da promiscuidade das masmorras. Julgando que estavam fora de alcance, Ezequias se deteve sob o alpendre de um depósito, na extremidade do bairro comercial do Tiropeon. Precisou de algum tempo até recuperar o fôlego:

– Eu também gostaria de compreender, disse num arquejo.

– Sua embaixada junto a Coponius?

– Um fracasso, meu rapaz, um terrível fracasso. Quando cheguei a Jope a fim de embarcar para Cesareia, um emissário do procurador me aguardava. O imperador Augusto deu ordens muito claras: nenhuma regalia para a Palestina, estava fora de questão adiar o censo. Todas as províncias devem ser submetidas ao imposto, ponto final. E se houver revolta, que ela seja afogada no sangue. De certa forma, acho que Coponius deseja extirpar o abscesso o quanto antes. Não quer saber de uma agitação crônica e de rebeldes incapturáveis. Prefere enfrentá-los agora, em posição de força. É a razão pela qual está em Jerusalém com novas tropas. Rumamos para a guerra, meu jovem amigo, rumamos para a guerra.

– Eu... eu justamente encontrei seu filho, Judas.

A voz do homem se afrouxou:

– Judas...Espero apenas que não tenha feito minha caveira. Mas seja lá o que ele afirme, estou convencido de que esse levante é um grave erro. Que só fará piorar a situação.

– O fato é que foi por muito pouco que os legionários não o capturaram.

– Soube disso, sim. Betsabel me explicou o que sucedeu nestes dois últimos dias. Judas sempre gostou do risco, ai de mim!

– Então viu Betsabel?

– Estava à sua procura, como pode imaginar! No fim da tarde, quando voltei a Jerusalém, ninguém foi capaz de me dizer onde você estava. Em desespero de causa, fui até a casa de Jeftê. Betsabel aguardava seu retorno, em companhia de Mandu. Segundo ela, ao deixá-la, ia encontrar o sumo sacerdote.

Sua voz tremia ligeiramente:

– Conseguiu falar com ele?

– Com o sumo sacerdote? Na verdade, não. Cruzei-o no caminho do palácio, mas, assim que me reconheceu, fugiu correndo. A seguir, alertou a guarda e foi assim que me prenderam.

– Fugiu? Isso parece no mínimo estranho. Sobretudo se levamos em conta que... Mas voltaremos a isso mais tarde. No final, foi o bom Simeão que me contou que você estava na fortaleza. Ele o viu lá em meio aos legionários. Tenho alguns contatos ali e... Em resumo, como muitos oficiais estavam no banquete do procurador, dei um jeito de subornar os guardas.

Bateu em seu ombro:

– Quatrocentas moedas de prata, dois anos de soldo, eis o que você me custou esta noite!

– Sou-lhe infinitamente grato, Ezequias. Sem você...

– Agradeça sobretudo a Simeão que o notou antes do tribuno! Aliás, temo que não tenha mais escolha: terá que voltar para o Egito. Se Julius ouvir falar dessa história... Mas disso também voltaremos a falar mais tarde. De imediato, tenho que conduzi-lo até Gad.

Franziu estranhamente as sobrancelhas:

– E vou avisando: não é bonito de se ver.

O palácio do sumo sacerdote Gad emergia da sombra como um fantasma descomunal. O portal que dava para os fundos do teatro de Herodes não estava fechado, assim como o corpo principal do prédio. Apesar da escuridão, Ezequias parecia se orientar sem hesitação através das imensas peças que eles percorriam. Aqui e ali, graças a um raio de lua, Fílon adivinhava poltronas e bancos em madeiras preciosas, longas mesas com inúmeros copos e peças de louça, móveis maciços com fechaduras complicadas, placas de mármore fino que decoravam as paredes, o jogo sutil entre os tanques de água a céu aberto e os elegantes pórticos que os rodeavam.

– Não há realmente ninguém? sussurrou o jovem.

– E isso não é o menos estranho, respondeu Ezequias no mesmo tom. Parece que Gad tinha mandado sair a vintena de escravos e criados que costuma cuidar de sua casa. Com que finalidade? Ignoramos e teremos que esperar até o nascer do dia para sabê-lo. Seja como for, quando vim para cá com Simeão, o palácio estava totalmente vazio. Betsabel nos assegurou de que você estaria na casa do sumo sacerdote, mas estávamos longe de esperar pelo que vimos!

Chegaram finalmente a uma sala circular com altas janelas que dava para o jardim. Para o grande espanto de Fílon, este era composto de três vastos terraços em diferentes níveis, ligados por uma espécie de cascata artificial que rumorejava alegremente. Esta corria até um pequeno tanque ladeado por pedras e cedros majestosos, sob os quais se agitavam diversas silhuetas com tochas na mão.

– Foi Simeão quem teve a ideia de esquadrinhar o jardim, esclareceu Ezequias.

O grande personagem se dirigia a eles fazendo amplos gestos.

– Você conseguiu! exclamou a meia voz. Ufa! Fico feliz que os romanos o tenham deixado sair! Talvez possa nos ajudar a compreender por que o infortúnio se abate assim sobre Jerusalém!

– O que houve exatamente?

– Venha, verá com seus próprios olhos.

Seguiram Simeão até embaixo das árvores, onde uma área fora arrumada para que as refeições fossem servidas ali. Havia uma

mesa coberta de mosaicos coloridos, uma dezena de poltronas puxadas para trás e um cadáver estendido de bruços. Devia ter sido arrastado ou rolado no chão, pois seu rosto e seus braços estavam cobertos por uma espécie de terra branca. À luz da tocha, o jovem não reconheceu imediatamente o rosto de Gad: seus cabelos e sua barba estavam sujos e embaraçados, seus olhos horrivelmente escancarados e tanto sua boca quanto suas orelhas vomitavam poeira. Atrás de sua túnica, à altura do coração, estendia-se uma grande mancha vermelha, parcialmente esbranquiçada pelo calcário. Fílon notou que ele não vestia mais o éfode ritual com que o vira no início da noite.

– Foi o mesmo assassino, gemeu Simeão, não há dúvida. Matar o sumo sacerdote a quatro dias da Páscoa! Que efeito isso provocará nos fiéis?

– É inacreditável, murmurou Fílon. Por que ele fugiu quando me viu? O que tinha a temer de mim? Queria apenas falar com ele.

– Talvez o tivessem ameaçado caso lhe dirigisse a palavra? sugeriu Ezequias.

– Ou pensou que fosse eu o assassino.

– Bom, pelo menos sabemos o intervalo em que ocorreu sua morte: entre o momento em que o encontrou ao cair da noite e o momento em que eu e Simeão o descobrimos, uma hora atrás.

Fílon se ajoelhou para examinar a chaga:

– Uma punhalada, visivelmente, e de grande violência. Desferida nas costas, à altura do coração. Devia estar de pé atrás dele e... Gad não deve ter sofrido. Mas por que cobri-lo assim de poeira?

– Se quer saber, ele tomou até o cuidado de encher de poeira seus ouvidos e sua boca, reforçou Simeão. Não teria feito isso nem a um animal!

– A boca, justamente... Há sangue nos cantos dos lábios.

– Como com Jeftê, exatamente igual! Um cadarço de couro prendia seus lábios.

O homem gordo se interrompeu e balançou de um pé para o outro, incomodado:

– Não podia tocá-lo com minhas mãos, como pode imaginar. Chamei então dois de meus criados para procederem a... Enfim, entende o que quero dizer. Pois bem, a boca estava de fato cheia de

terra, mas debaixo da língua, encontraram um *tefilin*. Do mesmo tipo que aquele encontrado em Jeftê.

– E no *tefilin*?

O timbre de Simeão se tornou cavernoso:

– Um pergaminho, Ezequias, um pergaminho. A continuação da profecia. Estava começando a lê-lo quando vocês chegaram. Vejam...

Mas, no dia do Nazireno,
último rebento de Davi vindo do país do Egito,
se o sangue de Jacob verter seu próprio sangue,
se ele pecar de novo face a seu Deus,
então Eu farei o Belial subir dos abismos
e, com ele, a tropa de Assur no seio de Israel!
Chorai! Chorai, mulheres de Jerusalém!
O flagelo de Deus contra seu curandeiro,
a boca da mentira contra o resto de verdade,
os filhos das trevas contra os filhos da luz!

– “Os filhos das trevas contra os filhos da luz”, repetiu Fílon, estupefato.

– Essas palavras evocam alguma coisa para você?

– Certamente! Já ouvi essa expressão, mais de uma vez. Mas não aqui. Em minha terra, Alexandria!

Os dois membros do Sinédrio o fixavam, pasmos.

– Em Alexandria? inquiriu Simeão.

– Sim! Passei várias semanas numa comunidade de terapeutas à beira do lago Mareotis. Os terapeutas levam ali uma vida de preces e recolhimento, afastados da cidade. Ora, eles designam a si mesmos como os filhos da luz, que se dedicam a respeitar escrupulosamente as vontades do Senhor. Contrariamente aos filhos das trevas que têm uma existência ímpia e se comprazem no pecado. Estou usando seus próprios termos.

– Os filhos das trevas contra os filhos da luz... Mas não estamos em Alexandria! irritou-se Ezequias. Que relação isso tem com Gad? E com Jerusalém? O culpado seria em sua opinião um desses terapeutas?

– Não creio, começou Fílon. No entanto...

De repente, teve um estalo:

– Qumran! Aí está o elo!

– Qum-ran? soletrou Simeão, cada vez mais perdido.

– Como não pensei nisso antes? Os terapeutas não são mais do que um ramo secundário dos essênios de Qumran. Seguem uma boa parte de seus ritos e de seu vocabulário. Pelo pouco que sei dos essênios, acredito que eles também se consideram os filhos da luz num mundo ameaçado pelos filhos das trevas. Esse texto nos remete aos essênios, tenho quase certeza!

– Perdoe-me, meu rapaz... objetou Ezequias. Embora os essênios nos aproximem de Jerusalém, não vejo que interesse teriam em assassinar o sumo sacerdote! Eles vivem isolados no deserto há dezenas de anos!

– Não estou afirmando que o assassino seja um deles. Ainda que sua hostilidade ao Templo seja notória e, por conseguinte, ao seu representante mais ilustre. Simplesmente, há outro detalhe que talvez ignorem: Jeftê visitara Qumran diversas vezes. Sei-o por Betsabel, sua filha. Estava tentando unir fariseus e essênios contra os saduceus. Ora, Jeftê também foi eliminado.

– Jeftê em Qumran... Nunca contou isso para nós!

– Provavelmente supunha-os partidários do Templo. Além do quê, sempre conservou seus deslocamentos em segredo.

– Se estou entendendo bem, recapitulou Ezequias, esse pergaminho diz respeito aos essênios de uma maneira que você não sabe definir bem, mas que bastaria para explicar tanto o assassinato de Gad quanto o de Jeftê. Tudo isso baseado numa profecia inventada por um assassino!

– Não é bem assim! Segundo Elias, o tio de Betsabel, a profecia talvez não seja tão falsa quanto parece. Poderia se tratar da mensagem verdadeira de um dos profetas do Livro. Uma mensagem cuja existência teria sido escondida há muito tempo.

– Tsc! enervou-se Ezequias. Elias é meio maluco. Essa história já está complicada demais para que ainda por cima envolvamos esse velho louco. Além do mais, afora esses filhos da luz e esses filhos das trevas, não vejo o que esse texto tem de excepcional. Ao

menos, nada que justifique que se matem dois homens e que se tente escondê-lo.

– No presente caso, sublinhou Fílon, o assassino parece antes interessado em dá-lo a conhecer, o que soa ainda mais ilógico. E quanto ao conteúdo...

Releu em voz alta as últimas linhas:

Chorai! Chorai, mulheres de Jerusalém!
O flagelo de Deus contra seu curandeiro,
a boca da mentira contra o resto de verdade,
os filhos das trevas contra os filhos da luz!

– As trevas contra a luz, a mentira contra a verdade, o flagelo contra o curandeiro. Trata-se de um alerta, como outros existentes nas Escrituras. Se o povo de Israel não se mostrar digno de acolher o Salvador, então as forças do mal se desencadearão! Mas, em minha opinião, autêntica ou não, um aspecto dessa profecia continua nos escapando.

– A menos que ela continue incompleta, emitiu Simeão.

Houve um silêncio, cada um medindo o que tal eventualidade implicaria.

Ezequias foi o primeiro a retomar a palavra:

– O tempo urge, ai de nós! Não poderemos continuar indefinidamente a esconder a morte de Gad. Nem do povo, nem, sobretudo, dos romanos. Tenho que avisar Julius. Deus sabe do que nos acusaria se tardássemos mais.

Tomou Fílon pelo braço.

– E você, meu rapaz, terá que deixar a cidade imediatamente. Assim que a notícia do assassinato se espalhar, a legião reforçará sua vigilância e não poderei fazer mais nada por você. Deixei instruções para Nertari a fim de que ela facilite sua partida. Acho mesmo que Betsabel, que concorda comigo a esse respeito, manifestou seu desejo de lhe dizer adeus.

– Venerável Ezequias, agradeço-lhe do fundo do coração. Fez por mim tanto quanto um pai faria por seu filho. Dito isso, não pretendo voltar para o Egito por enquanto. Penso... penso que é meu dever ir até Qumran.

– Ir até...

O velho ia acrescentar alguma coisa, mas se absteve:

– Respeito sua decisão. Afinal, desde que chegou a Jerusalém, esteve envolvido num número tão grande desses acontecimentos... Quem sabe o que ainda descobrirá? Ainda que, em minha opinião, essa história de profecia seja apenas um engodo. Mas tem coragem, é inegável. Se eu tivesse tido a mesma coragem na sua idade...

Calou-se e apertou calorosamente a mão do jovem na sua.

– Se voltarmos a nos encontrar, acrescentou, espero que seja num dia de paz para nosso povo.

Fílon levou apenas alguns minutos para chegar à casa de Ezequias.

Nertari e Betsabel o aguardavam, sentadas em bancos uma de frente para a outra, suas silhuetas recortando-se vagamente à luz da única tocha do vestíbulo.

– Você está... você está são e salvo, suspirou Betsabel.

– Eu sim. Mas, infelizmente, o sumo sacerdote Gad foi assassinado. Do mesmo modo que seu pai, e com a mesma selvageria. Lamento muito. E o pior: Ezequias me aconselhou a desaparecer o mais rápido possível e eu... decidi ir até Qumran. Esta noite. Tenho a intuição de que uma parte da solução deste mistério se encontra lá.

– Então não vai voltar para o Egito?

– Não por enquanto. Para ser claro, descobriram a continuação do pergaminho no corpo de Gad e estou convencido de que ela faz referência aos essênios. Tomei minha decisão, parto para Qumran.

Uma chama súbita – ou teria sido o reflexo da tocha – brilhou no olhar de Betsabel.

– Se for para Qumran, eu também irei.

Fílon contrariou-a sem determinação.

– Não penso que...

– Quer falar com os essênios porque meu pai falou com eles, não é isso? Pois bem, se a resposta a suas questões está em Qumran, também quero estar lá.

– A viagem...

– Não se preocupe com a viagem. Sei montar um dromedário e o cansaço não me mete medo. Além disso, se teme que eu o atrapalhe, Mandu cuidará de mim.

Virou-se para Nertari:

– Suponho que Ezequias não veja inconveniente nessa despesa suplementar?

– Não, não... balbuciou a escrava. O mestre disse: tudo o que for necessário. Mas não estou certa de que Yarib tenha três dromedários.

Fílon recordou sua conversa com o menino que carregava sacos de tâmaras no mercado de Aceldama:

– Yarib, o dono do estábulo? Se não me engano, havia ao menos três destes animais em seu pardieiro.

– Nesse caso... inclinou-se Nertari. Vou dar as ordens. Serão necessários mais víveres e...

– Providencie tudo da melhor maneira possível, interrompeu-a Betsabel. Deve-nos isso, não?

Nertari torceu o nariz, mas não ousou replicar. Bateu precipitadamente em retirada.

– O que deu nela? perguntou Fílon quando ficaram a sós.

– Não dê bola, histórias de mulheres. Aliás, faria melhor em se preparar também: se o sumo sacerdote foi morto, logo todas as saídas da cidade estarão fechadas.

O jovem aquiesceu: além do mais, precisava se lavar e comer um pouco.

Dirigiu-se para a sala de banhos, lavou-se rapidamente, pegou uma nova túnica – mais uma túnica de Judas... – e passou em seu quarto para pegar sua trouxa e a chave prateada que Gad lhe dera no Templo. Estava sopesando-a na palma da mão quando Nertari bateu à porta:

– Desculpe-me, sei que está com pressa... Mas devo lhe confessar uma coisa antes que parta.

– Estou escutando... encorajou-a Fílon, sem conseguir ser amável.

– É a propósito do que aconteceu naquele dia. A noite em que... Enfim, aquele homem que entrou no jardim com sua faca. E, no dia

seguinte, quando não o despertei quando devia. Eu... eu menti para o senhor.

– Tive de fato essa impressão.

– Pode estar com raiva de mim... Mas, se menti, foi porque estava com medo. E é por isso também que quero avisá-lo.

Fílon deu um passo em direção a ela. Na penumbra, teve a impressão de que estava a ponto de chorar.

– Avisar-me do quê?

– No dia em se instalou na casa. À tarde, um homem veio me ver.

– Um homem?

– Não vi quem era. Tinha um grande capuz na cabeça e falava sussurrando. Não reconheci sua voz.

– O que ele queria?

– Falar de meu amo e da morte de Jeftê. Se eu ouvira detalhes e coisas assim.

– Mas você devia ter...

– Ele me disse que sabia a verdade sobre Judas. Que Judas, o Galileu, aquele que todos procuravam, era filho do meu amo. E se eu me recusasse a responder, denunciaria Ezequias aos romanos. No mesmo dia. E não é tudo. Acrescentou que, quando soubessem que meu amo e eu... Enfim, que eu era quase sua mulher, eu seria mandada de volta para o lugar de onde venho.

– Ezequias e você...

Ela fungou discretamente e Fílon sentiu seu rancor desaparecer imediatamente.

– Meu amo é um homem amável, soluçou ela. Sempre me tratou bem. Sou apenas uma escrava. Com ele, tinha a esperança de me tornar... não sei... Alguém. Tive medo de que aquilo gerasse problemas para ele. Não pensei direito.

– Fique tranquila, Nertari. Não estou aqui para julgá-la. Apenas me diga o que contou para aquele homem.

– Na verdade, tinha pouco para contar a ele. Mas falei de você e ele exigiu ver seu quarto. Disse-me também para não fechar a porta do jardim, caso precisasse voltar.

O punhal, pensou Fílon, fora ele então que roubara o punhal! Antes de tentar matá-lo naquela mesma noite! Mas por quê? Para

que a faca com cabo de marfim incriminasse os rebeldes? Para corroborar a ideia de que eram eles os responsáveis pela morte de Jeftê?

– Continue.

– Aquela noite, quando tentou ver meu amo após o ataque no jardim, fiz a relação. E dei um jeito de afastá-lo.

– Inclusive “esquecendo” de me acordar na manhã seguinte.

– Estava com medo daquele homem, do amo, dos romanos. Estava com medo de tudo.

– E o tal homem voltou?

– Sim, logo que o senhor partiu para o enterro de Jeftê. Devo... devo ter lhe dito que você pretendia ir à sinagoga dos alexandrinos.

– Certo, e então?

– Desde então, ele não reapareceu. Mas a cada instante temo que...

– Tem certeza que não notou nada? Um sotaque, uma particularidade física? Uma maneira de falar?

– Ele falava bem, como você ou como meu amo. Era mais ou menos do seu tamanho. Quanto ao resto...

Fílon fez uma careta:

– O mais prudente seria revelar tudo a Ezequias. Ele tomará as medidas necessárias. Quanto à maneira como reagirá, fique tranquila: estou certo de que a perdoará.

Estendeu-lhe o lenço que estava prestes a colocar em sua trouxa. Nertari secou suas lágrimas, um pouco aliviada.

Uma hora se passou.

No alto da colina, Fílon se virou para contemplar Jerusalém. As primeiras luminosidades do dia acariciavam agora o Templo, fazendo brotar em alguns pontos miríades de pequenos sóis. O jovem não pôde evitar sorrir: como explicaria a seu irmão que, apesar de todos seus esforços, não conseguira se aproximar das portas douradas uma só vez?

13

Maldito animal! Decididamente, Fílon não gostava de dromedários. Altos demais, gordos demais, estúpidos demais. E aquele jeito de ruminar o tempo todo não se sabia o quê, olhando com o canto dos olhos, sempre à espreita. Dissimulado. Aliás, sua montaria esperava apenas o momento certo para derrubá-lo, tinha certeza disso. Pois havia isto também: os dromedários balançavam. Uma espécie de movimento regular, da direita para a esquerda, mais ou menos amplo dependendo do terreno, arrematado de tempos em tempos por um gesto brutal feito com o pescoço. Ao menos seu dromedário agia assim, inclinando bruscamente a cabeça como se farejasse no chão um odor imperioso. Para não cair para frente, o jovem tinha então que segurar com toda sua força o amontoado gorduroso da corcunda. A impressão de apertar um odre cheio de sebo... Após o que, o animal erguia os lábios e emitia uma série de gorgolejos ridículos. Aparentemente satisfeito com seu golpe. Já no estábulo de Aceldama, Fílon o achara singularmente mal encarado.

– É um jovem macho, explicara Yarib, ainda é um pouco fogoso.

Fogoso? Pérfido, isso sim.

Uma centena de passos à sua frente, seus dois companheiros não pareciam ter as mesmas dificuldades. Mandu, que já acompanhara seu amo a Qumran, abria a caravana, montado num enorme macho de pelo queimado pela idade, mas de aparência pacífica. Já Betsabel avançava numa pequena fêmea pela qual se fazia obedecer com simples estalos da língua. Ao deixar Jerusalém, tinham decidido cortar pelas colinas em vez de seguir a rota mais usual, aquela que subia em direção a Jericó antes de voltar a descer para o mar Morto. Embora menos seguro, o atalho permitiria evitar os romanos.

Fílon enxugou a testa: o sol já estava de rachar e a leve brisa da manhã não bastava mais para refrescá-lo. Tivera sucessivamente dor nas pernas, nas costas e no pescoço, e a oscilação obstinada do animal estava agora lhe dando enjoo. O cansaço, o calor, as horas de vigília, aquele maldito dromedário...

De repente, como se lesse seus pensamentos, o animal começou a galopar. Uma corrida violenta, desordenada, um zigue-zague de fera furiosa. Fílon pôs-se a gritar, segurando-se como podia, no pelo, na corcunda, nas dobras da pele. Então, de uma só vez, chegando à altura de Betsabel, sua montaria desacelerou, sacudindo a cabeça para todos os lados.

– Algum problema? perguntou a moça.

– Eh... não, nada. É só que ele está... bem... um pouco fogoso.

– Fogoso? Bota fogoso nisso!

– Como assim?

– Olhe sua garganta, o palato está inchado. No canto dos lábios, está vendo? Yarib lhe deu um macho em plena explosão hormonal, simples assim...

– Ah!

Fílon se sentiu vagamente desconcertado. Um dromedário, já era ruim... Mas um dromedário tarado!

– Você... você parece conhecê-los bem, gaguejou.

Betsabel não respondeu. Tirou um pequeno frasco da bolsa que levava a seu lado, abriu-o com cuidado, molhou a palma da mão com um líquido quase amarelo e esfregou as narinas do animal. O ar se encheu fugazmente de um cheiro de especiarias e menta. O dromedário espirrou duas vezes e começou a grunhir.

– Um pouco de óleo perfumado deverá acalmá-lo. Vi os caravaneiros fazerem isso quando viajava com meu pai.

– Ele a levava frequentemente consigo?

– Depois da morte de minha mãe, sim. Até os doze ou treze anos. A partir de então, julgou que não era mais conveniente.

– Mas nunca até Qumran?

– Nunca. Aliás, não creio que ele tenha ido até lá alguma vez antes do ano passado. Foi somente há três ou quatro meses que começou a pensar nessa aliança política com os essênios.

– Desde a ocupação romana, portanto.

– Sim. Já que os saduceus tinham baixado a cabeça para o invasor, esse era o único meio de se contrapor a eles.

– Foi provavelmente nessa ocasião que ele tomou conhecimento da profecia, aventou Fílon. Ou, ao menos, que estabeleceu a relação com essa velha história sobre Qehat, o sumo sacerdote que teria recusado a palavra do profeta e reduzido seu irmão ao silêncio.

– História essa que Gad também conhecia. O que fez com que fosse assassinado, assim como meu pai.

– Gad o saduceu, Qehat o saduceu, repetiu o jovem, pensativo. Pergunto-me...

Estava até esquecendo o calor e o desconforto de sua posição, montado sobre um dromedário de intenções mais do que suspeitas – ainda que, naquele momento, o animal parecesse mais tranquilo.

– Talvez você pudesse esclarecer algumas questões para mim, acrescentou ele. Especialmente sobre aquilo que os saduceus pensam dos escritos dos profetas. Elias deu a entender que eles não lhes davam crédito algum. É verdade?

– De certa forma. Os saduceus só admitem como Palavra verdadeira do Todo-Poderoso os cinco primeiros livros estabelecidos pelo próprio Moisés: *Bereshit, Shemot, Vayikrá, Bamidbar, Devarim*[12]. Todo seu ensinamento e todos os seus ritos fundam-se nesse Pentateuco. Ora, os rolos dos nabis não fazem parte dele.

– E os fariseus?

– Os fariseus também veneram o Pentateuco, é claro. Mas consideram sagrados todos os livros do Livro, inclusive os escritos dos profetas. Como também, aliás, os comentários da Lei que os sábios transmitem aos sábios, geração após geração. Para meu pai e para todos os fariseus, a Torá é uma presença viva que se enriquece com a fé de cada homem e com a interpretação inspirada dos rabinos.

– Ao passo que os saduceus desaprovam tudo aquilo que não vem exclusivamente dos primeiros livros...

– Os saduceus condenam aquilo que não podem controlar e que poderia prejudicá-los um dia. É a razão pela qual, do mesmo modo que os romanos, desconfiam dos judeus que proclamam a vinda do Salvador. Pois, em realidade, quem pode adivinhar aquilo que o Salvador exigirá?

– Então, os grandes sacerdotes teriam medo do Messias... Foi o que seu tio disse, não?

– Exatamente. E por que os saduceus temeriam o Messias, senão porque sabem-se indignos de o acolher?

– Em outros termos, eles estariam sendo visados pela profecia que está no *tefilin*?

– Eles não deixaram a tropa de Assur se apoderar de Jerusalém? Chegaram ao menos a oferecer alguma resistência? Não são eles responsáveis pelos erros do povo de Israel, eles que têm a responsabilidade de conduzi-lo? Ora, é justamente contra esses erros que a profecia nos alerta: ... *se ele pecar novamente face a seu Deus, então Eu farei o Belial subir dos abismos...* Me surpreenderia que Gad não tenha feito a associação.

– E, no entanto, Gad está morto, replicou Fílon. O que impede que esses assassinatos sejam imputados aos saduceus.

Calaram-se por um momento, com os olhos perdidos na paisagem árida em que cada tufo de vegetação amarela agarrada às pedras parecia uma pequena revanche sobre o nada. Ao seu redor, morros, dezenas de morros ocre, castanho-amarelados, gastos, carcomidos, exauridos pelo sol, vales secos e acidentados onde não se via mais do que uma fina camada de terra que o vento leve soprava sem esforço. O próprio céu, vazio e imenso, vinha bater contra a pedra dos topos, como se o homem não devesse desejar nada além de se elevar em direção a seu Criador. Um bocado à frente deles, Mandu continuava a abrir a marcha.

– Se não foram os saduceus, declarou finalmente Betsabel, só restam os essênios. É esta a razão de nossa visita a Qumran?

– Não sei ao certo, murmurou Fílon. “Os filhos das trevas contra os filhos da luz”, é esta nossa única pista. O que não faz dos essênios os culpados. A julgar pelo que conheci dos terapeutas, trata-se de um grupo pacífico e voltado para o bem. Consagram-se ao estudo, ao trabalho, à contemplação. É difícil imaginá-los matando outros homens com tamanha selvageria.

– É difícil imaginar quem quer que seja matando outros homens com tamanha selvageria! A menos que o assassino esteja louco.

– Não, ele não está louco, muito pelo contrário. Ele previu tudo desde o início. Obteve por exemplo do sumo sacerdote Gad que

este dispensasse todos os seus domésticos. Obrigou Nertari a lhe contar tudo o que sabia sobre a investigação e a abrir para ele a casa de seu amo. Informou-se sobre mim mais de uma vez e tentou me eliminar. Além disso, cada vez que se encontrou numa situação difícil, agiu com sangue frio. Como quando fugiu pelo terraço depois de ter assassinado seu pai. Não, ele não está louco, longe disso. Ele persegue um objetivo preciso, mas que nos escapa até agora.

– Se realmente não perdeu a razão e deseja unicamente divulgar a profecia, por que acrescentar aos crimes todos esses detalhes abomináveis?

– O que é certo, respondeu Fílon, ajustando o pano que protegia sua cabeça, é que tudo realmente gira em torno da profecia. A Ameaça, como diria seu tio Elias. Mas que Ameaça? Que perigo? Isaías, Miqueias, Naum, Oseias ou Sofonias, qualquer um desses nabis poderia ter escrito esse texto. Ora, eles escreveram outros que não são menos inquietantes. Então, por que atribuir a esse uma importância particular? A não ser...

Uma ideia estava lentamente tomando forma em sua mente:

– A não ser que o assassino queira nos convencer de sua autenticidade. Mostrar que está em posse da verdadeira profecia de Qehat e Uzziel. Que conhece seu conteúdo e seu autor. E, sobretudo, seu significado. Nesse caso, a própria maneira de assassinar suas vítimas não seria mais do que um meio de...

Calou-se, impressionado por uma coincidência.

– O que está pensando? perguntou Betsabel.

Um arrepio gelado o percorreu:

– Betsabel. Acho... acho que sei quem é o nabi da profecia. Sim, não pode ser por acaso.

– Fale! Fale logo!

– Bom, pode parecer extravagante mas... Quais são os traços comuns entre o assassinato de Gad e o de seu pai?

– O *tefilin*?

– O *tefilin*, é claro. Com o pergaminho dentro da boca. E o que mais?

– O fato de que os dois pertenciam à casa de Gemul?

– Exatamente. O que explica que tivessem conhecimento da prédica. Pode-se acrescentar a isso o local do crime: suas casas, ao

abrigo dos olhares, a fim de dar ao assassino todo o tempo necessário para realizar seus procedimentos. De certo ponto de vista, ainda que continuemos a ignorar o essencial, tudo até aqui parece lógico: Gad e Jeftê estão ligados à profecia, ambos são encontrados mortos com um trecho desta dentro da boca... Agora, quais são as diferenças mais evidentes entre esses dois assassinatos?

– Meu pai era o chefe dos fariseus e Gad o dos saduceus?

– É verdade. Mas, quanto a isso, não sei o que lhe dizer. Se ambos fossem do mesmo partido, poderíamos acusar seus adversários. Não é o caso. Quanto aos romanos, não creio que, nas circunstâncias atuais, suprimir o sumo sacerdote os ajude a restabelecer a calma em Jerusalém. Não, estava pensando na maneira como esses assassinatos foram cometidos: o que os distingue.

A jovem baixou os olhos:

– Gad foi apunhalado e meu pai... meu pai foi...

– Desculpe, estou sendo estúpido. Minhas perguntas são inconvenientes e... O que quero dizer é que encontraram o sumo sacerdote coberto de terra, com as orelhas e a boca cuidadosamente preenchidas com poeira. Enquanto Jeftê tinha o peito lacerado, como se um animal selvagem o tivesse atacado com suas garras. O que só pode ter sido feito após sua morte, é claro. Ora, se o criminoso não está louco, que necessidade tinha de fazer isso com os cadáveres? E, neste caso, por que ter procedido diferente com cada um?

– Está insinuando que essa terra e esses cortes têm um sentido?

– Trata-se de uma maneira de assinar a profecia, estou quase certo disso. De provar que ela é autêntica.

– Não consigo entender.

– A maneira como Jeftê e Gad foram mortos. As lacerações, a poeira. Tudo isso estava previsto por um dos nabis. Tudo isso já está nos rolos de Miqueias!

– Os rolos de Miqueias?

– Sim! Eu poderia ter desconfiado desde o primeiro dia, após ter examinado seu pai. Mas a alusão era velada demais. Pois, se bem me lembro, Miqueias diz em algum lugar:

O resto de Jacó será,
no meio de numerosos povos,
como um leão entre os animais da floresta,
como um leãozinho em rebanhos de ovelhas,
que quando passa, esmaga,
despedaça e não há quem salve.

– “Despedaça e não há quem salve”! E não é tudo. Um pouco mais adiante, o profeta acrescenta:

Que as nações vejam e se envergonhem,
apesar de todo seu poderio,
que ponham a mão na boca,
e seus ouvidos fiquem surdos.
Que lambam o pó como a serpente,
como os animais que rastejam sobre a terra.

Betsabel o fixava com um olhar incrédulo:

– O pó... Isso é loucura!

– Loucura, sim. No entanto, não creio que se trate de mera coincidência. Lembre-se: de todos os profetas da época assíria, apenas cinco falam de Assur: Isaías, Miqueias, Naum, Oseias e Sofonias. Mas destes cinco, só um evoca a violência do leão e a humilhação do pó: Miqueias. É daí que o criminoso tirou sua inspiração, tenho certeza.

– Mas para quê?

– Só podemos fazer suposições. Talvez acredite realmente estar em posse do segredo de Miqueias? Talvez tenham feito que acreditasse nisso? Talvez veja nesse texto aquele de Qehat e Uzziel? Talvez o tenha inventado de cabo a rabo? Seja como for, deseja que essa profecia seja conhecida e temida por todos. Que a ameaça que contém apavore o conjunto dos judeus; que todos passem a temer que ela se realize segundo as predições do nabi. Aliás, os romanos não representam perfeitamente essa tropa de Assur que precede o Belial? E haveria melhor meio de convencer os céticos do que realizar outras visões de Miqueias: a do leão que

dilacera e a do pó que avilta? Aproveitando para se livrar de dois homens capazes de prejudicá-lo ou talvez de o desmascarar.

– Gad e meu pai.

– Ao menos é o que deduzo. E que ele escolheu bem o momento de agir: em outras circunstâncias, seu gesto nunca teria tamanha repercussão. Mas, agora, o invasor está aí, o povo a ponto de se revoltar, proclama-se por toda a parte a vinda do Messias e a Páscoa se aproxima. Jerusalém despertou esta manhã com a notícia da morte do sumo sacerdote, três dias depois daquela do chefe dos fariseus. Será impossível conter as línguas. Quem sabe se a profecia já não está correndo de boca em boca? E quanto tempo demorará até que se pronuncie o nome de Miqueias? Um dia? Uma hora? Um minuto? Não há cidade no mundo onde se conheça melhor o Livro. Acabarão fazendo a relação com os detalhes dos crimes. E a partir de então...

Deixou sua frase em suspenso, pois algumas centenas de passos mais adiante, Mandu se imobilizara e lhes fazia sinal para se calarem.

– O que é que...

– Shhh! ordenou Betsabel. Mandu viu alguma coisa.

Em silêncio, apressaram suas montarias para alcançar o escravo. Este apontava uma forma indistinta numa das colinas, um pouco mais ao norte. Uma silhueta. Um homem, ao que parecia, agachado e de costas.

– É um olheiro, sussurrou Mandu. Está vigiando a estrada para Jericó.

– Um olheiro, mas...

O núbio interrompeu Fílon com uma expressão de censura, como se o responsabilizasse pelo perigo:

– Daqui, grunhiu, Mandu não consegue ver se é um romano ou um ladrão. Teremos que descer para o sul, pelo fundo dos vales. Eu lhe disse, ama, que...

– Basta, Mandu, sei o que tenho que fazer. Leve-nos para um abrigo, rápido. A que distância ainda estamos de Qumran?

– Pelo menos três horas, resmungou ele.

Com uma expressão contrariada, puxou com força a corda de seu dromedário e desceu em direção ao leito sinuoso de um

riachinho seco, lá embaixo.

– Fiz alguma coisa errada? murmurou Fílon.

– Ele não queria que acompanhássemos você. Eu tive que insistir.

– Puxa! Espero que não esteja pensando em...

– Me abandonar?

A jovem assobiou baixinho e sua montaria começou a descer também.

– Não creio. Há dois dias, seu irmão, que trabalha nas obras do Templo, veio convidá-lo para se juntar a ele. Estão acabando de fazer um túnel sob a esplanada, para que os sacerdotes possam ir diretamente dos banhos ao santuário sem risco de se macularem. Mas há outros trabalhos projetados e continuam precisando de mão de obra.

– E Mandu recusou?

– Respondeu que nunca me abandonaria. Embora eu tenha mais uma vez lhe oferecido sua alforria.

– Melhor assim. Você precisa de alguém perto de você que...

Ela se virou para ele com uma expressão indefinível, seu belo rosto repleto de seriedade:

– Como pode saber do que preciso?

Então bateu com os pés nos flancos de seu animal para alcançar Mandu que os esperava no fundo do vale.

Fílon demorou um pouco a reagir. Finalmente, meteu-se na ladeira com infinitas precauções: seu dromedário voltava a dar sinais de irritação. Antes de se afastar, lançou um último olhar para o norte. Sobre a colina, o olheiro desaparecera.

12 Cf. nota da página 105.

14

O Mar Morto, finalmente. Se é que o nome de mar convinha àquele lago imenso que separava a Judeia do país dos nabateus. Um lago cuja água era tão pesada que as pedras flutuavam ainda por um bom tempo antes de afundarem. Suas margens se estendiam a perder de vista, granulosas e desérticas, dominadas por uma imponente falésia, cor de centeio torrado. A meio caminho entre a água e a rocha, um longo terraço de argila de rebordos poderosamente recortados dominava o lago a pelo menos seiscentos côvados de altura. Era lá, ao abrigo do mundo e dos homens, que se estabelecera a comunidade dos essênios.

Fílon levantou a cabeça e alongou um a um cada um de seus músculos. Tinha a impressão de sair de um pesadelo. Por duas horas tinham caminhado, silenciosos, atordoados pelo calor e pelo cansaço, cuidando apenas de se manter em cima de suas montarias e de seguir escrupulosamente os passos de Mandu entre pedregulhos e desníveis. Por sorte, romanos ou ladrões, ninguém aparecera mais, poupando-lhes novos desvios. Finalmente, desceram de suas montarias. O sol estava chegando ao zênite, e Fílon julgou melhor se alimentarem antes de se aproximarem mais. Da estrada onde pararam, percebiam apenas um pequeno conjunto de construções cercado de muros e algumas tendas dispersas ao seu redor. Daquela distância, era impossível distinguir seus ocupantes. Único sinal de vida, lá em cima no céu, alguns pássaros voavam em círculos, gritando.

Comeram e beberam quase sem falar. Mandu lançava a Fílon de quando em quando um olhar furioso, ao passo que Betsabel parecia entregue a seus pensamentos, com o olhar vago, muito longe, acima das águas. Fílon, por sua vez, engoliu um queijo de ovelha inteiro, um pãozinho sem fermento, alguns figos e um punhado de uvas passa. Também esvaziou metade de um odre.

– Vou indo, anunciou, após ter secado a boca. Quando terminarem, me encontrem lá e preparem a tenda. Não sei quanto tempo...

Betsabel balançou lentamente a cabeça, enquanto Mandu olhava para a ponta das próprias sandálias. Fílon subiu em seu dromedário – que reclamou um pouco antes de se levantar. O jovem bateu os pés com firmeza em suas costelas – aquele bicho tinha que aprender quem é que mandava! – e o animal acabou obedecendo.

Foi seguindo pela margem do lago até encontrar uma trilha que levava, por degraus, ao platô. Poeira marrom, quase vermelha, das pequenas concreções secas que o animal pulverizava sob seus cascos, pedras, às vezes grandes rochedos, às vezes simples pedregulhos, tudo ali era estéril e desesperado. Fílon chegou a pôr em dúvida a utilidade daquela visita. O que diria aos essênios? Como estes o receberiam? Estariam ao menos a par do que acontecia em Jerusalém? Pouco provável. Os viajantes eram raros daquele lado do mar Morto. Mesmo os peixes fugiam da água salobra do lago. O que dizer das novidades...

À medida que avançava, os contornos da construção se definiam. Fílon esperava algo maior, mas as edificações ocupavam um espaço de nem bem duzentos côvados por duzentos, delimitado por um muro da altura de um homem com o braço levantado. Um muro que podia ter sido outrora um muro de defesa. Do que se defenderia hoje? Aparentemente, havia dois ou três prédios com mais de um andar, uma grande torre quadrada, alguns telhados de forma alongada, e era isso. Ao oeste, bastante recuadas, ao pé da falésia, uma dezena de tendas, entre as quais uma se fechou precipitadamente quando se aproximou. Teve o tempo de perceber uma silhueta colorida, cabelo nos ombros, braceletes brilhantes num dos pulsos. Uma mulher?

Bem mais perto do muro, a leste desta vez, notou uma série de pequenos túmulos feitos de pedras, cuidadosamente alinhados, dando vista para o lago. O cemitério dos essênios, com certeza. Foi então que se deu conta da real estranheza do lugar, da calma insólita que nele reinava. Nenhum barulho, senão, por instantes, o

murmúrio do vento nos rochedos. Era como se ninguém morasse ali.

Amarrou a corda do dromedário num esteio e se dirigiu para a grande torre. Era feita do mesmo calcário claro que a muralha e tinha várias janelas em cada andar. O muro que a contornava embaixo levava a uma porta que Fílon supôs ser a entrada. Antes de bater, esticou os ouvidos: o mesmo silêncio. Bateu duas vezes, bastante forte, com a mão aberta. Houve um murmúrio do outro lado e a porta se abriu sem ranger. Um rapaz, de dezesseis ou dezessete anos, com traços amenos, grandes olhos azuis num rosto infantil e uma túnica impecavelmente branca, o saudou com deferência.

– Aguardava-o.

– Estava me aguardando?

– Avistei o senhor e seus companheiros na estrada.

– E como podia saber que viríamos...

– São raros os viajantes que alcançam essas margens e não vêm até nós. Pensei que também viria procurar as respostas.

– As respostas?

– Para o asco, a imundice... Toda essa corrupção que desfigura o mundo. Está bem na idade. Além disso, aqueles que deixam sua mulher e seus criados atrás de si, é porque desejam ardentemente juntar-se a nós.

Fílon se segurou para não rir:

– Tem o olho acurado, não se pode negar! Infelizmente, temo não ser digno de vossa comunidade. Não, na verdade, vim apenas conversar.

O rapaz não escondeu sua decepção:

– Ah! Então é parente de um dos nossos? Neste caso, diga-me qual de nossos irmãos devo avisar e...

– Ninguém em particular. Preciso sobretudo...

Fílon hesitou

– Você está... está sozinho?

– É hora do almoço, os irmãos estão no refeitório.

– E você não come?

– Sou apenas um noviço. A refeição é uma coisa sagrada. Só se sentam à mesa aqueles que foram reconhecidos e aceitos pela

comunidade. Eu como do lado de fora e vigio as portas. Mas os irmãos logo sairão e poderá...

Interrompeu-se:

– No entanto, se não quer ver ninguém em particular, não entendo bem o que...?

Por trás das frases convencionais, Fílon percebia no adolescente um jeito inteligente e esperto. Percebia também que precisaria de um aliado naquele lugar.

– Como é seu nome? perguntou.

– Chamo-me Nathan. E o senhor?

– Fílon. Sou de Alexandria e estou de peregrinação a Jerusalém, para a Páscoa. A jovem que viu há pouco é a filha de Jeftê. Jeftê, o fariseu. Creio que ele esteve diversas vezes aqui em Qumran, não?

Ao dizer isso, espreitou uma reação negativa, um franzir de sobrancelhas ou uma olhar fugidio, mas o noviço conservava a mesma aparência amável.

– Ele nos visitou várias vezes, de fato. Segundo Simão, o chefe de nossa comunidade, é um homem de palavra e sabedoria. Mas escolheu viver entre os demônios.

– Jeftê está morto.

A expressão de Nathan mudou completamente.

– Perdoe-me, lamento muito. Tínhamos muito respeito por ele e...

– Foi assassinado.

O noviço desta vez levou a mão à boca.

– Oh! Então isso só pode ser obra do Belial! Estão chegando os dias em que...

Naquele instante, ouviram barulhos de passos no piso e de vozes misturadas.

– Certamente os irmãos terminaram. Fique aqui, por favor, espere. Vou pedir a Simão...

Desapareceu sob uma espécie de pórtico que levava ao interior do estabelecimento. Uma vez só, Fílon deu alguns passos no pátio que servia de entrada. À sua direita, havia uma espécie de cercado, talvez destinado ao gado, mas onde tinham sido colocadas grandes jarras tapadas com rolhas, protegidas por um guarda-vento. Dos dois outros lados abriam-se oficinas onde os essênios fabricavam os

objetos necessários a sua vida de reclusos. Num deles, talhava-se a pedra com marretas e cinzéis poderosos, modelando grandes blocos empilhados no chão para obter uma variedade de vasos e potes que eram a seguir guardados em estantes. Fílon imaginou que a maior parte daqueles recipientes devia ser reservada ao culto. O ateliê seguinte não estava em atividade. O forno, apagado – felizmente, com aquele calor! –, a bigorna fixada sobre um cepo de madeira, os martelos e as peças de metal penduradas na parede, tudo fazia pensar que se tratava de uma forja. A seguir, vinham mesas sobre cavaletes onde terminavam de secar peles de ovelha ou de carneiro. Sobre uma delas estavam pousadas diversas ferramentas: raspadores e facas, como se o irmão que trabalhava nela tivesse abandonado tudo para ir ao refeitório. Fílon tocou de leve no couro com a ponta dos dedos. Flexível, forte, liso. Ideal para escrever...

Foi então que Nathan surgiu novamente pelo pórtico:

– Venha logo! Simão vai recebê-lo.

Acompanhou-o através da passagem coberta e chegaram a um pequeno átrio ao redor do qual se organizavam os prédios da comunidade. Em frente à torre quadrada, havia uma casa de dois andares cuja escada subiram. Chegando ao andar de cima, Nathan lhe mostrou uma sala mais ao fundo:

– Ele está lá, sussurrou. Diga-lhe logo o que tem a dizer. Hoje à noite começa o sabá[13], o último antes da Páscoa: ele tem muito que fazer.

O sabá, é mesmo! O grande sabá começava aquela noite! Fílon quase perdera a noção dos dias!

– Entre, meu rapaz, entre.

Fílon transpôs a soleira e se viu diante de um homem alto, imberbe e sem nenhum cabelo. De crânio bastante proeminente, traços fortes mas não ingratos, que o examinava sem complacência nem maldade. Apesar de seu hábito branco, evocava mais um treinador de luta do grande ginásio de Alexandria do que o chefe de uma seita religiosa.

– Nathan disse que você era um mensageiro. Que precisava escutá-lo antes de me retirar.

– É uma honra para mim, rabino. Se me permiti vir até o senhor, foi porque realmente houve em Jerusalém uma sequência de acontecimentos extraordinários. Acontecimentos a que, temo, os essênios estão ligados.

– O que quer que afirmem, replicou o outro, os essênios sempre estiveram ligados a Jerusalém. Não é ela a cidade do Templo, a escolhida pelo Único? No dia do triunfo, voltaremos para lá.

– Desejo que esse dia chegue, avançou prudentemente Fílon. Por ora, no entanto, os romanos a ocuparam e...

– Sei disso. Sobre o quê realmente quer falar comigo?

– Jeftê morreu.

– Assassinado, pelo que me confiou Nathan.

A voz de Simão não demonstrava nada além de uma tranquila segurança. Ele prosseguiu:

– Não se engane: estou longe de ser insensível. Mas vejo nesse assassinato uma nova prova de que o Juízo se aproxima. Ora, aqui, vivemos todos à espera do Juízo. A dor que sua morte me causa não pode me fazer esquecer que, à sua maneira, ela faz parte dos desígnios do Altíssimo.

– Provavelmente. Mas foi um homem que matou Jeftê. Um homem violento e sanguinário, que o estrangulou antes de lacerar seu corpo. E antes de atacar o sumo sacerdote Gad...

Houve um breve silêncio, como se o chefe dos essênios demorasse a compreender:

– O sumo sacerdote Gad?

– Sim. Foi encontrado esta noite. Apunhalado em sua residência.

– Apunhalado... Ai de nós! Nunca encontrei Gad pessoalmente, mas... Pode imaginar o que o sumo sacerdote dos saduceus me inspira. É aquele que mantém nosso povo na ignorância e no equívoco sobre a fé. É portanto o primeiro a comprometer sua salvação. Não espere que eu chore sua morte.

Fílon se impacientou:

– Não espero nada. Simplesmente, não lhe parece surpreendente que o chefe dos fariseus e o dos saduceus sejam assassinados com poucos dias de intervalo? Isso não evoca antes a obra de um homem do que a do Todo-Poderoso?

– É portanto esta a razão que o traz a Qumran? Desconfia que tenhamos algo a ver com esses assassinatos?

– Tenho certeza, proferiu Fílon, com uma convicção que surpreendeu a ele próprio. Mesmo que se trate de uma relação indireta. Poderia me dizer se este texto significa algo para o senhor?

Mas, no dia do Nazireno,
último rebento de Davi vindo do país do Egito,
se o sangue de Jacob verter seu próprio sangue,
se ele pecar de novo face a seu Deus,
então Eu farei o Belial subir dos abismos
e, com ele, a tropa de Assur no seio de Israel!
Chorai! Chorai, mulheres de Jerusalém!
O flagelo de Deus contra seu curandeiro,
a boca da mentira contra o resto de verdade,
os filhos das trevas contra os filhos da luz!

Não tirou os olhos de Simão enquanto recitava o texto. Pouco a pouco, viu os músculos deste se enrijecerem e sua tez ficar mais pálida.

– De onde conhece esse texto? perguntou o rabino, quase sem voz.

– Ele foi encontrado na boca dos defuntos, metade em cada uma. Envolto num *tefilin*.

– Na boca?

Simão desviou os olhos bruscamente.

– Desculpe. Tenho que... tenho que verificar com um dos irmãos se... Prometo voltar logo.

Saiu da peça dando grandes passos, sem uma palavra a mais. Seria um costume essênio abandonar seus hóspedes logo após recebê-los? Uma coisa era certa: sua reação demonstrava que Fílon tinha razão: a profecia era familiar ao chefe dos essênios. E o fato de que estivesse associada aos crimes o transtornara, talvez mais do que os próprios crimes. Faltava descobrir por quê.

O jovem passou por entre bancos e se debruçou na janela em busca de um pouco de ar. Esticou o pescoço para ver a estrada, à procura de Mandu ou de Betsabel, mas o prédio dava para o sul,

enquanto a estrada vinha do norte. Por outro lado, sua situação elevada oferecia-lhe um ponto de vista ideal sobre o conjunto das construções de Qumran. Os irmãos, após o almoço, todos de pés descalços e vestidos de branco, pareciam se ocupar de suas tarefas em perfeita harmonia. Alguns conversavam a meia voz perto de um dos numerosos tanques que serviam de reserva ou de *miqveh* ritual e que um sistema contínuo de canais ligava entre si. Fílon se perguntou por que milagre a água corria ali em relativa abundância, ao passo que a terra das redondezas se esboroava de secura. Alguns irmãos já tinham voltado ao trabalho: dois oleiros trabalhavam a céu aberto, um velho caminhava dobrado sob uma pilha de roupas, jovens lavavam a louça numa tina de pedra, outros formavam uma corrente para levar sacos costurados até uma construção em forma de T – a cozinha? – um armazém de provisões? Fílon contou uma vintena de homens no total, todos mais velhos do que Nathan, e nenhuma mulher. Mas outros membros da comunidade deviam estar espalhados pelos arredores e, portanto, invisíveis.

Observou por um momento o balé bem ordenado dos essênios, até que Simão voltasse. Seu crânio pingava de suor, de tanto que correra.

– Desculpe, tive que procurar alguém... alguém que...

– Que possa responder a minhas perguntas?

– Sim... enfim, não. Que possa conduzi-lo.

– Conduzir-me?

– Esta noite começa o sabá *ha-gadol*, o grande sabá antes da Páscoa. Esqueceu?

– Não, evidentemente...

– Tenho que consagrar minha tarde à preparação das leituras e das cerimônias. Não posso conduzi-lo eu mesmo.

– Mas me conduzir aonde?

– Para ver Caleb, o primeiro de nossos escribas. Se o que me contou é verdadeiro, se o pressentimento que tenho está certo... Ele poderá lhe consagrar o tempo necessário. Para mim, isso seria colocar em perigo o sabá. O que não posso fazer de modo algum. Mais tarde, talvez.

Fílon assumiu um tom solene.

– Esse texto... é a profecia de Miqueias, não?

O outro engoliu em seco.

– A história é longa, muito longa. Caleb o ajudará a compreender. Diga-lhe que eu decidi que fosse assim. Mas, depois, não fale disso para ninguém até voltar a me ver. É essencial para os irmãos que aja desse modo. Nathan o acompanhará.

– Por que não me mostra simplesmente onde posso encontrar Caleb e...

Simão pôs um dedo sobre os lábios, como para pedir silêncio a uma criança.

– Não há um segundo a perder. Nathan está lá embaixo, esperando você. E, lembre-se, não fale para ninguém aquilo que sabe. Apenas para mim e para Caleb.

13 Sétimo dia da semana, consagrado ao repouso e ao culto. O sabá é observado desde a véspera, a partir do pôr do sol. O sabá que precede a Páscoa, conhecido também como grande sabá, é um dos mais importantes do ano.

15

– Lá em cima? Quer que eu vá lá em cima?

Fílon não conseguia acreditar. Nathan apontava um ponto escuro bem no alto da falésia, que apenas os pássaros que brigavam viravoltando pareciam capazes de alcançar.

– Simão ordenou que o conduzisse até a grota de Caleb e...

– Uma grota? Seus escribas trabalham em grotas?

– Não apenas os escribas. A maioria de nossos irmãos se instalou nas cavidades dos rochedos. Não há dormitório em Qumran e, quando estamos todos reunidos, somos mais de duzentos irmãos. Não teríamos onde dormir.

– Mas... e essas tendas? São mesmo tendas perto da estrada, não?

O noviço parecia achar sua observação muito engraçada.

– As tendas! Não aconselho passar mais do que algumas semanas numa delas. A temperatura é elevada o dia inteiro e cai brutalmente à noite. Sem falar nas tempestades que as inundam no inverno. Enquanto as grotas mantêm-se secas e em temperatura estável. A comida, as roupas, os rolos, tudo se conserva melhor ali do que nas construções humanas.

Fílon estendeu o braço para o acampamento improvisado em frente do cemitério:

– Então, o que fazem ali essas...

– São visitantes. Parentes de alguns irmãos que desejam passar alguns dias em sua companhia. Além do mais, a seu modo, Qumran é um pouco um lugar santo: muitas famílias se regozijam em poder estar perto de nós. Agora vamos, a trilha é por aqui.

Contornaram a muralha rumo a oeste, em direção da falésia, deixando atrás de si a estrada e as tendas. Fílon perguntava-se por que Mandu e Betsabel ainda não tinham chegado. Começaram no

entanto a subir o morro e teve que prestar atenção para não torcer o tornozelo. Suspirou, esgotado de antemão.

– Mas por que tão longe? Parece estar a milhas daqui!

– Não se preocupe. No máximo uma hora, ida e volta. É a altitude que o engana. É verdade, entretanto, que a grota de Caleb não é das mais acessíveis.

– Justamente, fale-me dele, de Caleb.

– Caleb? Admiro-o de verdade. É o mais erudito de nossos escribas. Um dos mais amáveis também.

– E qual é o seu papel na comunidade?

– É ele que decide que textos devem ser copiados Os essênios não testemunham sua fé apenas pela prece e pela pureza de sua existência. Nosso dever é também difundir a Palavra e abrir os olhos dos crentes mais sinceros. Há entre nós uma dezena de escribas que copiam os rolos do Livro, traduzem-nos para o aramaico ou, como Caleb, os comentam.

– Comentam-nos?

– É claro! As Escrituras são tão ricas que espíritos desviados se apoderam delas para travesti-las e conduzir o mundo para onde querem. Temos que devolver ao Verbo seu sentido verdadeiro, despojá-lo das intenções malignas e das seduções do Belial. É uma missão sagrada. Só então, iluminada pelo Altíssimo, nossa comunidade será digna do Juízo.

– E é Caleb o responsável por essa missão?

– Ele e os melhores escribas que o antecederam. Geração após geração, os essênios fazem brotar a luz do Livro.

O caminho ia ficando mais estreito à medida que subiam pelo rochedo. Nathan segurou a mão de Fílon para ajudá-lo a transpor uma barreira de pedras desabadas.

– E que forma tomam esses comentários?

– São *pesharim*, explicações. O escriba estuda cada versículo do rolo e redige a interpretação que lhes dá. É a razão pela qual nem todos os escribas podem ser escolhidos para compor os *pesharim*. Aquele que comenta a Palavra deve ser primeiro inspirado pelo Todo-Poderoso. Do contrário, sua luz não terá brilho.

Fílon não ousou perguntar como se distinguia um escriba inspirado de um não. Tinha uma questão mais urgente:

– Caleb está trabalhando atualmente num novo comentário?

– É provável. Há vários dias que está isolado, como quer a tradição. Um escriba deve ser perturbado o mínimo possível enquanto está redigindo seus *pesharim*. Ou deixaria de sentir sobre ele o sopro divino.

– Sendo assim... nossa vinda não corre o risco de importuná-lo?

Nathan se virou para ele com um olhar cheio de respeito.

– Simão lhe faz uma honra rara permitindo-lhe visitar nosso escriba. Mas, por outro lado, a Páscoa está chegando e Caleb logo teria que descer de qualquer modo.

Fílon insistiu:

– Então não faz ideia do gênero de texto com que está ocupado agora?

– Só Caleb e Simão podem lhe dar a resposta. Entre nós, um escriba nunca evoca seu trabalho antes que esteja concluído, por medo de atrair uma sorte adversa. Além disso, Caleb fala pouco sobre esses assuntos. Dizem mesmo que escreve às vezes palavras em grego para estar certo de que ninguém as lerá! Antes da redação final, é claro.

– Ao menos sabe quais foram os últimos *pesharim* que ele realizou?

– Há alguns meses, ele concluiu um comentário sobre o profeta Habacuc. De uma profundidade maravilhosa, que o coloca para sempre entre os mais clarividentes de nossos escribas.

Habacuc. Um profeta. É claro! E por que não Miqueias agora? Sim, só podia se tratar de Miqueias. E Simão, o chefe dos essênios, não podia ignorar isso. Daí sua perturbação havia pouco. Daí essa autorização especial que lhe concedera. Certamente, Simão estava com medo. Mas, do quê?

– Todas as grotas são assim distantes? arquejou Fílon após vencer uma passagem bastante rude.

– Não, felizmente. Olhe, se você observar a falésia abaixo de nós, essas manchas escuras a que se pode chegar por degraus naturais. É a entrada de duas grotas. Ou lá embaixo, sobre o promontório, pertinho do estabelecimento: há três outras grotas, e mais três na frente delas. As maiores são habitadas por quatro ou cinco irmãos, às vezes mais. Existem muitas delas nas redondezas,

tanto para o norte quanto para o sul. Evidentemente, é preciso conhecê-las.

– E a de Caleb?

– Para dizer a verdade, não se trata de uma grota para residência permanente. Fica afastada demais da comunidade. Mas é um lugar onde nossos escribas sempre gostaram de se retirar. Vai entender por que quando chegarmos.

Nathan se deteve no momento em que iam atravessar uma ponte de cordas sobre uma garganta estreita.

– Aquele é o riacho que alimenta Qumran. Está quase seco hoje por causa do calor precoce. Cavando seu leito, a corrente formou tanques, está vendo. Como grandes pias redondas. Fechamos esses tanques transformando-os em represas. A seguir, a água é encaminhada pelo aqueduto que desce. E ali...

Apontava uma área verde que se estendia para o sul a certa distância do mar.

– É o oásis. É lá que praticamos a agricultura e a pecuária. Trinta irmãos trabalham ali o ano todo e nós nos revezamos em grupos de dez ou vinte para ajudá-los. Pode acreditar, produzimos as melhores tâmaras de toda a Judeia!

Fílon fez que sim com a cabeça e avançou cuidadosamente pela passarela de cordas. Ao chegar ao outro lado, respirou fundo.

– Acho que estou destreinado.

– Aqui, concordou o noviço, tudo tem que ser merecido.

– E você, Nathan, faz tempo que está em Qumran? Parece tão jovem...

Fílon esperava prolongar o repouso, mas seu guia voltou a partir a passos rápidos sem esperar.

– Os irmãos me adotaram quando tinha dez anos. Foi meu pai que quis me colocar aqui. Pensava que, no dia do Juízo, só os filhos da luz seriam salvos. E tinha razão. Quando as tropas do Belial forem vencidas, a Jerusalém celeste se abrirá aos essênios. Então, conheceremos a felicidade e o bem...

Belial, os filhos da luz. Os filhos das trevas... Fílon não se surpreendia mais com aquilo. Absteve-se, no entanto, de qualquer comentário, já que prometera a Simão ser discreto.

– Eu mesmo, confessou o Egípcio, vivi algum tempo entre os terapeutas, em Alexandria.

– Os terapeutas... Ouvi falar deles. São um pouco nossos primos na fé. Eles também serão salvos. Mas, se viveu entre eles, por que os deixou?

– Não devo ter sido feito para comunidades. Dito isso, havia uma grande diferença entre os terapeutas: as mulheres...

– Ah!

O noviço cuspiu no chão.

– As mulheres são perversas e impudicas. Fazem o justo tropeçar e o extraviam nos caminhos do mal. Simão diz que nem um homem está a salvo, por mais forte que seja seu coração. Aceitar as mulheres é armar para si mesmo as armadilhas da carne. Nós essênios queremos permanecer puros até em nossos pensamentos.

A lição fora bem aprendida e Fílon não ousou imaginar o efeito que surtiria sobre Betsabel. Na certa, ela teria arrancado os olhos de Nathan!

– E qual será sua função mais tarde?

– Estou completando meu segundo ano como noviço. Daqui a um ano, prestarei juramento e me tornarei um verdadeiro irmão. Espero então ser aceito como escriba.

– Como Caleb?

– Como Caleb.

Chegaram a um trecho ainda mais íngreme, onde a terra deslizava sob seus pés, obrigando Fílon a se agarrar nas asperezas. Depois vinha uma espécie de platô de superfície caótica e atulhada de pedras escuras. Dali, a paisagem sobre o mar Morto era grandiosa, e viam-se, recortadas com uma nitidez irreal, as montanhas do país dos nabateus. Fílon começava a entender o que deviam sentir os escribas quando se isolavam no alto da falésia: a impressão de tocar o céu. Aliás, os pequenos falcões que giravam lá em cima gritavam em sua direção, como querendo impedi-los de subir mais.

– A grota fica ali.

Nathan pôs-se a correr até uma abertura quase invisível numa concavidade da pedra. Fílon seguiu seus passos. A caverna era bastante espaçosa e seu teto formava uma espécie de campanário

irregular aberto no topo. Um poço de luz descia da abóbada e iluminava uma mesa de pedra que antigas águas deviam ter escavado e que mãos humanas deviam ter terminado de polir.

– Agora entende o que atrai nossos escribas, sussurrou Nathan. Essa luz e esse púlpito foram abençoados pelo Altíssimo. Não há melhor lugar para receber a inspiração divina.

Sobre a mesa, tinta, cálamos, uma pilha de papiros e de rolos sem ordem aparente. Um pedaço de pão, também, que parecia bastante duro.

– Esse pão está seco, observou Fílon, intrigado. E sua massa é fermentada. Duvido que um escriba como Caleb deixasse fermento por aí a poucos dias da Páscoa[14]. Ainda mais tão perto dos rolos.

Nathan não dizia mais nada. Fílon deu uma olhada rápida no resto da grota. Uma esteira no chão, um tronco de madeira para sentar, odres, algumas provisões, prateleiras escavadas na rocha para colocar outros rolos, três lamparinas apagadas com os reservatórios vazios.

– Talvez... talvez esteja fazendo exercícios? balbuciou o noviço.

– Pode ser, aquiesceu o egípcio, sem acreditar muito.

Na verdade, havia naquela grota algo de frio e mórbido. Algo que recordava o jardim de Gad e o quarto de Jeftê.

– Os pássaros! exclamou de repente Fílon. É claro, os pássaros!

Saíram da grota a toda velocidade. Os falcões descreviam círculos gritando para além dos rochedos que dominavam a grota. Os dois jovens se lançaram para lá, escalando o paredão como podiam, até atingir uma espécie de plataforma dissimulada por enormes blocos de pedra. Quando ali chegaram, cinco ou seis falcões se dispersaram diante deles gritando. Seus bicos estavam maculados de sangue...

14 A festa da Páscoa é também a festa dos ázimos – ázimo: que é sem fermento. Para comemorar a fuga dos hebreus para fora do Egito, come-se por sete dias pão não fermentado. Antes da Páscoa propriamente dita, cada um se assegura de que não subsiste em sua casa nenhum vestígio de fermento.

16

– É impossível, soluçou Nathan. Caleb...

Entre as altas pedras jazia um corpo que Fílon desejaria nunca ter visto. Estava nu, despedaçado pelos rapaces, e seus membros ainda intactos – um tornozelo e um pé, o braço direito, a mão esquerda – estavam inchados e roxos, efeito do calor. Subia do despojo um fedor infecto.

– Está aí já faz alguns dias, constatou Fílon. O que explica o pão sobre a mesa.

– Foi... foi um acidente? Ele caiu, talvez, e os falcões...

– Infelizmente, não!

O egípcio avançou até o cadáver tapando o nariz.

– Foi um assassinato. Mais um. Mas este foi cometido antes dos outros. E acredito saber por quê.

Apesar da repulsa, debruçou-se sobre o infeliz. O criminoso tivera o cuidado de despi-lo e de cortar seu peito e seus ombros, provavelmente o rosto também. No ventre percebiam-se, de fato, longas estrias vermelhas que se cruzavam numa espécie de xadrez. Lá onde a lâmina penetrara mais – o peito, o pescoço, o rosto –, fora onde os falcões tinham atacado primeiro. Não se tratava desta vez de imitar as garras de um animal selvagem, como no assassinato de Jeftê, mas de convidar os rapaces para o festim. O assassino providenciara tudo para que sua vítima fosse devorada.

– Se não tivéssemos vindo... articulou o noviço.

– Vocês o teriam encontrado de qualquer modo, retorquiu Fílon. Vendo que ele não descia para a Páscoa, teriam enviado alguém. Não, não foi para fazer desaparecer o cadáver que o assassino o entregou aos falcões. Ele tinha outra ideia na cabeça.

– Trata-se então do mesmo homem que assassinou Jeftê?

– Sem sombra de dúvida.

– Mas por que razão esses dois...?

Fílon lhe fez sinal para calar-se. Não desejava responder, queria examinar o cadáver com a maior concentração possível. Toda a parte de cima do corpo estava irreconhecível. Os rapaces tinham limpado de sua carne o essencial do pescoço e do rosto, e, no peito, tinham começado a roer os ossos para chegar às vísceras. Sobre os braços e as coxas, inúmeras bicadas deixavam aparecer músculos em frangalhos e pedaços de cartilagem. Fílon lembrou de outra passagem de Miqueias:

Aqueles que comeram a carne de meu povo,
arrancaram-lhe a pele,
quebraram-lhe os ossos,
cortaram-no como carne na panela
e como vianda dentro do caldeirão,
então eles clamarão a Iahweh,
e ele não lhes responderá.
Ele lhes esconderá sua face naquele tempo,
porque os seus atos foram maus!

Depois de Gad, depois de Jeftê, na verdade antes dos dois, o assassino continuava portanto a concretizar as visões do profeta. Quanto ao *tefilin*...

Cuidando para não encostar no cadáver, Fílon se agachou para olhar dentro do crânio e da maxila. Vários dentes tinham sido quebrados pelos bicos ávidos e a própria língua parecia... O jovem se afastou bruscamente, reprimindo sua ânsia de vômito. A boca, em todo caso, parecia vazia. Nathan quis oferecer ajuda, mas Fílon o dissuadiu:

– Melhor evitar... Vá até a grota e traga aqui a esteira para que possamos cobri-lo. A seguir, irá avisar Simão e pedir que nos mande reforços.

O noviço fez que sim com a cabeça, feliz por poder sair dali. De seu poleiro, no alto da falésia, os falcões observavam a cena, aguardando o momento de retomar seu repasto.

– Yah! Yah! gritou Fílon, estendendo o punho para eles.

Mas as aves não deram a mínima bola.

E agora, perguntou-se o jovem, até onde ele irá? O chefe dos fariseus, o chefe dos saduceus, um dos mais eminentes escribas de Qumran... Uma profecia atribuída a Miqueias cuja existência é conhecida pelos essênios. Uma profecia que Caleb, Fílon estava convencido disto, devia estar comentando. Ou seja, aqueles que se aproximavam demais do texto eram simplesmente executados. Que revelação funesta o assassino estaria tentando esconder?

Nathan voltou, com a esteira enrolada debaixo do braço.

– Obrigado, disse-lhe Fílon, vou cuidar disso. Uma coisa, antes que você parta. Caleb não era um velho, estou certo? Seus cabelos são pretos, suas mãos não parecem enrugadas.

– Imaginava um velho escriba? Não, muito pelo contrário. Caleb estava na força da idade, talvez quarenta anos. Um rosto agradável, também, embora... Embora não dê mais para julgar isso. Além do mais, bastante robusto e praticante de exercícios.

– Então deve ter se defendido.

– Pelo seu temperamento, pode ter certeza que sim. E, se um estranho tivesse subido até ele, certamente desconfiaria.

– Evidentemente. Agora vá, é preciso avisar seus irmãos.

Nathan lançou-se morro abaixo e Fílon ficou olhando-o se afastar. Do platô onde estava, dominava-se o mar Morto, e parecia pouco provável que alguém se deixasse surpreender estando ali. Mesmo um escriba. A menos que o agressor tivesse vindo pelo sul, escalando a falésia? De qualquer modo, um detalhe continuava a perturbá-lo: em cada um dos crimes, a vítima parecia conhecer seu assassino. Ainda mais: parecia tê-lo recebido. Jeftê abrira sua porta para ele enquanto sua filha tomava banho e Mandu trabalhava na cozinha. Gad simplesmente dispensara todos os seus criados. Com toda evidência, ambos aguardavam seu carrasco. Teria sido esse também o caso de Caleb?

Fílon pegou a esteira e sacudiu-a vigorosamente para estendê-la. O vento que produziu fez esvoaçar um pequeno objeto a dois passos da cabeça do morto. Um saquinho de couro. Da grossura de uma falange e aberto num dos lados. O *tefilin*. Um pássaro devia tê-lo tirado da boca e, não o achando muito gostoso, o abandonara. Rasgado. Uma pontinha amarelada saía...

Fílon se precipitou. Febrilmente, desatou o cabelo que mantinha a folha enrolada em si mesma. O grão, a cor, a tinta, a letra, tudo era idêntico. O fim da profecia!

Mas, no dia do Nazireno,
último rebento de Davi vindo do país do Egito,
se o sangue de Jacob verter seu próprio sangue,
se ele pecar de novo face a seu Deus,
então Eu farei o Belial subir dos abismos
e, com ele, a tropa de Assur no seio de Israel!
Chorai! Chorai, mulheres de Jerusalém!
O flagelo de Deus contra seu curandeiro,
a boca da mentira contra o resto de verdade,
os filhos das trevas contra os filhos da luz!
E sete vezes sete gerações para aquele que vencer!
Que assim seja conhecida a verdadeira palavra de Morasti,
o sopro de YHWH Sabbeot seu Deus.

Fílon tremia feito vara verde. Morasti era justamente a cidade de Miqueias, aquela onde o profeta nascera havia cerca de setecentos anos. Miqueias, “o sopro de YHWH Sabbeot”, a voz do Deus guerreiro... Miqueias que prometia a luta do bem contra o mal, mas sem prometer a vitória! Pois era bem ali que se encontrava a ameaça: a derrota do Salvador, o triunfo do Belial. Sete vezes sete gerações. Mil anos! Mil anos talvez sob o reinado do mal! E o Todo-Poderoso que parecia se recusar a salvar Seu povo... Sim, o fim da Aliança, aquela era a Ameaça!

Recompor-se. Afinal, aquilo era apenas um pergaminho. Assassinatos, por certo. Três assassinatos. Mas apenas um pergaminho. Qualquer um poderia tê-lo escrito. Aliás, em quê o sangue derramado provava sua autenticidade? Os escritos dos profetas estavam repletos de advertências de todos os tipos. Por que este mereceria atenção especial?

No entanto, Jeftê e Gad tinham sido mortos. E Caleb também, que estava redigindo o comentário de Miqueias. Supondo que a profecia fosse apócrifa, por que aquela urgência em acabar com o

escriba? O que o assassino teria a temer daqueles ? Afinal, ir até aquelas alturas, naquele deserto...

Um falcão gritou, impaciente. O corpo... Fílon cobriu o despojo o melhor que pôde, dispondo grandes pedras a toda volta para impedir que os pássaros erguessem a esteira. Caleb estaria protegido, pelo menos até a chegada de seus irmãos. Feito aquilo, resolveu voltar até a grota, esperando obter mais informações sobre os *pesharim*. Talvez o escriba tivesse tido tempo de escondê-los?

De volta à caverna, Fílon se aproximou do tronco que servia de cadeira e sentou-se à mesa de pedra. Teve de início uma sensação estranha: a coluna de luz parecia descer direto do céu, desenhando um halo de calor no ar fresco da grota. Não era de admirar que gerações de escribas tivessem esperado ali a inspiração divina.

Então começou a fuçar nos rolos e pergaminhos empilhados em desordem. Os mais simples comportavam apenas palavras garatujadas ou traços hesitantes, como se Caleb testasse a fineza de seu cálamo antes de começar a trabalhar. A tinta era sempre a mesma, de um preto ligeiramente azulado. Várias folhas de couro estavam intactas, esperando ser costuradas para formar um novo rolo. Mas sua desordem indicava que certamente tinham mexido ali.

Quanto aos Escritos propriamente ditos, eram aqueles da Bíblia: os Salmos – *Sepher tehillim*, o Livro dos louvores –, os Atos dos dias – *Dibre hayyamim* –, o Eclesiastes – *Qoheleth* –, os Juízes – *Shophetim* –, etc. Fontes onde buscar uma citação ou se certificar da correção de uma fórmula enquanto o escriba trabalhava em seu comentário. Nenhum vestígio de Miqueias, no entanto, nem de qualquer livro profético. O assassino devia ter feito uma limpeza antes de desaparecer.

Fílon se dirigiu então às prateleiras escavadas na pedra. Havia ali outros rolos, consagrados à comunidade de Qumran: tratavam da sistematização do culto, do respeito à Lei, das punições a serem infligidas aos irmãos recalcitrantes, da partilha dos bens entre os membros, de uma espécie de sumo sacerdote dos essênios chamado “mestre de justiça”. Impossível ler tudo. Ainda mais que Nathan não tardaria a voltar e Fílon não queria ser surpreendido fuçando nas coisas do morto. E nada sobre o nabi de Morasti...

Fílon pensou por um momento em descer atrás de Nathan, até que seu olho foi atraído para o recanto onde se encontrava antes a esteira de Caleb. Havia ali uma espécie de anel um pouco acima do chão que brilhava fracamente a algumas polegadas da rocha. O jovem avançou para lá. O anel era na verdade um pedaço de ferro arredondado, enfiado num tijolo de argila seca de forma mais ou menos oval. Levantou delicadamente o tijolo: um oco na pedra. Menos um esconderijo, provavelmente, do que um compartimento onde colocar alguns objetos ao abrigo dos animais. Fílon enfiou a mão ali e retirou três rolos.

Três rolos...

Apressou-se em voltar à mesa para consultá-los. Todos os três eram de couro e de fatura bastante recente, talvez confeccionados pelo próprio Caleb. Se aqueles escritos tinham um valor especial a seus olhos – o que justificaria estarem bem guardados –, por que não imaginar que o comentário de Miqueias fosse um deles?

O egípcio desatou o barbante que fechava o menor deles:

O oráculo que Habacuc o profeta recebeu em visão.

Até quando, YHWH, pedirei socorro sem que tu escutes? Gritarei para ti: "Veja esta violência!" sem que tu salves? Por que me fazes ver a iniquidade e observas inerte a opressão? Só vejo rapina e violência, é a disputa, e a discórdia sevicia!

As primeiras linhas não deixavam margem a dúvidas: aquele era o rolo de Habacuc, o nabi cujos *pesharim* Caleb redigira recentemente. Fílon percorreu-o em diagonal. Tratava-se de um exemplar de estudo, pois encontravam-se diversas anotações feitas pela mão de Caleb junto a certas palavras ou trechos de versículos. A letra era fina, regular, a mesma tinta preta. Aquelas que formavam o tetragrama YHWH lembravam as do pergaminho no *tefilin*. No entanto, a proximidade acabava ali: o conjunto do texto estava em aramaico e não em hebreu antigo.

Fílon abriu então o segundo rolo. Tratava-se do comentário de Habacuc realizado por Caleb havia alguns meses. Aquele cuja profundidade e clarividência Nathan louvara. Como o rapaz explicara antes, o escriba procedia metodicamente, copiando a cada

vez uma passagem do profeta para a seguir oferecer sua interpretação. Fílon leu ao acaso:

Manter-me-ei em meu posto de guarda, permanecerei sobre minha muralha: espreitarei para ver o que Ele me dirá, o que responderá a minha dolência.

Então YHWH respondeu-me dizendo: Escreve a visão, grava-a nas tábuas, a fim de que a leia todo aquele que souber ler.

"A explicação disso é que o Todo-Poderoso diz a Habacuc para escrever as coisas que acontecerão à última geração; mas a consumação do tempo, Ele não lha deu a conhecer."

"E quanto ao que Ele disse: 'a fim de que a leia todo aquele que souber ler...', a explicação disso concerne ao mestre de justiça, a quem o Todo-Poderoso deu a conhecer todos os mistérios das palavras de Seus servidores e profetas."

Pois trata-se de uma visão que não é para o seu tempo; ela fala do fim e não engana.

"A explicação disso é que o tempo derradeiro será de longa duração, e ultrapassará tudo aquilo que disseram os profetas; pois os mistérios do Todo-Poderoso são maravilhosos."

E assim por diante, todo o livro de Habacuc comentado desta maneira.

Restava o último rolo.

Fílon hesitou em abri-lo, imaginando que não contivesse os *pesharim* de Miqueias. Não, o assassino devia ter se apoderado deles assim que matara o escriba. Viera para isso, em certo sentido. E teria bastado inspecionar a caverna, mesmo rapidamente, para encontrar aquele esconderijo no chão.

Finalmente o nó se desfez entre seus dedos e as primeiras colunas em hebreu se desvelaram:

Palavra de YHWH que foi dirigida a Miqueias de Morasti, nos tempos de Yotam, de Achaz e de Ezequias, reis de Judá. Suas visões sobre Samaria e Jerusalém.

A prédica de Miqueias... O exemplar sobre o qual Caleb devia ter meditado antes de empreender seus *pesharim*, eis o que era aquele terceiro rolo. Um exemplar de estudo, manifestamente, como no caso de Habacuc. Alguns sinais, acrescentados aqui e ali ao texto, uma palavra, um pedaço de frase. Mas não o mais importante. Não os comentários. Não a chave de toda aquela loucura.

Fílon suspirou. Teria que ler o rolo inteiro antes que os essênios estivessem de volta. Uma alusão, um detalhe, quem sabe não haveria ali um início de pista? Atento ao menor vestígio, à menor rasura, absorveu-se numa leitura que supunha familiar, mas que aos poucos foi percebendo encerrar novos significados.

O livro de Miqueias se abria com a condenação dos erros de Israel, especialmente os pecados dos poderosos: os chefes indignos, os sacerdotes corruptos, os falsos profetas, os ricos indiferentes à miséria dos pobres, todos aqueles que arrancavam a pele do humilde e quebravam seus ossos. Daí as guerras e as invasões que o Altíssimo suscitara contra seu povo culpado; daí as cidades arruinadas, a desolação dos campos, os prantos das mulheres e a infelicidade de todos.

Depois o nabi se acalmava um pouco, prometendo, após a violência e o sangue, a esperança da paz e a vinda do Salvador. Era neste ponto da prédica, no início do capítulo cinco, que se situava a mais célebre das visões de Miqueias:

Mas tu, (Belém), Éfrata,
embora o menor clã de Judá,
de ti sairá para mim
aquele que será dominador em Israel
Suas origens são de tempos antigos,
de dias imemoráveis.
Por isso ele os abandonará
até o tempo em que a parturiente dará à luz.
Então o resto de seus irmãos
voltará para os filhos de Israel.
Ele se erguerá e apascentará o rebanho
pela força de Iahweh,
pela glória do nome de seu Deus.

Eles se estabelecerão, pois então ele será grande
até os confins da terra.

Havia quase setecentos anos, cada judeu daquela região levava aquela passagem em seu coração como uma pérola mil vezes preciosa: ela anunciava que um dia o Messias se ergueria em Belém, e que saberia unir os seus para que viesse a vitória e enfim se estabelecesse o reino do Senhor. Há setecentos anos os judeus esperavam, repetiu Fílon para si mesmo. Setecentos anos...

Estava prestes a desenrolar a folha seguinte quando, pousando os olhos sobre as primeiras palavras, quase caiu para trás. A continuação... A continuação da prédica de Miqueias... Era a profecia do *tefilin*!

Ameaça de YHWH

Mas, no dia do Nazireno,
último rebento de Davi vindo do país do Egito,
se o sangue de Jacob verter seu próprio sangue,
se ele pecar de novo face a seu Deus,
então Eu farei o Belial subir dos abismos
e, com ele, a tropa de Assur no seio de Israel!
Chorai! Chorai, mulheres de Jerusalém!
O flagelo de Deus contra seu curandeiro,
a boca da mentira contra o resto de verdade,
os filhos das trevas contra os filhos da luz!
E sete vezes sete gerações para aquele que vencer!
Que assim seja conhecida a verdadeira palavra de Morasti,
o sopro de YHWH Sabbeot seu Deus.

Era incrível! No rolo de Caleb, a profecia do *tefilin* seguia imediatamente a visão de Belém! Aquilo podia significar que os essênios...?

Mas não era tudo. Em seu exemplar de estudo, o escriba acrescentara duas palavras em grego, bem no alto da folha

Νασιρεεν / Νασαρεεν

Nazireno / Nazareno

Aquelas transcrições do hebreu para o grego deviam ter sua importância, já que, além de utilizar outra língua, o escriba sublinhara duas letras: Naz**i**reno / Naz**a**reno. Se Fílon sabia bem o que “Nazireno” queria dizer – o sábio entre os sábios, o pio entre os pios – não fazia ideia do que poderia significar a palavra “Nazareno”. Caleb decididamente cultivava o mistério.

Naquele instante, sandálias se arrastaram na entrada da grota:

– Fílon? Fílon, está aí?

17

O retorno a Qumran se deu em completo recolhimento. De acordo com as instruções de Simão, que não quis subir até a grota, o corpo foi deixado debaixo de um abrigo provisório de tábuas e pedras. Mas, se não era concebível transportá-lo a poucas horas do grande sabá, tampouco era pensável abandoná-lo aos falcões. Dois de seus irmãos o velariam portanto até o fim do sabá, quando finalmente poderia ser levado até o cemitério do mar Morto.

Chegando ao estabelecimento, Fílon ficou aliviado ao perceber a tenda de Betsabel com os dromedários amarrados ao redor. Apressou o passo, impaciente para lhe contar o assassinato do escriba e suas últimas descobertas a propósito da profecia. Mas o noviço o segurou pela manga:

– Simão me deu ordens de conduzi-lo até ele imediatamente.

– Agora? Eu queria...

– Dadas as circunstâncias, os preparativos para o grande sabá foram adiados e o Conselho da comunidade teve que se reunir. Já devem estar esperando o senhor.

Diante da expressão de contrariedade de Fílon, tentou tranquilizá-lo.

– Não se preocupe. O Conselho funciona um pouco como o Sinédrio. Quando surgem problemas graves, os mais sábios de nossos irmãos se reúnem para conversar. Devem ter apenas algumas perguntas para lhe fazer.

Penetraram a muralha e, destacando-se do pequeno grupo que os acompanhara, dirigiram-se ao prédio em forma de T para onde os essênios carregavam antes grandes sacos. Seria o calor, a notícia do crime ou a proximidade do sabá? Uma calma sobrenatural reinava na fraternidade.

– Aqui estamos, disse Nathan, passando por cima do pequeno canal que levava a um tanque de purificação ao pé da construção.

Aqui ficam o refeitório e a sala de reunião.

Ele empurrou a porta e deu um passo para trás a fim de que Fílon pudesse entrar.

– À frente, fica a cozinha, e, à esquerda, a grande sala do Conselho. Mais uma recomendação, sussurrou, fique de pé e não chegue perto demais dos Numerosos. E só responda quando lhe perguntarem!

Fílon fez um gesto de irritação. Avançou para o meio da sala, uma vasta peça retangular de ao menos cinquenta passos por dez. O teto era sustentado por uma fileira de colunas recobertas de estuque, e as mesas tinham sido encostadas no canto esquerdo para liberar espaço. A longa parede tinha grandes janelas que davam para o mar Morto, oferecendo a visão admirável da água e das montanhas. No canto direito, doze homens estavam sentados atrás de uma mesa coberta de uma simples toalha branca. A maioria era composta de velhos, alguns com cabelos e barbas intermináveis, outros quase carecas. Apenas Simão era glabro. Estava no centro da assembleia, enquadrado por dois irmãos um pouco mais jovens. Foi ele que tomou a palavra:

– Que o Conselho dos Numerosos receba em sua benevolência Fílon de Alexandria. Ele chegou esta manhã de Jerusalém para nos informar da morte de Jeftê e do sumo sacerdote Gad. Como também já sabem, foi ele que descobriu nosso irmão Caleb esta tarde. Por todas essas razões, parece-me útil e necessário que os Numerosos o escutem.

Então, dirigindo-se ao egípcio:

– Poderia, meu jovem, expor ao Conselho sua opinião sobre essa série de dramas?

– Caro rabino Simão, temo que minhas pobres explicações não possam satisfazer-vos. Há nesse caso muito mais sombra do que luz e...

– Deixe de lado as precauções retóricas e diga logo aquilo que pensa. Aquilo que realmente pensa.

– Nesse caso... aí vai! Minha primeira impressão é de que cada um desses crimes está estreitamente ligado aos outros. Prova disso é essa profecia que o culpado colocou aos pedaços na boca de suas vítimas.

– Uma profecia? perguntou um velho com cara de fuinha. Fazendo cara de falsa surpresa.

– Sim, uma profecia de Miqueias. Verídica ou inventada, não posso afirmar com certeza. Seja como for, ela não figura em nenhum dos livros da Bíblia. Eu contava aliás com vossa douta comunidade para obter mais informações sobre ela.

O velho com cara de fuinha pareceu se ofender, mas foi Simão quem tomou novamente a palavra:

– Evocaremos esse aspecto mais tarde, se assim desejar. Por ora, gostaríamos de conhecer sua opinião em termos gerais.

Fílon se mexeu de uma perna para a outra: o cansaço novamente o invadia.

– Minha hipótese é de que um mesmo homem, sozinho ou ajudado por cúmplices, perpetrou esses três assassinatos. Primeiro matou Caleb, cuja morte remonta a sete ou oito dias, pelo que pude ver. Sabia que o corpo não seria encontrado logo já que o escriba deveria permanecer sozinho até a Páscoa. Teve portanto todo tempo do mundo para ir até Jerusalém, estrangular Jeftê e depois apunhalar Gad.

Houve trocas de olhares na assistência, mas nenhuma palavra.

– Pedistes que eu fosse franco, prosseguiu Fílon, de modo que o serei. O assassino era íntimo de suas vítimas, a ponto de poder se aproximar delas com seu consentimento. Conhecia bem seus hábitos e sua maneira de viver, o que lhe permitiu pegá-las de surpresa e organizar seus crimes. Longe de ser apenas um monstro sedento de sangue, é um espírito sutil e cultivado, bom conhecedor das Escrituras e de tudo que diz respeito aos essênios, aos fariseus e aos saduceus. Talvez isso os choque, mas me parece lógico que tenha vindo até Qumran. Talvez sob um falso nome ou sob um falso pretexto. Talvez mesmo alguns dentre vós tenham falado com ele em tal ocasião.

O fuinha mal continha sua irritação:

– Deve ter notado que há várias tendas fora do estabelecimento e que famílias inteiras vêm nos visitar. Além de todos os homens que esperam juntar-se a nós e que passam alguns dias em nossa companhia. Como poderíamos saber que um criminoso se dissimulava entre eles?

Outro irmão, descarnado e desdentado, veio em seu reforço:

– Qualquer um pode chegar à grota dos escribas atravessando as montanhas pelo sul, a partir da fortaleza de Hircânia. Eu o fiz uma vez quando era mais jovem. Não é necessário passar por Qumran.

– E o objetivo, acrescentou o fuinha. E o objetivo de tudo isso?

– Tem a ver com a profecia, respondeu Fílon. Mas de uma maneira que ainda não sei explicar.

Estendeu a Simão o pergaminho que recolhera ao lado do cadáver.

– Veja o final do texto, rabino. Está escrito: “Que assim seja conhecida a verdadeira palavra de Morasti.” Não há aí o desejo de revelar ao mundo uma predição escondida? A vontade de propalar um oráculo supostamente secreto? E, no entanto, o assassino atacou justamente os três homens que buscavam saber mais a respeito disso: Gad e Jeftê, que tinham ouvido falar na profecia, e Caleb que, em minha opinião, preparava seu comentário. É no mínimo paradoxal.

Simão deixou seus olhos correrem pelo pergaminho antes de fazê-lo circular entre os membros do Conselho.

– Meu jovem, declarou após um momento, está na hora de lhe contar a verdade sobre essa profecia. Acredito em sua honestidade e ouso esperar que não a utilizará contra nós. Talvez mesmo ela lhe seja preciosa para desmascarar o culpado e contribuir para que seja castigado. Caleb... Caleb era nosso melhor escriba e nenhum dos Numerosos aqui presentes gostaria de ver seu assassino impune.

Deu uma discreta tossidinha até que o silêncio voltasse à assembleia. Então começou seu relato:

– Para nós, essênios, a história dessa profecia remonta à revolta dos macabeus, há mais de cento e cinquenta anos. Naquela época, Uzziel percorria a Judeia a serviço de seu irmão Qehat, então sumo sacerdote de Jerusalém. Depois de muitos anos de desordem e de guerras, Uzziel fora incumbido de viajar pelo país a fim de fazer um relatório o mais detalhado possível sobre seu estado. Mas, na verdade, o único objetivo de sua missão era afastá-lo da capital: ele e seu irmão se opunham violentamente quanto às exigências da fé e o significado de servir a Deus.

“Um dia, Uzziel parou num antigo fortim construído pelo rei Ozias para se defender das invasões. Chamavam aquele lugar de cidade do Sal, pois ficava à margem de um lago de água salobra onde se recolhiam os cristais direto na praia. Algumas famílias de nômades acampavam naquelas ruínas, e Uzziel logo partiu para fazer o reconhecimento dos arredores. Ao termo de uma boa hora de caminhada, surpreendeu o choro de um menino, um jovem pastor que perdera uma cabra de seu rebanho. Uzziel o consolou e prometeu ajudá-lo a recuperar o animal. De tanto vasculhar as redondezas, acabaram notando uma espécie de furo natural na rocha. Uzziel jogou uma pedra dentro para avaliar sua profundidade e lhe pareceu estranho o som produzido por sua queda. Intrigado, desceu na cavidade e encontrou várias jarras cobertas com tampas. A maioria continha restos de grão transformados em pó, mas uma delas encerrava um rolo de papiro envolto em linho. Desatando o rolo, Uzziel teve três surpresas: a primeira foi que tinha em suas mãos um exemplar do livro de Miqueias, escrito em hebreu de antes do Exílio; a segunda foi que o livro continha uma profecia desconhecida, “a ameaça de YHWH”; a terceira foi que aquela profecia anunciava o combate final dos filhos da luz, últimos bastiões contra as tropas do Belial. Uzziel se deu conta então de que fora escolhido pelo Todo-Poderoso para desvelar a profecia verdadeira de Miqueias. Supôs que seis séculos antes a cidade de Morasti fora ameaçada pelo avanço dos exércitos assírios e que o nabi devia ter se refugiado no fortim do mar Morto. Lá, inspirado por seu Criador, tivera a visão dos Tempos derradeiros: no dia do Juízo, se o povo eleito não tivesse se corrigido, se o sangue e a corrupção continuassem a reinar sobre Israel, apenas um punhado de fiéis, os filhos da luz, seria digno de receber o Salvador e impedir o triunfo do mal.

Simão fez uma pausa. Vários membros do Conselho balançavam pacientemente a cabeça. O desdentado parecia ter adormecido, ao passo que o fuinha não tirava os olhos de Fílon. Após umedecer os lábios, o chefe dos essênios retomou:

– Uzziel se apressou em voltar para seu irmão, cheio de um fervor exaltado. A palavra esquecida do profeta Miqueias, decerto a última que fora escrita! E sob a forma de uma ameaça proferida

diretamente pelo Altíssimo! Talvez ainda houvesse tempo para evitar o abismo? Se o sumo sacerdote Qehat desse o exemplo, se o Templo reformasse suficientemente seus costumes, se arrastasse muitos fiéis consigo, talvez a cólera do Todo-Poderoso não se desencadeasse!

"Infelizmente, Qehat não pensava assim. O saduceu que era não viu nessas revelações mais do que um desajeitado ardil para lhe arrancar o poder. Após ter escutado longamente seu irmão, tomou a decisão de fazê-lo desaparecer de uma vez por todas. E a profecia junto. Aquela mesma noite, mandou seus guardas incendiarem a casa de Uzziel. O que não imaginava era que o Todo-Poderoso protegia Seu mensageiro: por milagre, este despertou antes de ser cercado pelas chamas, e o pergaminho se recusou a queimar. Uzziel conseguiu fugir, com a convicção de que seu povo não seria salvo. E de que, se queria ter alguma chance de vencer o Belial, teria que constituir um batalhão de homens santos, uma força viva de fé, que seria como os anjos de Deus na terra: os filhos da luz. Retirou-se no deserto, no lugar mesmo de sua descoberta, a cidade do Sal, que rebatizou de Qumran, o nome que os nômades lhe davam. Dedicou-se a reconstruir as ruínas e a atrair para si os judeus mais puros e mais determinados. Aqueles que, na hora do Juízo, seriam dignos de receber o Messias e combater a seu lado contra os filhos das trevas. Assim nasceu, há cerca de cento e cinquenta anos, a fraternidade dos justos e dos pios, a comunidade dos essênios.

Um silêncio prolongado se seguiu, perturbado apenas pelo zumbido de um grande inseto. Fílon teve a sensação de que todos os membros do Conselho esperavam uma reação de sua parte. Hesitou um pouco, então se lançou:

– Qehat e Uzziel eram da casa de Gemul, não é verdade? Assim como Gad e Jeftê?

Simão pareceu consultar os Numerosos com o olhar. Deve ter lido ali uma aprovação muda, pois confirmou com a cabeça.

– De fato, Gad e Jeftê pertenciam ambos à casa de Gemul. Ambos têm um avô por ancestral comum. Mas isso não é tudo...

Limpou a garganta, um pouco embaraçado:

– Caleb também fazia parte da casa de Gemul.

– Caleb?

– Sim. Ele era irmão do sumo sacerdote Gad.

Fílon escancarou os olhos de estupor.

– Não fique tão surpreso, repreendeu-o o fuinha. O exemplo de Qehat e Uzziel demonstra que uma mesma família pode produzir o melhor e o pior.

– Caleb nos foi confiado quando tinha doze anos, acrescentou Simão. Seus pais tinham identificado nele uma vontade de ascese e uma fé ardentes.

Fílon não conseguia acreditar. Caleb era irmão de Gad. As três vítimas pertenciam à casa de Gemul!

– Mas isso significa, balbuciou... Isso significa que ele e Jeftê se conheciam sem dúvida. E quando Jeftê vinha a Qumran... acontecia-lhe de encontrar Caleb?

– No que concerne a Jeftê, respondeu Simão, enquanto responsável pela comunidade, eu era o primeiro a recebê-lo. Ele tinha posto na cabeça que uma aliança entre nossos dois partidos era indispensável para vencer os saduceus. Se todos os fariseus tivessem o coração tão puro quanto o dele, talvez tivéssemos considerado essa possibilidade. Mas faltava muito para isso. No entanto, Jeftê fazia de conta que não o percebia. E agora, pensando no que aconteceu... É fato também que conversou diversas vezes com Caleb. Você... supõe que estaria aí o motivo real de suas visitas?

– Tudo é possível, rabino. Nesse período, lembra se Caleb já começara a redigir os *pesharim* sobre Miqueias?

Simão ergueu os ombros:

– Caleb sempre foi fascinado por esse texto. Jurou fazer um dia seu comentário, uma vez que nenhum escriba manifestara o desejo de fazê-lo até então – ou a pretensão! Refletia sobre ele havia anos. Há cerca de cinco meses, confiou-me sua intenção de tentar. Recém terminara um belíssimo comentário de Habacuc e eu não tinha nenhuma razão para me opor a que o fizesse. Cheguei mesmo a autorizar que partisse em viagem para verificar suas hipóteses. Foi somente uma semana após sua volta que Jeftê veio pela primeira vez a Qumran.

Fílon pensou de repente no que tinha descoberto dentro da caverna.

– Dei uma olhada nos rolos de Caleb na grota. Embora os *pesharim* tenham desaparecido, o livro de Miqueias ainda se encontra ali. Ele contém anotações em grego, uma delas, em particular, a propósito da Ameaça: "Ναsιρεεν / Ναsαρεεν"; "Nazireno / Nazareno". Seria essa uma das hipóteses que Caleb desejava confirmar?

Simão se virou para o fuinha como que para lhe dizer: "Poderíamos ter agido de outra forma?" Então voltou a dirigir-se a Fílon.

– Em outras circunstâncias, meu jovem, não responderia a sua pergunta. O trabalho dos escribas, especialmente os comentários, é votado ao segredo até que esteja concluído. No entanto, os Numerosos estimam que atravessamos hoje uma provação excepcional. Esses três crimes, somados à ocupação romana, assinalam talvez a ofensiva do Belial. E se é chegada a hora do combate, sua ajuda é bem-vinda.

Os outros aquiesceram, exceto o fuinha.

– Quanto a essas anotações em grego... É verdade que, desde nosso mestre Uzziel, sempre interpretamos as primeiras palavras da profecia como remetendo ao Nazireno, o sábio entre os sábios:

Mas, no dia do Nazireno,
último rebento de Davi vindo do país do Egito,
se o sangue de Jacob verter seu próprio sangue,
se ele pecar de novo face a seu Deus,
então Eu farei o Belial subir dos abismos
e, com ele, a tropa de Assur no seio de Israel!

Cada um dos irmãos ergueu os olhos para o céu ao ser evocada a profecia. Simão continuou:

– Quando me pediu permissão para prosseguir suas pesquisas fora da comunidade, Caleb havia formulado para ele uma suposição completamente diferente: não se devia ler[15] "Nazireno" como era de costume, e sim "Nazareno". A diferença não era pequena. De fato, durante uma conversa com um visitante, ele ficara sabendo da

existência de um vilarejo na Galileia chamado Nazaré. Uma aldeia cujos habitantes se chamam nazarenos. Confesso não ter dado muita importância àquilo: ninguém aqui conhecia Nazaré. Não obstante, é bom que às vezes os escribas façam seu caminho. Portanto, deixei-o partir.

– Ele foi para Nazaré?

– Era sua ambição.

– E quando voltou?

– Quando voltou, Caleb demonstrava uma grande excitação nervosa. Afirmou ter estado em Nazaré e que lá tinham ocorrido acontecimentos singulares, capazes de inspirar seus *pesharim*. Então caiu doente e foi acometido por fortes febres por mais de um mês. Um pouco como se seu corpo e seu espírito estivessem possuídos. Na mesma época, Jeftê veio nos propor sua aliança, e foi então que encontrou Caleb. Ficou várias vezes à sua cabeceira, o que não surpreendeu ninguém: afinal, eram primos.

– O que aconteceu quando Caleb sarou?

– Voltou a ser ele mesmo, calmo e sereno. Esperou algum tempo, até recuperar forças suficientes para suportar o isolamento. Então subiu para a grota dos escribas.

– Há muito tempo?

– Quatro ou cinco semanas, se não me engano.

– Mas não contou a nenhum dos irmãos o que o transtornou no vilarejo de Nazaré?

– Pelo menos não para mim. Sua única resposta era: “Vai ler meu *pesharim*!”

– No entanto, devem ter se colocado a pergunta?

O fuinha interveio, em tom agressivo.

– Simão e eu conversamos a esse respeito. Nossa conclusão foi de que Caleb não dispunha mais de todas as suas faculdades e que teria sido mais prudente proibi-lo de fazer aquela viagem ao norte.

Estava batendo os dedos nervosamente sobre a mesa.

– Todas essas especulações idiotas, insistiu. “O dia do Nazareno!” E o que mais? Que sentido teria a profecia? Nossa salvação viria de uma miserável aldeia da Galileia? Para quem sabe ler Miqueias, é de Belém que se erguerá o Salvador e...

– No entanto, Caleb foi assassinado, interrompeu-o Fílon. O que quer dizer que descobrira alguma coisa. E já que evocou Belém, provavelmente não lhe escapou que a profecia da Ameaça se segue precisamente à visão de Belém:

Mas tu, (Belém), Éfrata,
embora o menor clã de Judá,
de ti sairá para mim
aquele que será dominador em Israel

– Se aproximamos esses dois trechos, formando um só...

– E daí? lançou-lhe o fuinha com uma expressão de desafio.

As ideias se acotovelavam na cabeça do jovem. Buscou apoio do lado de Simão, mas este se esquivou. Por uma fração de segundo, teve a sensação de que o chefe dos essênios chegara às mesmas deduções que ele. E de que preferia se calar. Respirou fundo e juntou coragem:

– Não poderíamos imaginar... não poderíamos imaginar que Caleb tenha identificado em Nazaré um homem da casa de Davi, nascido em Belém e que teria vivido no Egito? A coincidência seria tão extraordinária que o teria feito tomar esse homem pelo Messias? E isso justificaria talvez sua febre e sua perturbação!

O rosto do fuinha tornou-se púrpura:

– Claro, claro! disse rindo com escárnio. E por que não o verdadeiro Messias, já que é assim? Que somente Caleb teria encontrado! E ainda por cima em Nazaré!

Levantou-se de seu banco.

– Para mim já chega, exclamou arrebatado. A noite cairá em três horas e nada está pronto para o grande sabá. Proponho portanto aos Numerosos que coloquemos um fim a essa torrente de inépcias. Não apenas não deteremos o culpado dessa maneira, mas avançamos perigosamente na via do sacrilégio...

Apontou para Fílon:

– Aliás, se tivessem me escutado, eu era contra a presença desse estranho. Que se feche aqui a sessão do Conselho!

Deixou seu lugar e virou os calcanhares, desencadeando um grande alvoroço no fundo da mesa. Todos os irmãos se puseram a

falar ao mesmo tempo e vários se decidiram a sair, criando um movimento de retirada geral.

Ao termo de alguns minutos, restou apenas Simão, apertando as mãos uma na outra, parecendo prostrado.

– Lamento muito todo esse incômodo, desculpou-se o egípcio.

– Não é culpa sua e sim inteiramente minha. Anunciei agora há pouco ao conselho que abandonaria minhas funções de superior da fraternidade. De certa maneira, sinto-me... sinto-me responsável pelo que aconteceu a Caleb. Mas escolhi mal o momento. Achab já imagina que está me sucedendo e ele se esquenta tão facilmente...

– Um irmão menos irascível não executaria melhor essa função?

– Ai de nós! Apesar de nossos esforços, nós, essênios, somos apenas homens. Com nossas qualidades e defeitos. Mas e você, meu jovem, o que vai fazer agora?

– Não sei. Se Caleb foi a Nazaré...

Deixou que Simão concluísse sua frase.

– Sabe, Nazaré é longe, murmurou o superior alisando o crânio. Quatro ou cinco dias de caminhada, pela estrada de Séforis. Sem falar nos bandidos, nos rebeldes e nos romanos.

– Não tenho medo de viajar.

– Como quiser.

Sorriu tristemente.

– Seja como for, fique em Qumran ao menos para o sabá. Nas próximas horas ainda sou o chefe da comunidade.

15 Cf. nota 8, página 47.

18

Fílon se dobrou em dois para entrar na tenda. Vira Mandu dirigindo-se a uma grota no morro e regozijou-se com a ideia de ficar a sós com Betsabel. Poderia se sentar, partilhar um pouco de vinho de romã, conversar sobre as implicações dos crimes. Mas, na soleira, hesitou: a jovem estava dormindo. Deitada sobre um tapete de lã, a cabeça apoiada numa almofada, seus cabelos desenhando uma coroa em volta de seu rosto. Podia ter voltado sobre seus passos, esperado que ela despertasse. Em vez disso, agachou-se ao lado dela. Ela respirava suavemente, expressão tranquila, os lábios entreabertos, uma pérola de suor no nascimento da testa. Uma criança. Bela, determinada, insubmissa. Frágil, também. Com o que estaria sonhando naquele instante? Suas delicadas narinas quase não se mexiam, seu peito fazia subir o lençol num ritmo regular, sua túnica, puxada para cima, deixava adivinhar suas pernas. Sem pensar direito, Fílon acariciou uma mecha de seus cabelos, roçando sua face com a ponta de seus dedos. Ela abriu os olhos, não gritou. Sorriu para ele. Depois zombou:

– Muito bem, senhor filósofo... É essa então sua maneira de seduzir as mulheres? Aproveita quando estão dormindo?

Ele retirou a mão, confuso.

– Perdoe-me. Não sei o que me deu na cabeça. O cansaço... esses acontecimentos...

Imediatamente, o olhar da jovem retomou sua acuidade. Ela se ergueu sobre um cotovelo:

– Tem novidades a respeito de meu pai?

– Sobre seu pai? Bom... de certa forma.

Da maneira mais detalhada possível, fez-lhe o resumo das horas que tinham acabado de transcorrer em Qumran: a subida até a grota dos escribas, a descoberta do cadáver, a do livro de Miqueias, a

audiência com o Conselho dos Numerosos... E suas perguntas sobre Nazaré.

– Ainda acho, concluiu, que a melhor maneira de saber é ir até lá. Senão depois do sabá, ao menos depois da Páscoa. O superior falou em quatro ou cinco dias de caminhada, em direção a Séforis. Ora, para tanto, precisaremos de mais víveres e de alguns preparativos.

Betsabel ficou paralisada.

– Vocês... não querem me acompanhar até Nazaré? preocupou-se ele. Ou já conhece o vilarejo?

– Não o conheço, respondeu ela depois de um tempo. Séforis sim, mas Nazaré, nunca escutei esse nome. Quanto a acompanhá-lo, eu o farei com prazer. Tenho apenas a impressão... a impressão de que é melhor partirmos imediatamente.

– Mas o sol vai se pôr daqui a nem três horas! E, uma vez começado o sabá, não podemos viajar!

– Ao menos teremos ganhado três horas. Acho que você tem razão: foi por estar certo de ter identificado o Messias que assassinaram Caleb. E, correta ou equivocadamente, quem quer que seja, este homem está sob ameaça de agora em diante.

– Acha que o assassino o atacará?

– Ele recuou diante do assassinato do sumo sacerdote? Ou do chefe dos fariseus? Ou do melhor escriba de Qumran? E a profecia não anuncia a vinda do Belial?

– O Belial...

Todo o ser da jovem exprimia uma determinação feroz:

– Sim, o Belial. E isso não é tudo. Estamos a quatro dias da Páscoa. Se Caleb reconheceu o Messias nesse nazareno, é porque se trata de um homem pio, certamente. E se ele é pio, o que acha que deve fazer nos próximos dias?

Fílon assobiou entre os dentes:

– Ir para Jerusalém, é claro! Festejar a Páscoa!

– Provavelmente, já está até a caminho. Ora, vindo de Séforis, passará necessariamente por Jericó. Se chegarmos lá a tempo, teremos chance de encontrá-lo.

– Jericó deve estar transbordando de gente nesta época.

– Isso não é um problema. Os peregrinos viajam em grupos, os da mesma aldeia sempre se mantêm juntos. Por certo encontraremos algum galileu que possa nos indicar onde estão acampando os de Nazaré.

Fílon se inclinou para ela:

– Você tem respostas para tudo!

– E você parece não ter bastante confiança.

Suas bocas estavam agora tão próximas que podiam se tocar. O jovem avançou seus lábios...

De repente, o couro da tenda fez um barulho e Mandu irrompeu na soleira. Com um gesto desajeitado, Fílon recuou, como se tivesse sido pego em flagrante delito. Betsabel logo se recompôs:

– Ah! Mandu. Chegou na hora certa. Resolvemos partir esta tarde.

– Esta tarde?

Estava com sua voz dos dias ruins.

– Sim, esta tarde. Temos que desmontar a tenda imediatamente. Vamos para Jericó.

– Jericó fica a mais de dez milhas daqui.

– Pararemos no caminho.

Ele aquiesceu molemente. Seu tom escondia mal sua reprovação.

– Como quiser, ama.

Então deu meia-volta e saiu.

Fílon ergueu os braços em sinal de impotência: se dependesse só dele...

Quinze minutos depois, no entanto, estava novamente pendurado em seu dromedário.

Cavalgaram por duas horas sob um céu alaranjado. O ar se tornara bem mais respirável, e o deserto de colinas, suavizado pelo sol poente, parecia-lhes menos hostil. Exausto, Fílon não tardou a mergulhar numa semissonolência.

Um pouco antes do cair da noite, a pequena caravana pôs os pés no chão e montou o acampamento. Já não podiam acender um fogo ou cozinhar qualquer alimento, uma vez que as prescrições do sabá – e, *a fortiori,* do grande sabá – eram inequívocas: proibição de trabalhar, quaisquer que fossem o motivo ou a forma, proibição de

caçar, de transportar mercadorias ou objetos, de se deslocar a mais de dois mil côvados de sua residência, de escrever mais de uma letra do alfabeto, etc. Por muito tempo, também, fora proibido travar batalhas. Foi assim que Ptolomeu I se apossou de Jerusalém num dia de sabá, sem sequer ter que combater. Depois daquilo, os rabinos tinham estimado que era justo defender a própria vida e a dos seus, inclusive no sétimo dia. Se tamanhas exigências pareciam insuportáveis a muitos estrangeiros, Fílon via nelas, pelo contrário, a garantia de uma liberdade única: algumas horas da semana, decididamente fora do tempo, que cada um aproveitava para encontrar a si mesmo e se abrir aos outros; um dia de plenitude e partilha, de introspecção e diálogo com o Eterno. Não era esse o mais precioso presente que o Altíssimo podia oferecer a Seu povo?

Assim que terminaram de montar a tenda de Betsabel, pegaram a taça de prata que Nertari colocara nas bagagens e pronunciaram a benção sobre o vinho. Então purificaram as mãos com a água do odre e partiram os dois pães rituais. Comeram a seguir as frutas frescas de seu farnel e pedaços de peixe seco. Estavam longe dos banquetes festivos, das aves assadas ou das fatias de cordeiro gordo, mas papearam alegremente evocando as lembranças mais divertidas de suas infâncias. Não havia lugar aquela noite para os horrores e os dramas...

Mandu manteve-se um pouco afastado – os escravos também deviam respeitar o sabá – sem deixar de beber sua porção de vinho. Lá pelas tantas, os dromedários começaram a grunhir e erguer as orelhas. Mandu escalou o barranco que protegia o acampamento para se certificar de que ninguém viria incomodá-los. Devia ser uma raposinha das areias ou um chacal em busca de uma presa. Fílon acabava de recitar uma última benção e Betsabel começava a cantarolar velhas canções, algumas numa língua desconhecida – talvez um dialeto da Mesopotâmia que lhe ficara de sua mãe? Quando ela começou a cantar, com uma voz quente e profunda: “Como a uva à videira, como a espiga ao campo, o riacho à colina, o homem volta a Canaã...” o jovem se arrepiou. Fora exatamente aquela canção que ele ouvira em seu sonho, quando os rebeldes o tinham surrado! Não seria aquele o sinal evidente de que ela e ele...

Chegando por trás, Mandu bateu de leve em seu ombro.

– Amo, sussurrou ele, há pessoas aqui perto. É melhor o senhor vir.

– Que tipo de...

O escravo pôs um dedo sobre os lábios:

– Já lhe disse, há pessoas. Tem que vir!

Saíram discretamente enquanto a jovem continuava: “Ele saúda a uva na videira, saúda a espiga no campo, o riacho na colina e a mulher que o espera...”

Subiram silenciosamente o barranco e a elevação seguinte, iluminados pela lua. Chegando a meia-altura, o núbio mostrou as escarpas que dominavam a estrada de Jericó:

– Do outro lado, murmurou. Dois homens, armados, acho. Com cavalos.

– Eles pararam? Exatamente ali?

– Podem ter escutado nossas vozes. Eles próprios estavam conversando agora há pouco. Com um sotaque do norte. Talvez sejam bandidos.

Fílon pensava em qual seria a melhor maneira de se aproximar ou de se defender. Seu punhal estava guardado muito longe, na tenda. Desatou seu duplo cinto de couro e pegou uma pedra do chão. Se necessário, utilizaria aquilo como boleadeira.

Engatinhando, avançaram até a ponta do paredão rochoso. Nenhum barulho. Os intrusos poderiam também ter decidido atacá-los de surpresa. Ladrões? Rebeldes? Se eram judeus, estavam violando conscientemente o sabá. Romanos, então? Com mil precauções, Fílon deu uma olhada na estrada. Ela ficava trinta côvados mais abaixo, quase na vertical. Deserta. Percebeu Mandu agitando-se à sua direita e perguntou-se se os misteriosos viajantes já não os teriam pegado por trás. Apertou o cinto em sua mão e se virou, pronto para se defender.

Evitou por pouco o primeiro golpe. Mandu brandia uma pedra de pontas ameaçadoras e erguia o braço para golpeá-lo de novo. Fílon não distinguia de seu rosto mais do que a brancura desmedida de seus olhos e uma impressionante fileira de dentes. O jovem girou sobre si mesmo e a pedra roçou seus cabelos. Levantou-se rapidamente, golpeando às cegas com seu cinto. O escravo começou a rir:

– Ah! Ah! Acha que ela é sua, sinhozinho? Que ela é apenas para pessoas como você? Mas foi Mandu quem cuidou dela. Foi Mandu que a carregou. E é Mandu quem a ama.

Atacou-o então, com os punhos na frente. Reencontrando seus reflexos de lutador, Fílon se lançou em suas pernas em vez de recuar. O núbio vacilou e caiu com tudo no chão, cuspindo terra. Por duas vezes, o cinto se abateu estalando sobre seus ombros e seu pescoço. À beira do precipício, Fílon tentou chamá-lo de volta à razão:

– Já chega, Mandu. Não quero nenhum mal a Betsabel. Ela é inteligente o bastante para...

– Ahhh!

Urrando de raiva, o escravo saltou sobre ele, sem sequer tentar esquivar o couro que atingiu sua face. Conseguiu segurar o chicote e puxá-lo brutalmente para si.

– Vou matá-lo, sinhozinho! Vou matá-lo!

Fílon acreditou por um instante que o cinto ia lhe escapar. Segurou-o mais forte, teve a impressão de que seus dedos estavam sendo esmagados, mas conseguiu puxá-lo para o lado arrastando seu agressor. No mesmo movimento, deu um violento chute, atingindo Mandu na barriga. Arrastado por seu peso, este caiu no vazio com um grito abafado. Imediatamente, o pulso de Fílon estalou e seu braço não foi mais do que dor. Sentiu-se tragado pelo nada e se agarrou com a mão esquerda numa saliência da rocha. Mandu estava pendurado na outra ponta do cinto.

– Segure firme, arquejou Fílon, assim que avaliou a situação. Vou... vou puxá-lo para cima.

O núbio não esboçou o menor gesto para se agarrar ás pedras.

– Vamos morrer juntos, sinhozinho. Ou terá que me soltar.

– Não, não o soltarei. Vou puxá-lo.

O jovem fazia esforços desesperados para se apoiar com firmeza em seus pés. Mas o chão era escorregadio e Mandu pesado demais.

– Se nós dois morrermos, Betsabel ficará desamparada. Aqui, neste deserto. Ela precisa de você, Mandu.

O escravo fez uma expressão de sarcasmo:

– Sabe, sinhozinho, eu vi ele.

– Você o viu?

– O assassino, eu vi ele.

Fílon sentiu um gosto acre na língua. Uma onda de sangue percorria todo o alto de seu corpo e seu braço estava pegando fogo. Não estava seguro de ter entendido.

– O assassino?

– Na noite em que Jeftê morreu. Eu estava mesmo na cozinha. Mas houve um barulho, eu espiei.

Deu uma risada.

– Seria melhor eu não cair agora, hein?

– Não, respondeu o egípcio, quase desfalecendo. Segure na pedra.

– Eu o vi naquela noite. Foi o velho que abriu para ele.

– Vou puxá-lo, devagar.

Firmando-se com a mão esquerda, Fílon retesou seus músculos com todas as suas forças. O cinto subiu uma ou duas polegadas, com um estranho ruído. Não ceder, repetiu para si mesmo, não ceder de modo algum...

– Seu rosto, eu o vi na luz, continuou Mandu. Depois, foram para o primeiro andar.

– Por que não disse nada? perguntou Fílon, fazendo uma careta de esforço e dor.

– Na hora, fiquei tão surpreso. Se pudesse imaginar...

O jovem puxou novamente com toda a força. O cinto subiu mais um pouco, só que bem menos. Se Mandu não o ajudasse um pouco...

– Esse homem, quem era ele?

O escravo olhou bem em seus olhos:

– Quem era ele? Isso, quando descobrir, ficará muito surpreso, sinhozinho, pode ter certeza...

Então, com uma espécie de amargor:

– Apenas lhe peço... Alguém terá que cuidar dela... Você o fará, não?

E soltou o cinto.

19

Jericó.

Em tempos normais, Fílon teria pulado de alegria: depois de Jerusalém, Jericó era a outra cidade que sempre desejara ver. Um regalo do Todo-Poderoso, nascido no flanco de uma colina, uma flor de vegetação sobre a fita azul do Jordão. Jericó das palmeiras, dos bálsamos, dos louros-rosa e dos sicômoros, Jericó das fontes e dos tanques, onde a nascente do profeta Eliseu parecia nunca se calar. Jericó a opulenta, onde se cruzavam em malhas cerradas os caminhos do comércio e onde a multidão dos peregrinos descansava antes de se dirigir ao Templo; Jericó da Bíblia, enfim, cujas muralhas desmoronaram diante das trombetas e do poderoso clamor de Israel. Jericó, a mais antiga cidade do mundo.

Mas aquele tempo não tinha nada de normal. Havia os romanos, a Páscoa, a revolta incubada, a profecia de Miqueias, aqueles assassinatos, o Belial... O Messias, talvez. E, sobretudo, a morte de Mandu. Betsabel fora cruelmente afetada por ela, decerto tanto quanto pela de seu pai. Um irmão, dizia ela, ele era como um irmão. Debruçado sobre o corpo desarticulado do escravo, Fílon chegara a pensar em mentir: tinham ouvido barulhos, o núbio avançara imprudentemente, a rocha se soltara sob seus pés. Mas aquela mentira significaria uma traição e ele não podia traí-la. Voltou portanto ao acampamento para lhe confessar a verdade: o ciúme de Mandu, sua vontade de eliminar seu rival, seu combate, sua queda. Ela chorou. Muito. Depois se fechou num silêncio doloroso, cumprindo os gestos do sabá como se não estivesse ali. Fílon respeitou sua pena, com o sentimento confuso de ser culpado por ela. Momentos de vertigem em que Betsabel parecia tão distante, embora ele a tomasse em seus braços, levasse-a para sua tenda à sombra do barranco, lhe oferecesse água e o que restava de frutas, ajudasse-a a se cobrir quando o vento soprava mais forte. Uma

estranha mistura de intimidade e de distância que, de diversas maneiras, o remetia a Mandu. De fato, como o núbio poderia não ficar louco por ela? Sentia seu corpo todos os dias, o calor de suas coxas, a curva de suas costas, o perfume de sua nuca... sua nudez quando estava no banho. Sua voz a lhe dar ordens. Ele estava ali a cada instante de sua vida, nos bons e nos maus momentos. Escravos um do outro e amos alternadamente. Sim, ele devia detestar Fílon. Desde o primeiro momento.

Na segunda noite, terminado o sabá, o jovem escolhera um lugar afastado da estrada. Juntara pedras, cavara sumariamente a terra e sepultara o núbio. Uma sepultura simples e despojada, quase no meio do deserto. Talvez semelhante a que teria em sua terra...

– Vou deixá-la aqui, anunciou Fílon, descendo de sua montaria. Vou procurar alguém que possa nos dar informações.

– Tudo bem, aquiesceu Betsabel. Mas não demore, ou corremos o risco de perdê-lo.

Eram as primeiras palavras que trocavam desde o amanhecer. O egípcio amarrou os dromedários e instalou Betsabel à sombra de uma palmeira, perto de um grande tanque onde diversas mulheres lavavam roupa. Deixou com ela o último odre e tomou a direção da cidade.

Jericó era um oásis semeado de construções que se adensavam à medida que o centro se aproximava, lá onde se cruzavam as ruas mais frequentadas. Centenas de peregrinos a percorriam em todas as direções, a maioria a pé e em cortejo, sob o olhar altaneiro dos soldados de Roma. Fílon levantou o véu de seu rosto e entrou num estabelecimento de banhos. Pagou uma moeda de cobre, atravessou a sala comum, tirou a túnica e deu uma primeira passada na piscina de limpeza. Então entrou pela escada da direita no vasto *miqveh* de uma brancura deslumbrante. Uma quinzena de homens procedia a suas ablações rituais, murmurando palavras inaudíveis que o rumor da água cobria. Fílon imergiu também, três vezes. Então saiu pela escada da esquerda e subiu ao terraço para se secar ao sol. Vários peregrinos estavam debruçados no parapeito, contemplando a cidade e sua animação. Outros estavam sentados, apreciando o calor. Dirigiu-se ao mais jovem:

– Paz e benção para você, meu amigo.

– Paz para você também, respondeu o outro.

– Está chegando do norte?

– Sim, estamos chegando do norte.

– Estou procurando os habitantes de Nazaré.

O homem se virou para seus dois companheiros que balançaram negativamente a cabeça.

– Somos todos de Tiberíades. Nazaré, você disse?

– É um vilarejo, perto de Séforis.

Eles pareciam nunca ter ouvido falar, mas um velho que estava escutando avançou atrás deles.

– Séforis, não é? Havia gente de Séforis ontem.

– Sabe onde posso encontrá-los?

– Acho que sim.

Ele era mais enrugado do que uma velha fruta esquecida ao sol. Semicerrou os olhos, o que teve por efeito fazê-los desaparecer completamente.

– Está vendo aqueles palácios a oeste? São os palácios de Herodes. Acho que o pessoal de Séforis estava acampando ali do outro lado, ao pé dos jardins.

Fílon agradeceu e se apressou em voltar até Betsabel, não sem ter comprado um pouco de queijo de ovelha e alguns melões de um vendedor ambulante. Tomaram juntos o caminho do vasto conjunto monumental que Herodes transformara em sua residência de inverno. Fora lá que o rei da Judeia afogara seu cunhado, o sumo sacerdote Aristóbulo, cuja crescente popularidade o incomodava. Lá também que dera seu último suspiro, ordenando a execução dos notáveis que mandara estacionar no hipódromo vizinho. Por sorte, seus filhos estavam ocupados demais em disputar a herança para cumprir suas últimas vontades...

Atrás do edifício, estendiam-se um jardim exótico, termas romanas e um lago à beira do qual deviam estar acampados os fiéis de Séforis. Mas não havia ninguém além de crianças que brincavam subindo nas árvores. Fílon pegou uma moeda em sua bolsa e chamou um garoto de grandes cachos negros.

– Ei, pequeno! Como é seu nome?

– Zaqueias, senhor.

– Preciso de uma informação, Zaqueias. Sabe se o pessoal de Séforis esteve por aqui?

– De Séforis? Sim, senhor, como todos os anos.

– Ótimo. E, entre eles, havia gente de Nazaré?

O moleque tinha uma expressão esperta e nada de papas na língua.

– De Nazaré? Depende, senhor, disse ele secando a moeda.

Fílon jogou-a para ele, reprimindo uma risada.

– De Nazaré, senhor, sim, agora lembro. Um nome destes, afinal. Nazarê, Nazaré... Até brincamos com eles.

– E para onde eles foram?

– Partiram para Jerusalém, senhor. Com os de Séforis e todos os outros.

– Há muito tempo?

– Quando levantamos esta manhã, já não estavam mais aqui.

– Obrigado, Zaqueias, me ajudou muito.

Gratificou-o com mais duas moedas:

– Tome. Esperto como é, aposto que ficará rico.

– Lembrarei disso, senhor!

Fílon e Betsabel saudaram as crianças, deixaram os jardins de Herodes e, de comum acordo, pegaram a estrada, regurgitante de peregrinos, que levava a Jerusalém. Uma fila contínua de viajantes se estendia até o horizonte, desaparecendo numa curva e voltando a aparecer no desvio de uma subida. Parecia uma serpente de pele colorida, esticada e contente, que se mostrava e se escondia ao sabor do relevo. Nenhuma de suas ondulações escapava no entanto ao controle dos romanos: havia legionários em todos os pontos mais altos, encarregados de evitar confusões e atropelamentos. O perigo destes era tanto maior dado que a estrada tinha menos de seis côvados de largura, diminuindo para três nas passagens mais estreitas. A serpente parecia então se retorcer estranhamente, comprimindo suas escamas da direita para a esquerda a fim de se insinuar através do obstáculo. Sua progressão, consequentemente, se via freada. Os dois jovens logo compreenderam que suas montarias não eram as mais adequadas àquele tipo de viagem: os dromedários eram volumosos, impressionantes, quase pisavam nos retardatários, valendo-lhes diversos xingamentos. Assim que a

estrada se tornava mais larga, permitiam-lhes, no entanto, ultrapassar caravanas inteiras. Por vezes, reconheciam-se os habitantes de um mesmo lugar pela sua maneira de vestir, de cobrir a cabeça, ou ainda pelos cantos que entoavam em coro. Mas era frequente que os grupos de uma mesma região se misturassem. A menos que interrogassem cada peregrino, era portanto improvável que dessem facilmente com aquele que procuravam. De tempos em tempos, Fílon se inclinava para perguntar se tinham visto passar o pessoal de Séforis. Até a metade do dia, a resposta foi sistematicamente "não". Então, depois do almoço, uma mulher lhes fez sinal: "Mais à frente, mais à frente". Tiveram que esperar até a próxima garganta – de onde se avistava um pedacinho da torre Antônia – para encontrar os primeiros peregrinos de Séforis. Alguns mal-entendidos e falsas pistas mais tarde, indicaram-lhes que os de Nazaré eram cerca de sessenta e viajavam um pouco mais adiante com os moradores de Naim.

– Não lhe falei para se manter confiante? disse Betsabel.

– Tinha razão. Resta saber se o nazareno que buscamos estará lá. Vou interrogar o rabino do vilarejo.

– E eu falarei com as mulheres.

Finalmente alcançaram a pequena caravana de Nazaré, que progredia em ordem dispersa: alguns homens atrás, a seguir esposas e mães – algumas sobre burrinhos –, outros homens que conversavam com outras mulheres, e crianças que corriam por toda parte bagunçando. O egípcio sentiu seu corpo se tensionar e seu pulso acelerar. Caleb, alguns meses antes, fora a Nazaré. Essênio iluminado, homem pio e familiarizado com as Escrituras, acreditara reconhecer ali o Messias. Fora morto por isso. E hoje, naquela estrada que subia para Jerusalém, Fílon talvez fosse encontrar o nazareno por sua vez.

O Nazareno... O Messias? Não, essas palavras, até essa ideia não fazia nenhum sentido. Caleb certamente se enganara. Ou enlouquecera. Estamos aqui para salvar um inocente, disse Fílon para si mesmo, apenas um inocente. Vítima de um equívoco, apenas de um equívoco. Além disso, talvez já fosse tarde demais?

Varreu suas hesitações e desceu da montaria, abordando o primeiro homem do grupo.

– Paz e benção para você, meu amigo. Poderia me conduzir até o rabino de Nazaré?

O rosto do peregrino, vermelho de sol, apontou sua surpresa.

– Nosso rabino?

– Devo informá-lo de certas notícias que lhe dizem respeito.

– É que nosso rabino não veio. Estava doente e não podia fazer a viagem.

Falta de sorte. Fílon tinha certeza, no entanto, de que Caleb procurara inicialmente o rabino: quem poderia conhecer melhor do que ele os moradores do vilarejo?

– Há então alguém que conduza sua peregrinação?

O viajante refletiu intensamente. Então designou um homem, bastante forte e que andava de cabeça nua.

– Se é uma espécie de chefe que busca, dirija-se a ele.

Fílon obedeceu e, puxando seu animal pela rédea, alcançou o indivíduo.

– Perdoe-me. Gostaria de falar com o rabino de Nazaré. Disseram que ele está doente e que devia falar com o senhor.

O homem considerou Fílon, sua tenra idade, seu porte. Mas nada deixou adivinhar de suas impressões.

– Como posso servi-lo?

– Gostaria... Podemos conversar um pouco?

O homem fez que sim com a cabeça e os dois se afastaram um pouco da caravana.

– O que vou lhe perguntar talvez lhe pareça estranho. Há dois ou três meses um essênio esteve em Nazaré.

– Um essênio?

– Sim, um escriba.

– Se um sábio de Qumran tivesse visitado nosso vilarejo, suponho que teríamos ficado sabendo.

– Talvez ele não tenha anunciado sua visita. Na verdade, ele esteve lá em busca de alguém.

O chefe da caravana franziu as sobrancelhas.

– Nos últimos tempos, a Galileia anda cheia de pessoas que procuram outras. Espiões, sobretudo. Espiões a serviço dos romanos.

Seu tom era de reprovação e cheio de subentendidos.

– Quer dizer, por causa dos rebeldes?

– Pelo que acha que os romanos estão interessados? Pela maneira como festejamos a Páscoa?

– Não, é claro. Mas, se isso o tranquiliza, não tenho nada a ver com os romanos.

– Não esperava que afirmasse o contrário.

O homem era aguerrido. Quarenta e poucos anos, traços fortes, mãos calejadas, provavelmente acostumado a só obedecer a si mesmo. Capaz de se tornar desagradável, também. Principalmente em circunstâncias como aquela.

– Infelizmente, não tenho como lhe provar minha boa fé.

– Isso também era de se temer.

– Posso, no entanto, lhe confiar...

Fílon olhou à sua volta para se certificar de que ninguém os escutava.

– Há alguns dias, tive o privilégio de encontrar Judas, o Galileu. Em Jerusalém. Estava chegando de Betel onde acompanhara o treinamento de suas tropas e estava pronto para lançar a insurreição caso o censo realmente ocorresse. Ele escapou por pouco à legião.

O outro baixou a voz, mas sempre mantendo um tom distante.

– Encontrou Judas, o Galileu, verdade? Pois saiba que desde hoje de manhã estão circulando diversos rumores a seu respeito. Alguns afirmam que está morto. Outros que não apenas está vivo, mas que a revolta acaba de começar em Decápolis e Samaria. Que um número considerável de rebeldes se esconde entre os peregrinos aguardando apenas entrar em Jerusalém para agir. Os mesmos mencionam prisões, também, e insurgentes que o procurador Coponius teria mandado crucificar em pleno sabá. E isso não é tudo...

Fez de conta que hesitava antes de continuar.

– Alguns espalham boatos a propósito do sumo sacerdote. Tê-lo-iam assassinado e feito sua morte passar por natural. Evidentemente, o imperador Augusto estaria na origem do complô. É difícil entender o proveito que tiraria disso, mas...

Retomou, com voz normal:

– Está vendo como não é difícil parecer informado.

– Compreendo sua desconfiança. Vivemos horas difíceis. Logo descobrirá, no entanto, que o sumo sacerdote Gad realmente está morto. E que será preciso prescindir dele para a celebração da Páscoa.

Houve um momento de hesitação. Fílon sentiu que abalara um pouco a segurança do nazareno.

– Parece estar a par de muitas coisas, rapaz. Judas, o sumo sacerdote... Qumran. Quem é você exatamente?

– Meu nome é Fílon. Vim de Alexandria para acompanhar as festas do Templo.

À evocação da cidade, um clarão brilhou no olho do peregrino:

– Alexandria?

– Conhece o Egito?

– Um pouco. Se vem de Alexandria, então deve ter ouvido falar de Abydelios, certo? É ele que cuida dos egípcios em Jerusalém.

Estava testando-o, manifestante.

– Se conheço Abydelios? É claro que sim! Ele foi meu mestre antes de vir se instalar na Palestina. Foi com ele que aprendi a ler na grande sinagoga de Alexandria. E devo a ele o essencial do que sei das Escrituras.

A resposta pareceu convencer o chefe da caravana. Ele observou por um instante Betsabel que ajudava crianças a subir no segundo dromedário.

– Neste caso, temos um amigo em comum. É sua mulher?

– Não. Fizemos juntos a viagem até Qumran. Ela não pode andar e alguém tem que auxiliá-la constantemente. Estou levando-a de volta a Jerusalém.

– Abydelios também estendeu a mão para mim quando cheguei a Alexandria. Desde então, estimamo-nos mutuamente.

Fílon se esforçou para não demonstrar sua excitação:

– Então... viveu lá?

– Sim, por dois anos. Até a morte de Herodes. Fui um dos que fugiram de sua tirania. Estava em dificuldades na época. Encontrei Abydelios na grande sinagoga. Ele me acolheu, me emprestou dinheiro. Devo-lhe muito.

Fílon se lembrava, de fato, de judeus palestinos que tinham recusado a ditadura de Herodes e escolhido o exílio no Egito. A

maior parte tinha se refugiado em Alexandria, onde prosperava a mais importante comunidade judaica do mundo: quase duzentas mil pessoas, dez vezes mais do que em Jerusalém! Mas aquele rosto não lhe evocava nada. No entanto, precisava saber...

– Agora que disse... mentiu o jovem, Abydelios talvez tenha aludido ao senhor algumas vezes. Alguém da casa de Davi, se não me falha a memória?

O peregrino sorriu de satisfação:

– Agora fiquei lisonjeado. Quer dizer que Abydelios evocou minhas origens...

Então, novamente sério:

– Mas, atenção, não vá se enganar. Nunca me gabei de meu nascimento. Se outros usaram a linhagem sagrada de Davi para obter privilégios, eu nunca o fiz. Essa ascendência gloriosa impõe deveres, não direitos. Muito cedo, meu pai inculcou em mim que...

Fílon não o escutava mais. Diminuíra o passo, suas pernas fraquejavam:

Mas, no dia do Nazareno,
último rebento de Davi, vindo do país do Egito...

A profecia de Miqueias. Tinha diante de si “o” Nazareno.

Ar, precisava de ar.

– Tudo bem?

– Desculpe, só um pouco de calor.

O homem lhe estendeu o odre de pele que levava pendurado em seu cinto:

– É uma infusão de ervas. Ajuda a esquecer o calor.

O egípcio levou o gargalo à boca. A beberagem tinha um leve sabor de limão e alecrim que o refrescou agradavelmente.

– O sol é mais impiedoso nessas colinas do que à beira do mar, em Alexandria. Vamos, deixe-me puxar seu animal.

Fílon aquiesceu. Não conseguia mais tirar os olhos do homem nem pronunciar qualquer palavra. Felizmente, estavam passando naquele momento por um posto romano, o que o dispensou de qualquer comentário. Chegando à outra vertente da colina, puderam admirar o esplendor de Jerusalém, o camafeu infinito das luzes nas

paredes e nos telhados, as colunatas majestosas do Templo. O termo de sua viagem.

O Nazareno se inclinou sobre seu ombro:

– E esse sábio de Qumran, o que esperava encontrar em Nazaré?

Fílon não sabia mais o que dizer. Ou antes, sim, restava um detalhe...

Mas tu, (Belém), Éfrata,
embora o menor clã de Judá,
de ti sairá para mim
aquele que será dominador em Israel.

Suando em bicas, jogou sua última carta:

– Se entendi bem, o escriba procurava um homem nascido em Belém.

Seu interlocutor pareceu surpreso:

– O quê?

– Ao menos foi o que me disseram.

– Mas com que finalidade?

Fílon tivera tempo de amadurecer sua resposta durante todo o trajeto.

– Talvez sua fé exemplar tenha ultrapassado as fronteiras do vilarejo. Talvez tivesse a intenção de convidá-lo para se juntar aos essênios?

O outro parecia realmente perplexo.

– Mas isso é impossível!

– Os essênios têm às vezes um comportamento...

– Não, interrompeu-o o outro. Estou lhe dizendo que é impossível. É impossível porque o único entre nós que nasceu em Belém é ainda um menino. E esse menino é meu filho.

20

O menino se chamava Jesus. Não lhes foi apresentado imediatamente porque estava caminhando à frente da caravana, com seus primos de Naim. Foi preciso portanto esperar que a caravana se instalasse nas primeiras subidas do monte das Oliveiras, o que nada tinha de cômodo, dado o número crescente de peregrinos. De fato, naqueles três dias, as proximidades de Jerusalém tinham se transformado num gigantesco acampamento de tecido e de pele em que um exército de legionários tentava colocar um pouco de ordem.

– Ali! Ali! Não, no caminho não, as pessoas têm que poder passar. Apertem-se, apertem-se. Isso, até essa marca, pronto! Viremos revistá-los daqui a pouco.

Quando os burros foram aliviados de suas cangas e os primeiros esteios foram fincados, Jesus apareceu em meio aos outros meninos. Fílon não o identificou imediatamente pois ele se parecia muito pouco com seu pai: tinha os cabelos tão finos quanto este os tinha grossos, os traços tão delicados quanto este os tinha rudes, os olhos de um azul tão cintilante quanto seu pai os tinha escuros. Além disso, era mais jovem que seus camaradas, doze anos[16] no máximo. Fílon só teve certeza de reconhecê-lo quando o viu correndo para abraçar sua mãe:

– Mãe! Mãe!

– Jesus! Onde esteve esse tempo todo?

– Estive com o grande rabino de Naim.

Seu tom era solene e sua dicção muito firme para um garoto de sua idade.

– Conversamos sobre Moisés e a passagem do mar Vermelho. Como os hebreus purificaram suas almas atravessando as ondas e como o espírito do homem também deve se lavar dos pecados do corpo.

Sua mãe, uma mulher jovem e doce de pele clara, de sorriso um pouco triste, olhou-o com uma ternura pouco surpresa:

– Muito bem!

– E não foi só isso. Também conversamos sobre aritmética.

– Aritmética? Não devia chatear o rabino num dia como hoje com...

– Mas eu não estava chateando-o! Ele me fez questões sobre as somas e as frações e me explicou as propriedades dos números. A centena, por exemplo. É ao mesmo tempo o quadrado de dez e a adição dos dez primeiros números ímpares. O um é a cifra de Deus Todo-Poderoso, que gera todos os outros e não é gerado por nenhum. O sete, por sua vez, é o único número da década que...

Ela deu de ombros:

– Estou escutando, meu filho, mas não entendo quase nada do que está falando.

O entusiasmo do menino nem por isso diminuiu:

– Então talvez se interesse mais pela continuação! Antes de partir, o rabino me propôs um enigma para refletir. Você pode me ajudar, não é?

Sem esperar a resposta, prosseguiu:

– É assim: havia em Naim um rico mercador chamado Hiram que possuía dezessete dromedários. Sentindo seu fim chegar, foi ter com seu vizinho Jonathan, que era pobre e possuía apenas um. “Veja só, Jonathan, disse-lhe ele, como sou infeliz, ao passo que você é o mais feliz dos pais! Você só tem um dromedário, mas também só tem um filho, não terá nenhum problema na partilha! – E o que o preocupa tanto, Hiram? perguntou Jonathan, compadecido. – O futuro de meus três filhos, meu amigo, ai de mim! Você os conhece como eu. O mais velho é trabalhador, o segundo se cansa meio rápido e o terceiro é preguiçoso. Desejo portanto recompensá-los proporcionalmente a seus esforços: para o mais velho, que é também o de maior valia, a metade da herança. Para o segundo, que não é mau filho, um terço do rebanho; para o terceiro, que demonstra três vezes menos ardor que o segundo, a nona parte de tudo. Não lhe parece uma partilha justa, Jonathan? – Muito justa, Hiram, concordo. Mas então qual é o problema? – Tenho dezessete dromedários, Jonathan, dezessete! Como legar a metade de meus

bens ao primeiro, um terço ao segundo e um nono ao último de modo que nenhum saia lesado e não seja preciso abater nenhum de meus animais?" Jonathan balançou a cabeça por um momento: "É verdade que dividir a metade de dezessete dromedários, depois um terço, depois um nono... Todavia, se é apenas isso que o atormenta, Hiram, fique tranquilo: sei como superar essa dificuldade, e de uma maneira que lhe parecerá simples."

O menino se calou. À sua volta, os outros garotos tinham formado um círculo e vários membros de sua família tinham se aproximado. O que impressionava Fílon era a incrível facilidade com que se expressava e a adesão que suscitava em seu auditório: as palavras escorriam de sua boca como mel e era impossível não se deixar cativar.

– Esse enigma não tem solução, disse um de seus camaradas. Não há como dividir dezessete dromedários em dois.

– A menos que se suprima um e se repartam os restantes, reforçou um tio seu.

– Não, decretou o menino, assim não. O rabino deixou bem claro: nenhum animal deve morrer. Além disso, se um morresse, restariam dezesseis. Como legar ao filho do meio um terço de dezesseis sem sacrificar outro dromedário?

Houve algumas sugestões suplementares, mas nenhuma parecia satisfatória. Fílon, que instalara sua tenda mais acima, decidiu intervir.

– Se me permitem... Acho que um problema idêntico se colocou a dois moradores de Alexandria alguns anos atrás.

O menino olhou para ele:

– E como eles o resolveram em Alexandria?

– Bom, até onde sei... O mais pobre propôs ao mais rico ceder-lhe seu único dromedário. O mais rico protestou, mas acabou aceitando, o que fez com que seu rebanho passasse a ter dezoito cabeças. Assim, a partilha ficou mais fácil: o mais velho recebeu a metade de dezoito, ou seja, nove; o do meio ficou com um terço, ou seja, seis; o caçula teve que se contentar com um nono, ou seja, dois animais. Nove mais seis mais dois dá dezessete, a cifra inicial. Restava então o último dromedário, aquele que o pobre cedera tão solicitamente. Como era de imaginar, o rico o restituiu

imediatamente a ele. A conta ficara certa, nenhum dos filhos saiu lesado, nenhum dos animais foi abatido, e os dois amigos ficaram contentes.

Houve um tempo de reflexão na assistência. Fílon sabia que, apesar de suas expressões de concentração, a maioria daqueles que o escutavam não tinha entendido nada. Já o menino não perdera uma migalha:

– Então foi isso, aprovou ele, havia um artifício.

– Eu não diria um artifício: aritmética não é mágica. É apenas a arte de formular os problemas e resolvê-los.

– Você é um aritmético?

Fílon mostrou os animais que passavam na ladeira.

– Digamos que sou um especialista em dromedários. Mas, na verdade, interesso-me mais pela filosofia.

– E o que é a filosofia?

– Ah! A questão é tão ampla que não dá para responder facilmente. Em poucas palavras, diria que a filosofia é, para mim, a rainha de todas as outras disciplinas: a gramática, a música, a física, a história, a aritmética, a astronomia, etc. Mas a filosofia é em si mesma apenas um meio de atingir a sabedoria. Ora, só a sabedoria é desejável, pois é ela que permite que nos aproximemos do sentido profundo das Escrituras. E são as Escrituras que nos permitem, não conhecer o Altíssimo, já que o Altíssimo é incognoscível, mas ao menos compreender Suas ações no mundo e a maneira como Ele se manifesta para nós.

O público de Fílon, que parecera impressionado por um tempo com sua ciência dos números, se dispersava agora com sorrisos bem educados. A filosofia parecia fazer menos sucesso...

Mas o menino continuava ali, com as mãos bem apoiadas no quadril.

– Então a filosofia serve para reverenciar o Todo-Poderoso? perguntou.

– Como tudo aquilo que devemos fazer aqui embaixo, aquiesceu o jovem. Como esse problema de aritmética que acabamos de resolver... O rabino de Naim não o propôs a você por acaso.

– Quer dizer que...

O menino coçou o queixo:

– Quer dizer que esse enigma não tem apenas uma solução? Que ele também pode conter uma espécie de ensinamento? E que era isso que o rabino queria que eu compreendesse?

– Quem sabe?

– Por exemplo... como um só dromedário neste caso pode valer mais do que dezessete? Ou como o homem pobre, que não se deixa cegar pela riqueza, sabe ver com seu coração e seu espírito muito mais longe do que o rico?

– Talvez... E sem por isso desprezar aquele que está ajudando.

Uma voz feminina veio interromper a conversa:

– Está na hora de ajudar seus tios, Jesus.

O menino inclinou o peito:

– Agradeço-lhe esta lição, senhor. Seja ela de filosofia ou aritmética, sei que me será útil.

Fez então uma expressão sapeca:

– Mas mesmo assim acho que há maneiras mais simples de amar o Senhor.

E desapareceu entre as tendas.

O fim da tarde decorreu sem incidentes, salvo o afluxo cada vez maior de peregrinos que se amontoavam como podiam em meio a balidos e gritos. Betsabel passou seu tempo com as mulheres de Nazaré, enquanto Fílon percorria os arredores, admirando-se com a multidão e a agitação. Encontraram-se novamente à noite, após uma refeição frugal. A temperatura caíra um pouco. A moça parecia menos tensa e Fílon achou que era um bom momento para conversar:

– Viu o menino? perguntou baixinho, para que o barulho circundante cobrisse suas palavras.

– Ficamos mais de uma hora juntos, em companhia de sua mãe.

– E qual foi sua impressão?

– Ela desviou o olhar, banhando seu rosto na luz do luar.

– Em todo caso, não é um menino normal.

– Realmente não! É precoce e de uma vivacidade excepcional. E o mais estranho é que nem parece surpreendente ouvi-lo falar daquele jeito! Como se fosse muito natural um moleque da sua idade argumentar com a eloquência de um rabino!

– Acha que é ele? murmurou ela. O nazareno que Caleb procurava?

– O que Caleb procurava, certamente. Nasceu em Belém, viveu seus primeiros anos no Egito, acompanhou seus pais a Nazaré. E para completar, pertence à casa de Davi por parte de seu pai. O que mais podia faltar? Daí a pretender que ele seja outra coisa... Um Messias de doze anos de idade!

– Abraão e Moisés também tiveram doze anos. E Davi, e Salomão. E Miqueias. Se os tivesse encontrado com essa idade, teria imaginado o que se tornariam?

– Devo deduzir que sua opinião está formada?

Ela se esquivou, soltando seus cabelos.

– Agora há pouco, contei à sua mãe que estávamos vindo de Qumran. O menino entrou em nossa conversa, pois se interessa vivamente pelos essênios. Em minha opinião, o rabino de Naim deve estar por trás disso. Mas o que mais me impressionou foi algo que ele disse: “Os essênios cometem um grave erro, o de acreditar que serão os únicos a serem salvos pelo Senhor. No entanto, a salvação virá para todos ou não virá para ninguém.” Não sei como lhe explicar, mas ele parecia tão seguro disso!

– Talvez tenha sido justamente o rabino de Naim quem informou Caleb da existência do menino. Caleb teria então esperado conseguir convencer seus pais a lhe entregarem seu filho para que fosse educado em Qumran.

– Um Messias de doze anos criado pelos essênios. Está aí algo que conviria muito a estes! E dá pra imaginar o partido que tirariam disso.

A dúvida começava a se insinuar em Fílon.

– De fato, não podemos excluir a hipótese de que os Numerosos tenham mentido para mim. E que seu chefe Simão saiba mais do que contou sobre essa história e sobre a morte do escriba. Seja como for, Caleb não conseguiu o que queria: o menino continuou em Nazaré.

– Acho que, de qualquer jeito, a mãe não o teria deixado partir: é muito próxima dele.

– E o que ela diz das singularidades de seu filho?

– A mãe? É paradoxal. Ela o cerca de um amor imenso e, ao mesmo tempo, parece sofrer. Conversando aqui e ali, tive a impressão de que há certo mistério ao redor desse menino. Especialmente no que diz respeito à fuga para o Egito. Aliás, todos aqui o consideram como um menino especial.

– E realmente é! Eis o que deve ter perturbado profundamente Caleb. Ele que tanto queria que sua busca tivesse um sentido!

– Mas mesmo admitindo que Caleb tenha se enganado, o assassino também pode estar. Que esse menino seja ou não o Nazareno da profecia não muda nada: ele está em perigo.

– Mas o momento da peregrinação não parece o mais adequado para que o assassino aja. Os romanos patrulham por toda parte e o menino está constantemente sob a proteção dos seus.

– Meu pai também estava sob nossa proteção.

Contemplaram por algum tempo as luzes do Templo sem dizer palavra. Uma vintena de tochas estava acesa no átrio e as chamas dançavam nas paredes de mármore branco, projetando para o céu sombras feéricas. Do monte das Oliveiras, avistavam também o topo da fortaleza Antônia, onde pencas de legionários se revezavam constantemente, latindo ordens incompreensíveis. O procurador Coponius e o tribuno Julius deviam estar dando a última mão no esquema de segurança para a Páscoa.

– Eu queria lhe dizer... retomou Betsabel cobrindo os ombros. Não foi com você que estive chateada estes dois últimos dias. Nunca o culpei pela morte de Mandu. Nunca. Se há um culpado, sou eu.

– Você? Mas não tinha como...

– Aquela noite, não. Mas, e os outros dias? Eu não ignorava os sentimentos de Mandu. E isso há anos. Ora, nunca tive a coragem de desenganá-lo. Ou nunca o fiz de maneira suficientemente explícita. Acho... acho que ficava lisonjeada com a atenção que ele demonstrava para comigo. Para mim, Mandu era um homem como os outros. Exatamente como os outros. Só que eu não o amava.

Sua voz se quebrou e Fílon tomou sua mão. Estava gelada.

– Perdoe-me, não queria chorar. Já lhe causei problemas demais.

– Está atravessando uma dura prova, Betsabel. Em seu lugar, qualquer um estaria desesperado. Eu não a abandonarei, prometo-lhe.

– O que não consigo entender, acrescentou ela, com os olhos embaçados, foi por que Mandu não disse nada a propósito de meu pai. Na noite em que ele foi morto... Ele viu o assassino, não foi?

– Sim, ele me disse ter visto o assassino conversando com seu pai, diante da porta de entrada.

– Então por que se calou? Por que não o denunciou?

De fato, aquela questão também atormentava Fílon.

– Ele conhecia o assassino, com toda evidência. Ficou mesmo surpreso ao vê-lo na casa de vocês, em companhia de Jeftê. Na manhã seguinte, quando descobriu o corpo, estabeleceu a relação com o visitante da véspera. No entanto, você tem razão, ele preferiu se calar. Seja por medo de o acusar, seja por que esperava se beneficiar de alguma forma.

– Beneficiar-se?

– Se o assassino era um homem rico, o silêncio de Mandu valia ouro. Ouro que poderia permitir que desse uma vida decente para você.

– Acha mesmo que...?

– É apenas uma hipótese. A outra é mais simples: achou que ninguém acreditaria nele. Temeu que o acusassem de mentira ou falso testemunho e que o afastassem para sempre de você: “Não levantarás falso testemunho contra o teu próximo”, é o nono mandamento. E o que valeria em tal caso a palavra de um escravo?

– Sobretudo se o assassino é influente.

– Influente e rico, provavelmente. Alguém que já vira e cujo rosto reconheceu imediatamente. Alguém capaz de lhe inspirar medo ou cobiça.

– Muitos daqueles que frequentavam meu pai seriam capazes de ambos!

– Mas só um deles o assassinou. Pouco depois do escriba e pouco antes do sumo sacerdote. De um lado, Jeftê, o primo; do outro, Caleb e Gad, os irmãos. Esse aspecto da questão também me desconcerta. Qual o papel desse laço de parentesco?

– Tio Elias não evocou a casa de Gemul?

– É verdade. Foi por pertencerem ambos à casa de Gemul que Jeftê e Gad ouviram falar na profecia. E foi por ser parente de Caleb que seu pai se preocupou com sua saúde.

– Quer dizer, em Qumran?

– Sim, Jeftê fora lá para obter o apoio dos essênios, mas, uma vez lá, ficou sabendo que seu primo estava mal. Ficou em sua cabeceira e ali recolheu suas confidências ou não sei que pista enquanto o escriba delirava. A ameaça contida na profecia lhe pareceu tão real que logo se alarmou. Daí a conversa que você escutou assim que ele voltou, sobre um grande perigo e sobre um texto que era preciso encontrar a qualquer custo. Talvez tenha até conversado sobre isso com Gad?

– E como temia que um desses três o desmascarasse, o assassino resolveu executá-los, concluiu Betsabel.

– É plausível... Embora isso não esclareça o essencial: o que o assassino está buscando no final? E de que forma esses três assassinatos o ajudarão a atingir sua meta?

– Eles ilustram a prédica de Miqueias, não?

– Sem dúvida. Mas, e além disso?

Fílon estava pensando em outra coisa:

– A propósito, já que eram parentes de seu pai, você conhecia Gad e Caleb?

– Muito pouco. Como lhe expliquei, nossas duas famílias eram de convicções opostas. Meu pai nunca gostou de Gad e sempre o acusou de usar seu cargo para fins pessoais. Devo tê-lo visto duas ou três vezes nestes últimos anos, apenas em cerimônias oficiais. Quanto a Caleb, ele esteve lá em casa algumas vezes, mas faz muito tempo. Lembro de um jovem apagado, tímido, que vivia apenas para suas pesquisas e era capaz de comentar por horas a fio tal ou tal ponto do Livro. Meu pai gostava dessas trocas e apreciava muito seu gosto pela exegese.

– O que explica por que ficou preocupado ao saber de sua doença em Qumran. E até que Caleb lhe tenha feito certas confidências.

– Como pode ter feito a outros. Pois o círculo dos essênios parece o primeiro concernido por essa busca do Messias. O assassino pode mesmo provir de suas filas.

Uma imagem furtiva atravessou a mente de Fílon: Mandu se dirigindo a uma das grotas acima de Qumran quando ele próprio se preparava para entrar na tenda de Betsabel. Quem o escravo estaria indo visitar?

– Sabe se Mandu tinha relação com algum sábio essênio? perguntou.

– Mandu? Isso me surpreenderia. Ele só acompanhou meu pai até lá pouquíssimas vezes.

O jovem reprimiu um bocejo.

– Então não vejo aonde isso pode nos conduzir, senão a novos impasses. E acho. que uma boa noite de sono será o melhor para nos ajudar a sair deles.

Fílon ajudou Betsabel a ajeitar a tenda, então verificou se os dromedários estavam bem amarrados. Escrutou a seguir o acampamento dos nazarenos: tudo parecia calmo. Muitos peregrinos já tinham se deitado, preparando-se para o dia seguinte, que prometia ser longo, e o rumor diante de Jerusalém diminuíra. Tranquilizado, Fílon se enrolou em sua coberta, com os olhos pesados de cansaço. Não, decididamente, quem poderia querer fazer mal a um menino de doze anos?

16 A maior parte dos especialistas situa o nascimento de Jesus por volta de 6 a.C. O que explica essa defasagem cronológica é um erro de datação cometido pelo monge Denis, o Pequeno, a quem fora confiada a definição do novo calendário cristão no século VI d.C. Na época em que os romanos ocuparam Jerusalém, no ano 6 de nossa era, Jesus devia ter portanto 12 anos.

21

Ele está aqui. Eu o vi.

Está se aprontando, feliz. O inocente...

Logo irá para o Templo, entre os homens e os animais. Logo irá para o altar, para o sacrifício e o sangue. Assim quis o Altíssimo. Assim escreveu o profeta: “Eu farei o Belial subir dos abismos e, com ele, a tropa de Assur no seio de Israel! Chorai! Chorai, mulheres de Jerusalém! O flagelo de Deus contra seu curandeiro, a boca da mentira contra o resto de verdade, os filhos das trevas contra os filhos da luz! E sete vezes sete gerações para aquele que vencer!”

O tempo agora está consumado.

Esta noite, servirei a Páscoa do Messias.

De olhos fechados, num semissono, Fílon recordava a última Páscoa de sua infância, quando tinha também doze anos. Fora na grande casa de Alexandria, onde toda sua família, tios, tias e primos, estava reunida. Na véspera, tinham vasculhado cada peça da residência para se certificar de que não restara nenhum vestígio de fermento. Ao pôr do sol, cada um vestira os trajes do Êxodo: cinto nos rins, sandálias nos pés, bastão na mão, como prescrevia o Livro. Depois, todos tinham se reunido em volta da mesa festiva e Fílon, no limiar da idade adulta, recebera pela última vez a autorização de formular a pergunta ritual: “Em quê esta noite é diferente das outras noites?” Então, seu pai, normalmente tão distante, se fizera caloroso e amoroso. Contara como naquela noite o Todo-Poderoso lançara a maldição sobre o Egito. Como os hebreus tinham marcado suas casas com o sangue do cordeiro para que o anjo da morte poupasse seus primogênitos. Como, às pressas e sem esperar que o pão fermentasse, tinham comido a carne do

animal sacrificado. E como, uma vez o flagelo realizado, com seus filhos mais velhos poupados, o povo de Moisés quebrara suas correntes e conquistara sua liberdade. Acabado o relato, seu pai servira os pratos do *sêder*, o banquete comemorativo: o cordeiro assado, as ervas amargas para lembrar da escravidão, os pães ázimos, tudo em meio às bênçãos e ao vinho. Que noite feliz aquela, em que o garoto prometera para si mesmo partilhar um dia a Páscoa dos peregrinos. E aquela manhã, ele estava em Jerusalém.

Fílon despertou para valer. O ar estava quente e úmido, o sol escondido por grandes nuvens escuras. Havia a brancura do Templo em frente, o ocre da muralha, risos ao redor das tendas, mercadores que conduziam rebanhos, o cheiro forte da terra. O jovem piscou os olhos, tomando consciência, de repente, de uma presença atrás dele.

– Bom dia!

Era o menino. Tinha uma tigela de leite e uma panqueca com mel nas mãos.

– Você não é de acordar cedo! Betsabel pediu que lhe trouxesse isso.

– Betsabel?

– Minha mãe e minha tia a ajudaram a descer. Estamos cuidando dela.

– É muito amável da parte de vocês, eu...

– É um prazer para nós. O pai dela era um grande fariseu, sabia?

– Sim, ouvi falar.

O menino deixou a tigela e a panqueca num canto da coberta.

– Tenho que ir ao mercado de animais escolher um carneiro. O senhor virá também?

– Sim, é claro. Só preciso...

– Então, até daqui a pouco.

O menino correu para junto dos seus. Fílon comeu com apetite, observando a excitação que subia do acampamento como uma alegre ondulação num mar de tecido. Arrumou suas coisas e decidiu, antes de cuidar do cordeiro pascal, fazer uma visita ao velho Elias. Subiu até o topo do monte das Oliveiras e chegou à cabana de pedra e madeira perto da velha figueira. O cachorro

selvagem não estava ali, mas a porta estava apenas encostada e Fílon não teve dificuldade para entrar. Estava tudo escuro, com as janelas fechadas. Deu alguns passos. A casa parecia vazia, só os *tefilin*s pendurados no teto oscilavam suavemente. Pena, gostaria de saber o que Elias pensava de Miqueias e dos essênios.

– Obrigado!

Uma voz, vinda de parte alguma, o fez ter um sobressalto.

– Não tive chance de lhe agradecer aquele dia...

Um jovem, um pouco manco, surgiu da escuridão. Samuel. O rebelde do estábulo de Aceldama! O irmão do gigante ruivo!

– Você? Mas o que...?

– O que estou fazendo aqui? Poderia lhe fazer a mesma pergunta. Também poderia tê-lo matado. Mas queria primeiro lhe agradecer. Devo-lhe minha vida.

– E... e o velho Elias?

– Está na fortaleza Antônia. Foi detido há dois dias, após a morte do sumo sacerdote.

– Detido? Mas por que razão?

– Para ser interrogado. Quando a filha de Jeftê desapareceu, os romanos procuraram informações entre seus próximos. Elias se recusou a cooperar e eles o levaram.

– A filha de Jeftê!

– Ela partiu com você, não foi? Ao menos foi o que supomos. Quanto a Elias, não se preocupe, estará livre para as cerimônias.

– Então eles estão procurando a filha de Jeftê?

– Sua partida brusca os alertou. Ainda mais que ela morava a poucos passos da casa dos rebeldes. Mesmo um legionário é capaz de fazer deduções a partir daí.

– E você, como chegou aqui?

– Uma série de acasos. Depois que nos... separamos no estábulo de Aceldama, consegui chegar à cidade de Betânia, um pouco mais a leste. Temos alguns simpatizantes lá que me abrigaram e cuidaram de mim.

Ele massageou sua perna.

– Ainda dói um bocado, mas o ferimento foi superficial. Quando soube que os romanos tinham atacado nosso esconderijo, quis

voltar a Jerusalém. Ver se ainda era possível salvar alguém. Tarde demais!

Fez um gesto de aversão e Fílon notou que segurava na mão uma faca e um bastãozinho do tamanho de um dedo.

– Como eu não podia ficar em Jerusalém, Elias aceitou me alojar. Sua casa foi palco de algumas conversas entre Judas, o Galileu, e Jeftê, foi assim que nos conhecemos. Infelizmente, os romanos não tardaram a detê-lo e eu tive foi muita sorte de não estar aqui na hora. Estava com o ferreiro de Aceldama quando vieram aqui. Enquanto não volta, ocupo discretamente sua cabana.

– E Judas? Tem notícias de Judas?

– Não exatamente. Sei apenas que, ontem, nossas tropas desencadearam uma ofensiva na região de Betel. Parece que tomaram vários postos romanos, o que explicaria o nervosismo dos legionários. Mas não posso afirmar que Judas esteja em seu comando. Desde que fugiu de Jerusalém, não tivemos nenhum contato, direto ou indireto. Pode estar em Betel, ou em Jericó, ou em Gamala. Isso se não sucumbiu a seus ferimentos em alguma vala.

Seu tom misturava estranhamente amargura e exaltação. Fílon se perguntou se não estaria sob efeito de alguma cerveja um pouco forte.

– E hoje? Têm intenção de sublevar o povo no Templo?

– Isso seria prematuro. Haverá mais de mil legionários às portas de Jerusalém. Ao que devem se somar quatrocentos levitas, requisitados para revistar os peregrinos e impedir que sejam introduzidas armas no santuário. Ora, desde a morte de Gad, é o comandante do Templo que está no poder. Se deseja se tornar o próximo sumo sacerdote, ele tem todo interesse em colaborar com os romanos. E, em caso de insurreição, não temos nenhuma ilusão: ele dará ordens para que sua guarda a reprima. Tudo isso é muito arriscado para o povo e tem pouca chance de trazer algum benefício.

Ele mexeu com seu bastãozinho.

– O que não significa que não tentaremos nada.

– O que está querendo dizer?

– Que vou matar o tribuno Julius,

– Que vai...

– Esta tarde, aproveitando a confusão. Ele terá que comandar seus homens e ficará em algum lugar na esplanada dos Gentios.

– Isso é loucura! Mesmo que consiga chegar até ele, vinte legionários cairão imediatamente sobre você. Nunca conseguirá escapar do Templo!

– Que me prendam e me executem. Não tenho medo da morte. Aliás, era para ela já ter me levado. Uma vez naquele estábulo e outra se estivesse com meus irmãos no esconderijo. Estou preparado para morrer.

– A morte de Julius não adiantará nada, não obrigará o imperador a recuar! Ele nomeará um novo tribuno e a repressão se fará mais dura, só isso.

– Talvez. Mas terei servido à vontade do Altíssimo. Terei morrido por Ele. Além disso, se quer outra razão...

Ele se abaixou, pegou alguma coisa no chão e conduziu Fílon até a porta.

– Siga-me, não vai demorar.

Dirigiram-se para o norte e, atravessando o monte das Oliveiras, contornaram a cidade de longe, evitando qualquer coisa que usasse um capacete e carregasse uma lança. Enquanto caminhavam, Samuel lhe estendeu um dos pedaços de maneira ornamentados em que estava trabalhando havia pouco. O objeto era belamente esculpido em formas geométricas, pintado de vermelho e preto e preso por um pequeno anel a um cadarço de couro. Samuel colocou outro modelo, branco e azul, em volta de seu pescoço.

– Tome, é um presente para você.

– Um presente?

– Não me cedeu o seu cavalo quando eu mais precisava? Aliás, ele espera por você em Betânia.

– Irei buscá-lo depois das festas. E... você então também fabrica pingentes?

– Era meu ofício, antes de seguir o Galileu. Sou de Siquém, minha família vende joias e ornamentos há gerações, especialmente para o Templo. Esse colar, em particular, evoca o carvalho de Moré, pertinho de Siquém, lá onde o Altíssimo apareceu a Abraão e prometeu-lhe o país de Canaã. Não é o que mais fabricamos, mas é bastante decorativo. Gostou?

Fílon o achara um pouco pesado e maciço demais.

– É muito bem feito. A escultura é hábil e as cores luminosas. Mas imagino que não foi para me oferecer pingentes que me trouxe até aqui...

Acabavam de superar o nível da fortaleza Antônia e contornavam agora a muralha rumo a oeste. Os peregrinos se tornavam mais raros, os vendedores e os soldados também. Sob o céu ameaçador, o vento agitava o capim e os arbustos. Samuel o deteve tocando em seu braço.

– Lá!

Sua voz soava como uma queixa. Para lá do muro ocidental de Jerusalém, havia uma elevação, cercada por um cordão de legionários. Em seu topo, erguia-se uma cruz. Na cruz, uma silhueta imponente, vestida com uma simples tanga, braços abertos, peito e ombros ensanguentados, rosto pendendo para o lado, cabelos colados pelo calor. O gigante ruivo.

– É o rochedo do Gólgota, murmurou Samuel. É lá que os romanos crucificam os sediciosos.

– É o seu irmão, não? Falei com ele na prisão. Estava preocupado com você. Eu... lamento muito.

– Começaram torturando-o, sem comida e sem água por dois dias. Depois, condenaram-no como traidor e insurgente, e o flagelaram. A seguir, fizeram-no carregar a cruz e o colocaram nela, a fim de que todos aqueles que cogitassem em ajudar os rebeldes o vissem. Pregaram seus punhos e seus tornozelos na madeira, Levou um dia inteiro para morrer, até que lhe quebrassem as pernas. No final, não podia mais respirar, por causa de seu peso.

Fílon não conseguia mais tirar os olhos do corpo martirizado do gigante, erguido como uma advertência acima das muralhas.

– Eles não vão abandoná-lo desse jeito, vão?

– Não é raro que deixem apodrecer os cadáveres dos rebeldes. Eu queria tirá-lo dali, mas há dez soldados o tempo todo. Executar o tribuno deles me parece a única vingança possível.

Pronunciou essas palavras com uma cólera fria e Fílon não duvidou de que realmente faria aquilo.

– Se os peregrinos estão sendo revistados na entrada do Templo, não terá nenhuma arma e nenhuma chance contra Julius.

O rebelde mostrou o pingente que balançava sobre sua túnica:

– Tenho isto.

Puxou o colar com um gesto rápido e preciso e o pedaço de madeira se desprendeu do anel, como se estivesse retido por uma minúscula tampa. O objeto não tinha apenas sido pintado e esculpido por fora, fora também parcialmente esvaziado por dentro. Samuel o sacudiu: uma lâmina afiada, de uma polegada e meia mais ou menos, saiu de seu estojo circular. Era bojuda na base e girava num entalhe feito praticamente na ponta do estojo. Uma vez travada, formava com o cabo um eficiente punhal que Samuel enfiou sem esforço numa raiz de bougainvillea:

– Basta que eu acerte sua garganta abaixo do capacete e o sangrarei como um boi.

Voltando para o monte das Oliveiras, os dois jovens se separaram, não sem que Fílon exortasse Samuel uma vez mais a renunciar a seu plano. Em vão. O rebelde deu uma piscada para ele e desapareceu manquejando no meio da confusão. Àquela hora, milhares de fiéis se amontoavam no mercado de cordeiros, cada um querendo oferecer ao Altíssimo o mais belo animal em sacrifício. Em grupos de quatro ou cinco, os homens passavam e repassavam diante dos bichos, examinando seu peso, comentando seu porte, avaliando seus dentes. O cordeiro pascal não devia ter nenhum defeito e as negociações esquentavam se havia uma orelha manchada ou se uma pata parecia mais fraca. Os animais, amedrontados, apertados uns contra os outros em cercados improvisados, erguidos, postos no chão, analisados por dezenas de pares de olhos e de mãos, baliam quase ininterruptamente. Considerando-se que havia ali cerca de vinte mil desses animais, que um pouco mais adiante os cambistas tinham montado suas mesas e se esgoelavam trocando as mais diversas moedas pelo dinheiro do Templo, que as crianças insultavam sempre que podiam os legionários, por mais que esses se mantivessem a distância, podia-se ter uma ideia do que deveriam ser os dias de feira na torre de Babel.

De sua parte, Fílon circulou um bocado entre as bancadas a fim de localizar os nazarenos. Não fazia sentido comprar um cordeiro apenas para ele e Betsabel, já que o sacrifício devia ser consumado

aquela mesma noite e o animal inteiramente comido. Regra geral, aliás, os fiéis formavam grupos de dez para comprar o animal, assá-lo e dividi-lo. Finalmente, Fílon encontrou o nazareno com quem primeiro falara na caravana. Acompanhou-o e encontrou os outros homens do vilarejo, com os quais entrou em acordo para negociarem cinco cordeiros no total. Pagou sua parte, mas deixou a cargo deles a escolha dos animais, sabendo-se menos conhecedor do que eles na matéria. Quando perguntou onde andava o menino, os nazarenos responderam que, como de costume, devia estar com o pessoal de Naim. Decididamente, o garoto gozava de grande liberdade.

Fílon ia voltar para sua tenda quando uma mão pousou em seu ombro:

– Então é você o filósofo de Alexandria?

Virou-se: um homem de seus trinta e poucos anos, rosto ameno, cabelos cobertos com um véu imaculado e vestido com uma túnica de franjas azuis, sorria para ele.

– Sou o rabino de Naim. Jesus me falou com muito entusiasmo de você e da moça que o acompanha. Disse-me que você soprou para ele a solução para os dromedários e o instigou a procurar uma significação para além do enigma.

– É um garoto extremamente esperto.

– E de uma profundidade incomum. Não é a menor de suas virtudes saber amar aqueles que encontra. Quero dizer, amá-los de verdade, com um amor que ultrapassa aquilo que sê vê normalmente. A ponto de se interessar mais pelo pagão com que se depara do que pelo rabino de sua própria aldeia! É algo raro de se ver. Em suma, não lhe escondo que sou muito apegado a esse menino. E é essa também a razão pela qual me permiti abordá-lo: seu pai me deu a entender que você era um enviado de Qumran.

Fílon demorou um pouco a responder. Verificou primeiro se não estavam sendo vigiados, mas, pensando bem, todo aquele alvoroço era o melhor abrigo.

– É verdade que venho de Qumran.

– Para tranquilizá-lo, saiba que fui eu que avisei Caleb das qualidades do menino. Supus que uma estadia com os essênios poderia consolidar suas disposições. Conhece Caleb, imagino?

De novo, Fílon hesitou. Devia lhe contar tudo, já que era um rabino? Revelar-lhe a verdade e, portanto, cedo ou tarde, revelá-la aos seus pais e até ao próprio garoto? Estragar a Páscoa deles e, talvez, o resto de suas vidas? Decidiu que não.

– Vi Caleb há três dias, é verdade.

– Então poderá me explicar o que ele achou da visita que fez a Nazaré? E se ele pensa em levar Jesus para Qumran?

– Não posso afirmar nada em seu lugar. Pelo que soube, no entanto, Caleb ficou... impressionado, sim, muito impressionado por sua viagem a Nazaré. Mas, sabe como é, a decisão deve ser tomada pelo Conselho dos Numerosos.

O rabino de Naim parecia francamente decepcionado.

– Pensei que tivesse alcançado a caravana para nos anunciar a boa nova!

– Acho que seria prematuro.

– Nesse caso... Fiquei surpreso mesmo assim que Caleb não tenha querido me dizer mais. Conhecemo-nos há muito tempo e cheguei a pensar em me juntar a ele em Qumran. Talvez ele não tenha tido a oportunidade de me transmitir sua opinião?

– Temo que sim, aquiesceu prudentemente Fílon.

– Ele também me fez uma pergunta. Naquele momento, eu não tinha como responder. Mas depois me informei. Poderia transmitir minha resposta a ele?

O egípcio, com grande desconforto, fez que sim com a cabeça.

– Ótimo, regozijou-se o rabino. Caleb insistira nisso sem que eu entendesse muito bem por que: queria saber o que se dizia sobre o pai do garoto. De início, eu não sabia de nada, mas interroguei seus primos de Naim. Houve de fato boatos sobre o nascimento. Oh! fofocas... Dizia-se que sua mãe já estava grávida antes de casar. Quero dizer, antes de estar “legalmente” casada. Alguns se regozijavam em espalhar essa maledicência. Infelizmente, não conseguimos mudar as pessoas... Seu pai deve ter levado isso a mal e preferido se afastar de Nazaré por um tempo. Por isso é que ele nasceu em Belém, o que tanto intrigava Caleb. Acha que esses detalhes lhe bastarão?

O jovem não precisou mentir de novo, pois uma tropa de crianças se meteu entre eles gritando a todo pulmão:

– Rabino, rabino! Precisamos nos preparar para ir ao Templo!

22

A fila progredia lentamente. As regras de segurança impostas pelo invasor retardavam o acesso ao Templo e faziam aumentar ainda mais a inquietação dos peregrinos.

– Se é assim, resmungou um nazareno à frente deles, não ficaremos muito tempo aqui. Amanhã, levantamos acampamento. Esses malditos soldados acham que podem tudo quando...

Sua mulher lançou-lhe um olhar angustiado: estava chegando a vez deles. O homem acabou por se calar levantando os ombros, mas sua expressão revelava toda sua exasperação.

– Aproximem-se, gritou um legionário. Vocês dois, por ali.

Estava apontando para um dos levitas que, entre dezenas de outros, revistava os visitantes na grande escadaria da fachada do Templo. O legionário se virou então para Fílon que segurava Betsabel em seus braços.

– O que é que...?

– Ela está se sentindo mal, respondeu Fílon.

– Se sentindo mal? Se sentindo mal! Eles trazem os doentes também! Dirijam-se à esquerda, rápido!

Obedeceram e se submeteram ao olhar suspeitoso do jovem sacerdote que seguia visivelmente as instruções à letra.

– Se estiverem transportando qualquer coisa parecida com uma arma, preveniu-os, é o santuário inteiro que será fechado. Pensem bem.

Fílon assumiu uma expressão da mais completa inocência e sentou Betsabel num dos degraus para que o levita pudesse proceder à inspeção. Este apalpou os braços e a barriga da perna da jovem, sacudiu levemente sua túnica e então se interessou pela trouxa que ela carregava sobre os joelhos.

– O que tem aí dentro?

Ela abriu o saco e tirou dali alguns panos enrolados.

– É uma espécie de almofada, para me sentar. Eu não posso andar.

O outro fez um gesto imperceptível de recuo e se desviou imediatamente para Fílon. Verificou com brusquidão que o jovem não escondia nada sob suas roupas e se deteve por um instante na madeirinha esculpida que pendia de seu pescoço.

– É um colar de Moré, é isso?

Fílon aquiesceu, sentindo sua garganta secar. O levita deu uma risadinha mesquinha:

– Você se deixou enganar, há pingentes muito mais bonitos nas lojas do Templo. Vamos, podem ir.

Os dois obedeceram sem discutir. Subiram os últimos degraus e entraram nas galerias cobertas que, passando por baixo do pórtico real, levavam por outras escadarias até o pátio dos Gentios. Apesar das muitas tochas, o empurra-empurra era grande naqueles vastos corredores, e mais de uma vez Fílon quase esbarrou num carneiro assustado ou num velhinho sem fôlego. No pátio, a coisa estava ainda pior. O jovem nunca vira tanta gente junta. Cem mil peregrinos? Cento e cinquenta mil? Ainda mais? O largo, que lhe parecera tão espaçoso no outro dia, era agora incapaz de conter as ondas de fiéis que subiam do sul e do oeste pela cidade, e do leste pelo vale do Cédron. Pela primeira vez, já que sempre vivera no exílio, Fílon sentia fisicamente o que significava pertencer ao povo judaico. Foi tomado então por um imenso orgulho: todos aqueles homens e mulheres, depois de dias de jornada extenuante, enfrentavam a legião e as vexações para exprimir sua fé na nação de Israel e no Deus único. Ele teve um arrepio, arrebatado pela emoção.

– Tudo bem aí, preocupou-se Betsabel. Se quiser me largar agora, eu...

– Não, não, está tudo bem.

Além disso, havia a moça. Dava-se conta de que cada vez mais não conseguia ficar longe dela e que não cederia seu lugar por nada no mundo. Ela estava ali, encostada nele, e todo seu corpo se acostumara ao dela: seu peso, sua pele bronzeada, seus músculos flexíveis e firmes, seus cabelos que roçavam nele assim que ela mexia sua cabeça, sua respiração em seu pescoço...

– Sai da frente! gritou alguém atrás.

Betsabel o tirou de seu devaneio:

– Talvez devêssemos evitar bloquear a passagem? sugeriu ela.

– Hein? Ah, sim!

– O pessoal de Nazaré foi comprar suas oblações de óleo e farinha. Combinei de encontrá-los na entrada do pátio das Mulheres. Temos tempo para admirar as portas de seu irmão, se quiser.

As portas douradas... Tinha esquecido completamente delas!

– Excelente ideia, aprovou ele.

Trataram de voltar à muralha do santuário, abrindo caminho com os cotovelos e a voz. A guarda do Templo, com seus bastões e suas proteções de couro, concentrava-se ao pé de cada uma das seis torres para impedir seu acesso. Já os legionários estavam espalhados pelo pátio, armados com espadas, lanças e escudos. Os peregrinos os evitavam escrupulosamente, e cada patrulha parecia uma ilhota de capacetes e metal no meio de um oceano de túnicas brancas, azuis e cinzas. O tribuno Julius certamente devia estar protegido por essas couraças, em algum lugar próximo à fortaleza Antônia. Quanto a Samuel, o irmão do gigante ruivo...

Fílon e Betsabel finalmente chegaram perto da primeira porta, aquela que dava, quando aberta, para a parte de trás do lugar santo. Era impressionantemente alta, trinta côvados no mínimo, e inteiramente recoberta de lâminas de ouro e de prata cuidadosamente trabalhadas. Cada um de seus batentes devia ter o peso de um enorme rochedo e Fílon se perguntou quantos levitas seriam necessários para manobrá-la. Voltaram então para a entrada do santuário e pararam diante de três outras portas idênticas: a porta dos Primogênitos, a porta das Águas, a porta das Mulheres, com a mesma suntuosa decoração. Considerando que havia nove portas ao todo, podia-se estimar em dezenas e dezenas de libras de ouro e prata a generosidade de seu irmão.

– Ora, ora! exclamou Betsabel.

– O que foi?

– Esse bom Ezequias...

A alguma distância deles, de fato, o membro do Sinédrio estava penetrando na torre do canto, a mesma onde Fílon encontrara o sumo sacerdote Gad alguns dias antes. O egípcio tentou chamá-lo,

mas o zum-zum-zum era tamanho que só os peregrinos mais próximos o escutaram.

– Bem que eu sabia que ele era amiguinho dos do Templo! ralhou a moça. Que necessidade tinha de visitá-los justo hoje, não tem mais o que fazer?

– Está investigando os assassinatos. Isso o obriga provavelmente a...

– Basta! cortou-o ela. Está tentando é tirar alguma vantagem disso. Ele é exatamente o tipo de indivíduo que Mandu teria hesitado em denunciar se o tivesse visto com meu pai na noite do assassinato. Seja para tentar fazê-lo pagar, seja por medo de represálias.

Fílon não ignorava a aversão de Betsabel por Ezequias, mas não a partilhava:

– Não acha mesmo que Ezequias seria capaz de cometer todos esses crimes, acha?

– E por que não? As circunstâncias excepcionais e a presença dos romanos poderiam ter incitado meu pai a recebê-lo às escondidas aquela noite. Quanto ao dia em que o sumo sacerdote foi morto, em vez de embarcar para Cesareia, Ezequias já estava de volta a Jerusalém. E quem garante que não estava em Qumran semana passada?

– Ezequias quer acima de tudo manter a paz nessa região. Pode ser fraco e venal, mas não é mau.

A jovem piscou os olhos, desolada:

– Você é inteligente, mas tão ingênuo!

Continuaram até a balaustrada que barrava o acesso ao pátio das Mulheres. Várias colunetas, da altura de um homem, alertavam os pagãos dos riscos que havia em transpor aquele limiar: “É proibido a todo e qualquer estrangeiro transpor a barreira e entrar no santuário. Aquele que o fizer será responsável por sua própria morte.” O afluxo ali era considerável e ouviam-se todas as línguas faladas da Mesopotâmia até o Egito. Examinaram um a um os rostos sem encontrar seus amigos nazarenos. Olhando para o lado do pórtico Real, Fílon teve um choque: as bancadas dos cambistas e as dos vendedores de animais, de farinha e de badulaques estavam literalmente atulhadas. Longas filas serpenteavam entre as

colunas, e muitos se insultavam entre si, quando não chegavam às vias de fato. Alguns carneiros, que tinham escapado à vigilância de seus donos, corriam pelo pátio, perseguidos por crianças risonhas.

Fílon sentiu alguém puxando-o pela manga. Era Jesus, que chegava com os seus da outra ponta do Templo.

– É uma impressão estranha, não é? Todo esse dinheiro, todos esses vendilhões na casa do Senhor...

– Os fiéis acreditam estar agindo como devem, objetou Fílon.

– Os fiéis, sem dúvida.

Sua mãe colocou afetuosamente a mão sobre o braço de Betsabel:

– Temos que sentá-la agora, o segundo grupo vai sair.

Os sacrifícios, efetivamente, se davam por turnos. O santuário era exíguo demais para acolher todos os peregrinos de uma só vez e estes tinham que se revezar para realizar o rito pascal. Transpuseram a balaustrada e subiram os degraus que levavam até a soleira do pátio das Mulheres. A Bela Porta, que marcava a verdadeira entrada do santuário, era ainda mais alta que as das muralhas, mas recoberta unicamente de bronze. Com a ajuda do menino, Fílon conseguiu instalar Betsabel bem perto da abertura, para que ela ao menos pudesse distinguir o pátio das Mulheres. Os enfermos, considerados impuros, infelizmente não podiam se aproximar mais do que aquilo. Fílon pegou dois siclos de prata e os deu a um dos muitos mendigos que circulavam nas proximidades do pátio.

– O dobro para você se cuidar dela durante a cerimônia.

– Como de minha própria filha, meu príncipe, respondeu o outro com uma careta desdentada.

O menino se debruçou sobre Betsabel e cochichou algumas palavras em seu ouvido. Então, erguendo-se para Fílon:

– Isso é absurdo. Ela não é menos digna do que qualquer um de nós de pisar o chão sagrado.

Parecia estar refletindo:

– Ficarei naquele cantinho. Assim, poderei vê-la.

Naquele segundo, as trombetas dos levitas ressoaram e houve como que um curtíssimo intervalo no tumulto ambiente. Mas logo as conversas recomeçaram, os gritos, os balidos. Os fiéis que estavam

reunidos no santuário foram saindo, escoltados pelos guardas do Templo. As mulheres seguravam seus filhos pela mão enquanto os homens carregavam juntos grandes sacos de tecido com os restos dos animais sacrificados. Foi preciso um bom tempo até que os pátios se esvaziassem e os guardas autorizassem novos peregrinos a entrar no lugar da Presença. Tudo, no entanto, se ajeitou em boa ordem, como se as discussões e a indisciplina não fossem de bom tom ali.

Fílon acompanhou os nazarenos até o pátio das mulheres. Esse primeiro átrio era bastante vasto, de forma quadrangular, cercado por galerias de altas colunas. Em cada canto uma loja de produtos para o culto: vinho, óleo, incenso, farinhas, etc... O menino se dirigiu até uma das colunas situadas no eixo da Bela Porta e lançou um discreto sinal a Betsabel de seu posto de observação. Ainda não tinha idade para entrar na esplanada dos Homens, mas Fílon pensou que, se havia um lugar onde não corria nenhum risco, era ali. Tranquilizado, o egípcio continuou até a porta superior que dava para o último átrio. Ficou extasiado: nos degraus em semicírculo que separavam os oratórios, duas filas de músicos saudavam os peregrinos com seus instrumentos. Assim que se transpunha a porta, descobria-se o altar dos sacrifícios, tão imponente com seus quinze côvados de altura, e constituído, no entanto, de um único bloco de pedra que nenhum martelo modelara. À volta de todo o altar, o espaço era reservado aos duzentos ou trezentos sacerdotes que esperavam com seus trajes bordados coloridos. Alguns seguravam facas, outros, bacias de ouro e prata que mergulhavam cada um à sua vez num tanque circular cheio d'água. Atrás deles, majestosa e brilhante, elevava-se a massa sublime do Templo, a casa do Senhor propriamente dita. Ela se erguia muito acima da muralha, projetando para o céu suas colunas douradas e seu mármore branco com tanto brilho que os fiéis tinham que proteger os olhos para não ficarem ofuscados. Só os sacerdotes ligados ao culto tinham o direito de penetrar ali, e, para além dos doze degraus e do pórtico coríntio, percebiam-se apenas alguns reflexos irisados do interior. A profanação do Santo, primeira das duas salas que compunham o santuário, ou, pior ainda, do Santo dos Santos, ali onde residia o verdadeiro Deus, era punida com morte imediata.

Coroando o frontão, por fim, um cacho de uva de ouro do tamanho de um homem oferecia a promessa das colheitas por vir.

Sempre atrás dos nazarenos, Fílon se dirigiu para a esquerda do Templo e se apoiou numa balaustrada que marcava a fronteira entre o domínio dos sacerdotes e o dos homens. Quando todos os fiéis se acomodaram no pátio, as trombetas tocaram, e o oficiante que se mantinha no topo do altar acendeu a gigantesca pira. Assustados pelo crepitar das chamas, ou talvez conscientes da sorte que os aguardava, todos os carneiros gemeram ao mesmo tempo. Os levitas bateram então os címbalos. Uma porta se abriu debaixo de uma das galerias que ladeavam o santuário e o comandante do Templo apareceu, usando o turbante do sumo sacerdote. De pés descalços, subiu a rampa do altar e entoou o canto do *hallel* para prestar homenagem ao Todo-Poderoso. A multidão inteira repetiu suas palavras, alguns choravam de alegria. Acabado o hino de ação de graças, teve início um incrível e sangrento balé. Os peregrinos designados avançavam até o domínio dos sacerdotes e, segurando os carneiros como podiam, apresentavam-nos aos sacrificantes. Estes, com um gesto firme, colocavam primeiro uma mão na testa de suas vítimas, depois, agarrando-as pelo pescoço, cortavam suas gargantas com um só golpe de lâmina. Outro sacerdote imediatamente se abaixava para recolher o sangue numa bacia prateada, antes de espalhá-lo ao pé do altar. O cordeiro era então pendurado num gancho, esfolado, e sua gordura – a melhor parte, consagrada ao Todo-Poderoso –, recolhida num pote de ouro para ser queimada na pira. Depois envolviam o animal em grandes sacos de tecido confeccionados para aquela ocasião. Ele seria assado no espeto aquela mesma noite e partilhado na refeição do sêder.

Fílon não estava acostumado com aquele espetáculo e logo se sentiu transportado pelo admirável fervor que se desprendia dele. A mistura de flautas, címbalos e trompas, os gritos dos animais oferecidos ao sacrifício, os cantos que passavam febrilmente de boca em boca, o crepitar do fogo, o cheiro forte das combustões, tudo isso fazia nascer nele um sentimento extático, o de comungar com a nação de Israel e de se unir ao Altíssimo. Mesmo os céus, mais escuros e carregados ainda do que de manhã, tingiam-se

naquele momento de malva, como se o Senhor ouvisse a prece de Seu povo.

De repente, quase no fim das libações, o sino da fortaleza Antônia bateu com toda força. Foi preciso certo tempo até que se escutasse alguma coisa no pátio e as pessoas começassem a perguntar umas às outras o que estava havendo. Por que os legionários soavam o alerta? Teriam decidido interromper as cerimônias? Então os guardas do Templo invadiram bruscamente o átrio, girando seus bastões:

– Evacuação! Evacuação! Insurgentes no pátio!

Os sacerdotes, que não pareciam demasiado surpresos, se apressaram em recolher as facas e esvaziar as últimas bacias, encorajando os fiéis a saírem. O comandante do Templo, tendo descido do altar, tentava organizar a manobra:

– Mais rápido! Todos no pátio! Ninguém lhes fará mal nenhum!

Alguns peregrinos tentaram resistir, mas as injunções dos sacerdotes os convenceram:

– Não causem problemas, evacuem! Haverá outros sacrifícios amanhã!

– É um pretexto dos romanos, praguejou um velho perto de Fílon. Querem estragar nossa Páscoa!

Fílon, por sua vez, desconfiava do que se tratava: Samuel, o irmão do gigante ruivo, devia ter atacado o tribuno Julius, e os soldados acreditavam numa insurreição. Pobre Samuel! No meio de todos aqueles soldados, o que tentara era suicídio. Mas logo um novo pensamento se sobrepusera ao primeiro: Betsabel! Incapaz de se mover, com aquela multidão desenfreada...

Fílon começou a empurrar seus vizinhos para forçar a passagem.

– Com licença, preciso passar! Questão de vida ou morte!

Atraiu xingamentos, alguns empurrões, mas não estava nem aí. Com movimentos de nadador, chegou ao pátio das Mulheres, carregado pela multidão dos fiéis. Bem à sua frente, perto da Bela Porta, a algazarra atingia seu ápice. Ele gritou:

– Betsabel! Cuidado!

Sua voz se perdeu na cacofonia de queixas e recriminações. De repente, um raio rasgou o céu. Uma chuva fina e fria começou a

cair, aumentando ainda mais a confusão.

– A chuva! O Eterno é conosco! Glória à Sua misericórdia, repetiram várias mulheres.

Finalmente, após muita luta, o egípcio conseguiu chegar ao pátio dos Gentios. Esforçando-se para não ser arrastado para o centro da esplanada, olhou para todos os lados. Ali, atrás da balaustrada, aquela silhueta isolada... tomou impulso para saltar a barreira, mas um dos brutais guardas do Templo lhe acertou uma bastonada:

– Ei, você aí!

– Ela não pode caminhar, gritou Fílon, afastando o guarda e apontando para Betsabel. Não posso deixá-la sozinha.

O outro suspendeu seu gesto e o deixou passar. O jovem correu até a muralha.

– Betsabel, estou aqui! Foi minha culpa, nunca deveria...

Debruçou-se sobre a moça. Encolhida sobre si mesma, ela parecia aniquilada, segurando a cabeça entre as mãos.

– Está tudo bem, murmurou ele ajoelhando-se. Não há mais nada a temer. Vou ajudá-la.

Ela virou para ele seu lindo rosto, inundado de lágrimas:

– O Messias... soluçou. Raptaram o Messias!

23

A chuva aumentou e formava minúsculos jatos de vapor ao tocar a esplanada superaquecida. Embora estivesse lendo a aflição nos olhos de Betsabel, Fílon conservava uma pequena esperança de ter entendido mal.

– Raptado? Raptaram-no? Mas quem?

– Uma mulher, soluçou Betsabel. Quer dizer, não, não era uma mulher.

Com a ponta de sua manga, ele enxugou delicadamente a testa dela.

– Era uma mulher ou não era uma mulher? perguntou.

– Eu acho... Depois que você foi para o pátio dos Homens, ela passou diante de mim. Quase roçou em mim. Era muito grande, muito forte. Eu devia ter desconfiado!

– Conseguiu ver seu rosto?

– Não, claro que não! Estava usando... uma espécie de capuz que cobria sua cabeça. Então, ela foi direto para o pórtico, ficando a cinco ou seis passos do menino. Depois de um tempo, parei de prestar atenção. Quando... quando o sino tocou, não sei por que, senti que havia perigo e... foi aquele pânico, um empurra-empurra indescritível, todo mundo correndo. E foi aí que a vi surgir por trás da coluna. Ela se lançou sobre ele brandindo... não sei bem o que, uma espécie de frasco. Como lhe dizer? Ela não tinha mãos de mulher! Gritei e gritei, mas ninguém me escutou, obviamente. Ela o agarrou pelo braço e... o envolveu em sua túnica. Depois disso... havia tanta gente, não consegui mais ver direito. Pareceu-me que ela o estava levando para o fundo do pórtico.

– Para o fundo do pórtico?

– Eu não pude fazer nada, nada. Se ao menos minhas pernas andassem! Então, colei-me contra a parede e fiquei observando as

pessoas que saíam. Nenhuma estava com o menino, tenho quase certeza.

– Vou ter que ir aí pegá-los? rugiu a voz do guarda do outro lado da balaustrada.

– Já vamos, já vamos, respondeu Fílon.

Os últimos peregrinos deixavam o pátio das Mulheres, acompanhados pelos sacerdotes e pelo comandante do Templo que fechava a marcha.

– Se aquele ali nos reconhecer... murmurou Fílon. Venha, temos que nos afastar daqui.

Ele pegou a trouxa e ergueu a moça, escondendo-se como podia atrás de seu ombro. O guarda lhes fez sinal para acelerar:

– Vamos, rápido, ou terão que se explicar com os romanos.

De fato, a legião se posicionara de cada lado do santuário e canalizava a multidão para as portas do sul e do leste. Por sorte, o comandante do Templo sequer olhou para eles. Dirigiu-se imediatamente a um dos centuriões:

– Quais são as ordens? perguntou em tom arrogante.

– Esvaziar o Templo, explicou o soldado. Rumo ao vale do Cédron. O tribuno quer impedir que os rebeldes se espalhem pela cidade. Aqueles que quiserem voltar, serão revistados por “nossos” homens. E desta vez, não queremos saber de histórias de pureza e não sei quê lá.

Fílon não ouviu mais, pois os guardas o estavam pressionando. Apressou-se em alcançar os outros fiéis, tentando reconstituir mentalmente o fio dos acontecimentos. Então o assassino escolhera agir durante a Páscoa. Devia imaginar que o menino estaria em Jerusalém para as festas e que, dada sua idade, não poderia passar do átrio das Mulheres. Por isso se disfarçara, seguira-o no primeiro pátio e esperara o momento propício. O alerta, é claro, facilitara sua tarefa. Enquanto todos se agitavam, devia ter tirado uma droga qualquer de seu bolso e arrastado o menino para o fundo do pórtico. Para o fundo do pórtico quando estavam evacuando o santo lugar...? O jovem recordou um episódio do Gênesis. Aquele em que o Todo-Poderoso ordena a Abraão sacrificar seu filho Isaac: “Deus disse: – Toma teu filho, teu único, que amas, Isaac, e vai à terra de Moriá, e lá o oferecerás em holocausto sobre uma montanha que eu

te indicarei.” Aquela montanha que o Altíssimo indicara a Abraão, aquela montanha da região de Moriá, era a mesma onde fora construído o Templo de Jerusalém. E o assassino acabava de se fechar ali com aquele que acreditava ser o Messias... *E sete vezes sete gerações àquele que vencer*, dizia a profecia de Miqueias... Que vitória maior, para um filho das trevas, do que imolar o Salvador no Templo justamente no dia da Páscoa?

Como se adivinhasse seus pensamentos, Betsabel sussurrou:

– Ele ainda está lá dentro, tenho certeza.

Deram uma olhada no pátio das Mulheres. Um grupo de levitas estava terminando de acionar os dois pesados batentes que impediam seu acesso. O santuário logo estaria trancado.

– A menos que possamos explicar tudo ao comandante do Templo, disse Fílon, nunca conseguiremos...

– Não acreditará em nós e nos prenderá. Mas talvez haja outra solução. Sim, pode dar certo.

Estava olhando fixamente para uma das portas ocidentais.

– É por ali que devemos sair. É a única saída que dá para a cidade...

– Mas você viu os soldados? Estão acuando os peregrinos para o Cédron, do lado oposto! E, antes de mais nada, de que solução está falando?

Betsabel ignorou a pergunta.

– Não há um segundo a perder. É um risco, mas tão pequeno diante do que está em jogo!

Estavam avançando em direção às passagens cobertas que levavam para o sul e o vale. Dezenas de milhares de fiéis, silenciosos ou erguendo os punhos, aglutinavam-se ao redor das aberturas, encharcados pela chuva. Os legionários mantinham o sangue frio a muito custo:

– Para frente! Mais rápido, bando de...!

Seguia-se uma injúria em língua estrangeira.

– O primeiro que se mexer, garantiu o legionário, dormirá esta noite na fortaleza.

– Em sua opinião, retomou a moça, quanto tempo vai levar?

– Para que o Templo esteja vazio? Meia hora ou menos. Mas se me explicasse...

Com um gesto rápido, ela fez uma bola com sua trouxa e a colocou debaixo de sua túnica.

– Deixe comigo, acrescentou.

E antes que Fílon pudesse dizer qualquer coisa, ela começou a gritar segurando a barriga como se lhe arrancassem as entranhas.

– Aaahhh! Senhor, ele está vindo, posso sentir! Meu Deus, está descendo, está descendo! Rápido, água quente! Rápido! Aahh!

Apavorado, o egípcio viu dois soldados acorrerem prontamente, lanças na mão.

– Ei! grunhiu um deles, o que está havendo aí?

– Centurião! gritou ela ainda mais alto. Aahh! Meu filho está nascendo, precisa me ajudar... Ahh! Está vindo, está vindo!

Os dois romanos logo ficaram menos valentes, ainda mais que vozes femininas se elevavam uma após a outra:

– Deixem-na passar!

– Ela vai parir!

– Não aqui, não no santuário!

– Com essa chuva!

A expressão dos dois guardas refletia uma terrível indecisão: seria necessário acrescentar o caos à desordem?

– Centurião! retomou Betsabel, preciso de água quente, rápido. Ou então...

Ela apontou a porta ocidental.

– Meu marido e eu moramos a duzentos côvados daqui, por ali. Eu lhe imploro! Deixe-nos passar... Aahh!

O menor dos dois foi o primeiro a se decidir:

– Venham.

Escoltou-os a passos rápidos até a referida porta, transpondo a fileira de soldados debaixo dos clamores de uma parte da multidão.

– Se for um varão, disse-lhes no limiar da escadaria coberta, contem-lhe que nem todos os romanos querem mal aos judeus!

Apertando Betsabel bem forte, Fílon desceu uma centena de degraus à luz das poucas tochas que iluminavam a passagem. Chegando lá embaixo, deram na rua que contornava o Templo, no fundo do vale do Tiropeon. Ela continuava à esquerda passando sob o viaduto principal e se estendia até o bairro do hipódromo. À direita,

a rua estava impraticável, por causa das obras em andamento nas fundações do santuário.

– Você é incrível! arquejou Fílon.

Mas a moça não estava para lisonjas. Tinha o rosto fechado, tensionado ao extremo.

– O estabelecimento deve ficar ali.

Apontava para uma estrutura de pedra na zona dos trabalhos. Dois raios sucessivos iluminaram o Templo que lhes pareceu de repente gigantesco e ameaçador. A rua e o viaduto estavam absolutamente desertos, sinal de que a estratégia dos romanos estava funcionando: ninguém mais circulava em Jerusalém.

– Que estabelecimento? – ousou timidamente Fílon.

– Lembra-se do que lhe contei a propósito do irmão de Mandu? Ele trabalha com os operários do Templo. Eles recém terminaram de escavar o túnel dos sacerdotes.

O egípcio prosseguia cautelosamente pelo caminho lamacento, atulhado de pedras e cascalho.

– Antes de cada cerimônia, retomou ela, os sacerdotes oficiantes devem estar em estado de pureza absoluta. Ora, acontece que não há banho ritual no santo lugar, pois não se dispõe da água corrente exigida pela Lei. Por isso, mandaram escavar esse túnel ligando o *miqveh* exterior ao átrio dos Sacerdotes. Assim, evitarão atravessar a explanada e se macular, mesmo que involuntariamente.

– E está querendo dizer que podemos passar por esse túnel?

– Espero que sim! Quando vim aqui com Mandu há um mês, já estava quase pronto.

Ela se calou. Fazia quase noite, de tanto que as nuvens escureciam o céu. O vento soprava em rajadas, zumbindo em seus ouvidos e jogando turbilhões de chuva em seus olhos. O jovem se esforçava ao máximo para não pisar em falso, aproveitando os raios para distinguir alguma coisa entre as vigas deitadas no chão, os enormes blocos de mármore ou os sulcos que rasgavam o caminho. Depois de meses de seca, um verdadeiro dilúvio se abatia sobre a cidade.

– Ali! apontou Betsabel.

Fílon escalou com dificuldade um monte de sílex que deslizava sob seus passos e chegou finalmente ao alpendre do

estabelecimento de banhos. Era uma construção circular de um andar, sem maiores firulas, ainda não totalmente pronta. Colocou Betsabel sobre um bloco de pedra e se aproximou da entrada, barrada por diversas tábuas pregadas umas nas outras. Armou-se de uma pedra e golpeou a madeira.

– Ao menos essa tempestade tem uma vantagem: é pouco provável que nos escutem!

– Desde que ele ainda esteja vivo... murmurou Betsabel.

O jovem procurou algum motivo para ter esperanças, mas não achou nenhum. O assassino fora implacável com suas três vítimas anteriores.

– Não era você que dizia que eu tinha pouca confiança? foi o que achou para dizer.

– Se a profecia for verdadeira, é a sorte de muitas gerações que está em jogo hoje. O Belial ou o Messias. Por mil anos, pelo menos! E, desta vez, o Senhor deixará que aconteça.

Uma das tábuas se quebrou com um estalo, logo outra. O buraco era suficiente para que penetrassem na construção e foi o que fizeram. Lá dentro, tudo escuro, mas estavam protegidos da chuva.

– Ainda dá pra sentir o cheiro da argamassa, observou Fílon. Espero que isso esteja sólido.

Betsabel prosseguia seu pensamento:

– Tem que haver uma sala para o *miqveh*. É de lá que deve partir o túnel.

Perscrutaram o espaço ao redor deles. Seus olhos iam aos poucos se acostumando com a escuridão.

– Há uma luz ali! gritou ela.

De fato, um raio de luz muito pálido se infiltrava por baixo do que devia ser uma porta. Fílon se precipitou. A porta abriu na hora, pois ainda não tinha fechadura.

– O *miqveh*! exclamou.

A sala de banhos estava iluminada por algumas lamparinas que brilhavam parcimoniosamente sem chegar a revelar o teto bastante alto. As paredes eram perfeitamente brancas, mas linhas sinuosas traçavam o desenho de um mosaico ainda por fazer. A piscina de purificação formava um vasto retângulo ao lado do qual se abria um corredor totalmente escuro.

– O túnel, disse a moça.

– Parece que os sacerdotes já o utilizam, há tangas e toalhas nos bancos.

– Pegue uma lamparina e vá. Imediatamente! Eu só serviria para atrapalhar.

– Mas não vai...

– Vá logo, é preciso impedir a todo custo que ele o mate. E quando chegar lá em cima, encontre alguma coisa para se defender.

Seu tom era inapelável. Fílon apertou afetuosamente sua mão e se enfiou no túnel. Curiosamente, este começava descendo uma dúzia de degraus e, alguns passos mais adiante, voltava a subir. Deve passar por baixo da rua, supôs Fílon. A passagem era da altura de um homem, um pouco mais baixo do que ele. O chão e as paredes eram cuidadosamente rebocados para respeitar as prescrições rituais, mas, em alguns pontos, a abóbada ainda era escorada por grandes esteios de madeira, como se ainda não estivesse bem consolidada. Em intervalos regulares, havia nichos cavados na pedra, decerto para colocar lamparinas como aquela que carregava. O cheiro, ali também, era de gesso e argamassa: os operários deviam ter apressado seu trabalho para que o túnel estivesse pronto para a Páscoa.

Depois de uma curta reta plana, voltava a se elevar suavemente por uma extensão de cerca de trinta côvados. Depois vinha uma sucessão de escadarias, de altos degraus, interrompidas por pequenos patamares. Fazia mais calor ali e Fílon deduziu que já devia estar embaixo do Templo. Mais um lance de escadas e percebeu um rugido surdo sobre sua cabeça. Encostou o ouvido na parede. Escutou o rumor de um riacho que corria do outro lado: a vala que coletava as águas da chuva impedindo que a esplanada se transformasse numa grande poça. Passou o dedo na abóbada: estava um pouco úmida. Os operários de certo não previam que o teto do túnel seria submetido tão cedo a um teste tão rigoroso! Retomou sua corrida obrigando-se a respirar regularmente: degraus, patamar, degraus, patamar.

Finalmente, a escuridão se fez menos espessa e ele desembocou numa sala arranjada como um vestiário, com tapetes, poltronas com franjas douradas e cabides de prata. Um longo manto

púrpura estava pendurado sob uma das três claraboias que deixavam entrar um pouco de luz. Fílon espiou pelo vidro. Sentiu um arrepio percorrer todo seu corpo: a alguns passos dele, o santuário do verdadeiro Deus, cercado por uma cortina de chuva. Imenso, imponente, aterrorizante.

Quando abriu a porta do vestiário, seu coração estava a ponto de explodir. Fora por ali que o comandante do Templo irrompera no início da cerimônia. Ao longe, quase indistintas em meio à chuva, recortavam-se as torres quadradas da fortaleza Antônia. No átrio dos Sacerdotes, vestígios de fumaça subiam ainda do altar, mas nada mais se mexia. O pátio estava vazio.

Fílon correu até o pátio das Mulheres, perto da coluna onde há pouco tempo se encontrava o menino. Um pouco atrás do pórtico, descobriu os cacos de um frasco de cerâmica. Eles exalavam um cheiro embriagante de álcool e ervas aromáticas. Betsabel tinha razão. Mas, se o menino não estava nem no pátio dos Homens nem no das Mulheres, isso só podia significar uma coisa: o Templo.

Com um frio na barriga, Fílon voltou sobre seus passos em direção à pira. Havia no chão pedaços de corda que tinham servido para amarrar carneiros, mas nada que pudesse servir como uma arma. Adentrou o átrio dos Sacerdotes. Sacrilégio! indignou-se uma vozinha interior. Agora, a casa da Presença estava apenas a alguns passos. Contornou o altar, os olhos fixos nos doze degraus que teria que ter a coragem de subir.

Ouviu-se naquele instante um violento trovão e foi como se o relâmpago se abatesse sobre suas costas. Sentiu uma dor lancinante na nuca e seu crânio parecia ter explodido em mil pedaços. Então os degraus, a escada, o santuário, tudo aquilo desapareceu girando. Ele se estatelou ao pé da pira.

Uma corrente de ar fresco no rosto. Um forte cheiro de incenso. Lá fora, os barulhos da tempestade que continuava a troar. O som de uma voz, um pouco distante, salmodiando em hebreu. Uma luz suave e oscilante que se infiltrava em seus olhos entreabertos. A dor, também, que voltava a despertar, subia por toda sua coluna e queimava seu crânio. E então as ideias, apesar do nevoeiro, voltando uma a uma. O túnel, o átrio, o frasco. Tinham-no golpeado diante da escadaria do Templo. E agora... suas mãos e seus pés

estavam atrás de seu corpo, presos com uma corda de amarrar carneiro. Estava encostado na parede, ao que tudo indicava, com o nariz esmagado no assoalho. Mexeu ligeiramente a cabeça. Era bem o que temia. O pior de tudo. Tinham-no levado para a casa do Senhor. O Templo do Templo! À direita, uma alta porta laminada com ouro dava para o vestíbulo, o *Oulam*, fechado por uma tapeçaria púrpura, azul anil e escarlate que batia com o vento. O Santo, a segunda sala onde se encontrava, era menos elevado, embora grande o bastante para abrigar três andares de galerias que formavam como um deambulatório. No meio da sala, um castiçal de ouro, quase do tamanho de um homem, gravado de flores e de botões de amendoeira, com sete lamparinas douradas, todas acesas. À frente, o altar dos perfumes, também recoberto de ouro, com seus quatro cornos nos cantos, de onde subiam as fumaças odoríferas do incenso. Na mesa vizinha... Fílon esboçou um movimento. Infelizmente, os nós eram fortes e ele só pode se retorcer. Na mesa vizinha, os doze pães da proposição, oferenda sagrada para o Eterno, tinham sido colocados no chão. Em seu lugar, o menino, deitado de bruços. Parecia dormir, mas ele também estava preso por cordas que apertavam seus braços, sua barriga e suas pernas. Bem em frente, mãos abertas para o céu, um homem recitava em tom monocórdio:

– “E Tu, Tu criaste o Belial para a Fossa, o Anjo de hostilidade e renegação, com seu plano e seu desígnio, para que se cometessem impiedades, para que se cometessem pecados; e todos os espíritos de seu lote são anjos de destruição: nos decretos das trevas andam, e para as trevas tende seu desejo...”

Fílon arregalou os olhos, mas o assassino estava de costas, vestido com uma bela túnica de linho e com um turbante de sacerdócio. Impossível saber quem se escondia embaixo daqueles trajes de sacerdote. Entretanto, aquele timbre, aquela dicção... eram-lhe quase familiares. Dir-se-ia...

– “... E os laços da morte se apertaram sem que ninguém pudesse escapar; e as torrentes do Belial transbordaram em todas as costas elevadas, como um fogo que devora todas as suas margens... E a terra grita por causa da calamidade sobrevinda ao mundo, e todos os seus recônditos lançam clamores, e todos

aqueles que estão sobre ela se desesperam e vacilam presas de um grande infortúnio...”

A voz de Gad! Sim, dir-se-ia a voz de Gad! No entanto, era impossível, o sumo sacerdote estava morto e...

Arrebatado pela surpresa, o egípcio se mexeu demais e fez suas solas rangerem no assoalho de cipreste. O assassino parou bruscamente de recitar e se virou para ele. Os traços decididos, a barba fina, os cabelos puxados para trás, aquele olhar altivo... E em seu peito, as doze pedras preciosas do éfode, uma para cada tribo de Israel. Fílon estava atônito. O outro lhe dirigiu um sorriso cheio de fel.

– Ah! Ei-lo de volta entre nós, caro amigo. Fico feliz. Não sei quanto tempo a guarda levará para voltar ao Lugar. Talvez uma hora. Talvez menos. Preciso começar. Não imaginava que fosse haver plateia, mas, ao vê-lo correr no pátio, me dei conta de que devia ser a vontade do Altíssimo. Fique lisonjeado, meu amigo, agora faz parte do plano.

– Do... do plano? articulou Fílon.

– Fiquei mesmo surpreso com sua obsessão em ir atrás de mim por todo lado. Pois chegou a ir até Qumran, não foi? Muito bem, agora tenho a resposta: era Ele que o estava guiando. Enviou-o aqui para ser a testemunha de meu triunfo.

Assombrado, aturdido, Fílon tentava refletir. A guarda e os sacerdotes. Uma vez terminadas as verificações, certamente obteriam autorização para voltar ao Templo. Era apenas uma questão de tempo. Tinha que dar um jeito de aguentar até então.

– Acha... acha mesmo que foi Ele que me guiou até você?

– É claro. Não leu a profecia? Sim, é óbvio que a leu: ... *o flagelo de Deus contra seu curandeiro, a boca da mentira contra o resto de verdade...* Eu sou esse flagelo e aqui está seu pobre curandeiro... Chegou o momento de mostrar quem venceu aos olhos Daquele Que É Tudo!

Fez um gesto de deferência dirigido ao Santo dos Santos, separado deles por um duplo véu colorido. O jovem, de sua parte, não ousou sequer olhar: surpreender a Presença era um sacrilégio ainda maior do que profanar o Santo. Só o sumo sacerdote, uma vez por ano, tinha o direito de penetrar ali a fim de pronunciar O

Nome do Inefável... Mas o sumo sacerdote aparentemente ficara louco.

Aliás, ele prosseguia:

– Percebo hoje que isso não podia ficar apenas entre nós. Trata-se do castigo dos homens, afinal, da expiação de seus pecados e de suas fraquezas. É preciso que um deles preste testemunho da glória infinita do Belial. E esse homem será você.

– Mas não tenho minimamente a intenção de...

– Vamos, vamos, não se iluda. Aquilo de que tem intenção não tem mais a menor importância. Assim que eliminar o Messias, reinarei pelas gerações vindouras. E sua vida será breve.

Aproximou-se do egípcio, com uma expressão afetadamente doce, a fim de obrigá-lo a se sentar direito. Enquanto ele avançava na luz, Fílon teve a impressão de que Gad estava mais jovem e mais descarnado do que na recordação que tinha dele. Que seus olhos também tinham estranhos reflexos verdes que não conhecia. Então sua impressão se fez certeza. Não, aquele homem não era Gad. Apesar do éfode e do turbante, apesar da semelhança das vozes...

Então, tudo se tornou claro:

– Foi você que cruzei a outra noite, quando o sumo sacerdote foi morto, não foi? Estava chegando perto de seu palácio e ele começou de repente a fugir. Denunciou-me então para a patrulha romana que me prendeu. Mas não era o sumo sacerdote aquela noite. Não era Gad. Era você, Caleb!

O escriba caiu na gargalhada:

– Fílon, meu amigo, fico feliz que o Eterno o tenha designado para fazer jus a mim. Um espírito mais fraco teria machucado minha vaidade. É verdade que nos encontramos aquela noite. Eu acabava de... de me separar de Gad. Não teria sido razoável deixá-lo vaguear pelas redondezas, admita.

– Você... você assassinou seu próprio irmão!

– Oras, assassinei mesmo. Mas eu tinha alguma escolha? Quando descobri ao que estava destinado...

Deu uma olhada para o vestíbulo e pareceu se entregar a algum sombrio cálculo.

– Seria preferível que você tivesse uma visão mais ampla dos desígnios do Altíssimo... Seu testemunho diante dos homens seria mais imparcial.

Certificou-se de que o menino continuava adormecido e voltou a Fílon:

– Inicialmente, devem tê-lo informado disso, nada me preparava para essa... reviravolta. Entrei em Qumran aos doze anos de idade, devorado pela paixão do Eterno. Meus pais avaliaram também que não seria ruim ter um filho entre os essênios já que o outro estava prometido ao Templo. Foi assim que, aos dezessete anos, tornei-me um membro efetivo da seita e fui iniciado ao segredo de Miqueias. Ouvira falar que tal profecia existia: a história de Uzziel, embora vaga e incompletamente, era transmitida na casa de Gemul a que pertencia. Mas ao descobrir o texto propriamente dito, ao ter o original em minhas mãos, senti, não posso dizê-lo de outra forma, que fora feito para ele. Trabalhei duro, estudei cada rolo da biblioteca, abismei-me no livro como num oceano de delícias. Para me tornar escriba e ser aquele que daria um dia seu verdadeiro sentido à prédica de Miqueias.

Fílon permanecia perfeitamente imóvel, rezando para que os guardas do Templo chegassem o quanto antes. Caleb pôs um joelho no chão, como se quisesse ser mais bem escutado.

– Há cinco meses, após ter terminado o comentário de Habacuc, finalmente me senti pronto. Por uma incrível coincidência – ao menos foi o que pensei na época – o rabino de Naim se apresentou em Qumran à mesma época. Falou-me desse garoto, de suas aptidões excepcionais, do interesse que haveria em educá-lo conosco. Eu estava fascinado acima de tudo com o nome de sua aldeia: Nazaré. O Nazareno... E se a profecia encerrasse mais ainda do que imaginávamos? A descrição minuciosa e irrefutável do Salvador? Fiz a viagem até a Galileia para interrogar o rabino do local, um velho meio senil que nada suspeitou de meu projeto. O que ele me revelou, no entanto, bastou para convencer-me: um nazareno, nascido em Belém, último rebento de Davi e vindo do Egito. Resolvi acompanhar o menino por um tempo sem me dar a conhecer. Ele mostrava uma inteligência tão natural da fé, um amor tão evidente pelo outro: “Ama o teu próximo como a ti mesmo”,

ensina o Levítico. É preciso admitir que tudo nele encarna esse preceito. E eu, Caleb, primeiro escriba de Qumran, acabava enfim de identificar o Messias.

À luz das sete lamparinas, sua figura refletia sucessivamente sentimentos contraditórios: a satisfação, o medo, o ódio, a frustração, o orgulho, tudo isso intensificado por uma exaltação má.

– O que deveria fazer? acrescentou. Quis me oferecer algum tempo para pensar, mas, assim que cheguei a Qumran, fui atacado por violentas febres. Meu corpo ardia e o suor escorria de minha cabeça. Parecia ver uma mulher, belíssima, que se debruçava sobre mim repetindo: “Foste escolhido, também tu! Foste escolhido!”

Ele se interrompeu, com o olhar perdido no vazio. Fílon temeu que ele realmente se calasse e que seus pensamentos o reconduzissem bruscamente ao menino. Voltou a atiçá-lo:

– Jeftê esteve em sua cabeceira, certo?

Caleb fez que sim com a cabeça, lentamente.

– Sim, Jeftê. Mas, a seguir, nada mais era como antes. Foi então que realmente me dei conta...

Mergulhou novamente seus olhos nos de Fílon. Tinha a expressão de um demente.

– Foi então que me dei conta de que, desde o começo, nada se dera por acaso em minha busca. Pois o Altíssimo suscitou o Belial ao mesmo tempo em que suscitou o Messias. Escolheu-me muito jovem para estudar e compreender, a fim de que um dia pudesse identificar o Salvador, desafiá-lo e enfrentá-lo como estava escrito! E, dependendo do que os homens merecessem, bastava que a profecia se realizasse para que eu triunfasse. Eu, o Belial!

Sua voz atingira um registro agudíssimo. Deve ter percebido, pois retomou mais baixo, em tom de confidência:

– Mas eu ainda tinha que me mostrar digno do profeta e dar corpo à sua prédica... *Que assim seja conhecida a palavra de Morasti, o sopro de YHWH Sabbeot seu Deus*, este me pareceu ser o primeiro mandamento. Tinha que fazer os judeus conhecerem o conteúdo da Ameaça. Sua presença aqui é a prova de que o consegui. Quanto à condição do enfrentamento: ... *se o sangue de Jacob derramar seu próprio sangue...*, era apenas mais uma confirmação de minha eleição. Você decerto ignora isto, mas Jeftê,

meu irmão e eu temos todos o mesmo sangue, o da casa de Gemul. Ora, em Sua infinita previdência, o Criador nos fez nascer todos os três de um mesmo antepassado, um avô cujo nome era Jacob: ... *se o sangue de Jacob derramar seu próprio sangue...* Não havia dúvida quanto ao que eu devia fazer: tinha que matar meu irmão e meu primo. Neste ponto, aliás, não tive maiores dificuldades. Ambos estavam ávidos por saber mais sobre a profecia. Parece que Jeftê, enquanto me velava, surpreendeu algumas alusões que fiz a ela. E que conversou sobre isso com Gad. Ambos estavam portanto felicíssimos em me receber e dispostos a abrir para mim as portas de suas casas da maneira que eu desejava. Mas imagino que já conheça esses detalhes.

Atrás de Caleb, pareceu a Fílon que o menino acabava de se mexer. Ele ainda não devia acordar!

– E... e o cadáver da grota dos escribas, gaguejou o egípcio, foi preciso que...

– Ah, sim, aquele cadáver. Ora, como em todo o restante, o Todo-Poderoso também me ajudou. Muitos são os homens que, cada mês, sobem a Qumran na esperança de se juntar aos essênios. Dei a entender a um desses infelizes que poderia ajudá-lo nisso se fosse me encontrar discretamente na grota dos escribas. Ele tinha mais ou menos meu tamanho. Coloquei nele minhas roupas. Pensei também nos falcões que moram aos casais naquelas alturas. Nisso também a visão de Miqueias me serviu de modelo. Já lhe disse, tudo isso nada deve ao acaso.

– E o éfode, por que tê-lo roubado?

– Ele cai muito bem em mim, não é mesmo? Além disso, tenho esta noite o papel do sacrificador... e se alguém do Templo acaso me surpreendesse... Com os cabelos e a barba cortados como os de Gad, o ornamento sagrado no peito, suponho que hesitaria em obstar meu caminho. Era provável mesmo que se prosternasse cantando o milagre de minha ressurreição.

Seu ardil tinha de fato todas as chances de dar certo, e o próprio Mandu devia ter se deixado enganar: na noite do crime, quando percebera o escriba em companhia de Jeftê, devia tê-lo confundido com Gad. Daí sua estupefação e seu silêncio. Qualquer escravo

teria pensado duas vezes antes de acusar de assassinato o sumo sacerdote em pessoa!

Fílon se esforçou para conservar sobre si a atenção de Caleb:

– Mas, agir assim durante a Páscoa, perguntou, não lhe parece um risco insensato?

O escriba deu uma risada:

– Um risco? Ora, vamos! Pelo contrário, não fiz mais do que me submeter à profecia, e fiz muito bem. Sabe que mesa é essa, onde ocorrerá o sacrifício? A mesa dos pães da proposição. E sabe como a chamam também? A mesa da Face, pois os pães são oferecidos nela à própria Face do Altíssimo. Ora, você lembra das prescrições de Miqueias: ... *se o sangue de Jacob derramar seu próprio sangue, se ele pecar novamente na Face de seu Deus...* Ora, aí está a última condição que eu precisava cumprir: imolar o Salvador na Face do Altíssimo. Ou seja, aqui, no Santo, neste púlpito coberto de ouro. Sabendo que o menino viria ao Templo para a Páscoa, logo se vê que não havia lugar nem momento mais propícios.

– E os romanos, e a guarda? Sem a ordem de evacuação, nunca teria podido arrastá-lo consigo...

– Eu teria esperado até a noite se fosse preciso. Tenho algumas chaves que peguei na casa de Gad. Além disso, essa ordem de evacuação... Digamos que era previsível.

– Previsível?

– Elias também é meu parente, como Jeftê. Comigo, é o último herdeiro masculino de uma família maldita, a casa de Gemul. No entanto, como não descendia de Jacob, a profecia não exigia que eu o matasse.

– Elias? Qual a relação?

– Foi na casa dele que travei conhecimento com um jovem rebelde, Samuel, se não me engano. Ele estava desesperado com a execução de seu irmão, crucificado no Gólgota. Não imagina o quanto é fácil impulsionar um homem a atos extremos a partir do momento em que está possuído pelo espírito de vingança. Chegamos juntos à conclusão de que assassinar o tribuno militar Julius seria uma justa revanche.

– Samuel... persuadiu Samuel de que...

– Não sei como fez, mas parece que se mostrou à altura.

Foi o momento que o menino escolheu para suspirar suavemente. Um ricto de triunfo deformou o rosto de Caleb:

– O efeito de minhas plantas está passando, ao que parece. Perdoe-me, está na hora de recolher os frutos de minha vitória.

– Mas está enganado, insurgiu-se Fílon. De modo algum o Criador pode querer a morte desse garoto! Assim como não pode desejar o reinado do mal!

– Para um filósofo, você me decepciona. Teria esquecido as tão justas palavras de Isaías? “Eu formo a luz e Eu crio as trevas, Eu realizo a paz e Eu faço o mal: Eu, o Eterno, Eu realizo tudo isso.” O mal e o bem são sempre obra de Deus, não é? As duas rédeas indissociáveis que Ele emprega para guiar Seu povo. Ora, quem pode saber de antemão o caminho que Ele traçou? Os homens serão punidos por suas faltas, certamente. Mas quem pode saber se daqui a mil anos não sairá daí um bem ainda maior? Eu sou apenas o Belial... E é minha vez de reinar.

Sem dar mais ouvidos a Fílon, Caleb deu meia volta. Enquanto a chuva crepitava com ainda mais força sobre o teto do Templo, aproximou-se da mesa e se apoderou da faca do sacrifício.

25

Fílon dispunha apenas de alguns instantes para agir. Caleb lhe dera as costas e brandia a arma do sacrifício, invocando numa espécie de êxtase o poder irresistível do Belial. Fílon apertou a cabeça contra as coxas. Obrigando-o a sentar, o escriba sem querer o ajudara. Encostado na parede, apoiou-se num pé, depois no outro, conseguiu passar as mãos sucessivamente por baixo dos pés voltando a tê-las à sua frente. Puxou bruscamente o colar de Moré. A madeira esculpida se soltou com um barulhinho de sucção que se perdeu no estardalhaço da tempestade. Inclinou-se, deixando desajeitadamente cair o ferro sobre sua barriga e evitando por pouco que deslizasse até o assoalho. Segurou então o estojo entre seus joelhos dobrados e deu um jeito de travar a lâmina do encaixe. Estava tremendo e cortou seu polegar. Com a faca montada, serrou como pôde a corda que prendia seus punhos, tomando o cuidado de não pressionar demais, pois o cabo não estava firme e ameaçava cair no chão. Soltou então seus pés com um só golpe da lâmina.

– Receba aquele cuja sorte decidiste, exclamou o escriba, erguendo muito sua arma.

Fílon se lançou. Transpôs com um salto os três passos que o separavam de Caleb e enfiou a lâmina em seu ombro no exato instante em que este ia golpear o menino. O escriba gritou de dor e se virou, com os olhos saindo das órbitas.

– Cão miserável! urrou.

Passou sua enorme faca para a outra mão e quis se jogar sobre Fílon, mas este já tomara seu impulso e acertou com tudo seu calcanhar no rosto do escriba. Seu nariz se quebrou com um ruído sinistro e o assassino se estatelou no assoalho segurando a cabeça. O menino, pensou Fílon, soltar o menino! Pegou a corda que prendia seu peito e a cortou sem dificuldade. O garoto parecia não reagir, como se continuasse sob o efeito da droga. O egípcio

segurou suas pernas e começou a serrar o cânhamo acima da panturrilha. Com o rabo do olho, viu uma sombra se reerguer. Pensou que Caleb ia se lançar sobre ele e se preparou para esquivar seu golpe quando se deu conta de que o escriba estava contornando a mesa para melhor voltar a atacar sua vítima. A faca do sacrifício ergueu-se novamente para se abater e Fílon não teve outro recurso senão mergulhar esticando os braços para proteger o menino. Sentiu imediatamente uma dor lancinante no cotovelo. A lâmina se desviara de sua trajetória e o rasgara quase até o ombro.

– Acha que pode se opor aos desígnios do Todo-Poderoso? escarrou Caleb. Acha mesmo? Mas quem é você, pobre criatura? Quem é você diante do Belial?

Movido por uma fúria assassina, pegou com seu braço ferido os cabelos do menino e fez o gesto de degolá-lo. Fílon não estava certo de conseguir impedi-lo desta vez. Sem pensar, lançou seu punhal mirando a testa de Caleb. Infelizmente, a arma não estava equilibrada: pendeu para a direita e apenas roçou sua orelha. O assassino gargalhou sonoramente:

– É claro! Como não pensei nisso antes? Isso também foi previsto pelo profeta: ... *a boca da mentira contra o resto de verdade, os filhos das trevas contra os filhos da luz...* Antes de vencer o salvador, acabar primeiro com o último filho da luz! Esmagar o restinho da verdade! E a seguir...

Avançou para o egípcio com uma espuma esbranquiçada nos lábios. Um tempo a mais para o menino, já era alguma coisa. Fílon saiu correndo em direção ao vestíbulo. Mantinha o braço esquerdo apertado contra o quadril para diminuir a dor. Se ao menos a guarda do Templo tivesse a boa ideia de aparecer naquele exato momento! Mas não, ninguém no Oulam, apenas os passos de Caleb soando atrás dele.

Chegando ao pórtico do santuário, o frescor da chuva atingiu seu rosto e o fez esquecer um instante sua dor. Para onde ir? Para o átrio das Mulheres? O acesso ao pátio dos Gentios estava bloqueado. Tentar uma das salas do pórtico? Se Caleb o perdesse de vista, talvez voltasse para dentro do Templo a fim de terminar o que começara.

– Pode correr, vociferou Caleb, nunca escapará do que está escrito!

Fílon chegou sem fôlego ao pé do altar. Precisava de algo para se defender. O altar. Talvez... Escalou o plano inclinado arquejando, o escriba sempre em seu encalço. Do topo do altar, dominava-se o pátio de uma altura de cerca de quinze côvados, com um panorama sobre o conjunto do edifício. Mas aquele não era o momento para admirar a vista... A pira ocupava o centro da plataforma, uma espécie de retângulo grosseiramente recortado. Era cercada por uma borda de pedra de um côvado e meio de largura, que permitia circular, trazer os animais e alimentar o fogo. Do lado oposto encontrava-se uma reserva de lenha cuidadosamente arrumada. O jovem teria preferido uma faca de sacrifício abandonada por um sacerdote, mas não tinha escolha. Avançou o mais rápido que pôde pela borda luzente de chuva, esforçando-se para não prestar atenção no cheiro de cinza e de gordura queimada que se misturava às trombas d'água. A pira transbordava no entanto de uma lama preta e repugnante em que preferiria não cair.

Finalmente, chegou à pilha de lenhas que ocupava metade do altar até a altura de seu peito. Eram todas perfeitamente cilíndricas, descascadas, com as pontas apoiadas em dois montantes de cobre. Fílon empunhou a primeira que pôde apanhar e girou rapidamente. Bem em tempo... Caleb estava em cima dele, com a faca estendida, e o jovem aparou seu ataque no último instante.

– Perdi você uma vez na casa de Ezequias, guinchou Caleb. Não o perderei duas vezes.

Disparou um novo ataque saltando bruscamente para frente. A faca chicoteou o ar e rasgou a túnica de Fílon acima do joelho. Este quase se desequilibrou e esbarrou numa das lenhas arredondadas que se enfiou um pouco no meio das outras. Aquilo o fez lembrar de uma de suas brincadeiras de criança em Alexandria: tratava-se de, com dois grossos bastões...

– Não tem a mínima chance, escarneceu Caleb. Não irá longe.

– E eu acho que você é tão mau assassino quanto escriba, retorquiu Fílon. Olhe só, continuo aqui, de pé. Se realmente fosse o Belial...

Não pôde terminar sua frase, pois o outro tentava ceifar suas pernas para fazê-lo cair. Fílon barrou-o duas vezes usando a lenha como escudo e recuando vários passos. Estava agora encostado no montante da reserva de lenha. Se conseguisse atrair Caleb no momento certo e se os troncos estivessem suficientemente lisos...

– Enganou-se quanto a mim, provocou-o Fílon. Enganou-se sobre a profecia e sobre si mesmo. O Senhor nunca quis esses assassinatos. Eles são o fruto de sua inveja e de sua imaginação depravada.

Viu o braço ensanguentado de Caleb se enrijecer e sua outra mão se crispar no punho da arma. Dentes apertados, ele se aproximou do egípcio com uma máscara de puro ódio. Quando chegou a apenas três passos, Fílon entrou rapidamente na lama preta da pira, passando para o outro lado da pilha de lenha.

Uma expressão de satisfação se desenhou imediatamente nos lábios do escriba:

– Acaba de cometer seu último erro.

Precipitou-se, mas, no instante em que ia passar pela reserva de lenha, Fílon lançou seu tronco com toda a força e acertou um poderoso golpe numa das lenhas situadas a meia altura. Esta saltou violentamente para fora da pilha, atingindo Caleb com tudo na barriga. O escriba foi como suspenso do chão, a boca escancarada, incapaz de proferir um só som. Então caiu no vazio e ouviu-se um choque surdo. Fílon se ergueu como pôde da massa pegajosa e nauseabunda da pira e se debruçou sobre a borda: quinze côvados mais abaixo jazia o corpo do assassino, braços abertos em cruz. Uma pequena poça vermelha crescia atrás de sua nuca e se misturava à água da chuva.

Fílon respirou fundo. Não sentia mais seu braço esquerdo e seu joelho o torturava. Abarcou o Templo com o olhar: se tivesse imaginado, quando vinha para Jerusalém, que se encontraria ali sobre o altar... Estancou de repente. Ao norte, do lado da fortaleza Antônia, um grupo de silhuetas descia para o pátio dos Gentios. Apesar da penumbra e da forte chuva, distinguiu formas brancas entre elas: sacerdotes ou levitas que vinham retomar posse do santuário. Iam reabrir a Bela Porta, atravessar o átrio das Mulheres, entrar naquele dos Homens, descobrir o cadáver de Caleb, o Santo

profanado, o menino adormecido, Fílon ferido. Como poderia convencê-los do que ocorrera? Ainda mais que sua simples presença maculara irremediavelmente a casa do Eterno. Era melhor evitar estar ali quando...

Fílon se abaixou. Desceu a rampa de quatro e só se levantou quando esteve certo de que não poderiam mais vê-lo. Se conseguisse conduzir Jesus até o túnel, ninguém teria a ideia de procurá-los lá. Penetrou no vestíbulo do Templo, perguntando-se se seria capaz de carregar o garoto com um só braço. Mas, assim que entreviu o Santo, uma nova angústia varreu a precedente: o menino não estava mais na mesa da proposição. E, pelo que estava vendo, tampouco perto do castiçal ou dos incensórios. Tinha desaparecido! Fílon quis acelerar o passo mas, ao entrar no recinto sagrado, teve subitamente que diminuí-lo por falta de fôlego. Decerto superestimara suas forças, ou seu ferimento era mais grave do que parecia: seu coração batia loucamente e uma pesada onda de sangue subia-lhe às têmporas. Sua visão se obscureceu e teve que se abaixar para aspirar um pouco de ar. Não via mais nada, sua cabeça zumbia de maneira lancinante e sons abafados ressoavam ao ritmo desenfreado de seu pulso. Caiu de joelhos e pensou que fosse desmaiar. Então, de repente, sentiu-se melhor. Podia novamente respirar e abrir os olhos. Seu mal-estar não durara mais que... que alguns segundos?

Deu a volta na sala recolhendo os pedaços de corda jogados no chão, assim como sua faquinha de Moré caída atrás do altar dos perfumes. Um leve roçar agitava o duplo véu do *Debir*, o Santo dos Santos. Seu estômago se apertou ainda mais. O menino não teria ousado! Não o Santo dos Santos, não o lugar do Eterno! Nenhum homem no mundo, nenhum sacerdote... Ainda mais fora de kipur! Tamanho sacrilégio...

Ia chamá-lo apesar de tudo quando percebeu um leve arrastar-se no chão e o véu se afastou brutalmente. Não fechou os olhos com suficiente rapidez e viu distintamente, atrás do menino, o único ornamento do Debir: a laje de pedra que recebia a Presença. Por um instante, ficou petrificado.

– Obrigado, sussurrou o menino.

Seu rosto refletia uma espécie de serenidade.

– Obrigado? gaguejou Fílon.

– Eu tinha que vir aqui.

– Tinha que ...? Escute, os sacerdotes não vão demorar, temos que...

– Os sacerdotes? Justamente, tenho algumas perguntas a fazer para eles.

– Não hoje, não.

Pegou o garoto pelo braço e este examinou o sangue na manga de sua túnica.

– Está ferido?

– É só um corte. Venha.

O menino não parecia disposto a obedecer:

– O que aconteceu comigo? Digo, antes de eu despertar.

Fílon teve a impressão de ouvir um rangido distante, como o de um grande batente se abrindo. Mas talvez fosse apenas o barulho do trovão?

– Depois lhe explicarei. Se os sacerdotes nos encontrarem aqui, vão mandar nos executar.

– Não acredito nisso, disse Jesus com convicção. Não acredito, mas vou acompanhá-lo. Para onde vamos?

– Há um túnel que leva até lá fora.

Saíram com passos rápidos. O átrio dos Homens estava vazio e Fílon deu um jeito de o garoto não perceber o corpo de Caleb à esquerda do altar. Chegaram sem dificuldade ao vestiário e ali recuperaram a lamparina que continuava acesa. A primeira coisa que notaram ao entrar no túnel foi o barulho ensurdecedor da água. Como uma fervura ou uma cascata.

– Que barulho é esse? perguntou o menino.

– Provavelmente um vazamento no coletor de água da chuva. O túnel foi terminado às pressas e a abóbada ainda está porosa em alguns pontos. Seja como for, não temos escolha: é a única saída possível. Tome, pegue a lamparina e cuidado com os degraus.

Avançaram cautelosamente, mas, até ali, o chão estava completamente seco.

– Está quase de noite lá fora, não é? Devem ter se passado ao menos duas horas desde as cerimônias.

– Não se lembra de nada?

– Nada. Ou melhor, sim, até um pouco antes. Estava no átrio das Mulheres ouvindo os cantos. Um sino tocou e os guardas do Templo gritaram ordens. Houve um empurra-empurra, alguém me puxou para trás e senti um cheiro horrível. Quando abri os olhos...

Parecia constrangido.

– Promete não contar para ninguém?

Sua voz era multiplicada pelo eco e as sombras móveis da lamparina envelheciam seus traços.

– Para ninguém.

– Nunca?

– Nunca.

– Neste caso... Era exatamente como em meu sonho.

– Seu sonho?

– Sim, um sonho que tenho há anos. Estou num leito coberto de ouro e, quando acordo, tudo está meio vago. De início, não distingo nada claramente no recinto, no entanto, tenho certeza de que o conheço. À minha frente, há um duplo véu colorido e... é muito curioso. Sei que todas as respostas às minhas perguntas estão atrás dele.

– Que tipo de perguntas? interrogou Fílon, curvando a cabeça sob uma viga de madeira.

– Bom, por exemplo... por que as pessoas me consideram tão diferente delas? Por que estão tão perdidas? Por que não consigo ajudá-las mais? Por que estas questões me preocupam tanto? E por que eu, em particular?

O barulho da água era cada vez mais intenso. Fílon teve quase que gritar:

– E depois?

– No meu sonho, continuou o menino virando-se um pouco para ele, fico muito tempo diante da cortina. Muito tempo. Gostaria de abri-la, só que meus braços, minhas pernas, todo meu corpo se recusa a se mexer. Quando despertei agora há pouco, estava diante do mesmo véu, das mesmas cores, do mesmo dourado. Mas, desta vez, finalmente pude levantar.

Fílon o segurou pelo ombro:

– Cuidado!

Agarrou a lamparina bem na hora em que seria molhada por um filete de água que escorria do teto. Após verificar que não perdera muito óleo, Fílon ergueu-a para iluminar o túnel. A três côvados dali, a abóbada se rompera e a água da esplanada se derramava furiosamente sobre os degraus, formando uma espécie de cascata.

– Vou na frente, decidiu.

Cobriu a lamparina o melhor que pôde com sua mão e sua túnica e avançou encostado na parede.

– Tudo bem aí?

O garoto, encharcado da cabeça aos pés, fez sinal que sim. Retomaram sua descida, medindo cada passo, pois a torrente que escorria entre seus pés tornava a progressão delicada. Havia pedras soltas nos degraus e Fílon se perguntou se os pedreiros do Templo não tinham superestimado um pouco seu trabalho. Três patamares mais adiante, aliás, uma viga de sustentação tinha sido arrastada e tocos de madeira flutuavam aqui e ali. Embora só faltassem uma ou duas escadarias para chegar até a rua que contornava o Templo e desembocar no *miqveh*, Fílon não estava tranquilo. Naquele ponto, de fato, o túnel formava uma espécie de bacia onde era preciso descer doze degraus, percorrer quinze ou vinte côvados e voltar a subir doze degraus. Ora, onde toda aquela água se acumularia senão exatamente naquela reserva improvisada? E dado o tamanho do vazamento era de se supor que...

Um lance de escadas mais tarde seus piores temores se viram justificados: a última escada estava parcialmente debaixo d'água e a passagem até a saída quase totalmente inundada. O jorro que descia vinha se quebrar furiosamente contra a sustentação da abóbada e refluía rolando sobre si mesmo. Uma rachadura de meia polegada percorria o esteio de sustentação.

– Sabe nadar? perguntou Fílon, molhado até a cabeça, segurando a lamparina quase na altura do teto.

– Já me banhei no lago de Tiberíades.

– Perfeito. Não é complicado, vai ver: basta pegar uma boa quantidade de ar e avançar direto até a escada seguinte. É questão de alguns segundos. E qualquer coisa, estarei logo atrás.

O menino balançou a cabeça: não parecia nem um pouco impressionado, como se, desde sua visita ao Debir, mais nada pudesse atingi-lo.

– Depois terá todo o tempo para me contar o que havia do outro lado do véu, está bem?

O garoto não respondeu e inspirou profundamente. Com uma estocada rápida, entrou na água, servindo-se dos degraus para tomar impulso. Parecia bem à vontade.

Fílon se preparou para segui-lo e deu uma última olhada no túnel dos sacerdotes, que continuava a encher: não estava certo de que o comandante do Templo pudesse voltar a utilizá-lo tão cedo! Seu sorriso, no entanto, durou pouco. Dois degraus acima dele, uma forma surgiu da escuridão sem um ruído. A túnica rasgada, o rosto intumescido e manchado de sangue, o nariz estranhamente torcido, um lábio rompido que ele sugava com a ponta da língua: era Caleb, como se voltasse de entre os mortos, com sua faca na mão. Estava hediondo e se parecia mesmo, desta vez, com a imagem que se podia fazer do Belial.

– E se for você que se enganou, egípcio? apostrofou ele. E se, desde o início, tiver sido você que não entendeu nada?

Fílon então o viu tomar impulso e saltar sobre ele apontando a lâmina para seu pescoço. Instintivamente, o jovem mergulhou para trás, dando um chute desesperado no apoio de madeira da abóbada. Simultaneamente, sentiu uma dor fulminante na virilha e teve a impressão de que o túnel desmoronava à sua volta. Houve redemoinhos terríveis, blocos inteiros que despencavam, a água que entrava em sua boca e em seus pulmões, uma espécie de funil que o tragava...

Depois...

Ele duvidava de que pudesse haver um depois.

26

Fílon voltou a si num quarto bem iluminado. Estava nu, deitado numa esteira macia, coberto por um lençol branco, rodeado de lamparinas e frascos cheirosos. O sol matinal entrava pelas arcadas do jardim, iluminava o púlpito e a poltrona de madeira encerada, fazia brilhar o mosaico na parede e se estendia a seus pés numa multidão de gotículas de ouro. Betsabel estava agachada ali perto, vestida com uma túnica leve que deixava ver suas pernas, cabelos negligentemente soltos nos ombros. Parecia cansada, mas radiante.

– Estou... estou vivo? articulou ele.

– Sim, está vivo. E está...

Ela corou e cobriu rapidamente o nascimento de seu ventre com as dobras da túnica.

– E está bem melhor.

– Pensei...

– Foi por pouco, de fato. O túnel desabou sob a rua e nós retiramos você na última hora.

– Nós?

– Eu. Estava esperando vocês no alto da escada e quando o menino saiu da água sem você, suspeitei que acontecera alguma coisa. Mergulhei e... Já lhe disse que adoro nadar, não? Vi você na hora em que a abóbada começou a tremer. Só a parte do lado do Templo desmoronou, foi o que o salvou.

Ele tomou a mão dela:

– Foi você então que...

– O... o garoto me ajudou a içá-lo sobre os degraus. A sorte quis que o barulho alertasse a equipe de operários acampada um pouco mais acima no canteiro de obras. A maior parte é formada por escravos que não participam das cerimônias. Disse para eles que tínhamos sido surpreendidos pelo desabamento da rua e nos refugiado no estabelecimento de banhos.

– Eles acreditaram em você?

– Estavam mais preocupados com o estado do túnel deles! Segundo eles, se os sacerdotes os tivessem escutado, teriam esperado ainda algumas semanas antes de utilizá-lo. Até que tudo estivesse realmente pronto. Quando lhes disse que conhecia o irmão de Mandu, eles foram procurá-lo e foi ele que o transportou até aqui.

– Na casa de Ezequias...

A moça baixou os olhos.

– Eu não sabia o que fazer. Você estava desmaiado, perdendo sangue. Supus também que minha casa devia estar sendo vigiada. Além disso, pensei que Nertari saberia melhor do que eu como cuidar de você. Mal respirava, estava todo branco. Ela conseguiu estancar seus sangramentos e limpar suas feridas. Quando Ezequias chegou, mandou vir o melhor médico de Jerusalém, e foi ele que o costurou.

Fílon ergueu um pouco o lençol. Tinha uma longa cicatriz violácea acima da coxa. Tentou mexer a perna mas sentiu como que uma violenta mordida e a deixou quieta. Além disso, tinha a impressão de que seu braço esquerdo estava sendo percorrido por milhares de insetos de apetite feroz.

– Fiquei muito tempo inconsciente?

– Dois dias e meio. Mas, segundo o médico, não há mais risco de infecção. Estará de pé no próximo sabá.

– E no Templo, como ficaram as coisas?

– Depois da evacuação, o comandante consagrou um dia de sacrifício e purificação ao santuário. Parece que a tempestade causou alguns estragos, mas nada grave. Já quanto ao túnel, parece que terão que renunciar a reconstruí-lo tão cedo. Estão previstos outros trabalhos de envergadura na esplanada.

Fílon deduziu que os sacerdotes não tinham descoberto nada de anormal, ou que preferiam não alertar ainda mais os fiéis. A Páscoa já fora suficientemente agitada!

– Prenderam Samuel?

– Infelizmente! Como ele poderia escapar? Pelo que contam, ele se jogou sobre o tribuno militar bem no meio da multidão. Dez legionários caíram sobre ele antes que chegasse realmente perto.

Não tiveram nenhuma dificuldade para segurá-lo. Quanto a Julius, saiu com um arranhão na bochecha e as felicitações do procurador Coponius, que não para de gabar sua coragem.

– Evidentemente a revista dos peregrinos não deu em nada?

– Foi o que mais desconcertou os soldados. Imaginavam uma revolta, mas havia um único revoltado.

– Eles já... eles já o condenaram?

O tom de Betsabel nada tinha de otimista:

– Não se decidirão antes do fim da semana, quando Jerusalém já terá se esvaziado. Seja como for, a demonstração de força os favoreceu.

– E a rebelião?

Ela lançou um olhar à porta aberta para o corredor, como se temesse ver aparecer Ezequias:

– Infelizmente, as notícias a esse respeito também não são muito boas. Embora tenham tomado um ou dois postos romanos no começo, os homens de Judas estão agora na defensiva. Parecem ter tido grandes perdas e, o que é pior, novos contingentes devem chegar do Império.

– E Judas?

– Ezequias espera que ele recue antes que seja tarde demais. Do que duvido. Ele tem a reputação de ser o primeiro a dar assalto.

– De fato, não há muito com que se regozijar.

Ela apertou seus dedos entre os seus:

– Você está vivo, não? O menino também. É o mais importante.

Sua seriedade o tocou:

– Você não mudou de ideia a respeito dele, não é? Continua achando que ele é o Messias?

Ela sorriu de modo estranho:

– Eu não acho, afirmou ela, eu sei! Como sei também que ele precisa de tempo. E que teremos que lhe dar esse tempo. Calar-nos. Calar-nos até o dia em que...

Ela parou por um instante antes de retomar:

– E você, ainda duvida?

Fílon, indeciso, observou o sol que brincava com o mosaico:

– É difícil dizer. Tudo é tão complicado... Onde ele está hoje?

– Acho que seus pais queriam voltar para Nazaré o quanto antes. Mas ele me contou que daria um jeito de encontrar os sábios do Templo. Ele deseja obter alguns esclarecimentos da parte deles. Depois do que aconteceu...

Houve um silêncio constrangido, mas Betsabel não largou a mão do jovem. Ele viu nisso um encorajamento e arriscou:

– E você. Quais são... quais são seus planos de agora em diante?

– Continuar cuidando de você, pelo menos até que esteja restabelecido, respondeu ela. Devo ter pegado gosto pelos unguentos e pelos cremes! Depois... depois, acho que vou deixar Jerusalém.

Seu olhar se obscureceu de repente:

– Perdi tudo que tinha aqui e... Sim, acho que vou partir. Ezequias ficou de liquidar alguns negócios para mim. Meu pai tinha alguns bens e geria também os de tio Elias que renunciou ao dinheiro há muito tempo. Ora, não posso abandonar completamente meu tio. E como também não quero depender de ninguém...

Apesar da dor em sua coxa, Fílon virou-se para ela:

– Você... iria comigo para o Egito?

Uma luz alegre iluminou novamente o rosto da moça:

– É um convite?

Ele a puxou carinhosamente para si e lhe acariciou o ombro.

– Tínhamos começado alguma coisa em Qumran, sussurrou ele. Poderíamos recomeçar de onde paramos...

Aproximou seus lábios dos dela, respirou o perfume de sua boca, mas, no último instante, ela se esquivou:

– Só nós dois, então...

Betsabel se levantou devagar e andou até a porta para fechá-la.

º*Seus pais iam todos os anos a Jerusalém para a festa da Páscoa. Quando o menino completou doze anos, segundo o costume, subiram para a festa. Terminados os dias, eles voltaram, mas o menino Jesus ficou em Jerusalém, sem que seus pais o notassem. Pensando que ele estivesse na caravana, andaram o caminho de um dia, e puseram-se a procurá-lo entre os parentes e os conhecidos. E não o encontrando, voltaram a Jerusalém à sua procura.*

Três dias depois, eles o encontraram no Templo, sentado em meio aos doutores, ouvindo-os e interrogando-os; e todos os que o ouviam ficavam extasiados com sua inteligência e com suas respostas. Ao vê-lo, ficaram surpresos, e sua mãe lhe disse: "Meu filho, por que agiste assim conosco? Olha que teu pai e eu, aflitos, te procurávamos". Ele respondeu: "Por que me procuráveis? Não sabíeis que devo estar na casa de meu Pai?" Eles, porém, não compreenderam a palavra que ele lhes dissera.

Evangelho de Lucas, I, 41-50

Referências

Todas as citações do Antigo e do Novo Testamento foram tiradas de *La Bible de Jerusalém*, éditions Pocket, 1998[17].

As passagens dos textos de Qumran: *Comentário de Habacuc,* citado p. 232-233 e *Regulamento da Guerra e dos Hinos,* citado p. 341-342, foram extraídas de *La Bible, écrits intertestamentaires*, tradução André Dupont-Somme, Bibliothèque de la Pléiade, NRF, Gallimard, 1999[18].

17 Utilizei a edição brasileira da mesma: *A Bíblia de Jerusalém.* São Paulo: Edições Paulinas, 1985. (N.T.)

18 Nestes casos, traduzi do francês. (N.T.)

Títulos da Vestígio

• • • • • • • • • • • • • • • • • • •

SETE DIAS EM RIVER FALLS | Alexis Aubenque
Algumas garotas escondem terríveis segredos...
O mundo de Sarah transforma-se num pesadelo quando suas duas melhores amigas do passado, Amy e Lucy, são encontradas mutiladas no fundo de um lago. Sarah parece esconder um terrível segredo. É como se um laço misterioso ainda a ligasse a elas…

MEU PRIMEIRO ASSASSINATO | Leena Lehtolainen
Uma estreia de tirar o fôlego para Maria Kallio...
Em sua primeira investigação criminal, a policial finlandesa Maria Kallio tem um grande desafio: desvendar o misterioso assassinato de um jovem que passava um fim de semana na casa de seus pais em companhia de sete outros membros de um coral. Ele foi encontrado morto, afogado. Todos são suspeitos, mas apenas um é o culpado…

OS SETE CRIMES DE ROMA | Guillaume Prévost
Roma, 1514. Leonardo da Vinci conduz a investigação...
Na Roma do século XVI, são cometidos assassinatos tão violentos quanto estranhos. Encabeçam a investigação um jovem estudante de Medicina, Guido Sinibaldi, e nada menos que o gênio do Renascimento, Leonardo da Vinci. Um romance policial diabólico que, dos mistérios da biblioteca do Vaticano aos segredos das ruínas antigas, nos arrasta num jogo de pistas eletrizante, erudito e macabro.

A FERA INTERIOR | Lotte & Søren Hammer
Podemos fazer justiça com as próprias mãos?
Cinco corpos masculinos mutilados – castrados – e um rico empreendedor que denuncia na mídia a falta de firmeza da justiça dinamarquesa para com os pedófilos. O inspetor Simonsen, que tem experiência demais para não desconfiar das coincidências, logo compreende que está diante de um plano de grandes dimensões, cujos pormenores ainda desconhece…

ESTAVA ESCRITO | Gunnar Staalesen
O que realmente sabemos sobre nossos filhos?
As aventuras do detetive Varg Veum o levam a um mundo obscuro onde adolescentes privilegiados são atraídos para as drogas e a prostituição. E a situação fica ainda pior quando o juiz local é encontrado morto em um hotel de luxo, usando lingerie, e pais desesperados imploram para que Veum encontre uma garota desaparecida.

NA MENTE, O VENENO | Andrea H. Japp
Diane Silver inicia sua caça ao serial killer...
Diane Silver é uma das melhores *profilers* do mundo e trabalha na base de Quantico do FBI. Caçar serial *killers* é para ela uma questão pessoal: sua filha, Leonor, foi torturada e morta. Apesar de ser perita em traçar o perfil de um criminoso, Diane não consegue até hoje entender como Leonor, tão desconfiada, aceitou seguir aquele que seria seu assassino.

VESTIDO DE NOIVO | Pierre Lemaitre
Ninguém está a salvo da loucura...
Sophie, uma jovem mulher que leva uma vida pacata, começa a cair lentamente na loucura: milhares de pequenos e inquietantes sinais se acumulam e, de repente, tudo se acelera. Seria ela a responsável pela morte de sua sogra e de seu marido enfermo?

ASSASSINATO NA TORRE EIFFEL | Claude Izner
Crimes em série transformam livreiro em detetive
Paris, 1889, a cidade está em polvorosa com a Exposição Universal. Victor Legris, seu sócio Kenji Mori e seu amigo Marius Bonnet têm seu encontro na recém-inaugurada torre Eiffel subitamente interrompido: uma mulher acaba de morrer, vítima de uma estranha picada. A partir daí, tem lugar uma série de mortes inexplicadas que vão marcar a vida de Victor como investigador.

UM OUTONO EM RIVER FALLS | Alexis Aubenque
Alguns garotos nunca perdoam...

Dois assassinatos perturbam a relativa tranquilidade de River Falls, que começava a se restabelecer dos sórdidos crimes de alguns meses antes. O que poderiam ter em comum um advogado brilhante, encontrado eletrocutado em sua banheira, e o cadáver de um mendigo, coberto de hematomas, resgatado do rio? É isso que o xerife Mike Logan, com a ajuda da célebre profiler Jessica Hurley, tentará descobrir.

MULHER DE NEVE | Leena Lehtolainen
Tensão e ameaças na nova investigação de Maria Kallio
No coração de uma floresta selvagem do sul da Finlândia, Elina Rosberg fundou seu centro de terapia destinado para mulheres com problemas ou vítimas de agressões. No dia seguinte ao Natal, seu corpo é encontrado na neve, com o rosto coberto pela geada. Acidente? Assassinato? A inspetora Maria Kallio, mesmo sofrendo ameaças, não se deixa abater e continua, com determinação, de um interrogatório a outro.

INDESEJADAS | Kristina Ohlsson
Crimes brutais marcam um verão sueco
Em meados de um verão chuvoso na Suécia, uma garotinha é sequestrada de um trem lotado. O inspetor Alex Recht e sua equipe, auxiliada pela analista criminal Fredrika Bergman, começam a investigar o que parece ser um caso clássico de disputa familiar pela guarda de uma criança. No entanto, quando a menina é encontrada morta no extremo norte da Suécia com a palavra “indesejada” escrita na testa, o caso se transforma rapidamente no pior pesadelo dos investigadores: a caça a um assassino genial e brutal. E a pequena Lilian é a primeira de uma longa lista...

AMARGA VINGANÇA | Andrea H. Japp
Não há trégua para Diane Silver...
Diane Silver continua sua caça aos serial *killers*. A *profiler* do FBI se associou a Rupert Teelaney – também conhecido como Nathan Hunter –, um dos homens mais ricos do planeta, para eliminar aqueles carrascos. Mas ela deseja, acima de tudo, encontrar a “cúmplice” que conduziu sua filha Leonor, de onze anos, até seu

torturador... Enquanto isso, em Paris, Yves Guéguen tenta proteger a mãe de uma satanista assassinada por Nathan nos Estados Unidos. Diane agora tem uma nova presa, um novo predador para caçar.

APOSTA FATAL | Jean-François Parot
Nicolas Le Floch em trama sinistra na Paris do século XVIII
Em 1761, Nicolas Le Floch chega a Paris contratado como investigador pelo superintendente-geral da polícia do rei Louis XV e logo descobre a crueldade dos homens e a brutalidade das conspirações: em Paris, no mundo do crime, tudo gira em torno do jogo, da devassidão e do roubo, que se interligam por incontáveis labirintos. Um assassinato levará a uma investigação cheia de reviravoltas e revelações surpreendentes, que faz reviver a atmosfera, as ruas, os nobres e os mendigos, os ritos, os crimes e os mistérios da Paris do século XVIII.

ARRIVEDERCI AMORE, CIAO | Massimo Carlotto
Diário de um crápula
Giorgio Pellegrini, ex-militante de extrema-esquerda, traiu todos os seus antigos camaradas para fugir da prisão e lança mão de seu charme para seduzir as mulheres e roubá-las. Ele acaba pegando gosto pelo crime ao tentar forjar um recomeço político que lhe permitiria entrar na alta sociedade.

O ASSASSINO E O PROFETA | Guillaume Prévost
Um thriller bíblico no coração da Palestina
Jerusalém, ano 6 d.C. As legiões romanas estão na Cidade Santa. O chefe dos fariseus é assassinado a sete dias da Páscoa e, costurado em sua boca, um pergaminho anuncia uma terrível punição divina contra Israel. Em seguida, o chefe dos saduceus também é assassinado. Em sua boca, a continuação da profecia: a vinda do Salvador ou o caos. Fílon de Alexandria, jovem filósofo judeu, tem apenas sete dias para impedir o impensável: um crime que poderia mudar a História.

RECURSOS DESUMANOS | Pierre Lemaitre

Ele só queria seu emprego de volta

Alain Delambre é um homem de 57 anos completamente desgastado e ressentido pelos quatro anos de desemprego que vem amargando. Ex-diretor de RH, ele encontra apenas subempregos. Quando um empregador finalmente resolve considerar sua candidatura para um cargo em uma grande empresa, Alain Delambre se vê pronto para qualquer coisa. Neste alucinante jogo em busca da cobiçada posição e do resgate de sua dignidade, Delambre percorre caminhos inesperados, que poderão levá-lo longe demais...

Copyright © 2002 Éditions NIL, Paris
Copyright da tradução © 2015 Editora Nemo/Vestígio

Título original: L'assassin et le prophète

Leitura Facil

DIRETOR DA COLEÇÃO
Arnaud Vin

PREPARAÇÃO
Cristina Antunes

REVISÃO
Eduardo Soares

CAPA
Carol Oliveira
(sobre imagem de © D P Walker)

DIAGRAMAÇÃO
Ricardo Furtado

Obra editada por Dominique Missika

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Prévost, Guillaume

O assassino e o profeta / Guillaume Prévost ;tradução Fernando Scheibe -- 1. ed. --. São Paulo : Vestígio, 2015.

Título original: L'assassin et le prophète.
ISBN 978-85-8286-091-5

1. Ficção policial e de mistério (Literatura francesa) I. Título.

14-13340 CDD-843.0872

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção policial e de mistério : Literatura francesa
843.0872

A **VESTÍGIO** É UMA EDITORA DO **GRUPO AUTÊNTICA**

São Paulo
Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I, 23º andar, Conj. 2301
Cerqueira César . 01311-940 São Paulo . SP Tel.: (55 11) 3034-4468
Belo Horizonte
Rua Aimorés, 981, 8º andar Funcionários . 30140-071 Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3214-5700

Televendas: 0800 283 13 22
www.editoravestigio.com.br